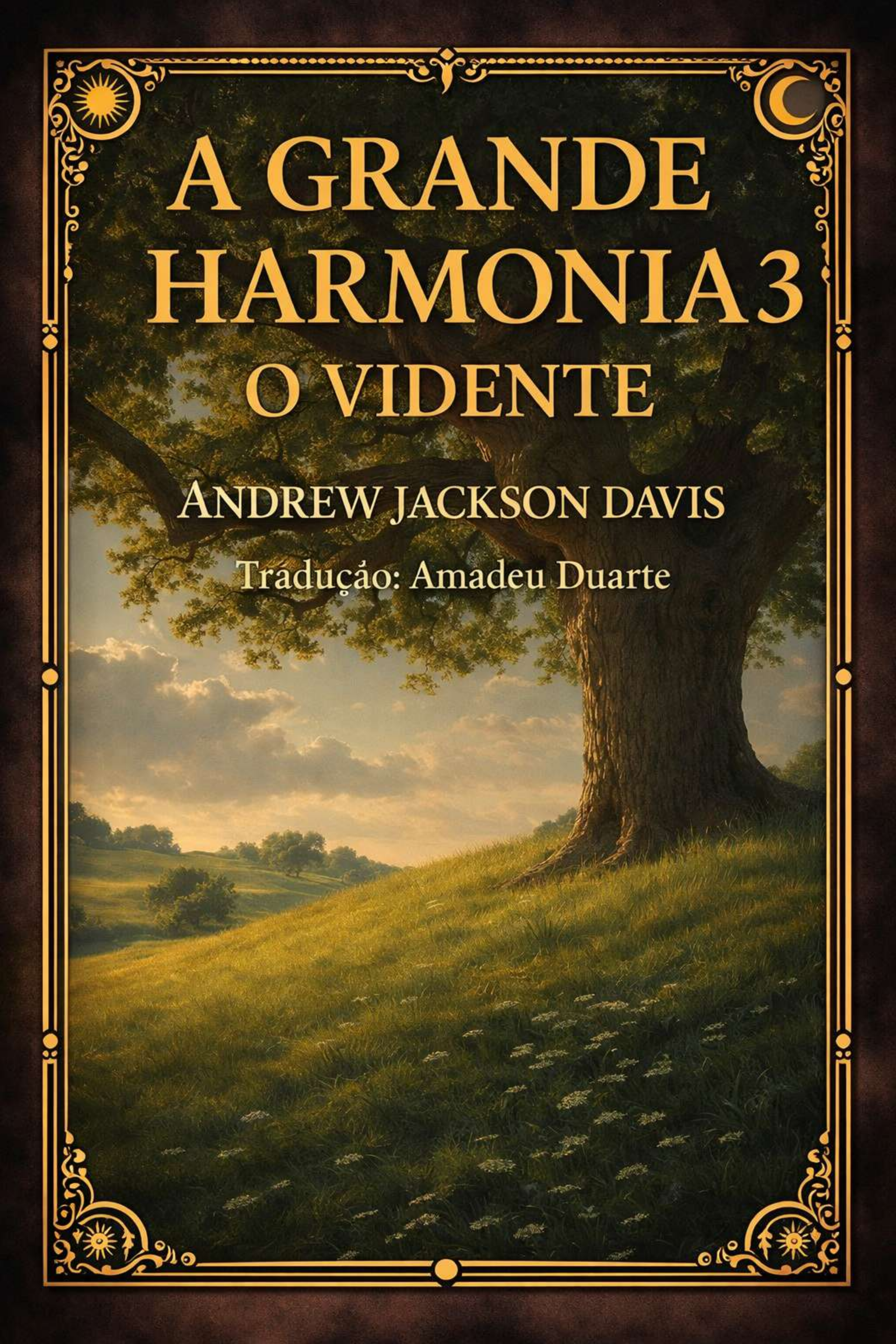




A GRANDE HARMONIA 3 O VIDENTE

ANDREW JACKSON DAVIS

Tradução: Amadeu Duarte

ACERCA DOS SETE ESTADOS MENTAIS

1852

PREFÁCIO DO AUTOR

De acordo com o anúncio feito no Prefácio do Vol. II, "O Mestre", o autor dedicou quase todo o ano passado a dar palestras e a ensinar oralmente os princípios da Filosofia Harmonial. Supunha-se que esta ocupação absorvente impediria a possibilidade de escrever e publicar o presente volume. Contudo, como ainda se verifica, o tratamento regular do tema "Acerca da Divindade", que conclui a obra anterior, é adiado para outro volume da série.

Os temas tratados nas páginas seguintes são, no estado atual da mente pública, de extremo interesse e importância prática. Vários dos discursos têm um espírito e método algo argumentativos, especialmente aqueles que tratam dos "Chefes Religiosos" — abrangendo as personagens mais proeminentes mencionadas na História profana e sagrada — sendo o objetivo adaptar os pensamentos à compreensão popular. A diferença de estilo perceptível entre as obras do autor do último ano e os volumes anteriores, é a diferença que naturalmente existe entre um tratado profundo, destinado a exames tranquilos, e o estilo popular e extemporâneo, adaptado a uma audiência pública. "A Crise que se Aproxima" e "O Vidente" são obras compostas a partir de palestras proferidas perante uma assembleia mista.

Acredita-se que a presente obra contribuirá grandemente para proporcionar impressões correctas e definidas acerca de todo o fenómeno da Psicologia, Clarividência e Inspiração. Todo o terreno é percorrido e examinado em detalhe, e acredita-se que as conclusões obtidas são inteiramente consistentes com os princípios da natureza e com a experiência pessoal do autor. Para uma visão resumida dos temas tratados, o leitor é remetido para a tabela de conteúdos anexa. Para conhecer a posição que o autor atualmente ocupa em relação ao mundo da Reforma, poderá ser consultado o prefácio de "A Crise que se Aproxima"; isto dará alguma ideia do que o leitor poderá esperar durante o próximo ano, caso as circunstâncias o permitam. Aqueles que escreveram ao autor acerca das grandes questões apresentadas nesta obra, poderão possivelmente encontrar respostas satisfatórias ao examinar as páginas seguintes.

De pé, no vestíbulo da criação, somos capazes de compreender apenas uma pequena parte das verdades relacionadas com a nossa existência presente e futura. Mas acredita-se verdadeiramente que o volume aqui apresentado ampliará a perspectiva de vida do leitor, e acrescentará muitos matizes de arco-íris àqueles pensamentos familiares que todas as épocas contribuíram para desenvolver. Para a mente boa, um bom resultado é certo; o inquiridor pode ser colocado no caminho recto e estreito que conduz à alegria e à paz.

A.J. Davis, Hartford, 27 de Março de 1852

PALESTRA I

A MISSÃO DA MENTE CONSIDERADA COMO UMA FORÇA MOTRIZ

Ao abordar o exame de um tema tão profundamente importante como a missão da mente humana, não deveríamos, por um momento sequer, permitir que os nossos pensamentos se dispersem ou que a nossa razão falhe em cumprir a sua função apropriada.

Em primeiro lugar, desejo recordar-vos que há muitas posições a partir das quais o homem pode contemplar o seu semelhante. Entre outras, ele pode ser considerado como um objeto de simpatia e de compaixão, e também como um objeto de admiração e de profunda reverência. Não me demorarei agora com classificações desnecessárias, mas passo a anunciar o meu propósito, nesta ocasião particular, de examinar e contemplar a mente humana como um mecânico estudaria uma força motriz — como uma fonte de ação, de força condensada, de influências múltiplas.

Sinto-me impelido a começar com esta visão externa e material da mente, porque é começar pelos princípios fundamentais da força motriz, na medida em que o homem está relacionado com o mundo físico que o rodeia. É geralmente admitido que "o conhecimento é poder".

Consequentemente, se adquirirmos um conhecimento correto da constituição mental e da missão do homem, é evidente que seremos tanto mais capazes de superar obstáculos e de realizar desígnios elevados.

Que o homem é a obra-prima da criação — que é o senhor imperial dos vários reinos da vida e da atividade — que é um compêndio de todas as formas e estruturas conhecidas — que é um microcosmo de toda a natureza, no seu sentido mais amplo — não são novidades para aqueles que estudaram as vastas generalizações da Filosofia da Harmonia. Mas por que é o homem assim exaltado? Por que razão se encontra ele no ápice elevado da criação visível? Será porque a sua cabeça é mais bela do que a do leão? Será porque o seu rosto está tão diversificado com traços belos, com curvas graciosas e ondulações harmoniosas?

Será porque a sua anatomia é uma peça mais fina de escultura cinzelada do que qualquer outra conhecida na vasta academia da natureza? Certamente que não! Mas porquê? Porque, quando da sua cabeça, do seu rosto e da sua estrutura parte o princípio interior que animou toda a morada e deu a cada traço a sua beleza e expressão, então o poder e a perfeição do homem desaparecem, e a chama dourada, que o faz brilhar superior a todas as outras coisas, extingue-se para toda a percepção exterior.

Mas que conclusão devemos então tirar deste facto? Respondo: somos forçados a reconhecer que o homem é superior a todos os outros desenvolvimentos da natureza, porque possui uma maior força motriz, uma fonte de sentimento mais profunda e uma organização mental mais elevada. A sua mente é o fundamento da sua supremacia; é esta a fonte da sua aparente onipotência.

Sem mais comentários sobre este ponto, permiti-me gravar nas vossas mentes este princípio — a saber: que o homem é o desenvolvimento último e mais elevado da natureza; conseqüentemente, tudo o que está abaixo do homem deve, por necessidade, entrar na composição do seu ser. Se o homem é composto por todas as substâncias e princípios que existem abaixo dele na constituição da Natureza, então segue-se, como consequência, que ele é a concentração focal e condensação sublimada de todo o poder e princípios que vivem no vasto organismo do mundo objetivo.

A Matéria e a Mente foram, até agora, consideradas como duas substâncias distintas e independentes — sendo a última destituída de origem material. Mas começa a perceber-se que a Verdade é una, que a Natureza é em todo o lado consistente consigo mesma, e que a mente é a flor da matéria, tal como o homem é a flor da criação. Das profundezas do mar, da folhagem dos vales, do fruto dos campos, dos reinos animais da terra, jorram os elementos e essências que entram e constituem a mente humana.

Aquilo que hoje é grão, amanhã poderá formar parte do nervo e do músculo; no terceiro dia, poderá tornar-se um elemento de vida; no quarto, um pensamento cintilante. A brisa da noite, carregada com a fragrância de muitas flores, pode soprar nas nossas narinas o sopro da vida; e, pelo simples processo da inspiração, estremece o nosso sangue, faz bater vigorosamente o nosso coração; depois sobe ao cérebro e estabelece-se eternamente no domínio da mente.

O Sol envia os seus ricos e fulgurantes raios, e as águas dançam com nova vida; as flores abrem os seus lábios rubros; os campos, banhados pela suave radiância, cintilam como mares de diamantes; e tudo recebe e usufrui das emanações vivificantes, de acordo com a sua capacidade, as suas necessidades e o seu grau de vida. E depois de cada composto mineral, e organismo vegetal, e flor, e videira, e animal, terem refinado suficientemente os elementos, então o homem recebe-os e converte as suas qualidades mais finas no seu princípio pensante. Assim, o homem é o grande reservatório no qual todas as forças e substâncias convergem; e é, portanto, verdade que ele é, na sua constituição física e mental, a fonte de grande força motriz e supremacia mental.

A missão da mente é, conseqüentemente, elevada e divina. Estando no topo mais alto da criação visível, e sendo um elo de ligação entre o material e o espiritual — um pouco inferior aos anjos — a Mente é senhora de tudo o que está abaixo, e profecia segura de muito do que está acima!

O homem está destinado a colocar todos os inimigos debaixo dos seus pés. Por inimigos entendo todos os obstáculos e barreiras à progressão e felicidade humanas. A força motriz da mente é poderosa; porque a sua fonte é o conhecimento. A força das nações não reside num governo monárquico hereditário; em vastas marinhas e numerosos exércitos; em castelos gigantescos e baluartes inexpugnáveis — mas sim na liberdade, unidade e esclarecimento do povo. Uma grande força física está frequentemente combinada com a ignorância; e invariavelmente recua perante o

poder do conhecimento, e curva-se, com a esmagadora convicção da sua fraqueza inata.

A inteligência de David venceu o gigante físico; assim, um único estudioso profundo da natureza afastará dez mil sacerdotes cuja única força reside nas suas organizações eclesiásticas e na ignorância supersticiosa dos seus devotos. Quando o poderoso mastim dá expressão a um impulso que desagrade à pequena criança ao seu lado, vê-se como, perante a mão levantada dessa criança dominadora, o cão se curva, com os olhos cheios de genuíno arrependimento, suplicando por misericórdia. Mas porquê? Será porque o cão é menos poderoso do que a criança? Não; pois o cão possui vinte vezes mais força física. O que, então, subjuga o corpo mais forte? É a mente mais forte!

A criança possui essa força motriz irresistível da inteligência que o cão não consegue enfrentar. Se o cavalo, ou o leão, ou o tigre, ou o elefante soubessem da superioridade da sua força física sobre a do homem, quão rapidamente se rebelariam contra os fins escravizantes a que são submetidos. Mas o homem consegue capturar, treinar e dominar esses poderosos animais; porque o seu conhecimento superior lhe dá força superior, e por isso conquista.

A missão da mente humana, enquanto força motriz, é subjugar o solo, exterminar todos os desenvolvimentos nocivos do mundo vegetal e animal, e transformar extensas planícies em jardins de saúde e conforto. Pela magia da mente, os lugares ásperos serão alisados, os tortuosos endireitados, o deserto florescerá como a rosa, e os ventos frios, húmidos e pestilentos, que agora varrem a terra e espalham a tuberculose e a fome em todas as direções, serão por fim transformados numa influência curativa — calma como o zéfiro vespertino, soprando sobre os campos e vinhas transformados em jardins, carregado de doces perfumes.

Vede o que a mente já realizou! Houve um período na história remota da humanidade, em que lagos e oceanos fluíam sem qualquer indício de vida humana sobre as suas superfícies — quando o profundo Mediterrâneo,

“Esse mar sem marés,
Que eternamente rola imutável,”

não dava qualquer sinal da imortal habilidade do homem na ciência da navegação. Mas agora, vede como navega orgulhosamente sobre as águas o pesado navio, ao leme do qual está a mente forte e destemida do homem, que conquista toda a oposição entre os elementos, e guia a embarcação até ao seu destino. E esses lagos e rios que outrora corriam em ociosidade e refletiam apenas a folhagem e os contornos das escarpas rochosas, ou as nuvens que se movem no alto, e o sol, a lua e as estrelas, são agora as vias comuns das nações, transportando de lugar em lugar as perfeições da arte nas suas correntes sorridentes, e emprestando os seus elementos para aumentar a velocidade do transporte.

Sim, a mente do homem não só espalhou o seu poder sobre o mar, e converteu o elemento aquático em ar vaporoso que move a poderosa máquina; mas também fez

com que os lagos musicais vertessem os seus regatos refrescantes na câmara dos doentes — aí atuando com uma dupla função de médico e reformador da medicina!

Os habitantes da Terra já conheceram tempos em que o fogo elétrico irrompia freneticamente, e totalmente fora de controlo, pelos céus, saltando de tempos a tempos de algum pico elevado até à porta do camponês, semeando o seu percurso excêntrico com aves, feras e homens moribundos; mas a mente humana acorrentou o relâmpago, agora mantém-no preso em recipientes, e, quando necessário, permite-lhe desempenhar as funções de um rapaz de recados, numa viagem de três minutos através do continente!

Quando contemplo o que a MENTE humana já realizou com a madeira, a pedra e os elementos físicos da natureza — quando penso em Itália, com os seus palácios agrupados e jardins em terraços, com os seus conventos imponentes e fortalezas intransponíveis — quando penso no Egipto com as suas pirâmides — na magnificência arquitetónica de Roma — nas cidades que estão a surgir entre nós, com as suas inumeráveis expressões de arte e provas da habilidade humana — não posso deixar de me surpreender que o teólogo conservador e popular tenha a coragem (ou ignorância, talvez) de insistir na inata incapacidade do homem para transcender todos os obstáculos que se encontram entre ele e a conquista da felicidade futura e da liberdade universal!

O mundo da ciência está repleto de provas da superioridade da mente humana sobre os materiais brutos da natureza. O homem exerce um controlo e domínio ilimitados sobre tudo o que está abaixo da sua posição exaltada; e ele é o governador, diretor e senhor de todas as criações subordinadas; porque é a mais alta e perfeita combinação de todos os elementos e essências que existem nos departamentos e reinos inferiores da natureza. Neste sentido, o homem permeia tudo o que está abaixo dele. Ele imprime, psicologicamente, nos animais do campo e nas aves do céu, que é o seu senhor e superior. Tudo aprende intuitivamente a reconhecer essa supremacia do homem, porque a mente invisível é a fonte dos seus sublimes poderes e capacidades, e tudo parece estar impressionado com a consciência de que ele é assim exaltado e dotado.

Mas será necessário informar-vos de que o próprio homem é ainda ignorante dos seus poderes motrizes latentes — que ele não sabe até onde se estendem a sua missão e os seus poderes sobre a natureza? Quando contemplo as grandes obras que o homem certamente realizará no futuro, nesta terra, recuo com a esmagadora convicção de que ele parecerá mais divino do que humano.

Os desertos ardentes da Arábia, que são hoje apenas mares de areia e desolação, aparecerão ainda, sob o tratamento mecânico bem dirigido e a perícia do homem, como os vales ondulantes de Itália. O homem aprenderá ainda a criar e manter um equilíbrio entre o solo e a atmosfera. Será capaz de instigar, controlar e dirigir a queda de chuva sobre as porções da terra que necessitem de humidade; e assim, elevará muito do solo árido ao nível da riqueza e abundância, e à produção de frutos puros. Espalhará a civilização sobre o domínio dos pagãos; converterá as florestas

mais escuras em jardins de beleza; e as formas vegetais e animais desagradáveis, que atualmente desfiguram a face da natureza, serão banidas; e o leão e o cordeiro deitar-se-ão juntos.

O relâmpago, que hoje desempenha as funções de um mensageiro, e que por vezes se atreve a declarar-se independente do poder do homem, será ainda o principal agente da locomoção mecânica — impulsionará o motor com mais rapidez do que nunca, e aproximará os estados nas relações mais íntimas; pois quase eliminará o tempo e o espaço que atualmente separam os interesses dos povos que habitam diferentes regiões da terra. E a eletricidade será ainda o meio (sob a direção do homem) de conduzir para fora das localidades insalubres o miasma pestilento que gera doenças entre os homens; e, entretanto, nas suas rotações concêntricas através da vasta rede de condutores no ar, o relâmpago emitirá a mais doce música eólica que a mente possa imaginar.

E então os Ventos já não retardarão o voo do vapor aéreo através do hemisfério, porque o homem terá dominado a tempestade; dirigirá as marés da atmosfera; e terá superado os fracos obstáculos que agora impedem o seu progresso. O homem tem o poder de ascender cada vez mais na escala do conhecimento; possui em si mesmo as qualidades e propriedades concentradas do movimento, da vida, da sensação e da inteligência; conseqüentemente, pode e irá colocar todos os inimigos (da sua felicidade e progresso) debaixo dos seus pés, sem nunca transcender, inverter ou travar as leis imutáveis da natureza, que são a vontade da Divindade.

Toda a humanidade, quando o cultivo mental e a filosofia intelectual se tomarem universais, participará de igual modo nas ricas bênçãos e vantagens da maquinaria aperfeiçoada, e de outras aplicações do conhecimento físico. E então descobrir-se-á que existe uma ligação muito íntima e simpática entre as ciências da mente e os seus níveis morais. De facto, sinto-me impelido a afirmar que a condição externa do homem está tão estreita e inseparavelmente ligada à sua condição interna, que, ao melhorar uma, melhora a outra. O progresso intelectual tem, invariavelmente, acompanhado todas as melhorias na arte da educação. Esse conhecimento que dá ao homem um controlo quase ilimitado sobre os elementos da natureza, irá ainda informá-lo dos seus poderes mais interiores e morais, e isso conduzi-lo-á diretamente à verdadeira teologia e à verdadeira religião.

PALESTRA II
A MISSÃO DA MENTE,
CONSIDERADA COMO UMA FORÇA MORAL

A Matéria, em todas as suas estranhas, grotescas e harmoniosas disposições, discorre profundamente sobre os atributos da mente. Aqui utilizo a palavra *mente* na sua aplicação mais ampla; compreendendo a alma, o espírito, o amor, as paixões, a razão e o entendimento que caracterizam os seres humanos — todos estes termos que uso como sinónimos de mente. Recordem, portanto, que não estou a falar de nenhuma faculdade ou atributo particular da alma; mas sim dessa combinação total de faculdades e princípios no espírito do homem, combinação essa que me sinto impelido a denominar MENTE.

Já foi demonstrado que a mente é a senhora da criação física — a conquistadora e dirigente dos elementos imponderáveis, e a grande plenipotenciária harmonizadora da terra e da atmosfera. Esse poder inato que permite ao homem compreender as leis e controlar, de forma harmoniosa, os fenómenos do mundo da matéria, merece maior consideração da nossa parte do que qualquer outra posse terrena. Quando a mente é exercida nos planos superiores do pensamento, então todas as formas materiais são revestidas de um significado invulgar — tudo possui um sentido profundo e sagrado — o mundo exterior está cheio de divindade.

Enquanto que a mente que está mergulhada no mundo da sensualidade e do materialismo, não consegue ver nada dessas harmoniosas respirações do Princípio Divino, que adornam a natureza com as suas manifestações e atributos diversificados. Só aquele que sente dentro de si os movimentos de um espírito imortal pode perfeitamente simpatizar e, em certa medida, compreender a inteligência e o amor afins que emanam das formas materiais que povoam o mundo exterior dos efeitos. Tal mente é representativa de uma classe de mentes cuja missão, no departamento moral da vida, me proponho agora considerar.

É um facto claramente registado na história humana, que todas as descobertas científicas e a aplicação primária de todos os princípios científicos foram realizadas por algumas poucas mentes. Mas as massas, uma vez familiarizadas com a filosofia desses princípios, alargam rapidamente a esfera da sua aplicação. Assim, no mundo do pensamento, surge um Lord Bacon, vindo do seu retiro, e mostra ao mundo como ter sucesso na aquisição do conhecimento — como a observação e comparação de factos e fenómenos constituem o único meio seguro de obter informação demonstrativa.

Assim, um Newton, saindo do seu assento debaixo da macieira para o seu quarto, entrega as suas fortes simpatias e poderes intelectuais aos ensinamentos da natureza, e logo apresenta ao mundo uma conceção estupenda da harmonia planetária. E quando as classes cultas leem e assimilam a sua explicação, imediatamente os princípios são incorporados em todos os aspetos da vida. Dias e noites, semanas e anos, são assim determinados; o ianque fabrica o seu relógio, o astrólogo organiza o

seu almanaque, e o marinheiro parte do porto — tudo em harmonia com os profundos e demonstrativos ensinamentos da astronomia.

O sonho de meia-noite do mecânico sugeriu a máquina a vapor, e alguns sonhos adicionais tornaram-na no agente poderoso que é hoje, transportando milhões de seres humanos de um lugar para outro sobre a terra. Assim, o ideal gera o real — os princípios da mente encarnam-se em estruturas físicas. Mas antes que a mente possa exhibir os seus poderes criadores e organizadores nas regiões mais elevadas do pensamento, deve possuir um amplo substrato de conhecimento científico como base para superestruturas mais elevadas e úteis.

Daí que a missão da mente, enquanto força motriz, deva ser compreendida antes de procedermos à consideração da sua missão como força moral. A ciência é, naturalmente, a estratificação primária — o alicerce de granito de todo o conhecimento e crescimento moral. Ou seja, toda a teologia, religião e moralidade, para serem úteis à humanidade, devem ter uma base científica e filosófica. A criança interessa-se mais por uma bola do que por um planeta; e alguns homens digerem alimentos durante muitos anos antes de digerirem pensamentos. A vara de medir tem muito a ver com o princípio; e o peso e a balança são símbolos estabelecidos de justiça.

Os princípios da análise química são aplicáveis a uma análise da mente; e aquele que não consegue realizar uma está igualmente incapacitado para realizar a outra. Pois a fisiologia da economia animal é um desenvolvimento incipiente dos princípios fisiológicos da economia intelectual e moral. E um corpo saudável está intimamente ligado a uma mente saudável.

É inegável, à luz da Filosofia da Harmonia, que todo o verdadeiro crescimento moral e sabedoria pertencem aos departamentos superiores de um Templo divino cujos alicerces repousam sobre a larga base de granito da ciência, e cujas torres se erguem muito acima, nos tranquilos domínios da vida celeste.

A ciência física conduz à ciência intelectual; esta, por sua vez, à ciência moral. A análise química conduziu à análise mental; e daí derivamos uma filosofia sublime das qualidades e poderes essenciais da alma imortal do homem. Temos uma melhor percepção e compreensão das capacidades inatas da mente humana. E a que conduz este conhecimento superior? Conduz-nos ao amor e à benevolência universais — a uma caridade científica e a uma compaixão filosófica por cada membro da família humana, sentimentos que gerações anteriores nem podiam sentir nem praticar. Levam-nos a sentir que os nossos semelhantes têm direitos sobre a nossa simpatia e esforço; e que nós temos direitos semelhantes sobre eles — de modo que somos, na verdade, inspirados pelos princípios de uma confederação universal de interesses e de uma comunidade de ocupações.

Repito, mais uma vez, que a ciência física está na base de toda a verdadeira teologia e religião. A mente deve triunfar sobre, e controlar os elementos e fenómenos do mundo físico antes que possa alcançar muitas vitórias no mundo da moral. Uma filosofia da matéria sustenta uma filosofia da mente, tão naturalmente como uma

casa assenta sobre o seu alicerce. Mas quando temos uma verdadeira filosofia da mente humana, de que forma somos beneficiados por ela? Exerce ela uma influência salutar sobre as multidões ainda não desenvolvidas? Respondo que sim. Mas como?

Respondo que beneficia as classes não desenvolvidas e infelizmente situadas, alargando as simpatias e expandindo o entendimento daqueles por quem essas classes são principalmente controladas. Uma verdadeira filosofia da mente é benéfica porque, (nas palavras de um autor respeitável) “ensina-nos que os elementos dos maiores pensamentos do homem de génio existem nos seus irmãos mais humildes; e que as faculdades que o cientista exerce nas descobertas mais profundas, são precisamente as mesmas que os homens comuns empregam nas tarefas diárias da vida...

A verdadeira visão dos grandes homens é que eles são apenas exemplos e manifestações da nossa natureza comum, mostrando aquilo que pertence a todas as almas, embora ainda apenas desdobrado em algumas. A luz que deles emana é, afinal, apenas uma vaga revelação do poder que está armazenado em cada ser humano. Eles não são prodígios — não são milagres; mas desenvolvimentos naturais da alma humana."

Como descrever-vos a missão da mente enquanto força moral? É totalmente impossível tornar plenamente aparente, através da linguagem, a sua sublimidade, importância e grandeza. Na melhor das hipóteses, podemos apenas descrever a sua missão geral, e contemplar os desenvolvimentos da mente como um vasto panorama de realidades espirituais. Há momentos em que toda a alma respira numa apreciação real dos seus próprios atributos divinos, e percebe algo dessa força, beleza e grandeza inatas do intelecto que jazem ocultas e por desenvolver no império da mente. Foi num momento de tal inspiração que o Dr. Witt Clinton escreveu o seguinte:

— "O prazer é uma sombra; a riqueza, vaidade; e o poder, um espetáculo; mas o conhecimento é extático no gozo, perene no tempo, ilimitado no espaço e infinito na duração. No desempenho do seu sagrado ofício, não teme o perigo — não poupa despesas — não omite esforço. Escala montanhas — observa vulcões — mergulha nos oceanos — perfura a terra — alça voo aos céus — circunda o globo — explora mar e terra — contempla o distante — examina o minúsculo — compreende o grandioso — ascende ao sublime. Nenhum lugar é demasiado remoto para o seu alcance — nenhum céu demasiado elevado para o seu toque."

Os limites da mortalidade não podem restringir o voo sublime da mente. Ela não conhece confinamento — nem restrição. Ascende alto nos firmamentos — contempla as causas, leis e operações do universo — e em todo o lado manifesta esse poder transcendente que faz do homem um pouco inferior aos anjos. Este poder da mente tenciono esclarecer em ocasiões futuras.

As descobertas profundas e analogias subtis dos homens da ciência são profecias interessantes daquilo que será ainda revelado por filósofos morais e espirituais. Sinto-me impelido a considerar as belas sementes de verdade moral e espiritual, que

foram depositadas por Jesus há séculos, como formando um grande princípio de amor, ao qual falta ainda um corpo, ou um princípio de sabedoria. E a mente humana desenvolverá esse organismo externo tal como desenvolveu o princípio que o anima. A missão da mente, portanto, como força moral, é dirigir-se aos males que permeiam a sociedade terrestre.

Já realizou progressos na ciência, e realizará também na moral. É evidente que o princípio da Razão é a mais grandiosa e elevada dádiva da mente humana; é a luz interior e o poder de compreensão através do qual o homem é capaz de ler as incontáveis sentenças e capítulos contidos no volume eterno da natureza. É o tesouro divinamente herdado da alma humana; vê os sinais, estuda os princípios e compreende progressivamente as manifestações incontáveis e infinitamente diversificadas do Deus Universal.

A Natureza é o expoente universal de Deus; e a Razão é o expoente eterno da Natureza; portanto, Natureza e Razão, combinadas, constituem o único padrão verdadeiro e fiável de julgamento sobre todos os assuntos — sejam eles sociais, políticos, filosóficos ou religiosos — que possam entrar no campo de investigação da mente humana. É da natureza, tendência e prerrogativa divina da alma humana explorar, investigar, classificar e aplicar de forma prática todos os pensamentos, princípios, ciências, filosofias e religiões que assentem nos alicerces eternos do universo; e, igualmente, é da natureza e prerrogativa do homem examinar, de forma sincera, livre e destemida — com o olhar fixo na verdade — todas as ciências, descobertas, mitologias, teologias e religiões que tenham sido, ou que venham a ser, desenvolvidas entre os homens.

Encontrar-se-á que a felicidade, a liberdade e a virtude humanas estão tão sob o controlo da combinação da mente, como a locomotiva está sob o poder do engenheiro habilitado. Assim, quando o homem converter as más condições físicas e sociais em influências boas e saudáveis, o deserto moral florescerá como a rosa, e o leão e o cordeiro do homem interior deitar-se-ão juntos em paz.

PALESTRA III

DA FILOSOFIA DA CLARIVIDÊNCIA E DA INSPIRAÇÃO

Os clérigos, repito, ensinam geralmente as suas congregações a acreditar que o vestibulo que conduz a este grande templo da Verdade está literalmente apinhado destas personagens enganadoras e demoníacas; e assim, conseguem, em grande medida, impedir a investigação apropriada de um sublime desenvolvimento da mente, que caracteriza especialmente esta era da história do mundo. Mas não posso deixar de mencionar uma classe mais esclarecida de opositores, ou melhor, uma classe que adota um método mais inteligente de se opor a esta nova manifestação de um princípio eterno.

Refiro-me, especialmente, àqueles que se recusam a examinar este assunto com o argumento de que nada há, afirmam eles, na Bíblia que sancione ou sugira quaisquer

manifestações desta natureza peculiar; a partir deste argumento insustentável concluem, de forma bastante ilógica, que estes novos desenvolvimentos constituem o último esforço de “Satanás” para destruir almas antes de ser acorrentado e lançado na prisão por um período não superior a “mil anos”.

Não me deterei agora para considerar a fragilidade desta posição, mas afirmarei simplesmente, como base para reflexão futura, que é totalmente falso dizer que “a Bíblia” está silenciosa quanto ao assunto que temos diante de nós. Pelo contrário, não só encontro o “Volume Sagrado” dos cristãos repleto de ilustrações demonstrativas de visão espiritual, boa clarividência e inspiração prática; como também encontro inúmeros exemplos e demonstrações de fenómenos análogos no Corão de Maomé; no Zendavesta de Zoroastro; no Shastra de Brama; no Talmude dos rabinos judeus; e no mais recente Rolo dos Shakers — sim, em cada um destes “volumes sagrados” encontro evidências e indícios incontestáveis das manifestações mentais agora em consideração. Estas afirmações provarei em ocasiões futuras.

Mas suponhamos que os livros hindus, o Corão muçulmano e a Bíblia cristã não contivessem uma única alusão ou ilustração evidente dos desenvolvimentos magnéticos deste século. E então? Devemos, por isso, concluir que não merecem misericórdia nem exame sereno da nossa parte? Devemos pronunciar como perigoso ou diabólico tudo aquilo que a Bíblia não menciona ou sanciona? Se tomarmos a posição de que o “volume sagrado” de qualquer nação contém a soma total de todo o conhecimento e inspiração, então não estamos apenas a limitar a razão e o progresso humano, mas também as manifestações imutáveis e progressivas da Divindade.

Se estivermos decididos a rejeitar tudo o que não é mencionado nem sancionado pela Bíblia, então sejamos perfeitamente coerentes e procedamos imediatamente a descartar todas as descobertas recentes na mecânica e todas as maravilhosas revelações da ciência moderna! Nunca permitamos que o sol pinte a nossa forma e feições numa placa polida; demolamos os nossos caminhos-de-ferro — os nossos telégrafos magnéticos — os nossos diversos métodos de impressão; porque a Bíblia está seguramente silenciosa quanto a estas maravilhosas perfeições deste século. Com efeito, ela até lamenta o facto de que o homem está propenso a inventar muitas coisas, e especialmente a ser “sábio acima do que está escrito”, e, contudo, somos exortados, entre outras aquisições, a “adquirir sabedoria” e a “aumentar o conhecimento” para sempre! Será tudo isto conciliável?

Talvez seja apropriado desculpar-me por prefaciando assim longamente o exame da filosofia da clarividência e da inspiração. Quem nunca pensou nem investigou este tema até às suas fundações não está preparado para entrar de imediato no seu vestibulo; porque, repito, a sua mente está impressionada com uma espécie de apreensão supersticiosa — uma espécie de epidemia educacional ou religiosa, sintoma característico de mentes nervosas e tímidas — de que o diabo é o porteiro, e que personagens malignas se escondem no interior do edifício — diabos transformados em anjos de luz.

O bom lavrador, se também for um homem sábio, limpará o seu “terreno novo” de todas as pedras e cepos — do lixo morto e nocivo — antes de semear os germes de

uma futura colheita. Assim, venho diante de vós, nesta ocasião, para conduzir as vossas mentes a um novo campo de pensamento e investigação. Mas antes de podermos entrar neste vasto território, que começa a nossos pés e se estende amplamente pelos domínios da imensidão, sinto-me impelido a remover os entraves que uma educação falsa fixou sobre vós, e também, com a vossa ajuda, a limpar do seio deste novo terreno os acúmulos nocivos que os séculos passados lançaram sobre ele, retardando assim o progresso humano.

Mas alguns de vós poderão sofrer uma verdadeira tortura mental ao tentar romper da escravidão para a gloriosa liberdade dos filhos de Deus. Com efeito, a liberdade parece ser um luxo demasiado grande para muitas mentes. Há homens talentosos nesta comunidade que não ousam raciocinar, que não se atrevem a conceder a si próprios a liberdade mental e moral que internamente sentem, porque estão conscientes de uma falta dessa autoconfiança e autodomínio que tornam algumas mentes uma lei para si mesmas.

A América, como todos sabeis, assenta sobre fundamentos mais amplos e liberais do que qualquer nação ou conjunto de estados no mundo inteiro. Mas o que tornou os nossos antepassados tão livres e independentes nas suas visões sobre a humanidade? Foi a sua liberdade intelectual e moral. Eles eram uma lei para si próprios. A Declaração da Independência residia nas suas almas antes de ser dada ao mundo. E quando sentiram uma convicção interior de que “todos os homens” deveriam “ser livres”, avançaram imediatamente, com grande determinação e magnanimidade, para garantir, para si e para nós, o usufruto dessa liberdade que nenhuma outra nação conhece sobre a terra. Não digo que a liberdade americana seja o cume da Independência — creio que não é — mas que é superior àquela desfrutada por qualquer outro governo.

Mas quando os nossos audazes e resolutos antepassados se declararam livres e independentes, qual foi a expressão uniforme de todos os conservadores e fanáticos de outras nações? Ora, foi, em substância, precisamente aquilo que os conservadores fanáticos e prudentes das igrejas modernas e dos sistemas de teologia estão constantemente a dizer-nos — a saber: que o homem nunca foi destinado a usufruir da liberdade — que não a pode suportar — que ela é idêntica à, ou mãe da anarquia — e que a destruição é o efeito inevitável de qualquer tentativa de romper com sistemas estabelecidos de religião e de governo.

Mas quase dois séculos de experiência do povo americano demonstraram eficazmente que todas essas profecias eram quiméricas; pois a nossa nação é tão firme quanto as consolidações do diamante; e a voz alarmante de “dissolução”, que agora desperta os estadistas para a elaboração de planos de segurança e esquemas de reconciliação, é um som desenvolvido, não como consequência de demasiada liberdade intelectual e moral entre o povo, mas sim como resultado de escravidão física, intelectual e moral.

Alguns de vós, repito, poderão sofrer intensa tortura mental nas vossas lutas por serem moral e teologicamente livres; mas a voz serena da razão pura e da consciência diz-vos para continuardes, e conquistardes o estado celestial do ser, uma

lei para vós próprios. Podereis sofrer, porque todos os nascimentos são geralmente precedidos e acompanhados por dores e angústias intensas; mas o resultado será, com certeza, felicidade e paz.

Algumas mentes pensam que é pecaminoso esforçarem-se por ser “sábios acima do que está escrito” nas suas Bíblias. Mas já vos mostrei que Salomão exorta todos a “adquirir sabedoria” e a “aumentar em conhecimento”, e é evidente que desejava que todos os reis e gerações futuras se tornassem mais sábios do que ele; pois a sua sabedoria real não se estendia além da ciência dos embelezamentos arquitetónicos, como indicam os detalhes da construção do seu templo; pois todos os seus Provérbios são, simplesmente, as advertências forçadas de alguém que se tinha fatigado com os prazeres sensuais e se cansara da vida.

Por isso encontramos centenas e milhares de pessoas imensamente mais sábias do que Salomão; pois ele limitou-se a escrever algumas máximas morais para que outros as observassem e obedecessem. E aquele que consegue viver uma verdade é muito mais sábio e nobre do que aquele que apenas a escreve sob o peso de dores físicas e de autocondenação — o que era, manifestamente, o caso do sábio das Escrituras hebraicas.

Mas existe ainda outra classe de opositores aos desenvolvimentos modernos da clarividência. Refiro-me àqueles que os rejeitam com base no seu carácter aparentemente contraditório e manifestamente misterioso. Esta classe compõe-se de dois tipos de mentes — aquelas que rejeitam todas as novas manifestações, partindo do princípio de que tudo o que contradiz a experiência humana e, especialmente, os seus próprios preconceitos e ideias feitas, deve ser necessariamente uma ilusão; e também aquelas que se opõem a todos os novos fenómenos mentais e à inspiração, com o argumento de que a Divindade não permitiria revelações e desenvolvimentos de carácter tão trivial e manifestamente absurdo. Mas comecemos por considerar a validade da proposição de que aquilo que contradiz toda a experiência humana deve ser ilusão. Penso que nunca foi proferida proposição mais sólida.

Há algo na nossa natureza comum que constitui a base de uma analogia universal; e cada novo desenvolvimento na ciência, na filosofia e na moral acaba por ser descoberto como tendo uma relação, mais ou menos próxima, com a experiência humana passada e com os fenómenos comuns da vida quotidiana. Por exemplo, quando Galvani descobriu as manifestações positivas e negativas da eletricidade, ele apenas desvendou os germes de um sistema de verdade com o qual cada corpo humano está constantemente animado. Cada órgão, na economia física e mental, é construído sobre princípios positivos e negativos. Assim, quando Jesus transformou água em vinho, exerceu simplesmente um poder magnético que era praticado séculos antes, e que hoje constitui uma das manifestações mais comuns do magnetismo humano.

Eu próprio já vi um grupo, composto por vinte homens e mulheres são e saudáveis, declarar solenemente que estavam a beber vinho, quando, na verdade, o autocrata magnético (por assim dizer) era o único a saborear o líquido, e este não passava de

algumas colheres de água. O mesmo sucede com tudo o mais no vasto império da experiência humana.

A alma ou já desenvolveu algo que efetivamente antecipa todos os milagres, tornando assim as revelações mais maravilhosas perfeitamente naturais; ou então naturalizou todos os desenvolvimentos surpreendentes, séculos antes da sua ocorrência, profetizando intuitivamente a probabilidade de tais acontecimentos. Assim, a astrologia preparou o caminho para a astronomia; a alquimia foi a precursora da química; a adivinhação prenunciou a profecia; os milagres indicaram os feitos do magnetismo humano; e as histórias estranhas dos sacerdotes egípcios exprimem realizações ordinárias da ciência moderna.

Que não haja equívoco. Não afirmo que a experiência humana seja uma base segura sobre a qual assentar um argumento contra qualquer novo desenvolvimento que pareça um milagre; mas sinto-me impelido a dizer que não pode existir milagre, na definição sobrenatural ou teológica de tal ocorrência: ou seja, no sentido em que os teólogos entendem os milagres bíblicos — realizados segundo princípios contrários, superiores, ou mais divinos e especiais do que as leis universalmente imutáveis e incessantemente ativas da natureza.

Faço esta afirmação com base no princípio já reconhecido de que a Divindade é tanto onisciente como onipotente — “sem mudança nem sombra de variação” — e de que a unidade e o sistema devem impregnar todo o universo, o qual gira sobre os atributos fundamentais da Sua Constituição Divina. E a experiência humana deve, por necessidade, correr paralela com a operação incessante de princípios imutáveis. Assim, a experiência não é o verdadeiro fundamento de um argumento contra o milagre, mas sim a fonte de razões inferenciais sólidas e de muita justificação para a rejeição de qualquer nova revelação ou afirmação que possa ser demonstrada como não tendo qualquer relação com alguma lei correspondente na natureza, e, portanto, absolutamente sem indicação prévia ou paralelo.

Por conseguinte, recorro às leis da Natureza como alicerce de qualquer juízo. E, no entanto, a experiência humana é tão fiel a essas leis imutáveis, tão perfeitamente consistente e inseparavelmente ligada a elas, que aqui vos deixo uma promessa: se qualquer indivíduo talentoso demonstrar que a clarividência, a inspiração e as manifestações espirituais são completamente contraditórias a toda a experiência humana passada, eu rejeitarei imediatamente toda essa categoria como o mais esplêndido desenvolvimento de alucinação mental jamais conhecido pelo homem.

Os testemunhos positivos da história neste campo são geralmente aceites por todos quantos interrogaram a experiência humana passada relativamente a estes fenómenos. Mesmo o cristão devoto, que há muito tempo terceiriza o seu pensamento desde a primeira lição na escola dominical, está disposto a admitir que estes desenvolvimentos mentais e espirituais têm alguma semelhança com ocorrências estranhas registadas na Bíblia. Mas talvez ele não acredite que a sua origem seja superior à do demonismo; pensa que procedem diretamente do arquí-inimigo da humanidade.

Pois bem, recorde-se devidamente, em resposta a essa hipótese fabulosa, que estas manifestações elevadas e espirituais estiveram quase invariavelmente ligadas a indivíduos que ocupavam as posições mais responsáveis da vida — pessoas com excelentes realizações literárias e de eminente piedade, em todas as eras do mundo, entre todas as nações, e indissolivelmente associadas a todos os sistemas religiosos conhecidos. Estas afirmações também me proponho comprovar em futuras ocasiões.

Mas aqui, de acordo com as considerações anteriores acerca da validade da experiência humana, sinto-me impelido a declarar abertamente a minha disponibilidade para fraternizar com aquela classe de opositores que manifesta vontade de testar a veracidade e a pureza destes desenvolvimentos à luz dos testemunhos da experiência e da história passadas da humanidade.

Mas a segunda classe de céticos não pode ser tão facilmente refutada. Refiro-me àqueles que pensam que a Divindade não estaria envolvida em revelações ou manifestações de carácter tão trivial e, como afirmam, manifestamente absurdo. Esta classe ocupa uma posição quase invulnerável; porque inclui numerosas mentes que não querem, não ousam, ou não conseguem pensar e raciocinar por si próprias.

Não acreditam que a Divindade permita manifestações aparentemente tão insignificantes; e, no entanto, acreditam que permitiu a uma serpente falar com Eva; permitiu a Eva prejudicar a humanidade — a mais elevada obra da Natureza; permitiu à vara de Moisés transformar-se numa serpente; e assim, até ao fim de toda a categoria de ocorrências maravilhosas e feitos milagrosos, estas mentes sentem-se profundamente asseguradas e convencidas. Ainda assim, quando lhes apresentamos as manifestações completamente naturais — e muito, muitíssimo mais sublimes — deste século, recuam para os obscuros refúgios do ceticismo, com a profissão verbal de que os milagres modernos são inteiramente demasiado misteriosos e triviais para merecerem a sua atenção.

Como conseguiremos obter a consideração desta numerosa classe de mentes da comunidade? Como conseguiremos que façam uma investigação calma e imparcial da filosofia da clarividência e da inspiração? Dizer que as suas opiniões atuais não têm valor — dizer que podemos progredir sem a investigação honesta da parte deles, que desejamos — é tudo verdade; mas desejamos partilhar com eles um pouco da luz e da felicidade que sentimos possuir — não por nós, mas por eles, e pelas gerações vindouras e ainda por nascer. Pois é manifestamente certo que o agir correto depende do pensar correto. Um cérebro que cambaleia produz um corpo que cambaleia; uma mente selvagem gerará manifestações selvagens; e assim, segundo a mesma lei de causa e efeito, uma teologia inferior é mãe de inúmeros males e consequências nocivas.

Ora, sabemos que o mundo está repleto de teologias cruas e mitológicas; e, consideradas em conjunto, acreditamos que o sistema teológico cristão é algo superior aos sistemas correspondentes entre as nações distantes; no entanto, desde que o homem, nos estádios mais recentes do seu esclarecimento e civilização, descobriu estar dotado de atributos mais elevados do que os que lhe haviam ensinado — atributos que naturalmente ultrapassam os estreitos confinamentos de

qualquer credo ou sistema — não hesitamos em romper com os grilhões de todo o sectarismo, e assim entrar livres no templo de Deus, para aí buscarmos por nós mesmos a verdade e a harmonia.

Mas como poderemos induzir mentes tímidas e irrefletidas a acompanharem-nos?

Dizem que as manifestações e fenómenos que desejamos que investiguem são demasiado triviais e misteriosos — não suficientemente elevados na sua natureza para impressionarem a mente com a convicção da sua origem celeste! Mas usamos o mesmo argumento contra todas as ocorrências sobrenaturais, na origem divina das quais eles professam acreditar devotamente.

Dizemos que a Divindade, para governar a humanidade e esclarecer as nações quanto ao alcance e natureza da sua vontade, nunca teria confiado os pensamentos mais serenos do seu coração a apenas alguns profetas e apóstolos. Porque, assim fazendo, estaria a embarcar numa empresa muito insegura e extremamente frágil. A sua vontade sagrada, nesse caso, estaria entregue à mercê de milhões de contingências humanas — deixada a sacerdotes honestos e desonestos; a comentadores sectários e falhos; a comerciantes religiosos e astutos, que poderiam imprimir os parágrafos e páginas como bem entendessem, e cobrar tantos dólares quanto lhes parecesse apropriado aos seus fins sectários e mercenários, pelo “Verbo de Deus”!

E o mesmo argumento que os nossos amigos cétricos trazem contra os fenómenos da clarividência e das manifestações espirituais, também nós trazemos contra o evento central registado na história sagrada, sobre o qual repousa inquestionavelmente todo o esquema da salvação — refiro-me ao alegado nascimento milagroso de Jesus. Muitas mentes dizem que os espíritos usariam outro método mais elevado para se comunicarem com o homem — que a Divindade não permitiria que os poderes espirituais da mente humana penetrassem nos abismos insondáveis do seu ser.

E assim, afirmamos nós, a propósito do nascimento de Jesus, que, se a Mente divina tivesse realmente a intenção de produzir no mundo a convicção de que este grande reformador moral era o filho particular do seu Espírito, então teriam ocorrido manifestações mais grandiosas e nobres — tais que, pela sua própria natureza, fossem convincentes — tais que fossem elevadas, sublimes e magníficas — mais dignas do carácter do Pai celestial e onnipotente!

E que se entenda claramente, neste ponto, que estamos perfeitamente dispostos a permitir a esse argumento todo o peso contra os assuntos em consideração; porque não consideramos os estupendos desvelamentos da clarividência, ou as recentes manifestações de poder espiritual, como uma demonstração mais particular da Vontade Divina do que a formação da Bíblia ou o nascimento milagroso de Jesus. Consideramo-los todos — estes últimos assim como os primeiros — como desenvolvimentos interessantes da mente humana, e que merecem, acima de tudo, uma investigação honesta por parte de todos os que procuram a verdade.

Mas diz-se — não podemos confiar no testemunho daqueles que acreditam na clarividência e na inspiração moderna, porque são na sua maioria céticos quanto à incombustibilidade do Cânone Sagrado. E, no entanto, essa mesma classe cautelosa de mentes acredita em tudo quanto está registado na História Primitiva com base na mais incerta das autoridades. Acreditam que Jesus nasceu de forma sobrenatural; acreditam que uma violação da lei fisiológica ocorreu — que os princípios imutáveis da reprodução, estabelecidos por uma Divindade invariável na natureza, foram completamente postos de lado; que a concepção natural foi totalmente substituída por uma proliferação sobrenatural. Mas porque acreditam eles em tudo isto, e em muito mais igualmente pouco celestial? Simplesmente porque está relatado na Bíblia — nos primeiros livros do Novo Testamento; mas, mais especialmente, porque os seus antepassados acreditavam, os comentadores confirmaram, e clérigos talentosos expõem semanalmente esses textos.

Ora, sinto-me impelido a afirmar que, se os homens devem aceitar o testemunho humano como base ou fundamento da fé, então estou pronto a apresentar os testemunhos concordantes da história humana passada relativamente às alegadas realidades do sobrenaturalismo, e a “nuvem de testemunhas” que testificam da clarividência e da manifestação espiritual; e então proceder, com toda a sinceridade, a analisar os respetivos méritos e decidir sobre a qual das classes de maravilhas pende, com mais força e respeitabilidade, o peso da evidência. Mas gostaria de declarar aqui que, devido a uma combinação de razões puras — que por agora não explicarei — sinto-me impelido a não depositar qualquer confiança no testemunho humano como base adequada da fé.

Pelo contrário, considero-o como a forma mais inferior e externa de informação; como a mais enganosa e menos fiável; e, ainda assim, por todas as mentes honestas, deve ser encarado como uma fonte de muita inferência e sugestão, que pode eventualmente conduzir a mente a verdades e princípios importantes. Gostaria de inspirar as mentes tímidas e irrefletidas com a gloriosa dignidade do princípio; que tudo deve ser testado pelas leis rigorosas — não da prova legal, mas — da natureza universal; leis que são as únicas manifestações que emanam diretamente da Divindade.

Os investigadores filosóficos e os inquiridores inteligentes não acreditam em qualquer lei como regendo a Natureza, o sistema planetário ou o universo, apenas porque esta possa estar registada num livro, acreditada pelos seus antepassados ou defendida por homens iluminados — não, de modo algum; mas sim porque os seus juízos — os seus entendimentos interiores — estão convencidos, e também porque a Natureza exhibe incessantemente a demonstração da veracidade dessa convicção. Se este curso digno fosse seguido pelos investigadores teológicos e pelos religiosos, então o afeto hereditário por modos e sistemas particulares de fé seria devidamente erradicado; e o Princípio da Razão — que Deus concedeu ao homem, não como maldição, mas como bênção — passaria a aceitar e a preservar apenas aquilo de que todas as coisas internas e externas, em redor e acima, oferecem perpetuamente evidência.

Um bom astrónomo prático pode profetizar, com um século de antecedência, a hora exata a que ocorrerá um eclipse do sol visível a partir da Câmara Municipal de Nova Iorque. A sua fé assenta inteiramente sobre o princípio; e, no que respeita a essa revelação da sua ciência elevada, ele vive absolutamente um século à frente daqueles que nada sabem sobre a fonte do seu esclarecimento.

E agora, se a classe tímida de mentes ainda recusa ocupar a posição digna de investigadores imparciais, e preferir o testemunho extremamente incerto de indivíduos que viveram há dois mil ou mais anos, em vez das demonstrações concordantes das descobertas científicas modernas, então devemos deixá-los, por ora, na escuridão egípcia que ficou para trás, enquanto avançamos para explorar as magníficas regiões cujos raios de verdade iluminam o nosso caminho futuro.

Esta é a única via pela qual podemos progredir na verdade harmoniosa; pois despendar as nossas energias mentais numa controvérsia superficial sobre meras especulações humanas e diferenças de opinião é simplesmente alimentar e perpetuar sentimentos de combatividade entre os homens, sentimentos estes bastante inferiores aos objetivos mais elevados e nobres com que a alma deveria ocupar-se eternamente.

A intensa luz que desce até ao homem a partir dos céus curvados, e os princípios gerais que sobem desde os amplos alicerces da criação, combinam-se para elevar os nossos pensamentos acima do espírito popular da discussão. Quando mentes elevadas se unem e formam um poder positivo, as classes negativas e dependentes sentirão a influência atrativa e segui-la-ão; e ainda assim, a perpetuidade e universalidade de tal potência mental serão determinadas, não por qualquer afinidade que possa sustentar com sistemas políticos ou religiosos existentes, mas inteiramente pela sua conformidade com, e fidelidade às leis e sistema gerais da natureza.

Observar-se-á que, até agora, nada disse diretamente sobre a filosofia dos fenómenos diversificados da clarividência; pois pareceu aconselhável remover todo o possível entulho do “terreno novo” antes de procedermos à exploração da sua vasta extensão e ricas posses, ou de lançarmos semente para uma futura colheita. Não ignoro o facto de que algumas mentes, “mesmo derrotadas, continuam a argumentar”; nem as numerosas objeções que podem ser formuladas para contrabalançar — e de forma bastante visível e, até certo ponto, poderosa — as posições que tomarei relativamente à filosofia da iluminação espiritual. Mas à medida que avançar com a consideração deste tema elevado, essas várias objeções receberão o seu peso legítimo, e serão tratadas de forma que, sinto-me impelido a crer, não será prejudicial ao progresso de qualquer mente sincera e amante da verdade.

PALESTRA IV

UMA DEFINIÇÃO DOS SETE ESTADOS MENTAIS

Muitas mentes estão, sem dúvida, bem conscientes de que, noutras ocasiões, expressei as minhas impressões interiores acerca da filosofia dos fenómenos que agora investigamos. Contudo, à medida que o tempo avança, mais e variadas manifestações se desenvolvem; e os novos desdobramentos parecem exigir, não só uma repetição de muitos princípios explicativos já anteriormente expostos, mas também uma amplificação muito mais minuciosa e particular das causas principais envolvidas no desenvolvimento de cada manifestação mental conhecida neste século fecundo. É para estender as minhas elucidações sobre este grande e vasto tema, e também para remover o mistério de muitas revelações psicológicas recentes, que vos apresento esta filosofia da clarividência e da inspiração.

Logo no limiar da investigação, é oportuno chamar a vossa atenção para o facto lamentável de que poucas são as mentes que aprenderam a raciocinar corretamente sobre qualquer assunto. O entendimento humano — ou o princípio imortal da razão dentro da alma — pode ser educado tão plena e perfeitamente como qualquer outra faculdade da mente. Podemos aprender a pensar ou raciocinar quase tão facilmente como aprendemos a andar. Tenho uma confiança ilimitada no poder de aperfeiçoamento da razão humana; mas lamento profundamente a má valorização e a má aplicação deste princípio imperecível da mente humana, tanto quanto posso lamentar o uso errado de qualquer outro poder ou atributo com que a Divindade dotou a humanidade.

Na medida em que o homem, enquanto força motriz, está destinado a descobrir os princípios da natureza material, a aplicá-los devidamente, e assim subjugar todo o mundo físico aos seus propósitos elevados; também, pelo exercício da mesma potência nativa num plano mais alto, o homem está destinado a conhecer os princípios da sua natureza moral, a aplicar devidamente o atributo da razão, e assim alcançar, no mundo espiritual e religioso que o rodeia, efeitos e consequências tão harmoniosos quanto aqueles que distinguirão para sempre o império da ciência.

Existem dois indícios principais pelos quais o raciocínio errado, incorreto ou falacioso pode ser invariavelmente detetado. Primeiro, por um método totalmente externo e superficial de investigar qualquer assunto, fenómeno ou princípio que se apresente. Segundo, pela notória ausência de consistência entre a forma de tratar um assunto científico e uma questão de moral. Por exemplo, o raciocinador superficial e pouco fundamentado, ao criticar qualquer produção literária, irá focar-se particularmente na linguagem — nas palavras, na estrutura das frases, dos parágrafos, etc. — com tanta tenacidade quanto uma mente mais profunda examina as ideias que essas palavras foram concebidas para transmitir.

Tais mentes são muito externamente e infelizmente desenvolvidas. Pronunciam juízos sobre homens e coisas invariavelmente de acordo com o seu aspeto exterior ou manifestação aparente.

Tais mentes fazem pais insensatos e sem compaixão; tutores e legisladores impróprios; os jurados mais inseguros e injustos. Os motivos, por tais raciocinadores, são geralmente avaliados com base na ação; o que constitui com demasiada frequência o fundamento falacioso de muitos julgamentos cruéis e sem fraternidade. Aqueles que leram a divertida história de “Handy Andy”, de Charles Lover, estão plenamente na posse da melhor ilustração de bons motivos por detrás de más ações que alguma vez foi publicada.

Handy, com os motivos mais puros que um filho da Irlanda poderia sentir no peito, não só aborrecia e irritava o seu amo vinte vezes por dia, como na verdade provocava disputas, afastamentos e duelos entre amigos e figuras importantes das comunidades vizinhas. E atrevo-me a afirmar que toda e qualquer pessoa, pelo menos uma vez na vida, viu os seus melhores e mais puros motivos tristemente mal interpretados por este tipo de mente de que falo.

Os raciocinadores falaciosos e superficiais, que não demonstram consistência na análise de nada, distinguem-se pela sua relutância ou incapacidade em perceber a unidade perfeita e o sistema nas obras da Divindade. Por exemplo, tais intelectos não conseguem ver qualquer ligação distinta entre os reinos mineral, vegetal e animal; não compreendem a unidade e imutabilidade de Deus; não sabem aplicar um princípio científico à análise bem-sucedida de um tema moral; não vêem que a geração e evolução da eletricidade a partir do leito mineral são idênticas à evolução do pensamento no encéfalo humano; não percebem que o princípio que digere o alimento no estômago é o mesmo que digere o pensamento no cérebro, num plano superior de ação.

E assim, esses raciocinadores superficiais separam tudo — facto de facto, princípio de princípio, e a natureza da Divindade — sempre que fazem de qualquer assunto um tema de reflexão especial. Entre esta classe sou forçado a incluir a vasta maioria de pais, professores, antigos alunos, comentadores, clérigos e congregações do nosso belo país. É quase um provérbio — que a maioria, no estado atual do mundo, está mais propensa a estar errada do que certa. Se realmente procuramos a verdade, seria muito melhor embarcarmos numa excursão de pesca com Jesus e os seus doze apóstolos do que nos juntarmos a qualquer sistema teológico popular do mundo. Os franceses concluíram, após uma sucessão de experiências nacionais, que o Senhor está geralmente do lado daqueles que possuem mais canhões e o maior exército; pois esse partido é invariavelmente o que triunfa em qualquer disputa prolongada.

Estranho e incerto como possa parecer ao observador superficial, é, no entanto, uma verdade que se evidencia por si só que, no atual estágio não desenvolvido da civilização, a maioria tem maior probabilidade de estar errada. E desejo que se compreenda muito claramente que a vasta maioria das mentes atualmente existentes na Terra, apesar de constituírem um claro progresso face a todas as gerações anteriores, são, apesar do seu esclarecimento superior, uma classe muito superficial e inconsistente de investigadores. E a clarividência e a inspiração moderna têm, como seus principais opositores, justamente essa larga maioria.

Mas porque é que estas mentes se opõem e repudiam os fenómenos espirituais? Porque são raciocinadores externos e insustentáveis. Pois ainda se verá que as causas de toda a manifestação visível se encontram, com muita frequência, muito mais profundamente no seio da Natureza do que os sentidos exteriores e o organismo corporal conseguem penetrar. Como poderemos então, sem o poder de exercer as percepções interiores — que pertencem especialmente à mente — descobrir as causas internas dos fenómenos exteriores? A resposta é extremamente simples.

Exercitai devidamente o vosso princípio da razão. O astrónomo bem instruído não espera ver o eclipse para prever corretamente a ocorrência e a causa desse fenómeno. Não, de forma alguma. Retira-se para a sua câmara mais secreta, acende a sua candeia, pega no lousa e no lápis, e senta-se com o princípio imortal da razão a resplandecer da sua fronte ampla; e ali, sozinho e oculto, traça as revoluções majestosas dos planetas, anota as suas órbitas — as suas inclinações, os seus afélios e periélios; e antes que o sol tinja as nuvens douradas do horizonte distante com os seus raios elétricos, a alma do astrónomo exclama: “Eureka, Eureka, Eureka!” — pois captou o sublime mistério do eclipse e compreendeu a impressionante grandeza e magnitude esmagadora daquela região elevada com a qual a sua Razão formou uma ligação eterna. Assim também vós, que desejais conhecer a verdade, deveis entrar na câmara mais secreta das vossas próprias almas.

O espírito de Deus vive ali. É ali que deveis ir para orar, cantar, comungar com os vossos espíritos guardiões. E ali encontrareis esse princípio interior de discernimento pelo qual as leis ocultas de todo o fenómeno exterior podem ser facilmente compreendidas. Aqueles que raciocinam corretamente nunca limitam as suas investigações ao domínio do aparente e do transitório. Eles vão mais fundo, e procuram o permanente. Nunca se deixam cativar por sepulcros caiados; nem por um prato que exteriormente parece limpo; nem por demonstrações de talento, exibições de voo retórico e figuras de estilo; mas buscam a condição interior da manifestação, qualquer que ela seja, a fim de conhecerem as causas-fonte daquilo que é visível. E além disso, tais investigadores são muito consistentes e harmoniosos na aplicação da verdade.

Eles não acreditam que haja quaisquer inconsistências ou paradoxos na verdade; não acreditam que a Divindade possa contradizer-se a Si própria, ou que possa fazer com que uma verdade, proferida por um ser humano, entre em conflito com um princípio da Natureza; mas, para tais constituições mentais, toda a verdade é simples, harmoniosa, infinita e eterna. Ora, visto que este método de exercício do princípio da razão é adotado por apenas uma ínfima minoria das mentes que habitam este globo, e visto que nenhuma outra estrutura intelectual pode apreciar plenamente a filosofia da clarividência e da inspiração que em breve será revelada, é, portanto, positivamente certo que a vasta maioria, que quase sempre se engana, continuará a pensar, raciocinar e falar contra estes fenómenos da mente tal como tem feito nos últimos vinte ou mais anos. Enquanto nós, que iniciámos esta investigação com corações honestos e com disposição para usar bem a razão, seguiremos felizes o nosso caminho.

Tendo, como sinto, removido uma quantidade considerável de mal-entendidos e erros do campo à nossa frente, passo agora a expor as diversas e progressivas condições em que a alma humana, por combinação de causas, é com alguma frequência colocada. Como ampliação de muito do que já foi dito sobre este assunto, considera-se que a seguinte é a classificação mais natural e legítima dos estados mentais humanos — variando, progressiva e espontaneamente, desde o momento do nascimento neste mundo até ao momento em que a mente entra no mundo dos espíritos:

- I. O Estado Rudimentar
- II. O Estado Psicológico
- III. O Estado Simpático
- IV. O Estado de Transição
- V. O Estado Sonambúlico
- VI. O Estado Clarividente
- VII. O Estado Espiritual

Estes estados, repito, indicam as condições progressivas pelas quais a mente humana, natural ou artificialmente, e de forma permanente ou temporária, passa na sua ascensão desde o evento do nascimento até à circunstância mais elevada de integração no império dos espíritos. No entanto, considera-se adequado afirmar aqui, antes de definir particularmente estas condições, que as fases psicológica, simpática e de transição da mente não devem ser encaradas como verdadeiros melhoramentos; enquanto que os estados sonambúlico, clarividente e espiritual são verdadeiros avanços sobre a condição rudimentar.

A primeira condição — ou o Estado Rudimentar — passarei agora a considerar filosoficamente.

PALESTRA V

O ESTADO ORDINÁRIO DO HOMEM, CONSIDERADO EM CONEXÃO COM O MUNDO EXTERIOR

O homem é a coroação da Natureza; a mais alta e nobre Obra de Deus. Todas as formas e personalidades nos mundos vegetal e animal são manifestamente inferiores ao homem em todos os aspetos possíveis. E tudo o que o rodeia e nele existe atesta inequivocamente a sua supremacia física, intelectual e moral. Ao afirmar que o homem é a mais alta e nobre “obra de Deus”, não pretendo ensinar a doutrina oriental da criação especial: que a Mente Onnipotente, utilizando as suas mãos, escolheu e dispôs as substâncias físicas da terra, moldando-as nas mais requintadas estruturas anatómicas e fisiológicas, das quais fez um único ser humano.

E que, depois, vendo que não era bom que o homem estivesse só, o fez cair num sono profundo, selecionou uma costela do seu lado e, com o auxílio dessa estrutura isolada, criou uma companheira feminina para o primeiro desenvolvimento masculino da espécie humana. Esta hipótese sobre a origem do homem é

extremamente oriental e, em grande parte, quimérica. No entanto, ela indica, de forma verdadeiramente interessante e instrutiva, como a alma humana entra naturalmente na investigação das causas e princípios primordiais.

Nos estágios primários da experiência e da civilização humanas, deve-se ter bem presente que as manifestações mais salientes da alma são — o Medo, o Ódio, a Superstição, a Imaginação, a Mitologia; e especificações quiméricas sobre temas cosmogónicos e antropológicos. Estais, sem dúvida, todos conscientes de que à civilização precederam o selvagismo e a barbárie; que a superstição existiu antes da religião; que a Mitologia precedeu a teologia; que a Imaginação precedeu a ciência e a filosofia. Este princípio de que o inferior existe muito antes do superior manifesta-se por toda a parte como uma lei eterna do universo. Este é o princípio do progresso, que Deus estabeleceu imutavelmente na terra expandida e nos céus desdobrados.

E, no entanto, apesar de o facto de que este princípio invariável e eterno de progressão estar em plena operação desde toda a eternidade, e sempre se apresentar de forma notória perante e dentro da alma humana, a mente só agora chegou a um ponto do seu desenvolvimento onde esta lei pode ser reconhecida e, até certo ponto, compreendida de forma prática. A experiência passada do homem demonstra, de forma conclusiva, que a sua mente não foi suficientemente educada em atos e realidades, em verdades e princípios, para ler, com um coração compreensivo, o magnífico volume da Natureza, que permanece aberto há séculos, ao alcance da inspeção humana.

Algumas mentes consideram que a antiguidade é uma autoridade elevada. Os nossos melhores eruditos estão invariavelmente em busca de literatura oriental. A sabedoria oculta e a erudição dos tempos passados atraem o estudante e o professor; e o espírito da antiguidade, embora grisalho e débil, com uma montanha de mitologia, superstição e erro às costas, é o mestre de muitos milhares entre nós que se julgam, no seu crescimento intelectual e moral, à altura da estatura colossal deste século fresco, jovem e viril.

Tais mentes estão séculos atrás daquelas que trocaram as suas crenças orientais pelas verdades científicas e filosóficas que agora caminham ao ar livre sob a luz do meio-dia, invulneráveis ao escárnio público e aos altissonantes anátemas do espírito sectário que pende, como um íncubo, sobre o corpo das nações bárbaras e civilizadas.

No meio de tamanha escuridão e superstição, que obscureceram o firmamento religioso durante eras, surgiram, de tempos a tempos, alguns videntes da verdade — como estrelas que subitamente brilham entre muitas nuvens à hora da meia-noite. Ocasionalmente, uma alma conseguia ler suficientemente bem o livro da natureza para ensinar ao mundo que os princípios de progressão e desenvolvimento, que são os modos imutáveis do ser e do agir de Deus, não permitem que o melhor exista primeiro; o bebé não pode preceder o homem; o inferior não é desdobrado a partir do superior; o menor, a partir do maior. Mentes assim clarividentes não podem deixar de reconhecer que “não foi primeiro o que é espiritual, mas o natural, e depois

o espiritual.” Por outras palavras — não foi primeiro o que é superior, mas o inferior, e só depois o superior.

Ora, se se admitir que a Mente Divina é “sem mudança, nem sombra de variação”, então é absolutamente certo que aquilo que é verdadeiro numa parte da sua criação física e governo moral deve, necessariamente, ser igualmente verdadeiro em todas as outras porções do seu domínio imensurável. Por isso, afirmo que o homem não foi criado, de início, puro e imaculado; pois “não foi primeiro o que é espiritual, mas o natural, e depois o espiritual.”

O mais baixo é sempre o primeiro, mas contém dentro de si o mais elevado, ainda por desenvolver. Não obtemos a “espiga cheia no grão” até prepararmos o solo e depositarmos o germe. O comum precede sempre o incomum; o ordinário precede o extraordinário. Isto é invariavelmente verdade, porque o germe contém todos os desdobramentos subsequentes da planta; o mais baixo contém as propriedades, qualidades e essências do mais alto dentro do seu pequeno seio — tal como o bebé contém o homem futuro; e o homem, o espírito imortal.

Mas como explicaremos a origem da crença de que Deus criou o homem, logo de início, perfeito, à sua imagem e semelhança? E podemos também perguntar: como explicaremos a origem da convicção, há muito estabelecida, de que a Terra era plana e repousava sobre as costas de elefantes e tartarugas? A explicação é extremamente simples. A superstição é a primeira manifestação da religião; a mitologia é o início da teologia; as especulações imaginativas precedem a verdadeira ciência e filosofia; e é absolutamente inegável que, quanto mais penetramos na obscura e excêntrica selva da experiência passada da humanidade, mais cruas se revelam todas as concepções humanas de Deus, da origem do homem, e das forças invisíveis pelas quais a criação visível é governada.

E descobrimos igualmente a tendência instintiva da mente em especular sobre causas e analisar princípios primeiros. Se a verdadeira explicação dos fenómenos existentes não pode ser facilmente adquirida, então a mente vai tão longe quanto o seu estado de desenvolvimento intelectual lhe permitir; e exposições ou explicações têm de surgir, mesmo que sejam tão superficiais e instáveis como a brisa que sopra sobre os vales distantes.

Digo que é natural para o homem procurar as causas dos efeitos visíveis; e, se não conseguir obter causas reais, é certo que se fixará em explicações ou suposições imaginárias que, durante séculos, podem satisfazer plenamente a filosofia baixa e não desenvolvida dos raciocinadores sensuais e superficiais! Assim, torna-se fácil compreender a razão pela qual, entre as muitas e diversas estratificações e consolidações de especulações teológicas e outras no mundo, toda e qualquer espécie de mente encontra um lugar de repouso para os seus afetos e intelecto. Contudo, à medida que a inteligência avança, a superstição recua.

Recorde-se agora que os primeiros habitantes do hemisfério oriental estavam tão incapacitados, no seu estado intelectual não desenvolvido, de obter uma explicação verdadeira ou uma filosofia da origem do homem e do mundo visível, quanto os

habitantes aborígenes deste país estavam incapazes de fornecer, às suas próprias mentes, uma explicação racional da origem e propósito das miríades de estrelas que brilhavam, noite após noite, nos céus.

E, no entanto, os indígenas tinham uma hipótese sagrada sobre o que eram as estrelas e com que propósito lhes era permitido brilhar sobre o seu wigwam e caminho de guerra — e esta hipótese ou religião supersticiosa entre os índios, lembre-se também, era tão sagrada e elevada, como tema de fé, quanto a mitologia mosaica da criação do homem é para os milhares de mentes que se consideram imensamente mais esclarecidas do que o pobre índio —

“Cuja mente inculta
Vê Deus nas nuvens, e ouve-o no vento.”

Mas não discutirei agora esses pontos interessantes; limito-me a recomendar ao inquiridor livre que pense por si mesmo sobre as causas e a filosofia da crença humana; isso poderá informá-lo, melhor do que qualquer outra coisa, sobre quão naturalmente a mente humana gera, nas fases iniciais do seu desenvolvimento, muitas teorias e especulações mitológicas, no exercício natural desse poder interior que a impele a procurar as causas-mãe de todos os efeitos externos. Este é um tempo de investigação livre.

O princípio da razão deve ser exercido de forma adequada e digna. E não há nada demasiado sagrado ou demasiado elevado para a investigação daquela alma cujas emoções religiosas e dignidade moral sejam inspiradas por um amor à verdade. O maravilhoso panorama da fé humana — das especulações e hipóteses do passado — deve ser apresentado perante o tribunal imperial da razão, cujos jurados serão os factos de todas as teorias, confirmados pelos princípios imutáveis da natureza universal.

Não podemos travar a marcha da inteligência. Não podemos impedir com sucesso as tendências progressivas desta era. A mente, tendo-se tornado, pela operação legítima de princípios eternos, emancipada das algemas de uma cruel servidão e de um sectarismo implacável, no qual adormeceu durante séculos, enfeitiçada por credos dogmáticos e formulários sem significado, acaba de emergir para a luz e a liberdade. Rejeitando nobremente todas as regras convencionais e elevando-se orgulhosamente acima dos costumes e usos longamente estabelecidos da antiguidade, a alma livre vagueia agora pelo espírito ilimitado da Divindade, desfrutando das suas próprias energias nativas e atributos imortais.

Deve compreender-se claramente que estou agora a considerar o homem no seu estado rudimentar. Ou seja, na sua condição ordinária. É essencial conhecer perfeitamente o homem neste estado natural de desenvolvimento, para que possamos continuar a reconhecê-lo, quando, pelo trabalho dos princípios do progresso, ele ascender às condições subsequentes e superiores já mencionadas. Pois será verificado que a lei de uma individualidade eterna de carácter distinguirá sempre, em maior ou menor grau, um indivíduo de outro em todas as esferas e condições da existência.

Afirmo novamente que o homem, no seu estado natural e considerado relativamente, é superior a todas as outras formas e personalidades conhecidas nos reinos subordinados da natureza. Isto é verdadeiro sob todos os aspetos possíveis — físico, social, habitual, intelectual, moral e espiritual. E o homem não é o resultado de uma criação especial da Divindade, mas o produto do sistema estupendo da natureza, cujas miríades de formas, substâncias, essências e princípios ascenderam, passo a passo, pela espiral da progressão universal! No cume deste império sem fronteiras da vida, encontra-se o homem no seu estado ordinário ou rudimentar — um reservatório de tudo o que está abaixo de si, e o esplêndido representante de todas as perfeições e energias dos mundos mais grosseiros da vida que se movem no amplo domínio da natureza.

Agora, se for aceite que o homem é o grande recetáculo de tudo o que está abaixo dele nos reinos subordinados, então é muito legítimo e lógico concluir que, nos diversos departamentos da sua constituição, descobriremos vestígios ou indicações das peculiaridades anatómicas, fisiológicas ou frenológicas das várias plantas e animais da natureza. Aqueles que têm algum conhecimento dos ensinamentos da anatomia comparada sabem quão nitidamente as características distintas dos vários desenvolvimentos animais da natureza são visíveis nas conformações físicas e mentais do organismo humano. É claro, de forma demonstrável, que o homem é constituído de todas as formas, substâncias, essências e princípios conhecidos, num estado elevado de refinamento e incorporação; um deus sobre o próprio vértice da criação.

Mas permitam-me chamar agora a vossa atenção para o facto de que o homem, no seu estado rudimentar, está muito sujeito a exhibir um ou dois dos muitos elementos vivos que fluíram através dos dez mil canais dos reinos vegetal e animal para dentro da sua constituição espiritual ou mental. Estando mais intimamente ligado ao reino animal do que ao vegetal, é naturalmente inclinado a exhibir no seu carácter — especialmente quando não desenvolvido — um ou mais traços de disposição comuns a algum animal específico.

Estou inclinado a considerar este facto como uma evidência externa muito satisfatória da derivação do homem das criações subordinadas da natureza. Mas, à medida que ele progride em direção à harmonia e à perfeição — à medida que deixa para trás as coisas passadas e avança para conquistar as que estão diante de si — o homem eleva-se muito acima dos vestígios dos reinos inferiores, ultrapassa rapidamente as características ordinárias do humano e desdobra-se mais à semelhança do divino.

Não se pode bem negar que cada animal parece ser a encarnação de algum princípio particular da mente; enquanto o homem é a organização unitária de todos os princípios e, portanto, é superior àquelas organizações parciais que contêm apenas alguns dos elementos imortais que compõem a constituição mental humana. A Víbora, por exemplo, parece corporizar, sem qualquer outro elemento que atue como moderação, o princípio — ou melhor, para falar filosoficamente — a propensão de uma malícia suave e insinuante. A Aranha assemelha-se a um comerciante ardiloso — tecelã de redes onde enlaça o viajante ingênuo e desprevenido.

O Preguiçoso lembra um homem indolente — consumidor da produção dos trabalhadores diligentes e frugais. O Gato parece uma organização da propensão da secretismo — um caçador furtivo dos interesses de outras personalidades menores. O Cão é a encarnação da amizade; o Cordeiro da inocência; a Vaca da submissão; o Cavalo da nobreza; a Gazela da graciosidade; o Elefante da memória; a Raposa da astúcia; o Asno da firmeza; o Pavão do orgulho; o Rena da velocidade; o Pássaro do afeto; o Leão da majestade; o Porco da grosseira sensualidade; o Castor da capacidade construtiva; e o Macaco da artimanha.

Um observador das características mentais dos animais elaborou a seguinte sinopse das analogias existentes entre as manifestações da mente animal e a mente humana: — “As abelhas são geómetras. As suas colmeias são construídas de modo a, com o mínimo de material, obter os maiores espaços e menor desperdício de interstício. A toupeira é meteorologista. A ave chamada matador-de-nove é aritmética; tal como o corvo, o peru bravo e algumas outras aves. O torpedo, a raia e a enguia elétrica são eletricitistas. O náutilo é navegador; içando e baixando as suas velas, lançando e recolhendo âncora, e realizando outros atos náuticos.

Tribos inteiras de aves são musicistas. O castor é arquiteto, construtor e lenhador; derruba árvores e constrói casas e represas. A marmota é engenheira civil; não só constrói casas, mas escava aquedutos e canais de drenagem para as manter secas. As térmitas mantêm um exército regular de soldados. As vespas são fabricantes de papel. As lagartas são fiandeiras de seda. O esquilo é barqueiro; com um fragmento de madeira como barco e a sua cauda como vela, atravessa o rio. Os cães, lobos, chacais e muitos outros são caçadores. O urso negro e a garça são pescadores. As formigas são trabalhadores diurnos organizados. O macaco é equilibrista.”

Qualquer indivíduo bem informado sabe que, na natureza, existe uma vasta variedade de modificações das propensões aqui descritas. Por exemplo, nas diferentes raças de cavalos, vacas, gatos, cães, aves, etc.; mas, no homem, a infinita variedade destas modificações perde-se, na sua maioria, na combinação mais compacta e harmoniosa de todas as características ou elementos frenológicos animais na sua própria estrutura mental. Contudo, quando, por predisposição hereditária ou por outras causas influentes, a constituição espiritual do homem é distorcida e perturbada estruturalmente no seu desenvolvimento harmonioso, então é muito comum ver tais indivíduos manifestarem, no seu quotidiano, o elemento ou propensão que foi infelizmente permitido sobrepor-se aos princípios mais elevados da mente. E quando certas pessoas se sentem incomodadas, é demasiado comum que outras, de forma pouco amável, lhes lembrem que se assemelham a tal ou tal animal.

Seria muito melhor informar tais pessoas da filosofia destas manifestações isoladas de carácter, e dizer-lhes como alcançar a libertação das peculiaridades do reino animal. A importância destas considerações para a filosofia da clarividência e da inspiração será desenvolvida à medida que prosseguirmos na investigação. Mas aqui, que a nossa compreensão fique bem impressionada com a convicção de que o homem é, sob todos os aspetos concebíveis, superior a todas as organizações físicas e mentais do mundo animal. Não é, portanto, adequado dizer que o homem é, em

qualquer sentido, um animal; mas sim uma combinação de todas as organizações interiores.

Com frequência, o homem ilustra algum animal específico nas suas peculiaridades fisionómicas, nos seus estados de ânimo inferiores e nos seus hábitos; mas, considerado como homem, e acompanhado pelas produções subordinadas do mundo, ele surge nobremente como o senhor da criação, e ascende ao trono do governo humano sobre toda a natureza inferior — o monarca autoconstituído de um reino sem limites!

No entanto, deve ter-se presente que todo o homem que não esteja perfeitamente emancipado das características inferiores do mundo animal, ilustrará e atuará, mais ou menos, como algum animal, ave ou réptil em particular, que existem na natureza como tantas encarnações de princípios ou propensões específicas que tendem para a estrutura mental do homem — ou, para falar com ainda mais precisão, como tantos laboratórios químicos concebidos para receber, preparar e fornecer os elementos físicos e vitalizantes adequados à criação constante e perpetuação da individualidade do homem.

Chegámos agora a uma conclusão muito importante na consideração do homem no seu estado rudimentar, a saber: a sua supremacia absoluta sobre todas as formas, personalidades e princípios dos departamentos inferiores da natureza. Mas há ainda outro ponto essencial nesta investigação, que me sinto impelido a apresentar como digno da vossa mais rigorosa consideração — ou seja, a **DUALIDADE DO HOMEM**. Por dualidade, entendo a organização dupla do homem.

É um facto evidente, no sistema da criação, que quanto mais profundamente penetramos na ciência do desenvolvimento orgânico, tanto mais certo é encontrarmos crescimentos parciais e imperfeitos. As indicações mais baixas de formas vegetais e animais carecem daquilo a que poderíamos chamar superfícies duplas, ou membranas positivas e negativas. Enquanto que, nos ramos mais elevados da criação, encontramos invariavelmente todos os organismos construídos sobre os princípios recíprocos de uma dualidade harmoniosa.

E ao examinarmos as peculiaridades anatómicas e fisiológicas da constituição do homem, descobrimos que este sistema de desenvolvimento duplo é levado até às mais indescritíveis minúcias. Ora, sinto-me impelido a fixar a vossa atenção neste ponto, a fim de estabelecer uma base firme sobre a qual conclusões futuras possam repousar com segurança. A dualidade do homem, portanto, é simplesmente a extensão e perfeição de um sistema de justiça, ou de relações recíprocas, que se descobrem, parcial e incompletamente desenvolvidas, em todos os departamentos inferiores da criação visível. É uma proposição evidente por si só que todos os efeitos externos devem brotar de causas invisíveis. Todo o ribeiro tem uma nascente; e toda a canção é evidência de um princípio interior de música. Uma casa é primeiro erguida na mente, e depois, exteriormente, sobre a terra firme. Em tudo, o ideal gera o real; o invisível, o visível; o princípio, a manifestação exterior.

De acordo com a universalidade e invariabilidade desta verdade, as disposições duais do organismo animal e humano são indicativas de um princípio interior de justiça ou equilíbrio na constituição da natureza. No homem encontramos a manifestação mais perfeita e elevada deste princípio eterno, porque ele é o grande recetáculo de tudo o que está abaixo de si nos vários reinos animados. Pode-se perguntar — Por que razão tem o homem dois olhos, dois ouvidos, duas pernas, dois braços, dois pulmões, dois rins, dois estômagos, dois fígados, dois sistemas de circulação e dois cérebros? Por que não poderia ter sido feito de forma mais bela e económica — mais forte e simetricamente — com metade dessas estruturas? Qual é a utilidade de dois olhos, se ele pode ver com um? Pode ouvir com um ouvido; por que razão, então, ter dois?

Mas antes que tenhamos formulado completamente estas questões, surge, jorrando pelas muitas milhares de avenidas da natureza, a doce resposta — de que o princípio de justiça — ou o atributo divino da reciprocidade, que a Mente Omnipotente respira por todo o universo — se encarna nestes organismos belos e simétricos, e que sem eles o homem seria incompleto, e a Divindade uma simples nulidade.

Os princípios de justiça — tal como acima definidos — são as causas de todas as relações masculino/feminino, inferior/superior, material/espiritual, positivo/negativo, na vasta extensão da vida e da existência. Eles penetram, desenvolvem e sustentam tudo. Começam com a Divindade e rolam, como as ondas do mar, até às inconcebíveis circunferências das infinitudes inumeráveis. Eternidades sucedem a eternidades; universos sucedem a universos; e uma onda poderosa de onipotência rola sobre outra, todas fundadas nos mesmos princípios que conferem ao organismo humano as suas minuciosas estruturas duplas e diversificadas dualidades.

As obras e os caminhos de Deus são perfeitamente consistentes e harmoniosos. Ele é positivo; o universo é negativo. E esta é uma regra pela qual se pode medir e determinar tudo o que existe. O Sol é positivo; e todos os orbes que giram sob o seu poder são negativos. Que força é essa que mantém o sol imóvel no firmamento? O que sustém os planetas no espaço aberto? Não há paredes de fundação, nem colunas colossais, nem cordas e estacas, nem alavancas poderosas ou correntes de ferro a sustentar o sol e os planetas no vasto oceano da atmosfera invisível.

O que, então, os impede de caírem na destruição? Quando o cometa flamejante — esse corpo indomado dos céus — irrompe através do éter invisível como um cavalo assustado, ameaçando o mundo com aniquilação imediata: o que impede tal catástrofe? Mentes tímidas e apreensivas acreditam que o mundo será destruído desta forma; e posso acrescentar que muitos vigias, indivíduos, são como o Jonas da história primitiva — prefeririam que a sua profecia se cumprisse do que ter de admitir que estavam enganados! — tal como Jonas protestou junto do Senhor por este lhe ter dito para profetizar aos habitantes de Nínive que todos seriam destruídos em quarenta dias, e depois, mudando de ideia, o Senhor poupou o povo, tornando Jonas um falso profeta.

E assim, muitos dos nossos amigos que agora acreditam que o Senhor tenciona purificar a Terra com fogo, e que profetizam nesse sentido, descobrirão certamente, com a chegada do século XX, que o Senhor mudou de ideias, e sentir-se-ão, sem dúvida, tal como Jonas, um pouco aborrecidos com a completa falsidade das suas proclamações alarmantes. Sim; o Sol tem brilhado resplandecente durante milhões de anos; os planetas têm girado nas suas órbitas excêntricas durante séculos além de qualquer poder humano de cálculo; e os cometas impetuosos vagueiam pelo espaço há tanto tempo quanto isso — e ainda assim nenhum acidente ocorreu. O que, então, tem salvo estes mundos vivos da destruição? Certamente não se presumirá que isso é feito por um exercício direto da vontade do Omnipotente.

Seria tão razoável afirmar que o homem controla o processo de respiração, de circulação, de digestão, etc., exclusivamente pelo exercício voluntário dos seus poderes. Quando, na verdade, todos estes fenómenos ocorrem com igual precisão quando a mente está ocupada com outras questões, e mesmo durante o sono. Seria, de facto, um trabalho ingrato e laborioso para a Omnipotência manter a sua vontade constantemente tensa, a fim de preservar a revolução e a harmonia dos planetas. Embora Sir Isaac Newton, Thomas Dick, Dr. Chalmers e outras autoridades populares tenham defendido esta visão das harmonias planetárias, sinto-me impelido a considerá-la uma doutrina bastante crua e pouco saudável da ciência astronómica.

A verdade é esta: a própria Divindade é regida pela mesma lei que governa a revolução dos planetas. Se for perguntado, de forma nua e crua, o que mantém o sol, os astros e os cometas nas suas posições respetivas, e o que salva todo o templo da natureza da destruição, eu diria — o **Princípio de Justiça**, que vive na, procede da, e flui para a Mente Divina. Essa mesma lei que faz com que uma partícula de matéria flua, sem depender do exercício voluntário da vontade, através de todo o organismo humano — do alto da cabeça à planta dos pés — é absolutamente idêntica àquela que faz com que os planetas rolem harmoniosamente pelos céus. Em outras palavras, o universo material é o corpo físico de Deus.

Os inumeráveis sóis, planetas, satélites, são os órgãos vitais do seu corpo — os estômagos, fígados, corações, pulmões, cérebros da sua organização. As revoluções diurnas e anuais — as produções mineral, vegetal, animal e humana — desses orbes ou órgãos vitais, são perfeitamente e inteiramente análogas aos atritos ordinários realizados pelos órgãos correspondentes na estrutura física do homem. E a Mente Eterna não controla mais a execução harmoniosa dessas funções legítimas dos incontáveis órgãos do seu corpo do que o homem controla a circulação do sangue, ou as secreções silenciosas dos sistemas de absorção, que ocorrem a cada momento no seu organismo corpóreo.

Todos estes fenómenos, repito, dependem dos princípios de reciprocidade eternamente estabelecidos na natureza. Os princípios de negativo e positivo — de feminino e masculino — de inferior e superior — de matéria e espírito — de natureza e Divindade — estão muito belamente indicados e concentrados no homem; ele é uma representação fiel do todo. Por isso, limitarei as minhas investigações a este desenvolvimento supremo da matéria e da mente.

A mente analítica e dedutiva move-se naturalmente do efeito para a causa, e da causa para o efeito, na sua contemplação e exame da Natureza. Para tal mente, todo o efeito deve ter uma causa-mãe — toda manifestação exterior deve ter uma origem correspondente. Por exemplo, através dos nossos sentidos físicos descobrimos que a face da natureza é diversificada por formas simétricas e estruturas anatómicas; inferimos, por isso, que na esfera invisível das causas deve necessariamente existir um princípio imutável de forma e estrutura — uma lei anatómica ou arquitetónica de ação.

Assim também, quando observamos que tudo está dotado da faculdade de exercer uma função — com as qualificações necessárias para realizar um uso distinto e definido na ordem do ser — concluimos que deve existir um princípio fisiológico na constituição das coisas: uma lei pela qual funções e usos são desenvolvidos e governados com precisão matemática. Esta é uma filosofia para a qual a mente humana se volta involuntariamente, como a criança que busca no pai ou na mãe o seu primeiro ensinamento. Não é isto evidente por si mesmo? De outro modo, por que razão recorreremos à bolota para explicar o carvalho majestoso? — ao germe, para explicar a existência da rosa?

É porque não conseguimos resistir ao funcionamento legítimo da lei imutável! A criança pequena, que começa a balbuciar o nome dos pais queridos, ergue os seus olhos brilhantes para os céus estrelados e tenta perguntar: quem fez o sol? — quem fez as estrelas? — quem fez a imensidão suave e profunda que envolve a Natureza? Assim, o primeiro, o mais profundo, o mais elevado, o eterno esforço da mente é em direção às causas! — e a completa impossibilidade, por parte da alma, de alguma vez perceber e compreender todo o sistema de causalidade num único momento, constitui a mola principal de uma vida eterna e de um progresso sem fim em sabedoria e conhecimento.

É claro, então, que a mente humana deve explicar os efeitos por referência a causas correspondentes. Se vemos luz, concluimos que a fonte é luminosa; ou que contém elementos que, quando combinados e submetidos à lei da combustão e eliminação, produzem o efeito que observamos. Assim, repito, voltamo-nos involuntariamente dos efeitos para as causas, e das causas para os efeitos, na nossa observação e comparação dos factos e fenómenos que constituem o mundo material em que atualmente vivemos.

A dualidade da constituição física do homem pode ser percebida por todos os observadores sensoriais; mas as causas dessa dualidade não podem ser tão facilmente descobertas, e ainda assim o princípio da razão, reconhecendo a lei de ligação indispensável entre causa e efeito, é muito capaz de compreender a veracidade da proposição de que todos os efeitos externos gerais são manifestações exteriores de princípios invisíveis. Assumindo este fundamento como verdadeiro e inquestionável, passo a aplicar o princípio diretamente ao homem no seu estado ordinário ou rudimentar.

Poderes positivos e negativos são uniformemente manifestados na construção dos vários órgãos da economia física. Estes princípios expressam-se fielmente na forma

externa e função dos diferentes membros do corpo humano. Existem dois fígados; um é positivo, o outro é negativo. Existe um círculo de relações e processos positivos e negativos, que começa no baço; passa pelos rins; daí para o fígado; depois para o estômago; daí para o coração; depois para os pulmões; depois para o cérebro; e daí para todas as possíveis ramificações dos nervos, veias, vasos, artérias, órgãos, músculos e ossos que caracterizam o mecanismo físico. Há dois olhos; mas um é positivo e o outro negativo. Não se consegue ver com tanta perfeição com um só olho como com o outro, nem com qualquer um em separado como com os dois em conjunto. Isto é também verdade para as mãos e os pés. Existem dois ouvidos; mas um é positivo e o outro é negativo.

Existem também dois cérebros; um é positivo, o outro negativo. E aqui será oportuno dizer que os dois cérebros determinam a distribuição, e regulam a quantidade, destas forças positivas e negativas para o sistema dependente. Com base no princípio de que todos os efeitos gerais externos são desdobramentos legítimos de princípios internos, não podemos deixar de aceitar a seguinte proposição: todas as organizações externas são desenvolvimentos espontâneos de organizações invisíveis; ou seja, uma organização de princípios é a mãe de todos os organismos materiais de forma e natureza correspondentes. Daí que a dualidade comum da constituição física do homem só possa ser explicada pela existência de uma constituição espiritual, análoga à forma exterior em todos os aspetos possíveis.

Aqui, então, está o ponto a que todos os nossos raciocínios anteriores nos conduziram — a saber: que o corpo físico do homem é uma demonstração do seu corpo espiritual — um sucede naturalmente ao outro, como o carvalho se desdobra da bolota. É tudo causa e efeito — um resultado elevado de princípios positivos e negativos. E agora, tendo-vos mostrado a **SUPREMACIA** e a **DUALIDADE** constitucionais do homem, passarei a considerar a fase mais elevada deste tema — a **ESPIRITUALIDADE DO HOMEM!**

Quanto à espiritualidade perfeita do homem, são relativamente poucas as mentes plenamente convencidas. Os médicos acreditam num “algo” que denominam “o princípio vital”. Os materialistas acreditam na “mente” como algo perfeitamente e inseparavelmente ligado ao cérebro — que a mente é desenvolvida pelo sensorio material como a eletricidade é gerada por baterias de zinco e cobre; e que a manifestação da mente depende da constituição adequada, da saúde e da presença efetiva do cérebro, tanto quanto a eletricidade depende das placas de zinco e cobre para a sua manifestação.

E falo com toda a verdade ao afirmar que cinco oitavos da população pensante e civilizada deste mundo são mais ou menos céticos quanto à existência futura da alma, num estado de consciência e individualização, após o evento da dissolução física exterior. E, portanto, é altamente necessário considerar esta questão em conexão com o estado rudimentar do homem.

Ao considerar este tema da existência da alma independente do organismo físico, penso ser essencial compreender que o elemento da eletricidade não é criado pelas placas de zinco e cobre, mas simplesmente desenvolvido e acumulado por elas, a

partir das substâncias circundantes. Segue-se, portanto, como consequência, que a eletricidade não depende dessas placas para a sua existência, mas apenas para a sua manifestação mais palpável. E o mesmo raciocínio aplica-se aos elementos do princípio espiritual do homem.

O cérebro é fundamental — sim, absolutamente indispensável — à acumulação e individualização dos elementos vivos da vida numa mente saudável e harmoniosa. Contudo, o cérebro não é essencial à existência prévia desses elementos, nem à continuação da individualidade da mente, depois de a estrutura física ter cumprido os propósitos da sua organização primária.

Depois de a árvore ter produzido e amadurecido o seu fruto, este torna-se independente. Uma maçã desenvolvida por uma árvore num campo ou país pode ser levada para qualquer outro local, independente da sua árvore-mãe, e pode dar origem à sua espécie. Ora, é claro que o organismo físico é o berço da mente — a casa onde o espírito nasce. É aí que é cuidado e alimentado; e gradualmente — ano após ano e hora após hora — é introduzido às belezas e influências do mundo exterior.

Progressivamente, familiariza-se com os factos e fantasias, com os princípios e o pandemónio da existência terrena; e logo estende os seus tentáculos para alcançar algo mais elevado, melhor, espiritual, e mais semelhante à sua própria natureza particular. Mas aqui o cético apresenta-se, armado com uma multidão de razões sensoriais, e diz à mente imortal — "Tu nasceste num berço físico; logo, não podes caminhar sem ele: nasceste neste tabernáculo material; portanto, não podes mover-te de forma independente; se fores, terás de levar contigo a tua estrutura física." Será esta uma filosofia válida?

Não! Quando a alma está suficientemente avançada em força, ela descarta o berço — dá um passo ousado para fora do limiar do tabernáculo onde nasceu — e percorre os caminhos intermináveis da infinitude como um anjo de Deus!

Os membros mais iluminados e pensadores profundos de todas as profissões começam a reconhecer a supremacia e a dualidade do homem; começam a afirmar, como facto absolutamente inegável, que o homem é um ser espiritual. Assim, o muito célebre Dr. Reid diz: "Ninguém pode demonstrar que seja impossível ao Ser Supremo conceder-nos o poder de perceber objetos externos sem os órgãos comuns dos sentidos. Temos razões para acreditar que, ao despirmos estes corpos e todos os órgãos que lhes pertencem, as nossas capacidades percetivas serão antes melhoradas do que destruídas ou diminuídas.

Temos razões para acreditar que o Ser Supremo percebe tudo de forma muito mais perfeita do que nós, sem órgãos corporais. Temos razões para acreditar que existem outros seres criados dotados de capacidades de percepção mais perfeitas e mais vastas do que as nossas, sem quaisquer órgãos semelhantes aos que consideramos necessários. Por mais surpreendente que pareça, está agora provado além de qualquer dúvida racional, que em certos estados anormais do organismo nervoso,

percepções são possíveis por canais diferentes dos sentidos comuns." Tal reconhecimento é valioso, pois provém de um membro de uma profissão cética.

A espiritualidade do homem não é posta em causa; mas a continuação do seu princípio interno, após a morte do organismo físico, num estado de identificação, é ainda uma questão não resolvida em muitas mentes. Creio que este problema será devidamente resolvido à medida que prosseguirmos com estas investigações. Ver-se-á que o espírito invisível é o verdadeiro homem, e que não depende necessariamente da organização material para a sua existência ou individualidade. E a dualidade do corpo corpóreo estende-se, de forma mais perfeita, ao corpo espiritual; o exterior é uma representação imperfeita do interior.

"Aquilo que é espiritual não foi primeiro, mas o que é natural; e depois o espiritual." Em outras palavras — não foi primeiro aquilo que é mente, mas o corpo; e depois a mente. O corpo é o berço da Alma — o primeiro é o molde no qual os elementos da natureza foram feitos fluir; o corpo é assim o formador primário da mente. A princípio, o corpo é o mestre, mas em breve curva-se ao poder interior; o espírito subjuga e submete o templo físico ao seu exclusivo controlo.

Tal como a pequena criança depende dos seus pais para subsistência e crescimento, mas em poucos anos caminha sozinha pelos campos, lavra a terra, e prova estar liberta das suas dependências primárias; assim é o espírito. Ele surge revestido de uma vestimenta física, terrena, dependente do sentido exterior para as suas primeiras experiências e educação, fixado numa casa mais ou menos imperfeita, e incapaz de se mover para além dos seus estreitos átrios; mas logo a alma mobiliza as suas forças latentes, assume a posição responsável de mestre, e assim aprende algo da sua gloriosa independência e destino.

E a alma não conhece retrocesso, nem maturidade final. Está destinada à progressão eterna, e ao gozo ininterrupto de uma juventude imortal! Tenho visto o homem idoso, enquanto o sol brilhava intensamente sobre a terra, puxar a sua velha cadeira de braços para junto da porta do casebre, e tentar contemplar a paisagem distante, com a sua folhagem ondulante, o seu relevo suave, e os seus granitos reunidos. Mas, observando-o exteriormente, Shakespeare diz com tristeza — "a última fase de todas é a velhice, segunda infância, e mero esquecimento; sem dentes, sem gosto, sem olhos, sem — tudo." Mas será assim? "Segunda infância, e mero esquecimento"? Não; não é assim!

Este é o erro do mundo — este é raciocinar a partir do exterior. É verdade que a vestimenta física está gasta em consequência do longo contacto e luta com o mundo grosseiro da matéria. Está puída. O brilho superficial desapareceu. Está esfarrapada e remendada. Já não consegue ocultar a forma interior. O olho espiritual já não consegue utilizar livremente o olho material; o ouvido espiritual já não pode facilmente usar o ouvido físico; os poderes espirituais de locomoção já não conseguem usar com facilidade os velhos membros gastos; e o cérebro já não pode auxiliar o espírito na preservação das memórias exteriores. E então?

Então, o espírito daquele homem idoso e alquebrado é jovem como um pássaro. Eleva-se graciosamente pelos campos, ouve as águas murmurarem a sua música dolente, vê a paisagem colorida, e volta a desfrutar de todas as cenas da vida! Durante muitos anos, a vestimenta puída aprisiona a alma jovem. Mas, num momento em que não pensais, quando tudo está tranquilo na hora da meia-noite, ou quando chamais o velho para a sua refeição habitual, e ides ao seu quarto para o despertar do sono, percebeis que a vestimenta sem brilho ficou imóvel sobre o leito, enquanto a juventude imortal do interior desliza alegremente rumo à Terra do Espírito!

PALESTRA VI

O HOMEM CONSIDERADO NA SUA RELAÇÃO INTERIOR COM O UNIVERSO ESPIRITUAL A DUALIDADE DO HOMEM

O homem, no seu estado ordinário ou rudimentar, continua a exigir a nossa mais elevada consideração. Foi demonstrado que ele é o desenvolvimento mais maravilhoso e perfeito da criação visível; que todas as entidades e personalidades convergem em torno dele; que ele é, conseqüentemente, o centro de muita beleza e de muitos poderes.

Fixemos agora a nossa atenção no homem como ser espiritual. Há uma adaptação perfeita de todas as formas e princípios à sua esfera apropriada. O réptil move-se à superfície da terra; a besta encontra-se entre os montes e nas sombrias solidões da floresta; a ave voa graciosamente pelo meio superior; e o peixe brinca no elemento aquático. Cada uma destas criaturas, e todos os seres vivos, estão perfeitamente adaptados à esfera em que vivem, e a todas as influências e circunstâncias do seu ser.

E o mesmo princípio está em ação, e numa escala muito mais sublime, na organização do homem. A sua estrutura física está admiravelmente adaptada às condições e influências do mundo físico; e a sua constituição espiritual está ainda mais harmoniosamente adaptada ao mundo dos espíritos. O olho material está ajustado ao mundo exterior dos objetos visíveis, e ao elemento físico da luz que emana do sol; mas o olho espiritual está mais perfeitamente adaptado à luz dourada e suave que ilumina as dez mil esferas de cristal que giram silenciosamente nas profundezas serenas da infinitude!

O ouvido material está sabiamente adaptado aos múltiplos sons do mundo exterior; e o ouvido espiritual está delicadamente sintonizado com os sons musicais inefáveis que permeiam o mundo celestial que nos rodeia! Convém, no entanto, recordar que o organismo físico do homem é apenas uma envoltória do princípio mais interior e substancial. O seu ouvido espiritual, neste mundo, é estimulado através do ouvido material; assim sucede com todos os outros órgãos da sua constituição. Devemos

lembrar constantemente a dualidade da sua organização — ela é a base de muitas conclusões de natureza sagrada e sublime.

O espírito — a alma — é primeiramente educado através dos sentidos corpóreos. O mundo exterior é a escola primária de todos os espíritos — de todos os anjos e serafins. Num corpo material — e num mundo material — a natureza interior do homem torna-se incipientemente familiarizada com os rudimentos do pensamento, da verdade, das emoções e da música! Tudo começa no plano natural e é aperfeiçoado no plano espiritual. O exterior é um símbolo do interior — o presente, do futuro. Aquilo que é espiritual não foi primeiro, mas o que é natural; e depois o espiritual.

Na Terra, o espírito humano, por meio dos órgãos físicos do sentido, começa a aprender algo da música! Aqui, e desta forma, ouvimos o sussurrar da brisa estival — o uivar do vento — o murmúrio do regato — o contralto do turbilhão — e a doce melodia das aves. Ouvimos a voz profunda do oceano em movimento — os sussurros suaves das cascatas — e a música dos altos pinheiros quando, tocados pelos dedos velozes da tempestade, entoam uma canção estranha e grotesca. Estes são os rudimentos da música. Mas não adquirimos um amor pela música; porque os seus princípios sublimes estão entrelaçados na nossa natureza mais profunda — no entanto, na Terra aprendemos incipientemente a caminhar sobre as "ondas cristalinas dos doces sons", à medida que elas rolam perante a alma, na imensurável vastidão da terra espiritual, além da esfera dos sentidos.

Tenhamos presente que o homem possui uma natureza espiritual, que está elegantemente adaptada a uma esfera superior. O homem é um elo de ligação entre a Terra e o Céu. As naturezas terrestre e espiritual estão nele belamente fundidas e harmonizadas. Assim, o visível e o invisível são aproximados; e o homem é a flor da criação física, e o germe do mundo dos espíritos. O temporal e o eterno — o inferior e o superior — o material e o espiritual — encontram-se e convergem nele; e existe uma cadeia ininterrupta de seres, desde o homem até ao mais pequeno animal microscópico, e estendendo-se muito, muito além — através de uma infinita concatenação de seres elevados e gloriosos, até à própria alma da Divindade.

A estrutura física do homem, repito, está perfeitamente adaptada às formas e circunstâncias da terra; e a sua constituição espiritual está igualmente adaptada às possessões superiores e influências de um mundo mais elevado. O espírito invisível que anima o templo visível é o princípio imortal. E tal é o homem — o ser de um momento, contudo, herdeiro de uma vida eterna; nas camadas inferiores da sua natureza, um mero animal — no seu carácter mais elevado, um espírito brilhante e imortal!

Passemos agora a considerar as causas da imensa variedade de seres humanos que povoam a terra.

Em primeiro lugar, estou impressionado a considerar como proposição inquestionável, que cada mente é construída sobre princípios idênticos, contém os mesmos elementos, e é capaz de manifestações análogas. Nenhum homem é

intrinsecamente mais dotado do que outro. A Divindade não manifesta parcialidade nem favoritismo nos campos da sua criação. Os desenvolvimentos fisiológicos e anatómicos do corpo humano mostram, inequivocamente, que os mesmos princípios idênticos estão em ação por toda a parte na sua produção. Mas como harmonizar esta afirmação com o facto evidente de que há uma variedade infinita de homens — possuindo, aparentemente, diferentes qualificações e dons?

Num mesmo agregado familiar é frequentemente observável uma grande dessemelhança de talentos mentais. Um é músico; outro, escultor; outro, lavrador; outro, poeta; outro, idiota; outro, filósofo; outro, pródigo; outro, avaro — e todos provêm dos mesmos pais. Ora, admitindo que todos possuem os mesmos princípios mentais, como explicar as causas destas notáveis diferenças? Como explicar a diversidade de dons?

Por que razão é um homem guerreiro, outro um Paulo; um homem adorador da Verdade, outro de Mammon? Estas são questões importantes. Estou impressionado a responder que estas anomalias de carácter não se explicam com base na fábula de que a Divindade dotou intrinsecamente um homem acima de outro, mas sim sobre a vasta e expansiva filosofia da organização mental. Todas as faculdades e elementos estão depositados na mente, mas a variedade infinita reside inteiramente nas múltiplas e diversas combinações dessas faculdades.

Devemos, pois, estudar a filosofia da combinação. Se passarmos a acreditar que todos estamos igualmente dotados com os elementos da mente — que possuímos interiormente o que Isaías, João, ou Jesus possuíam, ou o que célebres matemáticos possuem — então experimentaremos um amor universal pelo homem, independentemente do seu nascimento ou posição social; e esta ideia será, além disso, um forte incentivo à cultura mental e ao progresso universal. Sinto-me impressionado a afirmar que tudo o que é possível e natural a um indivíduo, é possível e natural a todos os homens.

Todos podem ser felizes com a mesma facilidade com que um o pode ser. A harmonia da organização é o principal essencial; pois nenhum homem está desprovido dos elementos da mente, ou dos princípios da imortalidade. É apenas a combinação e educação desafortunadas das faculdades mentais que produzem infelicidade e geram discórdia. Ora, a razão pela qual tantos caracteres contraditórios, ou incongruências mentais, e conformações, surgem de uma única origem, encontra-se nas circunstâncias díspares que rodeiam os pais — especialmente aquelas que atuam sobre e controlam os sentimentos e emoções da mãe!

Os médicos reconhecem a extensão da influência hereditária sobre a organização mental da descendência. Mas creio que existe uma filosofia ainda mais importante na ação extensa do magnetismo progenitor do que aquela geralmente percebida pelos que mais se especializam no conhecimento do carácter humano. Falarei disso mais adiante.

É bom sentir que cada alma contém os mesmos elementos de energia e intelecto. Tal convicção inspirar-nos-á a uma compaixão filosófica por todo o indivíduo cuja mente se encontre infelizmente desenvolvida. É tempo de considerar uma "mudança" na combinação das faculdades mentais como sendo muito mais essencial para a retidão pessoal e a harmonia social do que a chamada "mudança de coração", que é causada meramente pela influência psicológica de clérigos talentosos e congregações excitadas.

Afirmo que o poder ou dom que distingue um indivíduo de outro é um atributo universal e, portanto, perfeitamente natural a toda a família humana. Cada mente está, constitucional e essencialmente, enriquecida com os esplêndidos poderes que caracterizaram Shakespeare, Sir Isaac Newton e Kepler; ainda que a diferente combinação desses mesmos poderes produza indivíduos inteiramente distintos. Por exemplo — tomemos o carvalho gigante, que é uma organização específica das mesmas essências, fluidos e substâncias que, combinadas de outro modo, poderiam produzir um castanheiro — um pinheiro — uma noqueira — ou um sicómoro. Se pegarmos nesse sólido carvalho e o submetemos aos devidos processos mecânicos, descobriremos que se podem fabricar cadeiras, mesas, portas, caixilhos de janelas, etc., a partir da combinação dissemelhante da mesma substância idêntica. Assim é com o homem.

Uma combinação particular de elementos e faculdades essencialmente bons produzirá um poeta; outra, um pirata; outra, um Moisés; outra, um Milton; e assim, ao longo de todo o catálogo de seres distintos que povoam a terra, verificar-se-á que os mesmos princípios, em diferentes estados e graus de refinamento e combinação, são capazes de desenvolver uma variedade infinita de homens. Estudemos, portanto, a ciência da combinação; primeiro, que arranjo particular das faculdades mentais desenvolve um enganador — qual um assassino — qual um homem justo; em segundo lugar, estudemos então as circunstâncias externas que atuam sobre o indivíduo — que combinação de circunstâncias brutaliza, e qual espiritualiza o carácter humano. A partir dos ensinamentos modernos da ciência frenológica, o investigador pode obter várias confirmações desta ciência da combinação.

O mal e o bem têm aí a sua origem. Uma máquina defeituosa produz deformidades; assim, uma organização mental desequilibrada desenvolve resultados correspondentes. Sem uma educação adequada, a mente humana pode manifestar ou desdobrar uma vida repleta de atos rudes e insalubres. Destituída de harmonia orgânica, pode gerar um congresso de erros — uma vasta congregação de inconsistências e ângulos deploráveis. Mas na grande multidão de homens comuns, podeis ver, (se examinardes os seus interiores,) muitos “Miltons mudos e sem glória”, ou muitos magnânimos apóstolos da alma; — heróis, legisladores, poetas, médicos, teólogos, filósofos. Tal é o homem no seu estado ordinário ou rudimentar.

PALESTRA VII

CONSIDERAÇÃO GERAL DA CONDIÇÃO E DOS PODERES PSICOLÓGICOS DO HOMEM

Examinemos agora a mente humana no próximo estágio da sua manifestação — refiro-me ao Estado Psicológico.

Tem havido uma grande quantidade de charlatanismo e pretensões sem significado associadas a este ramo da ciência mental, o que, sem dúvida, contribuiu bastante para confundir os ignorantes, divertir os descuidados e repugnar o homem de ciência. Tenho frequentemente lamentado tudo isto — porque retirou muito da dignidade natural da Verdade, e afastou muitos investigadores honestos dos sublimes domínios da filosofia psicológica, conduzindo-os a temas de contemplação menos elevados.

Tendo visto apenas o lado de charlatanismo da psicologia, e não imaginando que pudesse haver um lado mais elevado e digno no assunto, muitas mentes agarraram-se, com avidez, a uma convicção preconcebida — que a parte não esclarecida do mundo científico geralmente partilha — de que os fenómenos maravilhosos do magnetismo são meras ilusões ou alucinações mentais.

Talvez seja necessário recordar-vos que, naturalmente, a seguir ao estado ordinário ou rudimentar, vem o estado psicológico, que me proponho agora considerar. Segundo as minhas impressões interiores, a verdadeira condição psicológica pode ser atingida de duas formas — uma é natural, a outra é artificial. Isto é verdade para todos os estados subsequentes que a alma humana é constitucionalmente capaz de ascender. A pequena planta pode, naturalmente, alcançar o seu crescimento máximo sendo deixada a lutar com os obstáculos que a rodeiam, adquirindo assim talvez uma maior força; ou pode ser auxiliada, por meios artificiais e estimulantes, a atingir o seu desenvolvimento máximo muitas semanas antes do seu período natural de maturação.

Assim também com a mente humana. Alguns homens adquirem naturalmente um poder intelectual e um brilho de entendimento na altura apropriada da vida; mas outros, se devidamente influenciados por um magnetismo espiritual ou encorajados pelas circunstâncias envolventes, podem atingir toda a força e iluminação da mente, que caracterizam o intelecto naturalmente desenvolvido, anos antes da época comum de tal maturação. E aqui, seja bem compreendido, está o primeiro indício legítimo dos princípios psicológicos. Afirmo que um desenvolvimento precoce ou extraordinário da mente pode ser realizado pela influência de um magnetismo espiritual, ou pelo estímulo oferecido pelas circunstâncias envolventes.

Isto é, a alma humana pode ser amadurecida e desdobrada, numa esfera particular ou em muitos departamentos da ciência e do pensamento, anos antes do crescimento intelectual ordinário, pela influência psicológica de poderes espirituais e circunstâncias contíguas. E posso aqui acrescentar que a ação psicológica do espírito da mãe sobre o corpo e a mente do seu filho, durante a estação de gestação uterina e

desenvolvimento, é a fonte primária de muita predisposição para a discórdia ou harmonia, para a elevação ou inferioridade mental, que inevitavelmente caracterizará, mais ou menos, as manifestações físicas e mentais futuras da criança. Mas considera-se oportuno estudar primeiro os princípios da ciência psicológica tal como existem na constituição da natureza, antes de os aplicarmos às várias condições da mente humana.

A filosofia das relações positivas e negativas foi já parcialmente explicada. Mas chegou o momento de aplicar estes princípios recíprocos. Quando a mente compreende a doutrina de uma graduação infinita de formas, séries, graus, essências e elementos — começando pela forma mais baixa da matéria e elevando-se até à alma mais interior da Divindade — então torna-se comparativamente fácil compreender a filosofia das relações positivas e negativas na construção do universo. Mas aqueles que foram ensinados a considerar a natureza como um conjunto de criações específicas, sem qualquer referência a um sistema regular de desenvolvimentos progressivos e harmoniosos, terão alguma dificuldade em reconhecer os princípios psicológicos que, de forma universal, permeiam os territórios da natureza, e que unem todas as suas produções num sistema grandioso de causa e efeito simpáticos.

Ora, segundo as minhas percepções interiores, é evidente, como numa demonstração, que todos os reinos animados da criação estão intimamente relacionados — como a família humana — com amigos próximos e queridos, antepassados nobres e descendentes felizes. A Terra pode ser considerada como o alicerce parental de todas estas simpatias psicológicas. É aqui que se inicia essa linha progressiva de forças inferiores e superiores, que não tem fim.

Assim, o reino mineral é positivo em relação à terra; o reino vegetal é positivo em relação ao mineral; o mundo animal é positivo em relação ao vegetal; o mundo humano é positivo em relação ao animal; o mundo espiritual é positivo em relação ao humano; o angélico é positivo em relação ao espiritual; o seráfico ao angélico; e a Mente Divina é positiva em relação ao universo imensurável. Entre todos estes reinos e o Ser Divino existem constantemente as mais íntimas simpatias psicológicas. As séries, os graus e as gradações destas relações positivas e negativas são inteiramente belas e inumeráveis. Agora, é exclusivamente em consequência da supremacia física e mental do homem sobre os animais e outras criações da natureza, que ele é o centro de um poder que é positivo relativamente a tudo o que está abaixo dele. Ele é a fonte mais elevada de influência psicológica na Terra.

A víbora rastejará para fora do seu retiro sombrio, erguerá a cabeça e fixará o seu olhar penetrante e agudo no pequeno e afetuoso passarinho que repousa no ramo da árvore ondulante. O olho cintilante, que brilha de forma sedutora à luz do sol, prende a atenção da pequena ave. Os seus olhares cruzam-se. A víbora, elemento positivo, através do uso cuidadoso do seu poder psicológico, fixa o olhar da ave, elemento negativo, que não foge, por se encontrar magneticamente presa por uma estranha fascinação — que poderíamos considerar como uma mescla entre admiração e assombro. Nada disto pode acontecer ao homem, **se ele assim o não quiser.**

Mas o pássaro começa a ficar nervoso. Sente-se atraído para a víbora por uma força de fascínio, e simultaneamente repellido pelo medo. A sua força de vontade é capturada. Já não pode voar livremente pelos campos abertos, sentindo-se liberto; antes, salta nervosamente de ramo em ramo, estende as suas asas minúsculas e circunda a cabeça do sedutor. E finalmente — exausto pelo medo, pela excitação e pela fascinação — aproxima-se dos olhos cintilantes e cai prostrado diante da boca aberta do seu implacável destruidor.

O inseto alado, da mesma forma, e segundo os mesmos princípios psicológicos, é enfeitado pelas chamas de uma vela. Circundará a chama durante horas, até que se entrega, voluntariamente, ao poder dissolvente do fogo.

Mas o homem possui um poder **motivo e moral** superior ao de qualquer outra criatura. A sua influência positiva é sentida na proporção exata da sua própria consciência interior de supremacia. O seu crescimento interior da alma é a medida da verdadeira e permanente influência que pode exercer sobre o mundo. Um homem pode sobrestimar, de forma injusta, o carácter e a dimensão do seu poder mental, e sentir-se mais elevado e importante do que realmente é; todavia, pouco importa a opinião que um homem tenha de si próprio, desde que aja de forma honesta e enérgica, pois cedo se perceberá qual a verdadeira estatura mental a que realmente ascendeu.

A sua influência será invariavelmente estendida até ao limite do seu desenvolvimento interior — e nunca além disso. E, à medida que se desdobra mental ou espiritualmente, o círculo do seu poder alarga-se proporcionalmente. Assim, **uma mente forte poderá, um dia, psicologizar o mundo!** A sua influência poderá ser levemente sentida no círculo mais externo da humanidade; mais fortemente no corpo de uma nação; ainda mais na sociedade; e com maior intensidade no seio vital da combinação familiar.

Por isso, de acordo com este último facto, o poder psicológico de uma mente é mais eficaz numa assembleia compacta; mas a sua ação legítima manifesta-se de forma muito mais visível sobre o indivíduo isolado. Quão comum é vermos companheiros afetuosos começarem a parecer-se, a falar, a andar, e a pensar de forma semelhante! Maridos e esposas são frequentemente tomados por irmãos, por parte de quem os observa sem conhecê-los.

Segundo este princípio de ação positiva e negativa, a mãe ou o pai transmite a sua imagem ao filho ainda por nascer. Este é um facto importante da ciência psicológica. Aponta-nos o caminho para a geração adequada e para a melhoria da nossa espécie. A forte mãe de Napoleão marchava em formação de batalha antes mesmo de dar à luz o seu filho. Consequentemente, estando ela própria poderosamente magnetizada pelo espírito de guerra, deixou fluir a excitação da sua alma, e o sangue ardente do seu coração palpitante, através da constituição em formação do seu filho por nascer — e assim gerou um guerreiro intrépido!

Disse que existem dois modos de produzir o estado psicológico: um é natural, o outro artificial. Mas sou agora impellido a fixar nas vossas mentes esta simples

classificação das duas causas de todos os estados em que a alma humana entra. É correto dividir todas estas condições mentais em dois grandes grupos: ESPONTÂNEAS e SUPERINDUZIDAS.

A psicologia espontânea é idêntica ao poder mental natural; mas a psicologia superinduzida designa o poder mental especificamente desenvolvido e amadurecido de forma prematura, pela ação direta de indivíduos ou circunstâncias. As relações naturais, estabelecidas na natureza por estes princípios positivos e negativos, dão origem a todos os fenómenos psicológicos naturais. Certas coisas e personalidades — e certos indivíduos e certas circunstâncias — são, de forma natural e constitucional, negativos face a todas as criações e influências correspondentes que ocupam um plano superior na ordem do ser.

Ora, é inegável que alguns indivíduos, com constituições peculiares, são constantemente influenciados psicologicamente por um certo tipo de mentes ou de circunstâncias, às quais outros indivíduos poderão ser quase totalmente insensíveis. Isto denomina-se, com propriedade, psicologia natural, que se distingue sempre da condição superinduzida, por esta última ser alcançada pela vontade deliberada da mente. Mas aqui devo insistir convosco na necessidade de não confundirdes o estado psicológico com os estados magnético elevado, clarividente ou espiritual, que serão oportunamente examinados.

Estou impressionado a considerar o estado psicológico como o primeiro afastamento da mente humana do seu estado ordinário ou rudimentar; devendo, por isso, ser estimado como o segundo grau de manifestação mental, numa escala numérica de sete — sendo o sétimo, na filosofia da harmonia, sempre considerado o mais elevado e mais sublime desenvolvimento do sistema em análise. E também não se deve confundir o estado psicológico com o estado simpático.

Pois este último é distinguido daquele pela emanção de uma atmosfera a partir da mente, o que não ocorre no verdadeiro estado psicológico. Este último é simplesmente a manifestação da mente no exercício das suas relações positivas e negativas, sem a transmissão de qualquer fluido vital ou mental para as partes ou personalidades assim afetadas.

Todo o homem é psicologicamente influenciado por algo. Algumas mentes são constitucionalmente positivas face a um certo conjunto de circunstâncias, e negativas perante outro. A liberdade absoluta da vontade humana é, por conseguinte, uma impossibilidade e uma absurda ilusão. O simples facto de existirem coisas que o homem não consegue subjugar nem transcender, refuta a doutrina da liberdade absoluta da vontade, ao mesmo tempo que demonstra, de forma incontestável, a filosofia dos princípios psicológicos.

Toda a liberdade é comparativa — toda a liberdade é, de forma absoluta, relativa e parcial. É necessário compreender que todas as manifestações dos princípios positivos e negativos, quando consideradas psicologicamente, ocorrem segundo a lei dos equilíbrios. Qualquer influência que perturbe o equilíbrio da circulação do princípio espiritual ou mental do homem é capaz de o psicologizar — e fá-lo-á

durante todo o tempo em que os poderes voluntários da mente não conseguirem restabelecer a sua supremacia.

Assim, por exemplo, em momentos de perigo, algumas mentes perdem aquilo a que se chama vulgarmente “o domínio de si mesmas” e tornam-se frenéticas de medo. Na realidade, estão simplesmente psicologizadas pelo terror; e continuarão assim afetadas até que o poder de controlo da alma reassuma a sua alta prerrogativa e restabeleça à mente o seu devido equilíbrio.

Esta filosofia conduzir-vos-á ao cultivo diário da força de vontade da mente — para que possais dominar a influência de indivíduos e circunstâncias desarmoniosas que vos cercam no mundo. Com a aplicação adequada e perfeita deste poder, a alma pode — e há de — pôr todos os seus inimigos debaixo dos pés. A onnipotência surpreendente da mente ainda não se tornou visível!

Tudo aquilo que possa perturbar de forma permanente o equilíbrio harmonioso da mente, tem o poder de aprisionar a alma. Com base neste princípio, a mãe de Napoleão incutiu-lhe no espírito, enquanto este ainda se encontrava por amadurecer, o espírito da guerra; e, como consequência, ele foi psicologizado ao longo de toda a vida pelo desejo de combater e de conquistar. Isto é aquilo a que os médicos, em patologia, chamam “predisposição hereditária”; mas, na ciência mental, deve chamar-se “desvio psicológico”.

Sem dúvida, ficareis surpreendidos quando vos disser que a humanidade possui o poder de melhorar infinitamente a raça; e tudo isto pela aplicação criteriosa dos princípios da ciência psicológica à organização física e mental da criança ainda por nascer. Os católicos fazem bem em considerar com deferência e grande reverência a mãe de Jesus; embora não me sinta impelido a sancionar a adoração desnecessária e costumeiramente idolátrica de certos espíritos já desencarnados. Mas Maria era uma mulher gentil — de coração simples, boa vizinha, e muito afetuosa. O seu esposo era um homem honesto, puro, um mecânico sem ciência.

O país agitava-se, por vezes, com ansiosas expectativas sobre a vinda de um "Rei dos Judeus"; mas ninguém ousava especular sobre o tempo ou a proveniência do mesmo. Ora, a alma de Maria era profundamente religiosa nas suas aspirações. E numa noite, quando a natureza estava envolta nos mantos do silêncio, e quando a tranquilidade reinava universalmente, sonhou que o Senhor das escrituras hebraicas lhe aparecera e dissera: — “Uma virgem conceberá e dará à luz um filho; o seu nome será grande na terra do seu nascimento; e chamar-se-á Emmanuel; pois o seu poder divino espalhar-se-á de geração em geração, de oriente a ocidente, de mar a mar; e tu serás bem-aventurada entre as mulheres.”

Na manhã seguinte, Maria relatou o seu impressionante sonho a José. Mas, como há muito se encontrava excitada com assuntos religiosos, ele não deu grande atenção às suas impressões. Contudo, o mesmo sonho repetiu-se durante três noites consecutivas; e agora, ela acreditava profundamente, ainda que em segredo, em tudo aquilo. Estou impressionado a considerar tudo isto como uma impressão espiritual, transmitida ao espírito de Maria num momento de quietude interior e elevada

impressibilidade. Ela era uma “virgem” no mesmo sentido em que todos os homens e mulheres de espírito puro e nobre são espiritualmente virtuosos; mas em nenhum outro sentido, como reclamam os historiadores sagrados.

Que conclusões devemos, pois, tirar destas premissas verídicas? Devemos concluir, logicamente, que Jesus foi formado como um grande reformador moral, estritamente em conformidade com puros princípios psicológicos. Nasceu com a impressão constitucional da disposição mental e religiosa da sua mãe — e, mais ainda, com a pré-disposição mental de que o seu “nome seria grande na terra do seu nascimento”, de que era um “rei dos judeus”, e de que o seu “poder se estenderia de geração em geração” por toda a Terra. Toda a sua vida subsequente foi matizada, e em certa medida caracterizada, pela influência psicológica que a sua mãe exerceu sobre ele durante todo o período de gestação uterina e de formação incipiente da sua individualidade.

É desta forma que todos nós, em maior ou menor grau, somos constantemente afetados psicologicamente. Certa vez, fui visitado por um respeitável clérigo de Nova Iorque, que me disse que o diabo o tentava, pelo menos uma vez por semana, a cometer suicídio. Tal era, para ele, a prova de que existia realmente um demônio vivo, que se empenhava energeticamente em destruir a alma e o corpo no inferno. Perguntei-lhe se não estaria doente. Respondeu-me que a sua “saúde era perfeitamente boa”. Mas pediu-me que fizesse uma inspeção interior da sua condição. Assim fiz.

E imediatamente descobri que a sua tentação suicida provinha da influência psicológica do espírito da sua mãe sobre a sua mente antes do nascimento. Informei-o de imediato. “Oh sim,” disse ele, “a minha mãe dizia frequentemente que ‘o diabo’ a tentava da mesma forma.” Mas pude ainda informá-lo que o espírito da sua mãe sofria de uma doença no fígado e no diafragma, que invariavelmente produz depressão mental e tristeza, em certas condições; e que uma tendência ao suicídio era uma sensação comum a mentes assim afetadas — especialmente quando associadas a pouca esperança e resolução débil. Esta explicação foi demasiado racional e pouco sobrenatural para o clérigo, pois derrubava uma das suas principais evidências da existência do diabo — e assim, disse-me: “não acredito numa palavra disso!”

Muitos indivíduos encontram-se constantemente psicologizados por alguma paixão ou propensão. Alguns são instigados e tentados pela propensão da aranha, que pode dominar a sua estrutura mental. Outros pela do cavalo, do gato, do cão, da raposa, do lobo, do leão, da mula, do porco, &c. — conforme estas diferentes propensões predominem na mente. Qualquer paixão, propensão ou faculdade que tenha sido, antes ou depois do nascimento, autorizada a dominar a alma, irá inevitavelmente perturbar o verdadeiro equilíbrio da mente, fazendo com que esta se submeta aos desígnios dessa manifestação angular e desagradável.

É desta forma que todos os homens são, mais ou menos, afetados. O remédio consiste inteiramente numa verdadeira aplicação do poder de vontade à harmonização do corpo e da alma — uma subjugação psicológica dos elementos

discordantes da mente — uma verdadeira pacificação do leão e do cordeiro no interior do homem — através do exercício adequado do poder supremo do princípio da sabedoria. É absolutamente essencial compreender a natureza invariável e o valor imutável dos princípios positivo e negativo. Pois o bem-estar supremo das gerações futuras depende em grande parte da nossa fidelidade a esta classe de leis naturais. As influências religiosas e psicológicas que atuaram sobre a mãe de Jesus, e que o tornaram um reformador moral desde o nascimento, são idênticas, em princípio, às condições que produzem poetas, matemáticos, médicos e filósofos naturais. Tudo isto é indicativo do poder da mente sobre a matéria.

Há muitos anos, em França, um criminoso deveria ser executado em público, na roda. E uma mulher grávida desejava ardentemente assistir. Apesar dos insistentes rogos do marido e dos médicos em sentido contrário, cedeu ao impulso e foi presenciar a execução. A cena terrível psicologizou-a completamente. Ficou imóvel. Ouviu os ossos do infeliz criminoso estalar e partir-se sobre a roda, como ramos secos nas mãos de um homem forte. Era horrível demais; e ela desmaiou, tombando por terra. Noventa dias depois, deu à luz uma criança cujos ossos estavam todos partidos e separados de forma correspondente!

Os mestres eclesiásticos, em todos os países, têm acolhido e promovido convicções frequentemente em total contradição com a Revelação Viva da Vontade Divina, revelada na constituição do mundo material — e ainda mais na organização do homem. Os factos e as leis da ciência não podem deixar de ser manifestações da Grande Alma Controladora. Toda a fé que se oponha a tais manifestações e desenvolvimentos progressivos deve, segundo as minhas impressões, ser rejeitada como perniciosa e indigna da atenção de mentes inteligentes.

Os princípios, capacidades e méritos superiores da natureza humana têm estado demasiado tempo ocultos e desconhecidos. Mestres que pouco sabem da ciência psicológica erguem as mais insalubres formas de fé, e impõem-nas à mente humana, supondo que os poderes naturais do homem estão — e sempre estarão — para cada indivíduo, causa non cognita, enterrados em mistério inexpugnável. Mas as leis da ciência psicológica — ou, pelo menos, os efeitos externos da sua operação sobre o feto ainda por nascer — foram percebidos e reconhecidos por muitos médicos eminentes.

Essa lei, que faz com que os traços nacionais se transmitam, quase inalterados, durante séculos sucessivos, de pais para filhos, é o princípio psicológico pelo qual agora me bato. A propósito da transmissão hereditária ou psicológica, o Dr. Caldwell observa: — “Toda a qualidade constitucional, seja boa ou má, pode ser herdada, de pais para filhos. E um hábito prolongado de embriaguez torna-se tão essencialmente constitucional como uma predisposição para a gota ou para a tuberculose pulmonar.”

Isto aumenta, em grau multiplicado, a responsabilidade dos pais no que respeita à temperança. Pelos hábitos de intemperança, não só se degradam e arruinam a si mesmos, como também transmitem os elementos de igual degradação e ruína à sua posteridade. Isto não é uma conjectura visionária, fruto de uma teoria predileta e

longamente acalentada. É uma convicção firmemente estabelecida, resultante da observação—uma inferência derivada de factos inumeráveis.

Em centenas e milhares de casos, pais que tiveram filhos nascidos enquanto mantinham hábitos de temperança, tornaram-se, posteriormente, intemperantes, e tiveram outros filhos depois dessa mudança. Nesses casos, é notório que os filhos mais novos revelaram-se, muito mais frequentemente do que os primogénitos, inclinados ao vício da embriaguez—na proporção de cinco para um.

Não me venham dizer que tal se deve ao facto de os filhos mais novos terem sido negligenciados, e de terem tido diante de si, constantemente, exemplos corruptos e sedutores. As mesmas negligências e os mesmos exemplos de devassidão foram estendidos a todos; contudo, nem todos foram igualmente prejudicados por eles. Os filhos das primeiras gestações escaparam, enquanto os dos nascimentos posteriores sofreram as consequências. A razão é evidente: estes últimos traziam em si uma mancha psicológica mais profunda do que os primeiros.

Foi observado pelo célebre Esquirol, “que as crianças cuja existência se iniciou nos horrores da primeira Revolução Francesa, revelaram-se fracas, nervosas, e irritáveis de espírito, extremamente suscetíveis a impressões, e propensas a cair, ao mais ligeiro abalo emocional, numa insanidade absoluta.”

Ora, é-me claramente evidente que a devida aplicação dos princípios psicológicos, sobretudo no que toca à formação e desenvolvimento do carácter e constituição da criança, poderá desenvolver quase qualquer espécie de alma ou de intelecto que mais seja desejada pelos pais.

Quando tivermos harmonizado as nossas almas, e aberto as avenidas da nossa natureza interior às elevadas influências positivas e psicológicas que descem sobre nós a partir de esferas superiores, então sim, sentiremos as santas simpatias de uma raça mais elevada e sentiremos estar intimamente ligados àquela Divindade suprema e pura que impregna o universo ilimitado!

PALESTRA VIII

UMA CONSIDERAÇÃO GERAL SOBRE A CONDIÇÃO PSICOLÓGICA E OS PODERES DO HOMEM

Examinaremos agora a mente humana na próxima etapa da sua manifestação. — Refiro-me ao Estado Psicológico.

Tem havido um grande número de artifícios e pretensões vãs associadas a este ramo da ciência mental, o que, incontestavelmente, muito contribuiu para confundir os ignorantes, divertir os descuidados e repugnar o homem de ciência. Tudo isto tenho, com frequência, deplorado. — Porque retirou muita da dignidade natural da Verdade, e afastou muitos investigadores honestos dos sublimes domínios da filosofia psicológica, conduzindo-os aos mais elevados temas de contemplação. Tendo visto apenas o lado charlatanesco da psicologia, e não imaginando que pudesse haver uma fase superior e mais nobre do assunto, muitas mentes agarraram-se, com avidez, a uma convicção preconcebida — a qual é geralmente partilhada pela parte menos esclarecida do mundo científico — de que os maravilhosos fenómenos do magnetismo não passam de ilusões ou alucinações mentais.

Talvez seja necessário lembrar-vos que, naturalmente sucedendo à condição ordinária ou rudimentar, vem o estado psicológico, que me proponho agora considerar. Segundo as minhas impressões interiores, a verdadeira condição psicológica pode ser atingida de duas formas — uma é natural, a outra é artificial. Isto é válido para todos os estados subsequentes aos quais a alma humana está, constitucionalmente, apta a ascender. A pequena planta pode, naturalmente, atingir o seu crescimento máximo ao ser deixada a lutar com os impedimentos circundantes e, assim, talvez adquirir maior força; ou pode ser assistida, por meios artificiais e aceleradores, a atingir o seu desenvolvimento máximo várias semanas antes do seu período natural de maturidade.

Assim também sucede com a mente humana. Alguns homens obtêm naturalmente um poder intelectual e um brilho de compreensão no período próprio da vida; mas outros, se devidamente influenciados por um magnetismo espiritual ou encorajados pelas circunstâncias envolventes, podem atingir toda a força e iluminação da mente que caracterizam o intelecto naturalmente desenvolvido, anos antes do tempo comum dessa maturidade. Ora, aqui, que fique bem entendido, reside a primeira indicação legítima dos princípios psicológicos. Afirma-se que um desenvolvimento precoce ou extraordinário da mente pode ser alcançado pela influência de um magnetismo espiritual, ou pelo incentivo que lhe seja proporcionado pelas circunstâncias envolventes.

Ou seja, uma alma humana pode ser amadurecida e desdobrada, num determinado âmbito, ou em muitos domínios da ciência e do pensamento, anos antes do crescimento comum do intelecto, pela influência psicológica de poderes espirituais e circunstâncias contíguas. E posso acrescentar aqui que a ação psicológica do espírito da mãe sobre o corpo e a mente do seu filho, durante o período da sua gestação uterina e desenvolvimento, é a fonte primária de muita predisposição para a

discórdia ou harmonia, para a baixeza ou elevação de espírito, que irá, inevitavelmente, mais ou menos, caracterizar as futuras manifestações físicas e mentais da prole.

Contudo, considera-se oportuno estudar primeiro os princípios da ciência psicológica, tal como existem na constituição da natureza, antes de os aplicarmos às diversas condições da mente humana.

A filosofia das relações positivas e negativas já foi parcialmente explicada. Mas é agora tempo de aplicar estes princípios recíprocos. Quando a mente apreende a doutrina de uma gradação infinita de formas, séries, graus, essências e elementos — começando com a forma mais baixa da matéria e ascendendo até à alma mais interior da Divindade — então torna-se relativamente fácil compreender a filosofia das relações positivas e negativas na construção do universo.

Mas aqueles que foram ensinados a considerar a natureza como meras criações específicas, sem qualquer referência a um sistema regular de desenvolvimentos harmoniosos e progressivos, encontrarão alguma dificuldade em reconhecer os princípios psicológicos que permeiam universalmente os territórios da natureza, e que ligam todas as suas produções num sistema grandioso de causa e efeito simpáticos.

Segundo as minhas percepções interiores, é evidente como uma demonstração, que todos os reinos animados da criação estão intimamente relacionados — como a família humana — com amigos próximos e queridos, nobres ancestrais e felizes descendentes. A terra pode ser considerada como o fundamento parental de todas estas simpatias psicológicas. Aqui começa aquela linha progressiva de forças inferiores e superiores, que não tem fim. Assim, o reino mineral é positivo em relação à terra; o reino vegetal é positivo em relação ao mineral; o mundo animal é positivo em relação ao vegetal; o mundo humano é positivo em relação ao animal; o mundo espiritual é positivo em relação ao humano; o angélico é positivo em relação ao espiritual; o seráfico ao angélico; e a Mente Divina é positiva em relação ao universo imensurável.

Entre todos estes reinos e o Ser Divino existem constantemente as mais íntimas simpatias psicológicas. As séries, os graus e as gradações destas relações positivas e negativas são totalmente belas e inumeráveis. Ora, é exclusivamente em consequência da supremacia física e mental do homem sobre os animais e outras criações da natureza, que ele é o centro de um poder que é positivo em relação a tudo o que está abaixo dele. Ele é a fonte mais elevada da influência psicológica na Terra.

A víbora rasteja para fora do seu retiro sombrio, eleva a cabeça e fixa o seu olhar penetrante sobre o afetuoso passarinho que se encontra pousado no ramo da árvore oscilante. O olhar cintilante, a brilhar sedutoramente sob a luz do sol, prende a atenção do pequeno pássaro. Seus olhos cruzam-se. A víbora positiva, utilizando cuidadosamente o seu poder psicológico, fixa o olhar do pássaro negativo, que não

foge, por estar magneticamente preso por uma estranha infatuação — que poderá ser considerada como um cruzamento entre a admiração e o espanto.

Nada disto pode ser feito ao homem, se ele assim não o quiser. Mas o pássaro fica nervoso. Sente-se atraído pela víbora por uma fascinação, e repellido pelo medo. O seu poder de vontade é capturado. Não consegue voar para os campos abertos, e sentir-se livre; mas salta nervosamente de ramo em ramo, abre as suas pequenas asas e gira em torno da cabeça do sedutor. E finalmente — exausto de medo, excitação e infatuação — aproxima-se dos olhos cintilantes e cai prostrado diante da boca estendida do seu implacável destruidor. O inseto alado é, da mesma forma, e de acordo com os mesmos princípios psicológicos, seduzido pela chama de uma vela. Rodeia a chama durante horas e, depois, submete-se de boa vontade ao domínio do elemento dissolvente.

Mas o homem possui um motivo e um poder moral superiores aos que se encontram na posse de qualquer outra criatura. A sua influência positiva é sentida numa medida que está sempre em proporção com a sua própria consciência interior de supremacia. O seu crescimento intrínseco da alma é a medida da influência real e permanente que pode exercer sobre o mundo. Um homem pode ter feito uma estimativa injusta do carácter e da extensão do seu poder mental, e pode sentir-se maior e mais nobre do que realmente deveria; no entanto, pouco importa a opinião que o homem tenha de si mesmo, desde que dê o seu melhor com honestidade e energia, pois cedo se descobrirá até que ponto ele realmente evoluiu mentalmente.

A sua influência estender-se-á invariavelmente até ao limite do seu desenvolvimento interior — e não além disso. E à medida que se desenvolve mental ou espiritualmente, o círculo do seu poder alarga-se proporcionalmente. Assim, uma mente forte poderá, eventualmente, psicologizar o mundo inteiro! A sua influência poderá ser ligeiramente sentida nos confins da humanidade; mas mais sobre o corpo de uma nação, ainda mais sobre a sociedade, e mais poderosamente sobre a vitalidade mais íntima da estrutura familiar.

Daqui resulta, de acordo com este último facto, que o poder psicológico de uma mente é mais eficaz numa assembleia compacta; mas a sua ação legítima manifesta-se de forma muito evidente sobre o indivíduo isolado. É comum vermos companheiros afetuosos tornarem-se semelhantes na maneira de olhar, falar, andar e pensar! Maridos e mulheres são, por isso, muitas vezes tomados por estranhos como irmãos ou irmãs. Em conformidade com este princípio de ação positiva e negativa, a mãe ou o pai transmite a sua imagem ao filho ainda por nascer.

Este é um facto importante da ciência psicológica. Indica-nos o caminho para uma geração adequada e para a melhoria da nossa espécie. A mãe forte de Napoleão marchava em formação de batalha antes de o seu filho nascer. Consequentemente, estando ela própria fortemente magnetizada pelo espírito de guerra, deixou fluir a excitação da sua alma e o sangue quente do seu coração palpitante através da constituição em desenvolvimento do seu filho ainda por nascer — e assim forjou um guerreiro intrépido!

Afirmo que existem duas formas de produzir o estado psicológico — uma é natural, a outra artificial. Mas sinto-me impelido a fixar na vossa compreensão esta simples classificação das duas causas de todos os estados em que a alma humana entra. É adequado dividir todas estas condições mentais em estados —

ESPONTÂNEOS e **INDUZIDOS**

A psicologia espontânea é idêntica ao poder mental natural; já a psicologia induzida refere-se ao poder mental especificamente e prematuramente desenvolvido pela ação direta de indivíduos ou circunstâncias. As relações naturais, estabelecidas pela natureza através destes princípios positivos e negativos, dão origem a todos os fenómenos psicológicos naturais. Certas coisas e personalidades — e alguns indivíduos e circunstâncias — são, por natureza e constituição, negativas em relação a todas as criações e influências que ocupam um plano superior na ordem do ser.

Ora, é inegável que certos indivíduos com uma constituição peculiar são constantemente influenciados psicologicamente por um tipo de mentes ou circunstâncias, às quais outros indivíduos poderão ser quase totalmente insensíveis. Isto denomina-se corretamente como psicologia natural, que é sempre claramente distinta da condição induzida, pois esta última é provocada pela vontade consciente da mente. Mas deixem-me salientar a necessidade de não confundirem o estado psicológico com os estados magnéticos elevados, clarividentes ou espirituais, que serão analisados posteriormente.

Estou impressionado a considerar o estado psicológico como o primeiro afastamento da mente humana do seu estado comum ou rudimentar; sendo, por isso, estimado como o segundo grau de manifestação mental, numa escala numérica de sete — sendo o último, na filosofia harmónica, sempre considerado como o desenvolvimento mais alto e superior do sistema em análise. Nem se deve confundir o estado psicológico com o estado simpático. Pois este último distingue-se do primeiro pela emissão de uma atmosfera mental, o que não ocorre no verdadeiro estado psicológico. Este último é simplesmente a manifestação da mente no exercício das suas relações positivas e negativas, sem transmissão de qualquer fluido vital ou mental às partes ou personalidades assim afetadas.

Todo o homem é influenciado psicologicamente por algo. Algumas mentes são, por constituição, positivas em relação a certos conjuntos de circunstâncias; e negativas a outros. Assim, a liberdade absoluta da vontade humana é, portanto, uma impossibilidade e um absurdo. O simples facto de existirem coisas que o homem não pode dominar nem transcender, refuta a doutrina da liberdade absoluta da vontade, ao mesmo tempo que demonstra indubitavelmente a filosofia dos princípios psicológicos.

Toda a liberdade é comparativa — toda a liberdade é, incondicionalmente, relativa e parcial. É necessário compreender que todas as manifestações dos princípios positivo e negativo, quando analisadas psicologicamente, ocorrem segundo a lei dos

equilíbrios. Qualquer influência que perturbe o equilíbrio da circulação do princípio espiritual ou mental do homem é capaz de o psicologizar — e por tanto tempo quanto as faculdades voluntárias da mente forem incapazes de afirmar a sua supremacia. Assim, por exemplo, em momentos de perigo, algumas mentes perdem o que geralmente se chama de “autodomínio” e ficam frenéticas de medo. Na verdade, estão apenas psicologizadas pelo susto; e permanecerão assim até que o poder controlador da alma reassuma o seu elevado direito, e devolva à mente o seu devido equilíbrio.

Esta filosofia leva-vos à necessidade de cultivar diariamente o poder da vontade mental — para vos dar domínio sobre a influência de indivíduos e circunstâncias desarmoniosas que vos rodeiam no mundo. Com a aplicação adequada e perfeita deste poder, a alma pode — e irá — colocar todos os inimigos debaixo dos seus pés. A surpreendente onipotência da mente ainda não é visível!

Tudo aquilo que possa perturbar permanentemente o equilíbrio harmonioso da mente tem o poder de levar a alma cativa. Com base neste princípio, a mãe de Napoleão instilou na sua alma, enquanto esta ainda não estava amadurecida, o espírito de guerra; conseqüentemente, ele foi poderosamente psicologizado durante toda a sua vida pelo desejo de combater e conquistar. Isto é o que os médicos chamam, em patologia, de “predisposição hereditária”; mas, na ciência mental, deveria ser chamado de “desvio psicológico”.

Sem dúvida vos surpreenderá saber que a humanidade tem o poder de melhorar infinitamente a raça; e tudo isto pela aplicação judiciosa dos princípios da ciência psicológica à organização física e mental do filho ainda por nascer. O católico faz bem em considerar com deferência e reverência a mãe de Jesus; embora não me sinta impelido a sancionar a adoração idólatra, desnecessária e habitual, de certos espíritos já falecidos. Mas Maria foi uma mulher gentil — de coração simples, boa vizinha, e muito afetuosa. O seu marido era um homem simples, puro, um mecânico sem ciência.

O país era ocasionalmente exaltado, com ansiosas expectativas, acerca da vinda de um “Rei dos Judeus”; mas ninguém ousava especular sobre o momento ou a linhagem. Contudo, a alma de Maria era profundamente religiosa nas suas aspirações. E numa noite, quando a natureza estava envolta nos véus do silêncio e reinava uma tranquilidade universal, ela sonhou que o Senhor das escrituras hebraicas se lhe apresentou e disse:

"Uma virgem conceberá e dará à luz um filho; o seu nome será grande na terra do seu nascimento; e tu chamar-lhe-ás Emmanuel, pois o seu poder divino espalhar-se-á de geração em geração, do oriente ao ocidente, de mar a mar, e tu serás abençoada entre as mulheres."

Na manhã seguinte, Maria contou o seu impressionante sonho a José. Mas, como ela há muito estava entusiasmada com questões religiosas, ele não deu grande atenção às suas impressões. Contudo, o mesmo sonho repetiu-se durante três noites seguidas; e agora ela acreditava sinceramente, embora em segredo, em tudo o que tinha visto.

Sinto-me inclinado a considerar tudo isto como uma impressão espiritual, transmitida ao espírito de Maria num momento de quietude interior e elevada sensibilidade. Ela era uma “virgem” no mesmo sentido em que todos os homens e mulheres casados, puros e de espírito elevado, são espiritualmente virtuosos — mas não no sentido alegado por alguns historiadores sagrados.

E então, que conclusões devemos tirar destes pressupostos verídicos? Devemos concluir logicamente que Jesus foi feito grande reformador moral em plena conformidade com os princípios psicológicos puros. Ele nasceu com a impressão constitucional da disposição mental e religiosa da sua mãe — e, mais especificamente, com a preconceito mental de que o seu “nome seria grande na terra do seu nascimento”, que ele seria um “rei dos Judeus” e que “o seu poder se espalharia de geração em geração” por toda a terra. Toda a sua vida subsequente foi moldada, e mais ou menos caracterizada, pela influência psicológica que a sua mãe exerceu sobre ele durante todo o período da gestação uterina e da formação inicial da sua individualidade.

Desta forma, todos nós, em maior ou menor grau, somos constantemente afetados psicologicamente. Certa vez, fui visitado por um clérigo muito respeitável de Nova Iorque, que me confessou ser tentado pelo diabo, pelo menos uma vez por semana, a cometer suicídio. Para ele, isto era prova da existência real de um demónio vivo, que se esforçava ativamente por destruir a alma e o corpo no inferno. Perguntei-lhe se não estaria doente. Ele respondeu que a sua “saúde estava perfeitamente boa”. Mas desejava que eu fizesse uma inspeção interior do seu estado. Assim o fiz. E descobri de imediato que a sua tentação suicida tinha origem na influência psicológica do espírito da sua mãe sobre a sua mente, antes do nascimento.

Informei-o disso de imediato. “Ah, sim,” disse ele, “a minha mãe disse-me muitas vezes que ‘o diabo’ também a tentava da mesma forma.” Mas rapidamente pude informá-lo de que a mente da sua mãe fora agitada por uma doença no fígado e no diafragma, que invariavelmente causa depressão mental e tristeza, em certas condições; e a tendência para o suicídio é comum em mentes assim afetadas, especialmente quando associadas a pouca esperança e fraca determinação. Esta explicação era demasiado racional e pouco sobrenatural para o clérigo — e destruiu aquilo que para ele era uma forte evidência da existência do diabo; e, portanto — “ele não acreditou numa palavra!”

Muitas pessoas são constantemente psicologizadas por alguma paixão ou propensão. Algumas são movidas e tentadas por uma propensão semelhante à da aranha, que pode predominar na sua estrutura mental. Outras são dominadas por características do cavalo, do gato, do cão, da raposa, do lobo, do leão, do burro, do porco, etc. — conforme estas diferentes tendências predominem na mente. Qualquer paixão, propensão ou faculdade que tenha sido, antes do nascimento ou depois, permitida a assumir ascendência sobre a alma, perturbará inevitavelmente o verdadeiro equilíbrio da mente, tornando esta subordinada à sua manifestação angular e desagradável. É assim que todos os homens são afetados — em maior ou menor grau.

O remédio reside inteiramente na verdadeira aplicação do poder da vontade para harmonizar corpo e alma — uma subjugação psicológica dos elementos discordantes da mente — uma verdadeira pacificação do leão e do cordeiro do homem interior — através do exercício apropriado do poder supremo do princípio da sabedoria. É absolutamente essencial compreender a natureza invariável e o valor imutável dos princípios positivo e negativo. Pois o bem-estar mais elevado das gerações por nascer depende, em grande medida, da nossa fidelidade a esta classe de leis naturais. As influências religiosas e psicológicas que atuaram sobre a mãe de Jesus, e que o fizeram nascer já como reformador moral, são idênticas, em princípio, às condições que fazem poetas, matemáticos, médicos e filósofos natos. Tudo isto é significativo do poder da mente sobre a matéria.

Há muitos anos, em França, um criminoso ia ser executado publicamente na roda. E uma mulher grávida desejou assistir. Apesar das súplicas do marido e dos médicos em contrário, ela cedeu ao impulso de presenciar a execução. A cena horrível psicologizou-a por completo. Ficou estática. Ouviu os ossos do pobre criminoso partirem-se e estalarem na roda, como paus secos nas mãos de um homem forte. Era demasiado horrível; ela caiu exausta, desmaiou no chão. Noventa dias depois, o seu filho nasceu — com todos os ossos do pequeno corpo partidos e separados de forma correspondente!

Os mestres eclesiásticos, em todos os países, têm abraçado e ensinado convicções muitas vezes totalmente contrárias à Revelação Viva da Vontade Divina, contida na constituição do mundo material — e, mais particularmente, expressa na organização do homem. Os atos e leis da ciência não podem ser senão desenvolvimentos da Grande Alma Controladora. Qualquer fé que se oponha ao desenvolvimento da alma e ao desdobramento progressivo deve, segundo o que sinto, ser rejeitada como perniciosa e indigna da atenção de mentes inteligentes. Os princípios, capacidades e méritos superiores da natureza humana têm sido, durante demasiado tempo, obscurecidos e ignorados.

Mestres que pouco conhecem da ciência psicológica criam as formas mais insalubres de fé, e impõem-nas à mente humana, porque pensam que os poderes naturais do homem são — e sempre serão — *causa non cognita*, enterrados num mistério impenetrável. Mas as leis da ciência psicológica, ou pelo menos os efeitos externos da sua operação sobre o ser ainda não nascido, mas em desenvolvimento inicial, têm sido percebidos e reconhecidos por muitos médicos eminentes. Essa lei que faz com que características nacionais sejam transmitidas, quase inalteradas, durante séculos consecutivos, dos pais para os filhos, é o princípio psicológico que agora defendo — no que diz respeito à transmissão hereditária ou psicológica.

O Dr. Caldwell observa:

“Cada qualidade constitucional, seja boa ou má, pode ser herdada, passando dos pais para os filhos. E um hábito prolongado de embriaguez torna-se tão essencialmente constitucional como uma predisposição para a gota ou para a tuberculose pulmonar. Isto aumenta, em grau extremo, a responsabilidade dos pais no que diz respeito à

temperança. Com hábitos de intemperança, não apenas se degradam e arruinam a si mesmos, mas transmitem os elementos dessa mesma degradação e ruína à sua posteridade. Isto não é uma conjectura visionária, fruto de uma teoria favorita e longamente acalentada. É uma crença consolidada, resultante da observação — uma inferência derivada de factos incontáveis. Em centenas e milhares de casos, pais que tiveram filhos enquanto ainda eram temperados, tornaram-se depois intemperantes, e tiveram outros filhos posteriormente.”

Nestes casos, é um facto notório que os filhos mais novos se tornam viciados no consumo de álcool com muito mais frequência do que os mais velhos — na proporção de cinco para um. Que ninguém me venha dizer que isso se deve ao facto de os filhos mais novos serem negligenciados e estarem constantemente expostos a exemplos corruptos e sedutores. As mesmas negligências e exemplos depravados foram experienciados por todos; no entanto, nem todos foram igualmente afetados por eles.

Os filhos das primeiras gestações escaparam, enquanto os subsequentes sofreram. A razão é simples: os filhos mais novos carregavam uma mancha psicológica mais profunda do que os anteriores.

Foi observado pelo célebre Esquirol que “as crianças concebidas durante os horrores da primeira Revolução Francesa tornaram-se fracas, nervosas e irritáveis de espírito, extremamente suscetíveis a impressões e propensas a cair na mais absoluta loucura com o mais pequeno estímulo extraordinário.”

É-me absolutamente claro que a aplicação apropriada dos princípios psicológicos, especialmente no carácter e constituição em formação de uma criança, pode desenvolver quase qualquer tipo de alma ou intelecto que os pais mais desejem. Quando harmonizarmos as nossas almas, e abrirmos os canais da nossa natureza interior às elevadas influências positivas e psicológicas que descem até nós de esferas superiores, então experimentaremos as simpatias mais sagradas de uma raça mais elevada — e sentir-nos-emos mais intimamente ligados à Divindade elevada e pura que permeia o universo ilimitado.

PALESTRA VIII

SOBRE AS RELAÇÕES E DEPENDÊNCIAS EXISTENTES ENTRE O CORPO E A ALMA

A mente humana tem sido tratada, na prática, pelos metafísicos de todas as épocas como uma mera abstração — como uma das coisas mais impalpáveis e irreais. Durante séculos escuros e prolongados, os líderes dos mundos científico e religioso têm, tanto na teoria como na prática, negado a íntima ligação que existe de facto entre as ciências fisiológica e psicológica. E, no entanto, sistemas de filosofia mental têm abundado — sistemas fundados na imaginação, não na natureza. Uma teoria tem sucedido a outra como as ondas do mar. Mas a relação entre mente e matéria continua mal compreendida.

Há quarenta anos, um médico proeminente foi literalmente ridicularizado pelos seus colegas por divulgar a doutrina de que a insanidade está sempre acompanhada de uma perturbação cerebral.

E a ideia de possessão demoníaca ainda não foi extinta. Por vezes, ainda somos desafiados, dos púlpitos modernos, a provar que os maníacos não estão sob a influência de Satanás. Mesmo os sectários mais esclarecidos dos nossos dias — como os membros da Igreja da Nova Jerusalém — afirmam e defendem corajosamente que o delirium tremens evoca demónios atormentadores e criaturas horrendas do abismo de fogo eterno. Nalguns casos, somos solenemente advertidos a não praticar os princípios do magnetismo humano, sob o argumento de que tal ato se assemelha ao crime ousado que, segundo a antiga lei mosaica, era punido com a morte sem misericórdia.

Mas todos estes obstáculos não conseguirão travar a maré crescente da inteligência. A oposição de padres ou médicos não passa de uma nuvem de vapor diante do sol ardente. Não pode deter o progresso da ciência psicológica, assim como um seixo não pode impedir o fluxo poderoso da corrente do Golfo. O mundo recebeu um impulso — um ímpeto para a frente — que nenhum plano conservador ou sectário poderá contrariar. Nenhuma mente ousada e honesta corre agora o perigo de ser destruída. O pensamento liberal é geralmente tolerado e aceite; e a influência dos reformadores médicos e psicológicos está a espalhar-se amplamente pela sociedade europeia.

A íntima ligação entre o corpo e a mente é agora amplamente reconhecida pelos mais esclarecidos de todas as profissões. Mas a total extensão dessa ligação, e os resultados altamente significativos a que ela conduz, ainda não são plenamente compreendidos por praticamente nenhum dos que estão dispostos a aceitar “alguma verdade” nesta ciência. Os fenómenos do magnetismo humano são, em grande parte, aceites pelas mentes americanas; mas ainda assim, muitos não conseguem acreditar na realidade da clarividência independente. Consideram que isso é ir demasiado longe nos mistérios da divindade. Sentem receio das suas implicações. Pensam que invade demasiado o terreno sagrado — que se aventura por demais nos átrios celestiais — e que penetra profundamente nas sublimidades da Santidade.

Mas tudo isto é profundamente incoerente. Acreditar no magnetismo humano e rejeitar a clarividência parece-me semelhante a crer na existência de ervas e plantas, mas considerar a existência de grandes árvores impossível e absurda. Pois a clarividência sucede naturalmente aos fenómenos do magnetismo humano, tal como as colheitas abundantes seguem a germinação de pequenas sementes. Do mesmo modo, a aplicação dos princípios psicológicos à formação e elaboração harmoniosa do tipo humano é tão natural e inevitável como os bons resultados que fluem da aplicação judiciosa da ciência agrícola.

Mais uma vez, insisto: o Homem é uma produção da natureza; é o resultado do mecanismo prodigioso de todas as formas, movimentos e forças que adornam o mundo visível. Ele surge como o resultado culminante de princípios imutáveis! Estes princípios são os métodos segundo os quais a Divindade vive e age. Eles expressam a Sua natureza, os Seus atos, a Sua onnipotência e a Sua imutabilidade. Deus é, portanto, um ser de absoluta invariabilidade.

E a sua essência divina penetra em tudo e comunica a tudo a luz e a vida — expressões do amor; e a ordem e a forma — expressões da sabedoria. E o homem é a consumação grandiosa destes atributos divinos. Ele não pode ser depravado, pois surgiu do ventre fértil da natureza como um filho de Deus! Não pode estar interiormente contaminado, porque Deus está sobre tudo e em todas as coisas — Ele é o tudo em tudo! E o homem deve buscar e explorar eternamente! O seu progresso e desenvolvimento não têm limites — não têm fronteiras concebíveis.

E o Pai Infinito não tem ciúmes de que os seus filhos nascidos na Terra se aproximem demasiado da majestade da Sua onnipotência e omnisciência indizíveis. Em nenhuma parte do domínio infinito do universo em que o homem entra, ele é tratado como intruso nos segredos de Jeová. Pelo contrário: os múltiplos elementos da natureza física e mental — que se estendem até aos abismos insondáveis do universo material e se elevam através de uma galáxia de esferas angélicas até à alma da Divindade — estão todos abertos à investigação do homem e ao seu progresso eterno! Não há nada demasiado sagrado para ser investigado pelo ser humano. A clarividência de um anjo vê mais verdade do que podemos imaginar. E, ainda assim, nada é demasiado santo para a alma imortal investigar.

Enquanto, para milhares de mentes, o trovão era a voz de Deus a falar em acentos sublimes aos mortais rebeldes — enquanto os relâmpagos cintilavam em vingança a partir da sua mão invisível — e enquanto a terra e o céu estavam repletos de sinais portentosos e maravilhas assustadoras — terremotos, chuvas de meteoros e cometas flamejantes — digo eu, enquanto milhares estavam assim subjugados por estas manifestações e nem sequer ousavam erguer um para-raios para conduzir os elementos frenéticos, o audacioso Franklin investigava calmamente estes fenómenos terrestres e extraía das nuvens o elevado conhecimento de que o fogo elétrico podia ser subjugado à vontade, aos propósitos e ao progresso do homem!

Deus deseja que os seus filhos se tornem esclarecidos e felizes; pois que prazer poderá sentir um bom pai terreno na ignorância e infelicidade do seu filho? Se as investigações curiosas do homem merecessem uma reprimenda, por que razão não

foi o mundo advertido, de uma vez por todas, através daquele ousado experimentador, que — enquanto os trovões do céu ribombavam sobre si — ousou arrancar o raio flamejante das alturas para sua forja? Em vez de ser fulminado por obter tal prêmio temível, o autor desta façanha prometeica é honrado com glória imortal! Assim, o progresso é encorajado.

O homem pode examinar tudo sem temor; e quanto mais cresce em sabedoria, mais feliz se torna. Fisicamente e espiritualmente, ele brota do magnífico organismo da natureza, e ergue-se como o desenvolvimento culminante de princípios imutáveis. Mas a matéria é serva da mente — esta pode moldar aquela tão facilmente como o oleiro molda o barro húmido! Contudo, isto só pode ser realizado com a quantidade necessária de conhecimento; pois esse conhecimento é poder. Com esse poder, a alma pode aplicar os ensinamentos dos princípios psicológicos ao desenvolvimento harmonioso do organismo ainda não nascido, e a Terra poderia ser povoada por seres bem proporcionados e felizes.

Permitam-me insistir para que meditem sobre estas verdades; pois a reforma do mundo depende, em grande medida, do capital físico e mental que um indivíduo herda dos seus progenitores imediatos. Isto é verdade: porque o organismo infantil já existe antes de a mente jovem começar a pensar e a agir por si mesma. Por conseguinte, os defeitos de nascimento são difíceis de corrigir através da educação posterior. Este facto deve ser profundamente considerado, pois está na base da formação individual e social. Com este conhecimento em mãos, é muito injusto sancionar uniões impróprias entre os sexos; e é extremamente errado trazer à existência crianças débeis e doentes!

Quantos lamentam os defeitos hereditários das suas naturezas! Quantos se sentem desconfortáveis com feições irregulares ou organismos desordenados! Tudo isto, e muito mais, pode ser evitado com o uso adequado da ciência psicológica. O homem é, por natureza, inspirado com amor pelo belo e pelo harmonioso. E sinto-me levado a afirmar que é inteiramente resultado da ignorância e da injustiça o facto de nem todos os homens e mulheres nascerem dotados da harmonia física e da beleza espiritual dos anjos.

O espírito de Vénus e de Apolo poderia ser impresso em cada criança; e todos os defeitos disformes do organismo físico poderiam ser facilmente erradicados. A mente humana, considerada na sua dupla capacidade, é extremamente poderosa. Como força motriz, pode moldar o mundo físico e todas as suas circunstâncias externas, de modo a favorecer o desenvolvimento adequado do carácter humano. Como força moral, pode discernir as leis morais; e a mais elevada beleza moral do homem pode ser transferida para as gerações ainda por nascer.

Não acredito que Deus crie cada ser humano, assim como não creio que Ele faça cada vegetal que adorna os nossos jardins. Não; estou profundamente convencido de que o homem fabrica efetivamente o seu próprio tipo, de acordo com os princípios imutáveis da reprodução; mas esse tipo será sempre mais ou menos perfeito, consoante a sua harmonia com as leis da natureza — que são a própria vontade da Divindade.

E milhares são privados de grande parte dos prazeres mundanos devido às imperfeições dos seus organismos! Defeitos hereditários produziram poetas e piratas; tolos e filósofos; homens morais e maníacos. Centenas passam toda a vida em servidão e tristeza; porque o espelho, ou o sol, lhes revela os horrores da sua deformidade orgânica. O seu amor pela beleza é ofendido a cada momento; e passam a desprezar-se a si próprios — e depois, aos seus semelhantes.

Quão filosoficamente William Shakespeare expressou esta verdade lamentável através da boca de Ricardo III:

“Mas eu — que não fui talhado para brincadeiras galantes,
Nem feito para cortejar um espelho amoroso;
Eu, que careço da majestade do amor,
Para pavonear-me perante uma ninfa leviana;
Eu, que fui privado dessa bela proporção,
Ludibriado pela natureza dissimulada,
Deformado, incompleto, enviado antes do tempo
Para este mundo que respira, meio acabado,
E tão desajeitado e sem graça,
Que os cães ladram quando me aproximo coxeando.”

Aqui Ricardo queixa-se sarcasticamente por não ter:

“Prazer em passar o tempo, A não ser a espreitar a minha sombra no chão, E dissertar sobre a minha própria deformidade.”

Depois decide que não merecia toda aquela fealdade pessoal e, tal como muitos fazem na sua ignorância, assume que o pecado é fonte de prazer, dizendo:

“Portanto — já que não posso ser um amante, Estou decidido a ser um vilão, E a odiar os prazeres inúteis destes tempos.”

Ora, tudo isto está errado! Não resulta de qualquer maldição adâmica, nem é fruto de depravação inata; mas é uma demonstração viva do facto impressionante de que os princípios psicológicos da natureza foram gravemente mal aplicados à produção e desenvolvimento da nossa espécie.

“Uma mãe muito inteligente e respeitável,” diz um autor bem conhecido, “ao ouvir estes princípios expostos, comentou que havia uma diferença muito notória no desenvolvimento intelectual e moral entre um dos seus filhos e os outros; e explicou essa diferença com o facto de que, durante a gravidez, recebeu a notícia de que a tripulação do navio onde se encontrava o seu filho se amotinara — e que, quando o navio chegou às Índias Ocidentais, alguns dos amotinados, incluindo o seu filho, foram colocados em ferros — e que todos seriam enviados de volta para julgamento.”

Essa notícia agiu de forma tão intensa sobre ela, que sofreu uma alienação temporária do juízo. O relatório revelou-se errado, mas isso não evitou as

consequências do estado emocional agitado da mãe sobre a filha que viria a dar à luz. Essa filha é hoje uma mulher, mas é — e continuará a ser — um ser impulsivo, incapaz de reflexão, e, noutros aspetos, muito inferior às suas irmãs."

É, sem dúvida, profundamente injusto trazer personalidades "meio-formadas" a este mundo que respira — e, depois, ensinar-lhes que são agentes morais perfeitamente livres! Que pensamento tão pouco filosófico: ensinar o mundo que Deus é o criador de cada ser humano vivo, enquanto, ao mesmo tempo, muitos são enviados — sem serem consultados, sem terem pedido, sem sequer terem o privilégio de decidir previamente sobre tal aventura — enviados para esta existência conflituosa, incerta, de provação — "deformados, incompletos," e privados daquela "justa proporção" que constitui um exterior belo, adequado à produção e sustentação de uma mente sã e saudável! Com toda a ênfase, sinto-me impelido a afirmar que tudo isto é doutrina da Ignorância e do Erro.

Que o corpo e a mente estão intimamente ligados na sua estrutura e essência, não pode ser negado com verdade. E é igualmente negável que o princípio interno é, num certo sentido, perfeitamente material; e é tão suscetível de ação e impressão material como qualquer outro organismo da natureza. Mas tudo isto se processa de acordo com as relações positivas e negativas, ou com a operação dos princípios psicológicos. Antes de concluir esta parte da ciência mental, permitam-me apresentar mais algumas ilustrações desta proposição. Afirmar que a mente humana é essencialmente material e suscetível à ação química ou psicológica de substâncias materiais; ou seja, o espírito de um medicamento atua sobre o espírito do homem segundo os princípios positivos e negativos.

Por exemplo:

- o iodo induz tristeza;
- o ouro gera ou excita esperança;
- o arsénico causa melancolia;
- o ácido carbónico gera tranquilidade mental;
- os óleos empíreos produzem irritabilidade e sensibilidade mórbida;
- a beladona entorpece as faculdades intelectuais;
- a canábis gera quietude;
- o ópio e o tabaco estimulam as propensões sexuais, excitam os poderes intelectuais e geram imaginações doentias;
- a cicuta embota o intelecto;
- e a meimendo (*hyoscyamus*) causa violência, amargura e ciúmes.

Estes agentes químicos nem sempre produzem os efeitos aqui descritos; pois a mente pode ser positiva em relação a eles — caso em que a sua ação será muito leve ou até completamente impercetível. Mas o simples facto de o equilíbrio do princípio espiritual poder ser assim perturbado, e de a mente poder ser levada cativa por narcóticos e estimulantes, é suficiente para demonstrar a materialidade do espírito, e também a sua dependência incondicional dos inúmeros agentes que movem o vasto panorama do mundo exterior.

Na verdade, posso afirmar que temos uma demonstração ocular da materialidade da mente — e também dos seus princípios psicológicos naturais de ação e do seu poder de “daguerreotipagem” — nas “**marcas**” observadas em crianças; indicando o facto de que a mente recebe e transfere formas e cores com a máxima precisão — tal como a forma e a cor de qualquer fruto, animal ou objeto que impressionou a mente da mãe, em conformidade com princípios psicológicos.

Esta é uma lei imutável da natureza — e está operativa de forma conspícua em todos os seus domínios. É a mesma lei harmoniosa nos reinos inferiores como é nas esferas superiores da nossa existência. Por exemplo, foi relatado no jornal *New York Sun*, a 14 de Abril de 1843, que uma galinha, pertencente a Benjamin Gallaway, do condado de Weakley, Tennessee, foi severamente mordida por uma cascavel; mas, com os devidos cuidados, a ferida foi curada. No entanto — surpreendentemente — todos os ovos postos por essa galinha, a partir desse momento, passaram a ter uma imagem completa de uma cascavel representada na casca!

Em harmonia com este princípio, todo o ser humano que vem ao mundo traz impressas certas peculiaridades e tendências constitucionais. O Dr. Howship relata o caso de uma mulher grávida que atravessava um rio gelado. O gelo quebrou-se com um estrondo, e ela ficou terrivelmente assustada. Quando o seu filho nasceu, a sua pele apresentava fissuras e aberturas em vários pontos, correspondendo ao impacto do susto materno.

Deixem, portanto, que as vossas inteligências fiquem profundamente impressionadas com esta convicção: — o mesmo princípio de ação psicológica que, quando mal aplicado, pode produzir um monstro humano, é igualmente capaz — quando bem compreendido e filosoficamente dirigido — de desenvolver heróis, poetas, salvadores, metafísicos, filósofos e reformadores.

Médicos e agricultores têm vindo gradualmente a descobrir e aplicar este princípio nos domínios inferiores da Natureza. Combe, esse autor de mente lúcida, revelou muitos detalhes a este respeito. Nas variedades de uma mesma espécie, diz o Dr. Edwards, observa-se um princípio comum: a mãe frequentemente dá origem a um ser de tipo diferente do seu próprio — embora essa diferença seja menor nas últimas ocorrências.

Este princípio vê-se até mesmo nas variedades semelhantes; pois mesmo aí, a mãe, ao gerar um filho homem, dá à luz um ser cujo tipo difere, por vezes profundamente, do seu próprio. Ora, diz o Dr. Edwards, o mesmo se observa no homem.

As variedades que mais diferem, como o negro e o branco, quando se cruzam, produzem mulatos; e quando variedades mais semelhantes se cruzam, os descendentes, por vezes, assemelham-se a um dos progenitores, outras vezes a ambos.

O Dr. Edwards considera este facto como a causa da enorme variedade observável nas nações modernas; entre as quais, contudo, ele crê que se encontram sempre espécimes dos **tipos puros** que entraram na sua composição. Todos sabem que a

galinha de qualquer ave põe ovos mesmo que nenhum macho se aproxime dela; e que esses ovos apenas carecem do princípio vital que o macho transmite pela fecundação. Aqui, pois, vemos a fêmea a formar o ovo — com gema e clara, casca e todas as partes — tal como deve ser; e poderíamos, à primeira vista, supor que, neste caso, a fêmea tem a maior influência.

Mas eu estou profundamente e religiosamente impressionado a garantir-vos: a aplicação correta dos princípios psicológicos à geração e melhoramento da espécie humana fará mais bem à humanidade do que toda a pregação e oração que alguma vez saíram da boca dos homens!

Que toda essa fábula do “pecado original”, da “primeira maldição”, dos “esforços de Satanás” e da “depravação total do coração humano” seja para sempre sepultada nos túmulos da ignorância e do erro; e que haja uma ressurreição universal da razão e da filosofia, que, de forma harmoniosa e inevitável, melhore o indivíduo e eleve toda a raça humana para a saúde, a harmonia e as justas proporções!

PALESTRA IX

ACERCA DA AÇÃO PSICOLÓGICA DA MENTE SOBRE O CORPO NA DOENÇA

Nesta ocasião, prosseguirei para considerar e explicar como a psicologia natural atua e se manifesta na doença.

Todo o indivíduo bem informado está familiarizado com a influência da mente sobre o corpo. Quando o Cólera Asiático assola uma comunidade, quão comum é ver pessoas impressionáveis psicologicamente afetadas pela epidemia. Estou a manter-me dentro dos limites da verdade ao dizer que metade das vítimas dessa perturbação paroxística morre unicamente por ter sido psicologicamente dominada pelo medo e pelo pavor. O receio de contrair a doença perturba o equilíbrio adequado da mente; e assim, abre-se de par em par uma avenida para a entrada e posse do inimigo.

Quando esta epidemia grassava em Nova Iorque, tive um paciente que esperava, a qualquer momento, ser acometido pelas “agonias da doença”. Aconselhei-o a não ler os relatórios diários do número de vítimas feitos pelo médico legista. Ele disse: “era praticamente impossível resistir à tentação de acompanhar as várias publicações sobre a doença”, no entanto, confessou que, “sempre que lia os relatórios, sentia como se tivesse realmente engolido a doença”, de tão peristálticos que eram os movimentos que o medo comunicava às suas vísceras dependentes. Este homem acabou por ser obrigado a abandonar a cidade para preservar o seu equilíbrio mental e escapar à doença.

Uma boa ilustração desta ação psicológica da mente sobre o corpo foi originalmente publicada na *Zoonomia*, e subseqüentemente atestada pelo poeta Wordsworth: Um

jovem agricultor em Warwickshire, Inglaterra, ao encontrar as suas sebes partidas e os paus levados durante uma estação de geada, decidiu vigiar para apanhar o ladrão. Passou muitas horas ao frio debaixo de um palheiro e, por fim, uma velha, parecida com a bruxa de uma peça de teatro, aproximou-se e começou a arrancar a sebe. Ele esperou até ela ter atado o feixe de paus e estar a levá-los, para a poder apanhar em flagrante e então, saltando do esconderijo, agarrou-a com ameaças violentas.

Após alguma discussão, em que o feixe ficou no chão, ela ajoelhou-se sobre o molho de paus e, erguendo as mãos ao céu sob a lua cheia, disse ao jovem agricultor, já a tremer de frio— “Que o céu te conceda que nunca mais conheças a bênção de sentir calor.” O efeito psicológico produzido na mente dele foi tão nítido e poderoso, que se queixou de frio durante todo o dia seguinte, vestiu um sobretudo, e, poucos dias depois, outro; e, ao fim de uma quinzena, foi para a cama, dizendo sempre que nada o aquecia; cobria-se com muitos cobertores e tinha um crivo sobre o rosto enquanto jazia. Por causa desta única ideia insana, ou impressão psicológica, este homem permaneceu acamado mais de vinte anos, com medo do ar frio, até que acabou por morrer.

Todos os fenómenos psicológicos, lembre-se, estão naturalmente confinados ao plano comum das manifestações positivas e negativas; pois, quando se produzem resultados superiores, são invariavelmente desenvolvidos nos planos mais elevados da ciência mental, que considerarei em futuras ocasiões.

Na psicologia, tudo, repito—todo o elemento, pessoa ou substância—que perturbe o equilíbrio da constituição mental, é capaz, temporariamente, de capturar a mente e controlar os seus pensamentos e impressões. Assim—quando a doença ganha preponderância no sistema, a mente é perturbada pelas impressões psicológicas desordenadas que são conduzidas ao sensorio. De acordo com esta filosofia, o sonho, como precursor e acompanhante das doenças, merece investigação contínua. Não porque (diz o Dr. Winslow) deva ser considerado uma adivinhação espiritual, mas porque a linguagem inconsciente mostra muitas vezes, com grande clareza, a quem consegue compreendê-la, o estado físico do paciente.

Sonhos vívidos são, segundo a ciência psicológica, em geral um sinal de excitação atenuada da ação nervosa. Sonhos suaves são sinal de ligeira irritação cerebral; estes sonhos vaporosos indicam também muitas vezes uma crise favorável em febres nervosas. Sonhos aterradores—guerras e combates—são sinal de uma afluência de sangue arterial à cabeça. Sonhos com sangue e objetos vermelhos—casas e navios em chamas—diabretes, demónios, etc.—são sinais de uma condição inflamatória das faculdades semi-intelectuais e perceptivas do cérebro.

Sonhos com chuva e água—inundações, dilúvios, etc.—são frequentemente sinais de membranas mucosas doentes e hidropisia. Sonhos em que a pessoa vê alguma parte do seu próprio corpo, especialmente em estado de sofrimento, indicam doença e perturbação nessa parte. Como, por exemplo, quando a mente sonha com comida—iguarias ricas, um banquete, etc.—a causa do sonho é geralmente atribuível às funções digestivas do sistema físico, que evidentemente estão comprometidas.

É considerado oportuno lembrar-vos que, com esta explicação de uma certa classe de sonhos, não estou a dar uma solução para todos os fenómenos mentais desta natureza. Pelo contrário, há duas classes de sonhos que têm uma origem muito diferente; e que serão devidamente examinadas e explicadas em palestras subsequentes. Mas aqui, entenda-se, estou a tratar da ciência psicológica natural do homem, que difere da ciência da simpatia, sonambulismo, clarividência, iluminação mental, neste aspeto particular:—que a psicologia trata exclusivamente das relações nativas positivas e negativas das coisas, e explica como os equilíbrios podem, naturalmente, ser e são perturbados, sem a transmissão de qualquer esfera, fluido ou elemento cerebral, como ocorre nas fases superiores deste elevado tema, como será demonstrado posteriormente.

Pelo que foi dito sobre o assunto, perceberéis facilmente que a mente é frequentemente levada ao cativeiro psicológico pelo organismo físico. Isto verifica-se especialmente no *delirium tremens*. As nuvens revolventes do sangue inflamado, que carregam todo o encéfalo, enchem o quarto com massas dissolventes de fogo; entrelaçadas com estas, estão os diabretes, serpentes e demónios da memória inflamada, que tem albergado estes seres fabulosos desde as primeiras impressões da juventude; os contos de infância escritos por poetas cristãos e romancistas orientais.

Quando a mente é agitada pelo medo de contrair alguma doença, nesse exato momento o corpo torna-se suscetível à invasão do inimigo. Algumas mentes entram em pânico — isto é, ficam psicologicamente capturadas — perante a simples apreensão de serem atacadas pela cólera, peste, varíola, febre amarela, etc., e a consequência é que, em cinco casos em cada dez, o indivíduo acaba por ser efetivamente acometido pela doença mais temida, ou por alguma enfermidade muito semelhante. O medo constante de uma doença cardíaca, de tuberculose ou de cancro, tem grande probabilidade de induzir precisamente o mal que se teme. Já vi esta verdade confirmada em vários casos.

O corpo, portanto, é primeiramente autorizado a aprisionar psicologicamente a mente; depois, a mente induz sobre o organismo corporal a doença com a qual o seu princípio controlador está mais profundamente impressionado. Isto aponta-nos para uma verdade importante. Pois vimos que o mesmo princípio da psicologia que, quando mal aplicado à geração da espécie humana, dá origem a monstros humanos e deformidades horríveis, é também capaz, quando devidamente aplicado ao mesmo fim, de produzir o verdadeiro *Magnus Apollo* da graça e beleza humanas!

Do mesmo modo, uma vez introduzido o indivíduo na existência, os mesmos princípios psicológicos que, se mal exercidos, podem causar doenças, são perfeitamente capazes, se corretamente utilizados, de curar essas mesmas doenças e de as prevenir eficazmente. Vejamos agora este ponto. Perguntemos — O que é a doença?

A doença é uma falta de equilíbrio na circulação do princípio espiritual; consequentemente, também uma desordem nos movimentos dos fluidos e forças dependentes.

O que mantém o corpo vivo? O princípio espiritual.

Qual é o poder governante desse princípio? A Sabedoria.

Que agente emprega a sabedoria para manter e executar o seu governo? A Vontade.

Sobre o que atua a vontade? Sobre o Amor.

O que é o Amor? O Amor é a vida do corpo e da mente.

Será o amor o elemento atuante e vivificante de todo o individualismo? É.

Será o amor o ingrediente mais fino e puro do organismo mental? Sim, o amor é a verdadeira essência da vida da mente.

O que é, então, a sabedoria? A sabedoria é, numa expressão figurativa, a forma ou flor do Amor — a cabeça da constituição espiritual.

Pode o amor entrar em contacto imediato com os elementos do sangue? Não.

Porquê? Porque a essência do Amor é milhões de milhões de graus mais subtil do que os constituintes do sangue.

Como podem, então, os corpos material e espiritual estar tão intimamente entrelaçados — um no outro e através do outro? Pelo fino cimento dos agentes interpostos ou mediadores.

Pode o poder da sabedoria atuar sobre o sangue e os ossos? Sim; com grande força.

A sabedoria atua assim através de elementos intermédios? Sim.

Suponhamos que o princípio da sabedoria deseja atuar sobre o osso, como poderia realizar-se essa operação? O poder da sabedoria atuaria sobre a vontade; esta sobre o amor; este sobre o magnetismo vital; este sobre a eletricidade vital; esta sobre o nervo; este sobre o músculo; e este sobre o osso!

Se todos estes processos ocorressem a cada estímulo do princípio da sabedoria, não haveria uma diferença perceptível ou um lapso de tempo entre o esforço e o resultado?

Não; porque até a eletricidade comum pode dar a volta ao globo num instante.

Como pode o princípio da sabedoria prevenir todas as doenças?

Em primeiro lugar, organizando todos os alimentos, hábitos, ocupações, situações e sentimentos numa tal harmonia que não sobrecarreguem indevidamente a força e energia da constituição física e mental. Em segundo lugar, sentindo-se superior às invasões da doença — sentindo todo o individualismo como sendo inexpugnável a tais moléstias desnecessárias; pois, em termos gerais, “assim como o homem pensa, assim ele é.”

Chego agora à consideração da relação da psicologia natural com a mente, independentemente da sua ligação com o corpo. Esta fase da ciência psicológica manifesta-se nas guerras, pânico, insanidades e contágios simpáticos. Isto não se realiza através da eliminação de uma atmosfera de uma mente, que é inalada por outra; mas sim pelas configurações do semblante, pelo brilho e cintilar do olhar, pela cabeça erguida, e pelos gestos elevados — todos os quais incitam a uma ação intensa correspondente em toda a mente impressionável que esteja negativa ou passiva face às causas perturbadoras.

Toda a fé religiosa conhecida no mundo começou e espalhou-se, como uma epidemia, tanto quanto a ignorância e superstição do povo, ao torná-los negativos, permitiram que ela capturasse as suas mentes. Lembre-se que o conhecimento é poder; que a ignorância é fraqueza; e que somos mentalmente positivos ou negativos perante os estímulos e excitações dominantes, em proporção direta ao crescimento efetivo da alma em sabedoria e conhecimento.

Uma mente será conduzida freneticamente por um pânico metodista até ao altar; outra permanecerá totalmente imperturbável perante o contágio simpático. Tudo isto é, em grande parte, determinado pela ignorância ou conhecimento dos dois indivíduos. As exceções a esta regra ocorrem sempre que a mente é capturada e levada ao cativeiro psicológico durante momentos ou períodos de passividade do princípio da sabedoria ou poder governante. Assim, por vezes, ficamos surpreendidos ao ver que o nosso vizinho tão inteligente foi “levado” por alguma excitação popular.

Quão comum é vermos um grande grupo convulsionado de riso incontrolável, quando apenas uma ou duas pessoas de todo o conjunto sabem “do que se está a rir.” Mas, se porventura houver alguém nessa assembleia cujo equilíbrio mental não seja perturbado pelos sons e imagens de alegria ao seu redor, ele permanecerá sóbrio e solenemente imóvel. Em suma, tudo aquilo que se propaga epidemicamente de mente em mente, de acordo com princípios psicológicos, pode, de forma filosófica, explicar a prevalência de muitos crimes e certas formas de alucinações mentais que, de tempos a tempos, têm perturbado e afligido a família humana. Por vezes, comete-se um crime terrível; e então, por um contágio psicológico, a sua flagrante natureza excita uma predisposição semelhante noutra mente, e depois noutra, e assim sucessivamente, até que muitos crimes da mesma magnitude se sucedem em rápida sucessão.

A psicologia natural manifesta-se frequentemente em grandes ajuntamentos. Uma palavra ou um gesto de um indivíduo perturba o equilíbrio de todos. É assim que se incitam multidões, que se exaltam até à fúria incontrolável; e soldados, em dia de batalha, avançam de frente para a morte; ou, apanhados pelo pânico, o medo espalha-se de um para milhares; e aqueles que, momentos antes, estavam prontos a “procurar a efémera reputação mesmo à boca do canhão”, tremem agora de pavor e não conseguem invocar nem coragem nem domínio próprio. Noutras alturas, basta uma palavra ou um olhar de um espírito superior para psicologizar instantaneamente a massa à sua volta, e de um para outro o impulso comunica um sentimento de

heroísmo e intrepidez que aumenta à medida que se espalha, até que toda a multidão esteja impaciente por dar a vida no turbilhão da sua ambição desmedida.

Uma das maiores excitações psicológicas alguma vez desenvolvidas na Cristandade foi a provocada pelas Cruzadas; e toda esta epidemia teve origem num único indivíduo. Pedro, o Eremita, durante o pontificado do Papa Urbano II, percorreu toda a Europa, descrevendo as indignidades praticadas pelos Turcos, na Palestina, sobre os crentes, e apelando aos cristãos, por toda a parte, que se reunissem em torno do estandarte que ele havia erguido para resgatar a Terra Santa dos infiéis. Tão humilde era o porte de Pedro — tão santo o seu semblante, e tão veemente a sua eloquência — que reuniu, de acordo com os princípios de instigação psicológica, um exército de sessenta mil homens, com os quais marchou até Jerusalém; e assim acendeu, por toda a Europa, esse ardente espírito de guerra e conquista que, durante séculos, deu ocupação às cruzadas contra os infiéis.

Na sua ignorância da ciência, o homem atribui muitas excitações religiosas e conversões ao poder de Deus, e muitos crimes e ofensas hediondas à influência de Satanás, quando, na verdade, as causas são total e inequivocamente atribuíveis ao funcionamento dos princípios psicológicos. E aqui encontramos uma verdade valiosa — um poder alto e nobre! Os inúmeros sóis e planetas giram harmoniosamente, com base nestas relações positivas e negativas. Segundo elas, o próprio Deus vive e atua no seu magnífico templo. O conhecimento da existência desta lei e poder aumenta grandemente a nossa capacidade de superar todos os inimigos físicos, sociais e mentais — de banir as causas das discórdias e doenças terrenas.

O início deste século foi assinalado pela introdução de uma nova influência na Cristandade: o espírito de reforma. Ao princípio, avançou como as primeiras ondas de uma tempestade oceânica. Mas, depois, os vagalhões ergueram-se com poderosa força, e lançaram o seu brilhante spray sobre os lados graníticos da Europa monárquica! E avenidas, por onde nunca antes havia fluído o elemento purificador, estão agora a ser limpas pela maré crescente da reforma. Com a ascensão gradual desta maré progressiva, vereis os “nevões eternos” da Lapónia derreterem-se em meios de cultivo, e climas miasmáticos darem doce encorajamento ao crescimento de flores perenes. E já se mostrou que o que é possível no mundo físico é igualmente possível no mundo moral. Pela ação imutável destes princípios psicológicos da onnipotência, Deus enche o mundo de vida, que é Amor, e de ordem, que é SABEDORIA.

E com o poderoso espírito de reforma, o coração humano começa a palpar em música, por toda a parte. Mas devemos aplicar corretamente os altos poderes da nossa constituição mental. Deve-se recordar constantemente que todo o “pecado”, todo o “erro” e toda a “infelicidade” são provas demonstráveis de que há, algures no mundo, uma má direção ou má aplicação de boas pessoas ou princípios. Estou profundamente convencido de que cada indivíduo deve aprender a empregar corretamente os poderes psicológicos da sua própria mente.

O mesmo poder que produziu a Guerra dos Trinta Anos é capaz de produzir outros tantos anos de paz. A mesma lei de contágio simpático, pela qual um indivíduo comete um crime e, por isso, excita psicologicamente uma propensão correspondente noutras mentes, é idêntica àquela influência divina pela qual muitas mentes podem ser elevadas à virtude e à paz interior. Cada um de vós, irmãos, está naturalmente e constitucionalmente dotado deste poder psicológico; mas em graus diferentes. E exercê-lo é o alto privilégio do vosso ser.

“Quando cada um cumpre um desígnio sábio,
No seu próprio órbita ele brilhará.”

Tal como a chama em corrida sobre a pradaria em chamas, a vida da reforma harmónica espalhar-se-á de aldeia em aldeia, de cidade em cidade, de hemisfério em hemisfério; e os princípios nobres que agora nos fulguram das esferas resplandescentes do alto, serão comunicados, com todo o doce contágio de uma simpatia psicológica, a cada coração humano! Deveis distinguir-vos dos habitantes do mundo — pela vossa nobreza: pela vossa felicidade: pelo vosso amor fraternal: pela vossa descendência superior; pela vossa alta inteligência, e eloquência, e poder psicológico — por TUDO, numa palavra, que distingue o reino dos céus das discórdias da terra.

PALESTRA X

SOBRE A FILOSOFIA

E AS MANIFESTAÇÕES EXTERIORES DE UMA SIMPATIA UNIVERSAL

A palestra desta noite diz respeito ao homem no estado simpático; mas começarei por, preliminarmente, explicar-vos o FUNDAMENTO da simpatia na natureza, o qual constituirá a maior parte do que direi nesta ocasião. A mente humana é uma bela combinação de princípios substanciais e imortais; é a organização de realidades essenciais — um desenvolvimento unitário das essências mais interiores de todas as formas externas e substâncias visíveis. Daí que a mente seja o agente mais prático e real na natureza; e tudo o que existe sustém com ela uma relação, mais ou menos remota, ou uma simpatia de maior ou menor intensidade e poder.

Tão real e prática é a mente, nos seus princípios, que não pode nem inalar nem emitir qualquer falsidade absoluta, repleta de imaginações espúrias; pois cada uma das suas respirações está carregada de símiles, substâncias e correspondências, que mantêm alguma amizade distinta por todas as verdades vivas da natureza. Assim: cada romance obtém a sua vitalidade interior dos recantos escondidos da humanidade; e toda a chamada ficção é apenas uma nova disposição de ocorrências reais e cenários verídicos.

Os factos da nossa natureza comum são, por vezes, demasiado rudemente talhados para os temperamentos mais sensíveis; conseqüentemente, tais mentes tenderão a adorná-los com uma tapeçaria juvenil e espiritual. Muitos pensamentos brilhantes e

factos científicos estão assim obscurecidos, ocultos sob o manto da fábula. As vestes místicas da mitologia encerram inúmeras formas de verdade; e a fantasia mais selvagem que alguma vez percorreu o vasto horizonte da especulação humana pode, com segurança, reclamar uma relação, mais ou menos íntima, com os desenvolvimentos comuns dos tempos modernos. Daí que me sinta impelido a afirmar que todo e qualquer sistema de pensamento, toda suposição e vaticínio da mente humana — merece uma certa dose de deferência; pois, propriamente falando, não há sistema sem sugestão valiosa — nem teorias ou filosofias sem alguma essência importante de vitalidade.

Os homens lançam fantasia ou vestes sobre os factos apenas porque o princípio da sabedoria na mente está desequilibrado ou por desenvolver. Para o espiritualmente consciente, todas as realidades estão revestidas de uma divina fulgência; os acontecimentos do dia-a-dia são milagrosos. Para o verdadeiramente sábio, não há poesia, nem fábula, nem romance que seja tão belo e inspirador quanto um simples facto da natureza. Para tal mente, a rosa não precisa de cor adicional; o sol, de raios mais brilhantes; o arco-íris, de tons mais vivos; nem a violeta de um perfume mais doce; pois a mais suave exuberância de uma divindade onnipresente irradia da lâmina de erva, das pedras e das árvores serenas que vestem as paisagens que se estendem em perpétua perspectiva diante da visão.

Mas aquele cuja mente não está suficientemente desenvolvida para ver, enquanto caminha, a respiração constante da divindade viva — o espírito de Deus a emanar das formas e objetos que o rodeiam — é frequentemente tentado a converter a substância de um facto na estrutura de uma fábula vistosa; de modo que muitas verdades podem caminhar disfarçadas sob o traje da fantasia — e um vestuário fictício pode cobrir os pensamentos mais familiares. Ainda assim, há uma certa vitalidade substancial em toda a teoria ou especulação que alguma vez emergiu da mente humana. A constituição da alma não permite que ela gere erro puro ou não misturado.

Tem de haver algo de real e prático até nas mais extravagantes imaginações. A cosmogonia persa — ou filosofia da construção do mundo — encontrada nos primeiros capítulos da nossa Bíblia, não está isenta de certas tonalidades e relações com a verdade. A mitologia contém alguma verdadeira teologia; a alquimia assenta numa base química; e a astrologia depende largamente da ciência matemática e astronómica.

Platão diz: “A poesia aproxima-se mais da verdade vital do que a história.” O manto mitológico que o homem foi gradualmente lançando sobre a verdade, devido a não reconhecer a beleza intrínseca das suas realidades, ele o vai progressivamente retirando à medida que se desenvolve em sabedoria.

Assim, quando os homens forem sábios, vereis as deformidades, formas pesadas, envolvimentos complicados, ambiguidades labirínticas e sofismas oraculares com que os factos e realidades têm sido revestidos ao longo dos séculos, cuidadosamente desenrolados e removidos, e a VERDADE será vista na sua simplicidade e beleza nativas — que são o fundamento do seu poder imenso e magnificência colossal!

Podeis, portanto, preparar-vos para ver as vossas mais queridas teologias dismanteladas; os vossos erros sérios ou sagrados livre e justamente expostos; as vossas religiões e dogmas tradicionais despídos do seu traje oriental; o vosso sobrenaturalismo e milagres reduzidos a ocorrências naturais; e as vossas superstições antigas e acalentadas pesadas, analisadas e purificadas de todas as suas ligações nocivas.

Se todos os pensamentos e especulações humanas fossem devidamente despídos da roupa artificial que os envolve — tudo, consequência do estado não desenvolvido da mente humana — reconheceríamos em cada um uma certa amizade pelas suas propriedades interiores: uma simpatia pelos pequenos germes de verdade que tais pensamentos e especulações albergam. Que a civilização de uma filosofia analítica e harmónica se espalhe devidamente — tornando homens e coisas totalmente naturais, sábios e espirituais — e posso assegurar-vos que o superficial, o parcial, o incompleto e o desagradável do mundo exterior desaparecerão rapidamente.

Que esse espírito seja introduzido na alma das multidões, e todas as aparências desagradáveis — diz um escritor — porcos, aranhas, cobras, pragas, manicómios, prisões, inimigos — desaparecerão; são temporários e não mais serão vistos. A sujidade e os lixos da terra, o sol os secará e o vento os dissipará. Tal como, quando o verão vem do sul, os montes de neve se derretem, e o rosto da terra se torna verde diante dele; assim o espírito em avanço criará os seus ornamentos ao longo do seu caminho, e levará consigo a beleza que visita, e a canção que o encanta; atrairá rostos belos, corações calorosos, discursos sábios e atos heroicos em seu redor, até que o mal e a deformidade já não sejam vistos.

Em tudo isto, estou profundamente convencido de que estou a pintar um retrato do futuro do homem na terra; um período em que todos os homens serão videntes e discernidores do oculto e do belo. Tudo, nessa era, possuirá interesse e verdade; e será interrogado como algo capaz de dar resposta clara e útil. A deformidade em todas as coisas — na arte, na religião e na moral — desaparecerá em proporção ao refinamento progressivo e à harmonia da mente humana. Este resultado é matematicamente certo.

Todo o império ou templo da criação parece, à mente não desenvolvida, carecer de congruência, e jaz despedaçado — os seus pilares não sustentam peso; as suas portas abrem-se para o nada; os seus alicerces estão sepultados nas profundezas da escuridão; e as suas torres erguem-se até se perderem na imensidão — tudo isto porque o homem que assim contempla a natureza está desunido dentro de si mesmo.

Para ele, a criação é um vasto campo de batalha — sendo o espírito dominante inimigo do homem; onde simpatias estão em guerra com antipatias; onde espíritos malignos e bons contendem pelo trono supremo; onde as flores, as aves, as árvores e os riachos da natureza são desinteressantes e quase inanimados. Não vê qualquer lei universal de simpatia; nenhuma unidade nas construções da natureza; está, por assim dizer, sem Deus e sem esperança no mundo.

Na igreja, dir-se-ia de tal homem que não passou pelo: “novo nascimento.” Mas a verdadeira filosofia considerá-lo-ia uma mente não desenvolvida — alguém em quem a sabedoria ainda não desabrochou, nem amadureceu, nem floresceu; embora possa ter em sua posse um vasto capital de erudição e conhecimento tradicional. Mas a Sabedoria é o primeiro-ministro do coração — a flor da consciência interior; e, quando olha para fora, lê as radiantes lições da harmonia, tal como foram primeiro escritas no rosto da natureza, pela Divindade viva.

“Não há o mais pequeno orbe que vejas,
Que, no seu movimento, não cante como um anjo.”

O verdadeiro artista vê harmonia e beleza indizível nas formas e cores da natureza; mas o homem superficial, não vendo nem uma nem outra como realmente são, introduz na sua composição uma congruência artificial e tinge-a com as cores grotescas dos seus próprios pensamentos desarmonicos. Assim, a teologia de um homem é o legítimo fruto do seu estado mental.

A sua religião será selvagem, bárbara, patriarcal, semi-patriarcal, civilizada, republicana ou espiritual, conforme a sua educação exterior e o crescimento intrínseco da alma. Se a mente estiver bem educada na sabedoria, se as suas afeições mais profundas estiverem sintonizadas com a doce devoção de uma religião universal na natureza, então sentir-se-á relacionada com tudo — grande ou pequeno, terrestre ou celeste — com todos os factos da ciência, com cada cabeça e coração, com cada estrato montanhoso, cada pensamento e sentimento, cada lâmina de erva, cada pedra e ave, cada lei da cor, e com todas as formas de flores, animais e conchas, mesmo, que compõem a soma da existência.

É altamente essencial para a nossa felicidade e desenvolvimento que permitamos que as nossas almas cresçam dentro da religião de uma simpatia universal. Na verdade, a compreensão adequada de qualquer assunto depende, até certo ponto, da verdadeira valorização desta lei de relações imutáveis. Parece que todos os pensamentos doces e hinos devocionais alguma vez concebidos ou entoados desde as meditações de Zolena, fluíram através das afeições e entendimento de George Herbert, o poeta do século XVII, no seu poema sobre o Homem. Neste ponto, sinto-me impelido a apresentar a sua visão da natureza:

"O homem está cheio de simetria,
Cheio de proporções, um membro em relação ao outro,
E ao mundo inteiro também.
Cada parte pode chamar de irmão à mais distante;
Pois cabeça e pé têm amizade própria,
E ambos com os humores e marés.

"Nada foi tão longe,
Que o homem não o tenha capturado e guardado como presa.
Seus olhos desmontam a mais alta estrela;
Ele é, em miniatura, toda a esfera.

As ervas curam de bom grado a nossa carne, porque
Encontram lá um conhecido.

"Para nós, sopram os ventos,
A terra repousa, o céu move-se, e as fontes correm,
Nada vemos que não signifique o nosso bem,
Como leite ou como tesouro;
O todo é ou a nossa despesa de alimento,
Ou armário de prazer.

"As estrelas levam-nos à cama:
A noite puxa o cortinado; que o sol retira.
Música e luz atendem a nossa cabeça.
Todas as coisas são gentis para com a nossa carne,
Na sua descida e existência; para com a nossa mente,
Na sua ascensão e causa.

"Mais servos aguardam o homem
Do que ele notará; em cada caminho
Ele pisa aquilo que o favorece.
Quando a doença o torna pálido e abatido.
Ó amor poderoso! O homem é um mundo, e tem
Outro para o servir."

A filosofia da simpatia consiste em rastrear as relações universais até às suas fontes. O selo destas amizades naturais e infinitas é a Divindade. A sua essência celestial flui, fresca das câmaras do seu coração mais íntimo, através das miríades de veias e veínhas que formam a rede ilimitada do grande sistema nervoso da natureza. E tudo recebe alguma garantia de vida dessa fonte inesgotável. Daí que a essência divina esteja em todas as coisas, em maior ou menor grau; e o fundamento de uma simpatia universal é o reconhecimento e reciprocidade universais deste princípio supercelestial.

Quando a alma humana desenvolve os elementos mais finos da sua constituição, e sente — como questão de consciência intuitiva — esta grande lei de impregnação simpática, pela qual a Divindade anima o seu vasto edifício e torna cada átomo um ingrediente indispensável na imensa irmandade de causa e efeito, então essa mente passou pela prova do "novo nascimento", passou da morte para a vida, e a sua religião será inevitavelmente justiça e amor universais. Mas tal crescimento da alma é obra de progressão constante. Deve começar no indivíduo e expandir-se até ao todo.

Na primeira palestra deste curso, apresentei a proposição de que todos os efeitos externos são, necessariamente, manifestações exteriores de princípios internos; que todas as manifestações exteriores são os resultados finais das operações de causas invisíveis. Esta simples proposição está intimamente ligada à filosofia da simpatia, que agora investigo. Na verdade, a compreensão correta de qualquer assunto

depende muito da compreensão prévia desta proposição. Já disse que o Selo desta lei universal da simpatia É A DIVINDADE.

Mas devemos agora examinar os fundamentos das inúmeras simpatias particulares, antipatias ou relações, conforme esses efeitos se manifestam nos departamentos subordinados da natureza. Em primeiro lugar, é essencial ter sempre presente que todos os fenómenos externos dos princípios psicológicos são reproduzidos no estado simpático, com o acréscimo importante de várias manifestações superiores, naturais à mente humana.

Para apresentar este assunto adequadamente às vossas mentes, descrever-vos-ei as impressões que recebi ao contemplar pela primeira vez a superfície da Terra com os poderes da percepção espiritual. A filosofia deste modo de observação interior será devidamente explicada em palestras futuras. Segue-se um breve esboço:

Ao colocar-me em relação adequada com o operador, voltando os meus pensamentos para dentro e afastando da mente, através do exercício da vontade, as perturbações e interrupções transitórias do mundo exterior, entrei facilmente numa condição magnética elevada. Isto ocorreu na noite de 1 de Janeiro do ano de 1843. Nessa altura, e durante um período de quatro anos após, não conseguia recordar, fora desse estado, nada do que tinha visto ou dito enquanto nele me encontrava.

Mas agora, as vastas cenas irrompem na minha memória com toda a vivacidade e beleza com que foram originalmente investidas e impressas em mim. E não duvido de que faria referência a elas com mais frequência, como ilustrações, se não fosse pelo facto de que posso agora contemplar, com muito mais certeza e com mais profunda satisfação, os mesmos campos de contemplação em ligação com planos mais elevados de existência e pensamento.

Quando me sentei numa cadeira, de frente para o operador, reparei em alguns indivíduos na sala; mas, naquele momento, não fazia a mínima ideia de que se realizaria sobre mim algo que se assemelhasse a uma experiência bem-sucedida. Sabia então muito pouco sobre magnetismo humano, tendo apenas ouvido o termo ser utilizado algumas vezes, mas não conhecia o maravilhoso fenómeno da clarividência ou da segunda visão e, por isso, não tinha a mais remota concepção de tal estado psicológico.

Não obstante, o estado magnético foi completamente induzido em trinta minutos; e a minha mente, naquele momento, era incapaz de controlar o mais leve movimento muscular do corpo, ou de experimentar qualquer sensação definida, exceto uma espécie de ondulação flutuante entre o que me parecia ser ação decidida ou inércia. Era uma sensação muito estranha, mas de modo algum desagradável. Poucos minutos depois, toda essa comoção mental desapareceu; e então entrei no estado mais encantador de tranquilidade interior que se possa descrever.

Nenhuma sensação dissonante cruzava o meu espírito. Estava completamente "renascido", estando no espírito. Os meus pensamentos eram da mais pacífica natureza. Toda a minha essência estava expandida. Pensei nas alegrias da amizade

— nos prazeres indizíveis do amor universal — na doçura e felicidade das almas unidas; e, no entanto, não experimentei qualquer emoção invulgar — nem pulsação acelerada da vida, que se poderia supor ser consequência natural de tais temas prazerosos sobre a mente.

Agora, apesar da minha mente estar a meditar desta forma, não percebia ainda o mais leve raio de luz em qualquer direção; e, por isso, concluí que estava fisicamente perdido num "sono profundo", e que a minha mente se encontrava simplesmente mergulhada numa doce contemplação. Mas esta conclusão mal tinha assentado como uma forte probabilidade entre os meus pensamentos, quando percebi instantaneamente uma escuridão intensa diante de mim, aparentemente estendendo-se por centenas de milhas no espaço, e envolvendo a Terra. Gradualmente, contudo, essa massa de trevas começou a desaparecer; e, também gradualmente, a minha percepção das coisas ampliou-se.

A nossa sala, juntamente com os indivíduos nela presentes, encontrava-se toda iluminada. Cada corpo humano brilhava com muitas cores, mais ou menos intensas. A figura de cada indivíduo estava envolta numa atmosfera luminosa, que dela emanava. Essa mesma emanção estendia-se pelos braços e por todo o corpo. As unhas tinham uma esfera de luz que as rodeava; o cabelo outra; os ouvidos outra; e os olhos ainda outra. A cabeça era extremamente luminosa; as emanções espalhavam-se no ar desde dez centímetros até um metro ou mais.

A estranheza e novidade desta visão esmagaram a minha mente de espanto e admiração. Não conseguia compreendê-la. Não conseguia ter certeza de que ainda estava a viver na Terra. Parecia que a Terra, com todos os seus habitantes, tinha sido subitamente transfigurada num lugar semelhante a um elísio. Na altura, não conhecia qualquer linguagem que pudesse descrever as minhas percepções; por isso, não tentei sequer exclamar ou pronunciar palavra, mas continuei a observar com um sentimento de reverência e alegria indizível.

Poucos momentos depois, não apenas via os exteriores dos indivíduos naquela sala, revestidos de luz como estavam, mas também via, com igual facilidade, os seus interiores, e assim as fontes ocultas dessas emanções luminosas. No meu estado natural ou ordinário, nunca tinha visto os órgãos das vísceras humanas; mas agora podia ver todas as funções gástricas, o fígado, o baço, o coração, os pulmões, o cérebro, com a maior das facilidades. Todo o corpo era translúcido como uma folha de vidro! Estava investido de uma estranha e espiritual beleza. Parecia iluminado como uma cidade. Cada órgão distinto possuía vários centros de luz, envoltos por uma esfera geral peculiar a si próprio.

Não via apenas o órgão físico, mas a sua forma, aspeto e cor, ao observar as emanções peculiares que o rodeavam. Vi o coração como uma combinação geral de cores vivas, intercaladas por pontos especiais de iluminação. As aurículas e os ventrículos, juntamente com os seus orifícios, emitiam chamas distintas de luz; e o pericárdio parecia um manto de vida magnética, envolvendo e protegendo o coração no desempenho das suas funções.

A secção pulmonar estava iluminada com chamas belas, mas de diferentes magnitudes e cores. As várias câmaras de ar pareciam tantos laboratórios químicos. O fogo nelas operava mudanças químicas instantâneas no sangue que fluía através das membranas contíguas; e o grande nervo simpático, cujas raízes se estendem por todas as vísceras inferiores e cujos ramos superiores se perdem nas camadas superiores do sensorio, parecia uma coluna de vida, entrelaçada e sobreposta por um fogo prateado!

O cérebro era também muito luminoso, com cores prismáticas. Cada órgão do cerebelo e do cérebro emitia uma luz peculiar a si próprio. Conseguia discernir facilmente a forma e o tamanho do órgão pela forma e intensidade das suas emanções. Recordo-me bem de que esta visão me causou profunda admiração; mas encontrava-me tão imerso na condição magnética, e tão empobrecido em linguagem, que não manifestei abertamente qualquer deleite, nem descrevi coisa alguma do que via. Em certas zonas do cérebro menor, vi emanções cinzentas, e noutras zonas, tons mais escuros dessa cor, em muitos e variados graus de intensidade, até uma chama escura e quase negra. Nas porções superiores do cérebro maior ou superior, vi chamas que pareciam o sopro dos diamantes.

Ao princípio não compreendi a causa dessas respirações brilhantes; mas em breve percebi que eram os pensamentos dos indivíduos a respeito dos fenómenos estranhos manifestados na minha própria condição. Continuei, ainda assim, as minhas observações. Os órgãos superiores do cérebro pulsavam com um fogo suave e radiante; mas não se parecia com qualquer fogo ou chama que eu tivesse visto na Terra. Na verdade, o cérebro parecia uma coroa de brilho espiritual, decorada com crescentes cintilantes e joias flamejantes. (Aqui faço um parêntesis para comentar que aquilo que é natural ao cérebro humano nesta sua primeira etapa de existência é preservado e indescritivelmente aperfeiçoado na Terra do Espírito, para onde todos caminhamos.)

Cada cérebro parecia diferente — diferentes nas gradações, modificações e combinações das chamas e cores; mas muito belos! Do cérebro vi os diversos fluxos de vida ou de fogo a correrem pelo sistema. Os ossos pareciam muito escuros ou acastanhados; os músculos emitiam, em geral, uma luz vermelha; os nervos emanavam uma chama dourada e suave; o sangue venoso, uma luz púrpura escura; o sangue arterial, uma brilhante lâmina de fogo lívido, que me recordava constantemente os fenómenos elétricos das nuvens. Vi cada ligamento, tendão, estrutura cartilaginosa e membranosa iluminada com diferentes véus e centros magnéticos de luz viva, que indicavam a presença do princípio espiritual.

Assim, não via apenas as estruturas físicas reais em si, mas também as suas essências e elementos interiores. E sabia que os indivíduos tinham roupas sobre si, porque conseguia ver um elemento de vitalidade, mais ou menos distinto, em cada fibra de tecido que usavam. E, no entanto, tal como alguém olha, por um ato de vontade, através das bolhas num vidro, para os objetos e cenas do outro lado, assim eu podia discernir, e sem esforço consciente, todo o mistério e beleza da economia humana, e saborear a iluminação que as dez mil chamas das velas douradas da vida emprestavam a cada avenida, pilar, câmara, janela e cúpula do templo vivo.

Mas o campo da minha visão começou então a alargar-se. Via a vida da natureza, viva nos átomos das cadeiras, mesas, etc.; e via-os com muito mais satisfação quanto ao seu uso, estrutura e localização, do que alguma vez recordava no meu estado ordinário. Depois consegui perceber as paredes da casa. A princípio pareciam muito escuras; mas logo se tornaram mais claras e translúcidas; e, em breve, vi as paredes da casa contígua. Estas também imediatamente se iluminaram e desapareceram, desfazendo-se como nuvens diante da minha visão em expansão. Agora podia ver os objetos, móveis e pessoas da casa vizinha com a mesma facilidade com que via os da sala onde me encontrava.

Nesse momento ouvi a voz do operador. Perguntou-me “se o conseguia ouvir com clareza.” Respondi afirmativamente. Depois perguntou sobre os meus sentimentos, e “se conseguia discernir alguma coisa.” Respondendo de novo afirmativamente, pediu-me então que convencesse algumas pessoas presentes, “lendo o título de um livro, com as capas fechadas, atrás de quatro ou cinco outros livros.” Depois de vender cuidadosamente os meus olhos com lenços, colocou os livros alinhados na horizontal com a minha testa, e eu vi e li o título sem a menor hesitação. Este teste, e muitos outros semelhantes, foram realizados e repetidos; e a demonstração de visão independente dos órgãos físicos dos sentidos foi clara e indiscutível.

Por fim, sentindo-me algo exausto, entreguei-me a um sono mais profundo que parecia apoderar-se do meu corpo exterior; e, em breve, as minhas percepções anteriores voltaram com maior intensidade. A vila foi então instantaneamente sujeita à minha visão. Era tão fácil ver as pessoas a movimentarem-se pelas respectivas casas como nas ruas ao ar livre, e era igualmente fácil ver o seu mais íntimo ser como as luzes e sombras dos seus corpos físicos.

Mas as minhas percepções continuaram a fluir, e a aldeia com os seus habitantes desvaneceu-se.

Por um processo de interpenetração, fui colocado *en rapport* com a natureza! O espírito da natureza e o meu espírito haviam formado instantaneamente o que me pareceu ser — uma espécie de familiaridade psicológica ou simpática; o fundamento de uma comunhão elevada e eterna. O seu vasto gabinete foi-me aberto, e parecia que eu era o único visitante na feira da natureza!

As propriedades e essências das plantas eram claramente visíveis. Cada fibra da flor silvestre, ou átomo da violeta da montanha, brilhava com a sua vida peculiar. As ramificações capilares do regato — os musgos, os nervos finos da cicuta, da sapatinha-de-dama e das trepadeiras floridas — tudo estava exposto à minha visão. Via os elementos vivos e essências fluírem e movimentarem-se através destas formas simples da matéria; e, da mesma forma, vi as muitas e diversas árvores das florestas, campos e colinas, todas preenchidas com vida e vitalidade, em matizes e graus de refinamento distintos.

Parecia-me que podia ver a localização, propriedades, qualidades, utilidades e essências de cada forma e espécie de vegetação selvagem existente em qualquer parte da constituição da Terra. A beleza viva e vívida desta visão não posso sequer

hoje descrever; embora tenha, desde então, contemplado cenas muito mais belas e inefáveis.

Mas as minhas percepções continuaram a fluir! A vasta superfície da Terra, por muitas centenas de milhas diante do alcance da minha visão — (descrevendo quase um semi-círculo) — tornou-se translúcida como a água. As deposições aluviais e diluviais da terra distinguiam-se muito facilmente das estratificações mais profundas de pedra e solo, pela superior e comparativa luminosidade dos ingredientes das primeiras. A terra emitia uma cor; as pedras outra; os minerais ainda outra. Quando distingui pela primeira vez uma jazida de minerais — era uma veia de minério de ferro — lembro-me bem da sensação de susto que senti. Parecia que a Terra estava em chamas! — pois a eliminação instantânea de eletricidade da massa inteira dava o aspeto de uma fornalha subterrânea. E a minha agitação não foi menor ao perceber que esses rios de fogo mineral corriam por debaixo do oceano durante centenas de milhas, sem que uma única chama se extinguísse!

Vi em seguida inúmeras jazidas de zinco, cobre, prata, calcário e ouro; e cada uma, tal como os diferentes órgãos no corpo humano, emanava diferentes tipos de atmosferas luminosas — mais ou menos brilhantes e belas. Tudo tinha a sua própria glória! Os corpos cristalinos emitiam emanções suaves e resplandecentes. Os sais no mar cintilavam; as plantas marinhas estendiam os seus largos braços, cheios de vida hidrogenada; os vales e ravinas profundas por onde o velho oceano flui estavam povoados por inumeráveis animais saurianos, todos eles permeados e revestidos pelo espírito da natureza; e as encostas das montanhas oceânicas — bem abaixo da elevada via do comércio — pareciam literalmente cravejadas de esmeraldas, diamantes, ouro, prata, pérolas e pedras cintilantes. Ó, o oceano é um magnífico gabinete de beleza e riqueza; e sinto-me impelido a dizer que o homem ainda o há de possuir!

Voltei então o olhar sobre os campos da terra firme; e vi as várias espécies de animais que pisam o solo. A anatomia externa e a fisiologia interna do reino animal estavam igualmente abertas à minha observação. A ideia de anatomia comparativa ou relativa surgiu-me de imediato. A filosofia dos vertebrados e invertebrados, dos crustáceos e dos moluscos, fluiu com naturalidade para o meu entendimento; e vi os cérebros, as vísceras e toda a anatomia dos animais que, naquele momento, dormiam ou vagueavam pelas florestas do hemisfério oriental, a centenas e milhares de quilómetros da sala onde eu fazia estas observações!

Não se deve esperar que relate, nesta ocasião, sequer uma trecentésima parte dos pormenores da minha primeira introdução à percepção espiritual da natureza. No máximo, posso dar-vos um esboço grosseiro, pois as palavras não cumprem esse propósito; parecem-me prisões de pedra escuras, nas quais frequentemente encarceramos à força os nossos pensamentos mais elevados!

Na visão acima descrita, vi tudo tal como vós vereis as formas e os objetos, com os olhos ou sentidos penetrantes do espírito, depois de passardes deste corpo com a morte física. Era belíssimo ver tudo revestido de uma atmosfera! Cada grão de sal ou areia; cada planta, flor e erva; cada gavinha das árvores mais altas — as suas

folhas maiores e as mais diminutas; as formas minerais e animais existentes nos campos diante de mim, estavam todas, sem exceção, revestidas de uma atmosfera castanha, cinzenta, vermelha, azul, verde, amarela ou branca — dividida e subdividida numa variedade quase infinita de graus de intensidade, brilho e refinamento.

E em cada mineral, vegetal e animal, via algo do homem! Com efeito, todo o sistema da criação parecia-me como fragmentos de seres humanos. No castor, vi uma faculdade da mente humana; na formiga, outra; no lobo, outra; no cavalo, outra; no leão, outra; e assim, por toda a massa dos círculos concêntricos e progressivamente espiralados da vida mineral, vegetal e animal, conseguia discernir certas relações com o homem, e indícios do próprio homem. Se então tivesse posse da linguagem, poderia ter exclamado com verdade, nas palavras do poeta-salmista:

"As ervas curam de bom grado a nossa carne, porque
Encontram ali um conhecido.
Todas as coisas para com a nossa carne são gentis."

Compreendido neste elevado sentido, quão instrutiva e apropriada era a visão de Pedro — (relatada no capítulo décimo dos *Atos dos Apóstolos*) — em que viu um grande lençol branco descido do céu, contendo todo o tipo de animais de quatro patas, répteis, etc., e foi-lhe dito para matar e comer! Tudo isto dizia, simplesmente: — “Pedro, não debes sentir-te demasiado exclusivo, demasiado parcial, demasiado aristocrata, altivo e acima do mais humilde dos teus semelhantes, nem mesmo acima do pequeno verme que rasteja sob os teus pés, pois vê que estás relacionado com todo animal e ser rastejante que o Senhor criou; reconhece, portanto, as tuas relações e simpatias universais, e sê gentil e tolerante para com tudo o que vive.”

Agora, vejo que muitos ainda precisam da lição de Pedro. Tal como ele, afastam-se deste novo método de traçar a sua genealogia e origens ancestrais; e dizem que não estão habituados a “comer coisas impuras”; mas percebo que o tempo se aproxima rapidamente em que a humanidade sentirá a sua unidade com a natureza, e com o Deus da natureza, para a total aniquilação de toda a mesquinhez e superficialidade vã.

Na minha visão, lembro-me bem de como contemplei as pequenas plantas dos campos, e vi ao redor de cada uma atmosfera de vida peculiar a si mesma. Esta emanção, em torno de certas espécies de vegetação, media entre dez centímetros e dois metros e meio de diâmetro. Alguns animais emanavam uma esfera de três ou quatro pés de espessura, e além disso, um ar muito fino e subtil — por mais alguns metros, dissipando-se no espaço circundante.

De tudo isto, a grande lei da simpatia era claramente visível. Vi que tudo na natureza estava disposto e situado em conformidade com esta grande lei geral; e por ela, todas as verdadeiras relações simpáticas são estabelecidas e reciprocamente mantidas. As posições relativas dos corpos minerais no seio da terra; a localização das árvores, da vegetação, dos animais e dos seres humanos; sim, até mesmo as

posições relativas do sol e das estrelas, eram manifestamente conduzidas por esta simpatia universal.

Vi os diferentes corpos cristalinos na terra atuarem uns sobre os outros e, indiretamente, sobre as substâncias sólidas a que estavam ligados, através de uma generosa mistura das suas emanções magnéticas. Vi as flores exalarem os seus perfumes, com os quais se revestiam, e depois formarem ligações com as flores vizinhas, respirando sobre elas, segundo uma fusão espontânea de esferas — o doce sopro da sua vida. Não havia gota de orvalho, encerrada nas pétalas da rosa, que não cintilasse com uma essência viva — profética de vida iminente.

Vi correntes de eletricidade a fluir de uma jazida mineral numa parte da terra para o seu vizinho afim, mas de polaridade positiva, noutra zona desse hemisfério. E vi as pequenas chamas, provenientes das essências das plantas e árvores, elevarem-se para as correntes em movimento, sendo imediatamente absorvidas e levadas para destinos mais apropriados e distantes. A linguagem não consegue descrever esta cena. Toda a natureza estava radiante com luzes incontáveis, atmosferas, cores, respirações e emanções — tudo pulsando com uma essência de vida interior, que parecia pronta a graduar-se e saltar para a constituição espiritual do ser humano!

Tudo tendia para o homem; tudo, aparentemente, aspirava a ser homem! Já não conseguia suportar tamanha felicidade; sentia-me incapaz de manter uma sensação tranquila; as minhas emoções tinham-se tornado tão profundas e indizíveis! No entanto, ansiava por companhia. Foi então que tomei consciência de que contemplava toda esta magnificência — sozinho! Este pensamento fez-me sentir isolado e incapaz de conservar a recordação de tudo quanto havia testemunhado. Comecei a pensar na aldeia — na sala onde me tinha sentado para uma experiência — nas pessoas que tinha visto na sala, e no operador. E imediatamente a minha visão começou a reduzir-se. Os continentes distantes, os oceanos, campos, colinas, florestas — tudo desapareceu gradualmente.

As luzes ficaram para trás! Agora podia ver, como antes, a condição interior dos que se encontravam na sala, e o operador; que me falou e perguntou se eu tinha “algo a dizer.” Esforcei-me por descrever o que relatei agora — pela primeira vez. Lembro-me de como lutei por encontrar palavras, e quando já estava prestes a desistir de tentar pronunciar qualquer coisa, exclamei, com voz baixa e trémula: — “Quão belo!” Ouvi as minhas próprias palavras, e nunca senti tão intensamente a total inexpressividade e impotência da linguagem humana. Naquele momento, nada mais disse nem vi. Poucos instantes depois, senti a mão do operador a passar pela minha cabeça; e por esse gesto fui em breve despertado ao meu estado ordinário, sem reter uma única ideia do que tinha visto — viva na minha memória exterior. Portanto, tudo o que acabei de vos relatar é um renascimento das primeiras impressões deixadas na minha mente.

Pelo que foi dito acerca da filosofia da simpatia, creio que estareis algo preparados para todos os fenómenos mentais que resultam das operações positivas e negativas — ou psicológicas — desta lei simpática na natureza. Sinto-me impelido a

apresentar-vos evidência e filosofia suficientes, como fundamento para todos os vossos raciocínios futuros sobre os temas em investigação.

Podereis agora perceber, penso eu, que o mesmo princípio que, no homem, é denominado magnético, também existe, em certos graus e estados de modificação, nos reinos mineral, vegetal e animal. É necessário que cada princípio seja primeiro compreendido na sua aplicação científica, porque (como disse anteriormente) toda a verdadeira verdade moral e espiritual deve repousar, na mente, sobre um vasto subsolo de conhecimento científico e filosófico; caso contrário, a mente poderá possuir verdades elevadas, mas não conseguirá aplicá-las com sucesso ao bem-estar próprio ou da humanidade.

A filosofia da influência simpática, quando compreendida, é visível e aplicável em toda a parte. Por exemplo — “a macieira,” diz um escritor — “plantada na floresta, torna-se rapidamente bravia e nodosa, como que por simpatia com a vegetação selvagem que a rodeia constantemente; ao passo que, por outro lado, a vegetação selvagem, introduzida no convívio daquela que foi refinada pela cultura, muda depressa de aspeto, de tal modo que a diferença não pode ser explicada apenas pela qualidade do solo.”

Ainda mais: quantas vezes, ao encontrarmos uma pessoa pela primeira vez, sentimos, mesmo antes de trocarmos palavras, uma atração inexplicável — que não se pode justificar por nenhum processo externo? Pelo contrário, quantas vezes, ao entrarmos na presença de alguém, sentimos um “algo” indescritível nessa pessoa que nos desagrada, mesmo não tendo dúvidas quanto à integridade do seu carácter?

É tão comum que dois associados afins tenham, ao mesmo tempo, os seus pensamentos impressionados pela mesma ideia! Em certos estados impressionáveis da mente, quão distintamente algumas pessoas conseguem sentir a aproximação de um acontecimento ou de um indivíduo! A esposa de um pastor no Maine contou que seu pai, deitado no leito de morte, teve uma impressão clara da chegada do seu filho, que morava longe, embora nenhum dos familiares esperasse por ele. Quando mencionou que o filho estava a chegar, e já perto de casa, todos pensaram que delirava; mas poucos minutos depois o filho entrou no quarto!

Há inúmeros casos registados na história da medicina, em que indivíduos, longamente acometidos por febres, experimentando como consequência uma extrema acuidade nervosa e exaltação preternatural das sensibilidades, tornaram-se capazes de dizer, apenas pelas suas sensações, o que outras pessoas próximas estavam a fazer, ou mesmo a dizer — sem qualquer uso da visão ou audição física.

É digno de nota como o jejum e a oração, combinados com a ação fervorosa das faculdades religiosas do pensamento, caracterizavam os hábitos de muitos dos primeiros profetas. Tudo isto está na base de muitas manifestações de clarividência e fenómenos mentais, que hoje atraem a atenção de uma grande parte do mundo civilizado.

Ao estabelecer este alicerce para uma futura exposição — e para que factos e experiências posteriores possam repousar com segurança — confio em ter também contribuído para ampliar as vossas concepções da natureza e alargar as vossas simpatias para com tudo o que respira sobre a terra.

PALESTRA XI

SOBRE AS MANIFESTAÇÕES EXTERNAS DO ESTADO SIMPÁTICO

No discurso anterior demonstrou-se, sob várias formas, que toda a natureza está interligada numa irmandade de relações harmoniosas, por uma cadeia concêntrica de simpatias ou afinidades, cujo Coração e Cabeça é a Divindade. E demonstrou-se também que tudo, no vasto domínio da existência terrestre e celeste, é permeado por uma atmosfera de vida e beleza; que cada brisa de erva, cada fibra de madeira, cada átomo de terra e pedra, e cada órgão e partícula do corpo humano, está envolto numa emanção peculiar a si próprio. Com o intuito de familiarizar e simplificar esta filosofia às vossas mentes, sinto-me impellido a designar esta essência etérea universal de simpatia como MAGNETISMO.

Tudo possui a sua própria atmosfera magnética; o seu próprio meio de relação simpática. E o Homem, de forma particular e preeminente, possui esta esfera da mente, por assim dizer, constantemente a rodear o corpo; esfera essa que pode ser negativa ou positiva, atrativa ou repulsiva, grosseira ou refinada, passiva ou ativa, e de menor ou maior magnitude, conforme o seu grau de refinamento geral e desenvolvimento intrínseco da mente. Esta atmosfera que rodeia o homem não pode ser detetada pelos órgãos sensoriais materiais; mas, para os sentidos espirituais da alma, ela é bem visível, e as suas manifestações são-vos familiares. Acontece frequentemente que, quando uma pessoa se aproxima de outra, mesmo a grande distância, esta última começa a pensar e a falar dela muito antes de a ver chegar.

Um clérigo relata "que a sua sogra, a Sra. P. — residente em Providence, Rhode Island — teve uma consciência nítida da aproximação do marido aquando do seu regresso do mar, embora não tivesse qualquer outra razão para esperar a sua chegada naquela altura. Essa impressão começou várias horas antes de ele aparecer, e ela preparou-se devidamente para o receber. Soube no exato momento em que ele pousou a mão na aldraba da porta, tendo-se levantado da cadeira e avançado para o saudar antes que ele entrasse."

É absolutamente impossível explicar tal facto com base noutra teoria que não a desta filosofia das emanções simpáticas. Ela sentiu a aproximação do marido pelo mesmo princípio através do qual conseguimos detetar o odor das plantas antes de as vermos ou tocarmos, simplesmente por entrarmos na sua atmosfera. Se mantiverdes este princípio das simpatias magnéticas claramente presente no vosso entendimento, poderei então fornecer-vos uma explicação simples e verídica do chamado estado magnético.

Quando há um exercício pleno e ininterrupto de todos os órgãos e poderes do corpo; quando existe harmonia entre todas as funções vitais em todo o sistema físico; quando todas as partes estão em perfeita união e amizade; então, posso afirmar que o corpo está devidamente e completamente MAGNETIZADO. Ou seja, os equilíbrios das forças positivas e negativas não estão perturbados, a organização está em perfeita concordância consigo mesma; e o indivíduo não se encontra, nem física nem mentalmente, sob qualquer forma de subjugação ou cativeiro.

Agora, se desejais induzir o estado desmagnetizado — colocar o homem físico em sujeição à mente — então deveis, de alguma forma, perturbar e ultrapassar o equilíbrio geral; extrair ou transferir o poder positivo do organismo físico por meio de um poder ainda mais positivo; e assim produzir-se-á o estado de inconsciência conhecido como o sono magnético. Este estado não contradiz, confunde, nem subverte de modo algum as leis estabelecidas da natureza; pelo contrário, esta condição deve ser entendida como um progresso e desenvolvimento posterior das leis que regem os seres orgânicos.

No verdadeiro estado magnético, o sujeito é o membro negativo ou passivo, e o operador é o positivo ou ativo, de um mesmo corpo; trazendo assim os princípios positivos e negativos que controlam um sistema em todas as suas partes para uma completa harmonia com as leis correspondentes noutro sistema; consequentemente, durante esse período, o sujeito e o operador constituem, no que toca ao corpo, um mesmo indivíduo.

Mas perguntemos — Como pode o estado de inconsciência ser produzido? Pela proximidade entre duas pessoas, o poder positivo será superado no organismo negativo, sendo extraído ou transferido.

O que é o poder positivo? É o meio magnético da sensação que permeia o sistema nervoso e envolve todo o corpo.

Que relação mantém esta atmosfera magnética com a alma ou mente? É uma emanção da mente — uma espécie de radiação proveniente das essências mais interiores da constituição espiritual — como a luz e o calor que emanam da constituição material do sol.

Quando o verdadeiro estado magnético é induzido artificialmente, onde existe esta “esfera”?

É parcialmente retirada do organismo do sujeito, e parcialmente transferida para as superfícies mucosas dos seus órgãos vitais, bem como para os nervos e músculos. As forças negativas permanecem; mas o poder positivo é desviado ou para as faculdades mentais do sujeito, ou para a atmosfera magnética externa que rodeia o operador.

Qual é a consequência que sucede a este resultado?

A consequência é esta: o sujeito já não é suscetível a impressões externas ou a perturbações alheias, porque o fluido que o ligava, no seu estado comum, ao mundo

exterior, foi agora transmitido e dissipado de todas as superfícies do corpo. Em suma, o seu sistema está perfeitamente desmagnetizado — restando a sensação e a consciência apenas nas superfícies internas ou mucosas; sendo estas as potências sensoriais que continuam os processos vitais; funções essas que, todavia, se tornam dormentes e débeis conforme a ausência daquele volume e equilíbrio de poder que as controlava vigorosamente no estado comum ou rudimentar.

O paciente encontra-se assim num estado de inconsciência, no que diz respeito aos objetos e influências imediatas do mundo exterior. Qual é o termo mais adequado para designar este estado, distinguindo-o de outras condições mentais ou magnéticas? Sinto-me inclinado a considerar este fenómeno como o Estado Psico-Simpático.

Porquê? Porque o Sujeito está temporariamente fundido numa unidade simpática com o operador.

Como pode este fenómeno ser explicado? Recordando que o Sujeito é negativo; o Operador é positivo. Logo, ambos formam UM sistema em simpatia e poder. Este estado é o resultado de uma perturbação e cativoiro do equilíbrio de duas forças, que existem universalmente em todos os corpos orgânicos, como agentes indispensáveis do movimento e da consciência.

Como pode o operador perturbar este equilíbrio orgânico das forças?

Estabelecendo contacto imediato com a atmosfera do paciente. Contudo, o contacto físico ou pessoal não é sempre necessário. É através da ação desta esfera fluídica invisível que o estado magnético é produzido. O operador está determinado — resolvido — a captar a atenção do seu sujeito e a induzir o sono inconsciente. Todos os poderes da mente estão, portanto, concentrados na realização deste objetivo.

Ao exercer a sua VONTADE de forma poderosa nesse sentido, o elemento magnético passa das baterias do seu próprio cérebro, ao longo dos nervos e músculos do seu corpo, para as partes correspondentes do corpo do Sujeito, estabelecendo assim uma cadeia de simpatia. Um fica completamente sob o controlo do outro, segundo o mesmo princípio pelo qual a vossa mão é inteiramente controlada pelo vosso cérebro ou vontade.*

O cérebro é composto por uma substância sensível e complexa de fibras, à qual nenhuma outra parte do corpo é análoga. Sendo sensível, é atrativo ou positivo para tudo o que existe no meio nervoso: por isso, recebe impressões de forma irresistível. Possui em si os polos positivo e negativo, ou partes maiores e menores: um controla, o outro é controlado; um recebe poder, o outro transmite e exerce poder. A substância etérea que serve como meio pode ser denominada Magnetismo. O movimento muscular do sistema realiza-se através do meio de uma substância que pode ser chamada Eletricidade.

Quando há um exercício pleno e ininterrupto de todos os poderes e órgãos do corpo; quando existe harmonia em todo o sistema físico, há saúde perfeita e bem-estar;

porque as suas forças (positiva e negativa, ou magnética e elétrica) desempenham regularmente as suas funções: o que indica uma condição perfeita do meio magnético ou nervoso. No entanto, quando o corpo se desorganiza em alguma das suas diversas partes, tal acontece por perda do poder positivo ou negativo que produz a sua saúde e ação harmoniosa. Mas quando todas as partes se encontram em perfeita união e harmonia, então o sistema está completamente magnetizado.

Para o desmagnetizar, é necessário, de alguma forma, perturbar o equilíbrio e extrair o poder positivo através de um poder ainda mais positivo; e isso produzirá o estado inconsciente denominado magnético. O meio, como anteriormente explicado, existe entre todos os seres orgânicos.

* Ver *Princípios da Natureza. As Suas Revelações Divinas*, p. 32.

O magnetismo compõe a esfera — ou melhor, a atmosfera — pela qual cada pessoa está individualmente rodeada. E além disso, existe um meio que se estende por todas as coisas, colocando o homem acima da criação animal inferior. Pois os animais estão sujeitos ao controlo do homem pelo poder positivo ou subjugador que este possui; e recebem isso nas suas mentes através do mesmo meio que liga um órgão ao cérebro. Sendo o homem positivo, e tudo o resto negativo, este último deve ceder ao seu controlo.

A natureza é sempre coerente nas suas operações; daí que uma coisa possua uma simpatia — uma correspondência ou analogia — mais ou menos íntima, por todas as outras coisas existentes.

Se depositardes uma barra de ferro na terra — orientada a norte e sul — o magnetismo da atmosfera invisível tomará totalmente posse dessa barra, levando-a a uma catividade simpática, tornando-a fortemente positiva para certos elementos e átomos, e igualmente negativa para outros.

Se realizardes três passes descendentes com um íman em forma de ferradura sobre um pedaço adequado de aço, este tornar-se-á completamente simpático ao íman, e unir-se-á a ele no forte abraço de uma afeição invisível; mas, ao realizar passes no sentido inverso com o mesmo íman sobre o mesmo pedaço de aço, este perderá imediatamente toda a simpatia para com o íman, e deixará de haver qualquer atração visível entre ambos. Isto representa, e corresponde inteiramente, às manipulações e fenómenos consequentes que ocorrem entre o operador e o seu paciente.

Mas pode ser colocada a questão: não é o estado psico-simpático idêntico ao estado clarividente ou espiritual? Não. Este estado é frequentemente confundido com a clarividência independente; no entanto, é bastante inferior à condição superior.

No estado simpático, o paciente vê, ouve, cheira, saboreia, sente e descreve tudo o que o operador imagina ou experiencia; ou então, o paciente obtém as suas impressões das mentes de outras pessoas que possam ser positivas, ou das recordações e inclinações educativas da sua própria mente. Tais sujeitos descrevem invariavelmente doenças, locais, personagens e paisagens de

acordo com as impressões do indivíduo — ou combinação de indivíduos — com quem se encontram em relação ou ligação simpática naquele momento.

Isto tem sido demasiadas vezes confundido com a clarividência perfeita. E tal ocorre com igual frequência entre os crentes e defensores desta ciência sublime como entre qualquer outro grupo de indivíduos — resultando sempre em grande confusão entre os seus amigos, e em muito ceticismo entre aqueles que conhecem ainda menos as belezas e realidades da sua filosofia geral.

Por agora, deixo este ramo do tema, e passo a considerar alguns dos fenómenos que naturalmente fluem do estado psico-simpático puro.

Numerosos exemplos bem documentados do que me sinto inclinado a denominar impressões simpáticas, podem ser recolhidos das experiências de todas as nações em todas as épocas da história humana. Essas impressões podem ser exercidas sobre a mente de pessoas muito suscetíveis a partir de três fontes gerais:

Primeiro, pela ação simpática da mente sobre a mente; Segundo, pelas emanções simpáticas de várias e diversas coisas do mundo material que atuam sobre a mente impressionável; Terceiro, pela ação simpática de espíritos que já abandonaram o corpo material, mas que se aproximam e impressionam o espírito do indivíduo sensível neste mundo.

Dizia-se do profeta Eliseu que ele era capaz de dizer ao rei de Israel as palavras que o rei da Síria — com quem estava em guerra — proferia no seu quarto. Ora, isto poderia ser facilmente conseguido se Eliseu se colocasse em ligação simpática com a mente do rei da Síria. Ocorrências deste tipo encontram-se nos registos sagrados de todas as nações ditas pagãs. Pela observação interior, descubro indícios de psico-simpatia nas tábuas hieroglíficas do Egito e da América Central.

Entre todos os povos, estas impressões e poderes interiores, pelos quais algumas pessoas podiam descrever cenários distantes e profetizar com exatidão diversos acontecimentos futuros, foram tidos como dádivas ou privilégios diretos, especialmente concedidos por Deus.

De facto, nas épocas mais rudimentares do mundo, seria muito difícil encontrar qualquer fenómeno psicológico desta natureza peculiar que estivesse livre das nuvens e ornamentos da superstição.

Na história romana, grega e egípcia, encontro registos destes feitos maravilhosos da mente humana, sempre associados àquela reverência religiosa ou supersticiosa que caracteriza todos os registos semelhantes entre os judeus.

Nos escritos hebraicos — nos textos aceites de Moisés, Josué, Isaías e Paulo — podem encontrar muitas afirmações dos próprios autores, dizendo que foram influenciados por visitantes espirituais para irem a determinados locais ou fazerem certas coisas; tudo isto foi relatado com honestidade e reverência, sendo atribuído às diretrizes diretas de Jeová.

Mas esta não é uma era supersticiosa!

Hoje podemos ler e testemunhar estas maravilhosas manifestações de poder psicológico e de simpatia espiritual com seres angélicos, sem cairmos fanaticamente na conclusão supersticiosa de que tudo é realizado por instigação específica do Ser Supremo. Podemos ver estas coisas com compreensão; e, por isso, é ainda mais agradável ler esses antigos registos sagrados. E, embora devamos reconhecer o peso da superstição e do fanatismo dos seus autores, colhemos deles inúmeros e belos exemplos de manifestações mentais e espirituais.

Não se pode negar com sucesso que muitos fenómenos registados na História Primitiva são idênticos às manifestações psicológicas simpáticas que têm sido exibidas em todas as épocas por todas as pessoas impressionáveis que entregaram as suas mentes ao fogo-fátuo do entusiasmo religioso.

Uma fantasia estranha, surgindo num só indivíduo, espalhar-se-á quase inevitavelmente e de forma irresistível a centenas e milhares, de tal forma que cinco mil pessoas poderiam ser batizadas (pelo menos nas chamadas de um entusiasmo religioso incontável) num só dia. Tais mentes, embora pensem que veem o céu e o inferno, e que veem espíritos malignos e sinais maravilhosos, na verdade não veem nada.

O seu estado de êxtase é induzido pela ação de influências externas — provocado pela contaminação simpática originada na influência predominante que as rodeia, e por isso veem, ouvem e descrevem nas suas imaginações precisamente tais pessoas, vozes e cenários como a maioria considera reais.

Provavelmente já ouvistes falar da infeção religiosa ou epidemia que surgiu em 1688, no Delfinado (Dauphiné), em França; que se espalhou, tal como o cólera asiático, tão rapidamente que cinco ou seis centenas de cristãos protestantes se declararam profetas de Jeová, inspirados pelo Espírito Santo! Esta epidemia logo se estendeu a vários milhares de pessoas de ambos os sexos — todos professando, da mesma maneira, serem divinamente inspirados.

Os fenómenos psicológicos que esses fanáticos exibiram foram precisamente análogos às estranhas manifestações de excitação mental e simpatia que ocorrem entre monges e freiras católicos, entre fanáticos judeus, e entre mórmones, shakers e metodistas deste século.

Os profetas franceses — relata um historiador — "tinham ataques estranhos, que se apoderavam deles com tremores e desmaios, como num desfalecimento, levando-os a estender braços e pernas e a cambalear várias vezes antes de caírem por terra. Permaneciam algum tempo em transe e, ao saírem deles com sobressaltos, pronunciavam tudo o que lhes vinha à boca. Diziam ver os céus abertos — viam anjos, e o paraíso, e o inferno. Aqueles que estavam prestes a receber o espírito da profecia caíam ao chão, não só nas assembleias, mas também nos campos e nas suas próprias casas."

Ora, o que desejo que compreendais é o seguinte: tudo o que foi descrito acima não se assemelha em nada ao estado calmo e harmonioso da clarividência independente, exceto talvez na condição parcialmente fria e inerte do corpo físico; e infelizmente, para o bem daqueles que praticamente nada sabem da nossa gloriosa filosofia, existem, ainda hoje, muito poucos casos de clarividência real e perfeita desenvolvida.

Alguns dos profetas judeus encontravam-se frequentemente nesse estado psico-simpático, já antes referido, no qual recebiam muitas visões e impressões poderosas. Os exemplos mais notáveis encontram-se nos registos atribuídos a Ezequiel e Daniel, os profetas judeus. As visões relatadas por Ezequiel geralmente começam com expressões como: — “A mão do Senhor estava sobre mim” — “os céus foram abertos”, etc.; o que demonstra, de forma clara, que qualquer ocorrência mental extraordinária era, naquela era obscurecida da humanidade, atribuída à intervenção sobrenatural do Grande Jeová, ou à ação direta do Senhor.

Existe uma ilustração muito clara do estado simpático de Ezequiel, induzido pela poderosa ação da sua própria mente, assistida, possivelmente, pela influência de um ser espiritual — o seu anjo da guarda — vindo do mundo dos espíritos. Refiro-me à significativa imagem impressa na sua mente na visão do vale de ossos secos. Este relato é introduzido — no capítulo trigésimo sétimo — com estas expressões:

“A mão do Senhor estava sobre mim, e ele me levou em espírito do Senhor, e me colocou no meio de um vale cheio de ossos”, etc.

Ora, é certamente razoável acreditar que Ezequiel estava, como hoje estão várias pessoas, acompanhado e influenciado, durante momentos particulares de suscetibilidade e exaltação mental, por um visitador espiritual ou anjo da guarda.

Observai, por exemplo, os relatos extraordinários e as visões de DANIEL, particularmente nas últimas partes do seu registo. Ele afirma que muitas das suas impressões lhe foram transmitidas enquanto se encontrava num “sono profundo”, com o corpo num estado de insensibilidade parcial.

No capítulo décimo, descreve com entusiasmo o seu anjo da guarda, “cujo rosto era como o brilho da luz”, e então declara — no versículo sétimo:

“E eu, Daniel, sozinho vi a visão; pois os homens que estavam comigo não viram a visão; mas caiu sobre eles grande temor, e fugiram para se esconderem.”

Ora, estou impressionado com a ideia de que esses homens teriam visto tanto quanto Daniel, se tivessem estado tão suscetíveis quanto ele, naquele momento, à contaminação da simpatia psicológica. O “temor” foi a agitação provocada neles pelos estranhos movimentos exibidos por Daniel; que assim continua o seu relato:

“Assim, fiquei eu só, e vi esta grande visão, e não ficou força em mim; e a minha formosura se tornou em mim em corrupção, e não retive força alguma. Contudo ouvi a voz das palavras; e, ouvindo-a, caí num sono profundo, com o rosto em terra.”

Percebereis facilmente que isto é uma descrição bastante clara do estado magnético, induzido principalmente pela sua própria mente, um estado que é hoje um fenómeno comum entre os homens.

Durante muito tempo se supôs — e ainda se prega a partir de púlpitos modernos — que o poder da profecia verídica, tão frequentemente exibido nas ações dos profetas hebreus e autores bíblicos, constitui uma prova conclusiva de que essas mentes eram guiadas pelo Senhor.

Assim, JOÃO, o alegado autor do APOCALIPSE, afirma que se encontrava “em espírito no dia do Senhor”, e que recebeu muitas visões e instruções relativas a coisas que “brevemente haviam de acontecer”, e também sobre o “novo céu e a nova terra”, e muitos aspetos relacionados com o seu estabelecimento final.

No Antigo Testamento, é dito existirem muitas profecias verídicas sobre a vinda de JESUS, nenhuma das quais — também se afirma — poderia ter sido proferida, a não ser que o próprio Senhor tivesse posto as palavras nas bocas dos santos profetas. Mas estou distintamente impressionado de que o Senhor nada teve a ver com essas profecias; pois, em certas condições da alma humana, o poder de vaticínio simpático é tão natural e tão fácil como a inspiração do ar nos pulmões.

Por exemplo: Tácito, o conhecido historiador da Antiguidade, possuía este poder de previsão ou de sagacidade intuitiva — como tem sido chamado — tão bem desenvolvido, que anteviu claramente as calamidades gerais que desolariam a Europa com a queda do Império Romano; tudo o que ele previu e registou num livro escrito quinhentos anos antes das suas profecias se cumprirem!

É seguramente tão razoável acreditar na inspiração miraculosa de Tácito como na de Moisés, Daniel ou João. Lord Falkland, por exemplo, anteviu o carácter e o percurso de Cromwell:

“Este homem grosseiro e sem promessas” — disse sua senhoria, apontando para Cromwell — “será o primeiro homem do reino, se a nação entrar em guerra.”

SOLON — o legislador ateniense — contemplando o porto e a cidadela de Muníquias, exclamou assim:

“Quão cego é o homem em relação ao futuro! Oh, se os atenienses pudessem prever os males que hão de causar, comeriam o mal com os próprios dentes para se livrarem dele.”

Ora, é de recordar que, mais de duzentos anos após Solon ter partido para a Terra dos Espíritos, esta simples previsão se cumpriu à letra!

Há inúmeros casos de sonhos proféticos, de acordo com as leis da simpatia psicológica que tenho vindo a explicar-vos ao longo do tempo: ou seja, a mente, estando em simpatia com certo curso de acontecimentos, perceberá intuitivamente, sentirá ou preverá algum evento específico que resultará da revolução e do progresso

desses acontecimentos — não infalivelmente, mas frequentemente com uma confiança e precisão que parecem sobrenaturais.

Isto acontece especialmente com muitas mulheres, cujos temperamentos finíssimos as tornam altamente suscetíveis a sonhos simpáticos, que são perfeitamente idênticos à inspiração profética. Já vos dei diversos exemplos deste facto; mas aqui está outro: —

O assassinato do Sr. Adams, em Nova Iorque, há alguns anos, cometido por J. C. Colt, foi antecipado pela esposa do Sr. Adams, antes de este ocorrer. Dois dias antes do desaparecimento do marido, ela sonhou, duas vezes, que ele era assassinado, e que via o seu corpo cortado em pedaços e empacotado numa caixa!

Os sonhos causaram-lhe grande aflição, devido à sua intensidade e vividez; chegou a ir contar os sonhos à mãe, mas não o fez por receio de ser ridicularizada pela sua imaginação.

O que se percebe a partir deste exemplo é que a “profecia verdadeira”, o “dom de profecia”, como Paulo o exprime, é perfeitamente natural a certas organizações e temperamentos mentais peculiares.

Assim, todas as alegadas provas de inspiração miraculosa, baseadas nestas manifestações psico-simpáticas da mente humana, são completamente destituídas de valor; e não existe outro tipo de profecia senão esta — excetuando-se o traçar de certos eventos futuros por meio de um processo matemático ou dedutivo de raciocínio, como ilustrado pelas ocasionais inferências certas baseadas na astrologia, e pela sempre precisa previsão dos eclipses do Sol ou da Lua feita por astrónomos competentes.

Chego, assim, às conclusões expostas na *Divina Revelação da Natureza*, sobre os princípios da profecia — a saber:

Para profetizar ou prever com verdade um acontecimento, a pessoa deve estar em comunhão com o desígnio original do Criador Divino, e com as leis que cumprem esse desígnio. A mente, ao apreender corretamente essas leis, adquire a capacidade de prever ocorrências ao longo de toda a eternidade. Não pode haver profecia verdadeira sem que as leis que realizam o desígnio sejam compreendidas familiarmente por quem profetiza.

É impossível prever um acontecimento com certeza absoluta com base nas indicações de qualquer evento ou circunstância exterior. Nunca tal foi feito, nem pode ser feito por qualquer ser no Universo.

Todos os acontecimentos verdadeiramente previstos ocorrem como resultado de leis imutáveis, e não de quaisquer circunstâncias efémeras e transitórias. Prever com certeza uma guerra, um acidente ou qualquer circunstância incidental é positivamente impossível; pois não está no poder de nenhum princípio interno ou geral antecipar à mente um mero acontecimento ocasional.

Somente com base em princípios interiores se pode fazer uma profecia com absoluta certeza do seu cumprimento; e, portanto, se fosse possível que esses princípios antecipassem circunstâncias externas e incidentais, então poder-se-ia confiar em profecias acerca disso.

Mas como isso não faz parte da natureza dos princípios gerais, e está além do poder de influência individual, é impossível para qualquer ser, seja neste mundo ou noutros planos, proclamar com certeza absoluta as circunstâncias particulares de um evento.

Estamos agora a ascender na escala da filosofia da mente. O tema é o homem. Ele é a fonte de muito do que nos confunde e deprime; e, no entanto, capta a nossa atenção e dá vitalidade a todas as nossas investigações. Mas não devemos introduzir a superstição na nossa análise.

É certo que não podemos negar o espírito de profecia a nenhum homem; mas devemos rejeitar tudo o que revele excitação ou sobrenaturalismo. Na realidade, não existe nada de sobrenatural; tudo é regido por leis imutáveis. A erva cresce, os oceanos fluem, os planetas giram, os pássaros cantam, e os homens pensam e profetizam — tudo em conformidade com um sistema inalterável de causa e efeito; nada há que possa abalar a inefável majestade desta Verdade Eterna!

PALESTRA XII

SOBRE AS PROVAS HISTÓRICAS DO ESTADO PSICO-SIMPÁTICO

No discurso anterior, apresentei-vos a filosofia do estado psico-simpático, e concluí com várias ilustrações da ação natural da mente quando se encontra nessa condição.

A transmissão invisível de pensamento e sensação de uma mente para outra é, em si mesma, um mistério profundamente interessante e profundo — especialmente para aqueles que nunca se permitiram contemplar assuntos espirituais ou metafísicos. Já ouvistes dizer:

“Convince-me de que uma mente pode transferir os seus pensamentos, por um ato de vontade, para outra mente, e confessarei que tal fenómeno é tão maravilhoso e misterioso como a clarividência.”

Outro dirá:

“Consigo acreditar facilmente no que se chama vulgarmente ‘Magnetismo Animal’, mas não posso aceitar a clarividência.”

Mas, meus amigos, o que significa esta afirmação? Devemos dignificá-la com o alto nome de Razão? Não, nunca. Mas porquê? Porque é filha da ignorância e do preconceito. É como dizer, em essência, que podemos acreditar no engatinhar das crianças, mas que não podemos confiar no caminhar dos homens adultos.

Podemos aceitar a aritmética e estudos semelhantes, mas na álgebra e na trigonometria já não podemos crer. Ora, tal declaração atribuiríeis, com razão, à ignorância de quem a proferisse.

Quão irrazoável, então, deve parecer-me a primeira opinião — vendo eu, como vejo, que a clarividência sucede ao magnetismo animal tão naturalmente como a idade adulta sucede à juventude; como o caminhar sucede ao engatinhar; ou como a colheita sucede à sementeira.

Outro dirá:

“Estou perfeitamente disposto a aceitar o magnetismo, e a simpatia da mente do sujeito com a mente do operador, mas não posso admitir a ideia de clarividência independente, porque não sei aonde isso me levará.”

Mas o que significa isto? Significa simplesmente que o indivíduo que possa, seriamente, proferir tal pensamento, não tem verdadeira confiança no seu Pai Celestial. Ele não sente segurança na Verdade.

Duvida da luz da Razão e da intuição — “a luz que ilumina todo o homem que vem ao mundo” — e crê que a Divindade pode ter-lhe concedido uma faculdade — a Razão — que, se seguida fielmente, poderia conduzir a sua alma à destruição.

Achais, amigos, que um Pai perfeitamente sábio e bom colocaria nas mãos de um filho — digamos, uma faca — um poder que, em qualquer circunstância possível ou concebível, pudesse ser causa de sua destruição total ou mesmo parcial?

Um pai terreno, simples e bem-intencionado, pode errar cem vezes ao conceder dádivas aos seus filhos; e o beneficiário pode sair mortalmente prejudicado pelo uso errado dos poderes que o pai lhe concedeu. Mas suponhamos — como geralmente se admite — que o Pai dos Espíritos viu o fim desde o princípio — com perfeita sabedoria e perfeita bondade na sua alma — acreditais ser possível, ou de algum modo concebível e coerente com os atributos agora descritos, que esse Ser conceda a uma das suas criaturas dependentes uma faculdade, poder ou princípio que, em qualquer caso, possa resultar na maldição eterna dessa criatura?

Não, não acreditais numa doutrina tão repugnante às concepções comuns da mente humana. Mas dir-se-á:

“Os caminhos de Deus são insondáveis.”

Essa afirmação é errônea. Pois nós estamos, cada vez mais, a "descobrir os caminhos de Deus"!

Os caminhos de Deus significam, com toda a certeza, as leis de Deus. Essas leis estão constantemente a ser descobertas; logo, são os caminhos de Deus. Cada nova lei das cores; cada descoberta em geologia, ou conquiologia, ou zoologia; cada novo desenvolvimento da mente e da matéria — a descoberta da rotação do mundo, da sua formação, das suas essências e elementos intrínsecos — tudo isto é demonstração

monumental de que a afirmação citada é inequivocamente falsa, e prova, além disso, que o homem é o ser, entre todas as personalidades, a quem o Pai Celestial se dirige para ser progressivamente compreendido.

Por isso, não devemos hesitar em investigar — não devemos questionar a sabedoria e bondade de Deus, nem a sua capacidade de gerir as próprias leis, de controlar o destino dos seus filhos, de regular o funcionamento do seu universo material e espiritual.

Não devemos recuar perguntar aonde nos conduzirá a clarividência independente, ou qualquer outro desenvolvimento da ciência; mas as únicas perguntas que devemos colocar a nós próprios são:

- Procuramos os caminhos de Deus com um coração honesto?
- Desejamos a Verdade por amor à Verdade?
- Pesamos sinceramente toda a evidência, livres de dogmas educacionais ou preconceitos locais?

O homem que confia no Governante do universo; que acredita na ação eterna das leis imutáveis; que é honesto e fiel às ditas da sua consciência; que deixa a sua “luz interior” brilhar nos recantos da sua alma, como o sol no firmamento — esse homem nunca dirá:

“Não posso aceitar a doutrina da clarividência, porque não sei aonde ela me levará.”

Um pensamento tão baixo e deformado jamais lhe ocorreria.
O seu pensamento seria invariavelmente:

“O que é a Verdade?”

Nisto, dei-vos uma regra infalível pela qual podeis medir o crescimento e a condição de qualquer mente com quem converseis — e a mesma regra aplica-se sempre a vós próprios.

Voltemos agora ao tema geral da nossa investigação.

Algo de magnetismo e clarividência psico-simpática tem sido conhecido em todas as eras do mundo. Mas não considero a antiguidade como uma recomendação. Antes pelo contrário, quanto mais antiga se demonstra uma doutrina — como a mitologia do inferno, dos espíritos malignos, e do diabo — mais devemos questionar a sua validade; pois todas as tolices e absurdos que milhares de homens considerados “talentosos” ainda hoje acreditam, podem ser rastreados às regiões obscuras do hemisfério oriental, onde nasceram as mitologias e muitos dos pontos cardeais da teologia popular.

Apesar disso, é agradável ler e ouvir o que outras mentes ensinaram, pois assim podemos comparar a escuridão de outras épocas com o esclarecimento desta era — aprendendo, por contraste, a sublime lei do progresso, e traçando, ao mesmo tempo, as afinidades e simpatias comuns a toda a família humana.

Devo, neste ponto, manifestar a minha surpresa perante a ignorância aparente de antiquários e estudiosos bíblicos — homens que se dizem “chamados a expor a palavra de Deus”, mas que ao mesmo tempo levantam a voz contra os desenvolvimentos do magnetismo e da clarividência, classificando-os como obras e esforços de Satanás. Surpreende-me tal postura, porque a Bíblia, como o livro sagrado de qualquer outra nação, está repleta dos mais belos exemplos de magnetismo e de manifestações de clarividência simpática.

Nos templos Janitas da Índia, há muitas representações hieroglíficas do processo de imposição das mãos. Nas paredes de um antigo templo em Tebas, figuram numerosas imagens humanas, em várias posturas, que correspondem às posições tomadas por magnetizadores dos nossos dias, ao tentarem induzir diferentes graus de fenómenos magnéticos nos seus sujeitos.

É evidente que Moisés aprendeu algo desta ciência ao familiarizar-se com os mistérios egípcios, os quais estavam reservados, particularmente, aos médicos e magos do faraó. Assim, no capítulo 34, versículo 9 do Deuteronomio, este poder é utilizado por Moisés, que ali declara que Josué “estava cheio do espírito de sabedoria, porque Moisés pusera sobre ele as suas mãos.” Em linguagem moderna, diríamos:

“Josué foi precocemente e permanentemente intelectualizado por ter sido adequadamente magnetizado por Moisés.”

Hipócrates disse:

“Existe uma propriedade singular na mão humana para atrair e extrair dores, sofrimentos e diversas impurezas das partes afetadas, simplesmente pousando a mão sobre o local, e estendendo os dedos na sua direção.”

Sólon disse:

“Pequenas dores, por vezes, crescem e ardem,
Mais do que a arte médica pode acalmar;
Mas até a fúria do pior mal,
A mão, com carícia suave, pode apaziguar.”

Se abirdes em 1.º Reis, capítulo 1, versículos 1-4, vereis que o princípio do contacto psico-simpático foi aplicado pelos médicos do rei David, aparentemente com o propósito de restaurar o vigor e o calor animal ao corpo do venerável monarca.

Poderia citar inúmeros parágrafos dos escritos sagrados de outras nações, para mostrar quão familiarizados estavam certos indivíduos, nos mais antigos estágios da humanidade, com os processos iniciais do magnetismo, e com algumas das manifestações comuns da clarividência. Mas os sujeitos destes poderes mentais eram supersticiosamente considerados como divinamente inspirados. Daí que, quase invariavelmente, fossem deificados e adorados.

Todos os chefes religiosos foram assim, injustamente, elevados; e a Verdade foi frequentemente obscurecida sob os véus supersticiosos da deificação. Assim foi com Moisés, com Jesus, com Maomé, e com todo homem que alguma vez tenha sido suficientemente clarividente para ler os pensamentos de outro, ou encontrar aquilo que estava oculto ao olhar superficial dos sentidos corporais.

Esta forma ou grau de clarividência é comum a muitas mentes, e manifesta-se familiarmente por todo o mundo habitado; e, no entanto, pelo uso do mesmo poder, Jesus foi deificado como figura sobrenatural, e adorado como a representação do Deus eterno, dotado de poderes proféticos e milagrosos. Mas a era da deificação está rapidamente a findar, e a excelência pessoal ocupará o seu lugar!

Alguma vez, amigos, pegaram na vossa Bíblia e leram — sem reverência exagerada ou artificial — os simples relatos de clarividência, tal como esse poder foi frequentemente manifestado por Jesus nos seus três anos de missão pela humanidade? Se nunca o fizeram, espero que em breve o consigam fazer. Leiam, por exemplo, a primeira parte do capítulo cinco de Lucas; vejam como Jesus disse a Simão para lançar as redes, ao que este respondeu que ele e os seus companheiros haviam “trabalhado toda a noite” e “nada apanhado.”

Mas Jesus, percebendo onde os peixes estavam a nadar naquele momento, disse:

“Fazei-vos ao largo, e lançai as vossas redes para pescar.”

Ao seguirem as suas instruções à risca, “apanharam uma grande multidão de peixes”; uma quantidade tão grande que a rede se rompeu.

Ora, este é um exemplo de clarividência comum e eficaz.

Mas voltemos agora ao capítulo quarto do evangelho de João, onde se relata como Jesus foi abordado junto ao poço de Jacob pela mulher samaritana.

Depois de uma conversa altamente simbólica com ela — que ela não compreendeu — Jesus decidiu convencê-la de que conhecia mais sobre a verdade do que ela supunha.

Por isso disse-lhe:

“Vai, chama o teu marido, e vem cá.”

Mas ela, cética, respondeu, para pôr à prova os seus poderes:

“Não tenho marido.”

Jesus disse:

“Bem disseste: ‘Não tenho marido’;

Porque já tiveste cinco maridos, e o que agora tens não é teu marido.”

Isto surpreendeu-a muito, e ela disse:

“Senhor, vejo que és profeta.”

Agora, não parece que Jesus lhe tenha dado qualquer outra prova pessoal da sua clarividência espontânea; mas é claro que o entusiasmo incontrolável dela, por se

sentir subitamente convencida, foi tão forte que saiu a contar a sua história exagerada por toda a parte, dizendo:

“Vinde, vede um homem que ME DISSE TUDO O QUE JÁ FIZ!”

— Quando, de facto, como tantas vezes acontece entre nós, uma mente percebe, por simpatia, os pensamentos de outra! É bom fixar bem esta ideia: a mulher não disse a verdade. Ela disse que ele lhe contou “tudo” o que ela “alguma vez fez”; enquanto, segundo o relato de João, ele apenas lhe falou dos cinco maridos — todo o resto da conversa foi de carácter simbólico e profético.

E, ainda assim, parece que “aquele que crê será salvo”; embora muita dessa crença tenha sido gerada por testemunhos exagerados de homens e mulheres que presenciaram manifestações ocasionais de magnetismo, como agente curativo, e de clarividência, como poder de ler pensamentos, prever eventos futuros e desvendar o oculto. Assim, no versículo 39 do mesmo capítulo, lemos que:

“Muitos dos samaritanos daquela cidade creram nele por causa do testemunho da mulher, que dizia: Ele disse-me tudo o que tenho feito.”

Outro bom exemplo de clarividência simpática está relacionado com Jesus. No versículo 52, um nobre foi convencido — juntamente com toda a sua família — de que Jesus era o “Salvador do mundo”, pelo simples facto de Jesus lhe ter dito que o seu filho ainda vivia, e que a febre o tinha deixado no dia anterior, “à sétima hora”.

Também é relatado por João que Jesus disse aos que o rodeavam:

“Um de vós me há de trair”; E, para convencer Pedro da sua percepção correta, disse: “Aquele a quem eu der o bocado molhado, esse é.” — E deu-o a Judas Iscariotes, filho de Simão; e os acontecimentos seguintes comprovaram que Jesus leu Judas corretamente.

No mesmo capítulo, Jesus também revelou que sabia, com relativa precisão, quando e como iria morrer. Este poder de discernimento profético, pela simpatia, é possuído por muitas pessoas; e encontro demonstrações interessantes do seu exercício em todas as nações — especialmente entre líderes dotados e talentosos de grandes movimentos políticos ou religiosos.

O filósofo sueco Barão Swedenborg discerniu o tempo e modo da sua própria morte, e faleceu precisamente no momento previsto. O célebre Dr. Walker, de Dublin, anteviu a sua morte, e também que seria enterrado vivo — o que se confirmou com a exumação do corpo alguns dias após o enterro. O Dr. Binns conclui a narração deste caso dizendo:

“Eis um homem que possuía um conhecimento instintivo de que seria enterrado vivo, e que estava tão convencido disso que escreveu um tratado, com o intuito de evitar, se possível, tão horrível calamidade; E, para assegurar-se ainda mais, firmou um acordo com uma segunda pessoa para que fossem cumpridas certas precauções

antes de ser sepultado.

Contudo, frustrado no final, foi como que forçado a curvar-se diante do insondável decreto daquela lei das contingências naturais, que os gregos imaginativos elevavam a superteísmo e consagravam com o temível nome de Destino.”

Ao lermos a História Primitiva, por que razão não somos tão razoáveis e consistentes nas nossas deduções como geralmente somos ao ler outros escritos? Quando lemos sobre manifestações modernas de clarividência; quando ouvimos relatos de leitura correta do pensamento, ou do diagnóstico de doenças, ou presenciamos o cumprimento constante de profecias comuns — por que motivo classificamos tais coisas como “ilusão”, “imaginação” ou “conhecimento instintivo inexplicável”?

— Enquanto que, ao lermos as mesmas manifestações de simpatia mental e poderes de discernimento psicométrico nas páginas do Antigo ou do Novo Testamento, atribuímos tudo à influência direta do Espírito Santo, ou à intervenção miraculosa de Deus?

Se analisardes as vossas próprias mentes, encontrareis a resposta adequada a estas questões.

Hábitos de pensamento, primeiras impressões, costumes prevalecentes, teologia popular, e os métodos de ensino existentes, pelos quais as vossas mentes foram moldadas inconscientemente — essas são as respostas inequívocas.

Mas alguém poderá argumentar que as manifestações modernas da mente não podem ser, em todos os casos, tidas como fiáveis no tocante ao cumprimento de profecias, ao contrário das profecias bíblicas, que sempre se cumpriram corretamente. Logo, que não se pode harmonizar os milagres bíblicos com as revelações modernas do magnetismo e da clarividência psico-simpática.

Em resposta, comprometo-me aqui a fornecer, do vasto repositório de desenvolvimentos modernos da mente e da ciência, a qualquer indivíduo disposto a realizar uma comparação bíblica — milagre por milagre, testemunho por testemunho, profecia por profecia, erro por erro, cumprimento por cumprimento — e mostrar que temos tanta ou mais razão e filosofia incontestável para crer que os desenvolvimentos modernos são “milagrosos” e “divinamente instituídos” do que os defensores do sobrenaturalismo têm para acreditar que os seus profetas foram “divinamente inspirados” por Deus.

Para vos convencer de que a clarividência dos autores do Antigo Testamento nem sempre foi boa nem fiável — sendo, por vezes, mero resultado de psico-simpatia, como já expliquei — sinto-me impelido a lembrar-vos alguns factos ilustrativos.

Há cerca de dois mil e quatrocentos anos, Ezequiel profetizou (ver capítulo 29, versículos 10 a 12), como supostamente em nome do Senhor, dizendo:

“Farei da terra do Egipto uma desolação; nela não passará pé de homem nem de animal; nem será habitada por quarenta anos.”

Esta profecia nunca se cumpriu.

Mais adiante (ver Ezequiel 37:22):

“Farei deles uma só nação na terra, nos montes de Israel; e um só rei será rei de todos eles.”

E Joel afirma, no capítulo 3, versículo 20:

“Judá existirá para sempre; e Jerusalém de geração em geração.”

Estas passagens, entre muitas outras, podem ser citadas para demonstrar um facto notório: centenas de profecias comuns proferidas ou escritas pelos autores do Antigo e Novo Testamento nunca chegaram sequer a cumprir-se parcialmente.

Estas profecias não admitem interpretações figuradas ou simbólicas, porque — como podeis observar — tratam-se de opiniões políticas dos antigos profetas judeus sobre a restauração e o restabelecimento permanente de todas as tribos de Israel e de Judá, como nação judaica, e não cristã, sobre os montes de Israel.

Mas as dez tribos nunca retornaram à Palestina, e não existe qualquer vestígio delas na face da Terra; Logo, essas profecias não podem ser cumpridas.

Num estado peculiar da mente humana, os sonhos proféticos são tão naturais como a queda da chuva. Nós, modernamente ou convencionalmente, chamamos a essas operações da "alma" — *pressentimentos*, *premonições*, ou percepções intuitivas das antecipações e prenúncios de eventos futuros. Estes fenómenos, repito, são perfeitamente naturais para certas organizações mentais; e, em termos gerais, os mesmos indivíduos são dotados de clarividência simpática.

Todos os relatos bíblicos estão, mais ou menos, preparados por, ou baseados naquilo a que se pode chamar sonhos proféticos. Assim, “o anjo do Senhor apareceu a José num sonho”; o “anjo apareceu a Maria”, etc., etc.; demonstrando a fê generalizada que, então, se depositava nesse tipo de vaticínio mental ou intuitivo. Deste género de fenómenos mentais, já vos dei vários exemplos.

Mas aguardo com expectativa, em breve, ouvir da boca de algum devoto moderno da antiguidade, a seguinte advertência e anátema, citados do capítulo 13 de Deuteronomio:

“Quando profeta ou sonhador de sonhos se levantar no meio de ti, e te anunciar um sinal ou prodígio, e suceder o tal sinal ou prodígio de que te houver falado... Não ouvirás as palavras desse profeta, ou sonhador de sonhos... E tal profeta ou sonhador de sonhos deverá ser morto.”

Neste contexto, sinto-me impelido a colocar a seguinte pergunta: Se o Senhor inspirou Moisés a revelar a Verdade eterna, e se os seus escritos devem ser considerados como Verdade absoluta e imutável, então porque não foi essa lei — esse mandamento positivo — aplicada a Josué, a Daniel, a Isaías, a José, a Maria e a

Jesus? Estas figuras notáveis surgiram muito depois de Moisés ter escrito essa lei; e cada uma delas demonstrou, mais ou menos, poder profético, e disposição para sonhar muitas coisas em desacordo com o Senhor ou a lei de Moisés.

Se me responderdes que as verdades do Antigo Testamento foram ultrapassadas pelos mandamentos do Novo Testamento, então peço-vos que tenhais em mente que isso demonstra que dois terços da chamada “palavra de Deus” não são verdades fixas e eternas, mas sim leis locais, relatos históricos e medidas jurídicas temporais e fragmentárias, na sua essência e aplicação.

A verdade é que essa lei foi instituída por Moisés com o propósito explícito de impedir qualquer mudança de visão entre os seus seguidores — como forma de erguer uma defesa forte e intransigente contra qualquer tipo de inovação. É exatamente isso que os católicos fazem aos protestantes, e que os protestantes fazem, tanto quanto lhes é possível, para evitar a análise profunda e as investigações ousadas que caracterizarão este século.

Tudo, porém, deve ser submetido ao teste imperial da Natureza e da Razão. O julgamento continuará, e o veredicto será proclamado. Os tronos do mundo aprenderão a necessária lição de que o Conhecimento é poder, e que o Direito é mais forte do que a força, segundo as leis progressivas do Deus imutável da Natureza. As marés da Verdade continuarão a subir, cada vez mais altas, e aumentarão em força e majestade à medida que avançarem.

Falando contra a escravidão mental — que está na base de toda a escravidão política, convencional e teológica — não conheço linguagem demasiado forte ou incisiva. Aqueles costumes e dogmas que proíbem os nossos pensamentos de “escolher os canais por onde correm”; que bloqueiam as correntes do sentimento reformador; que impedem o curso do pensamento livre; e que travam a expansão de princípios benevolentes e fecundantes — devem sempre ser considerados inimigos terríveis da nossa felicidade e progresso da alma.

A ignorância é o maior inimigo do homem; o conhecimento é o seu maior amigo. Mas o amor é a alma da ligação de todas as coisas. Contudo, o amor sem sabedoria é cego e impetuoso. É, portanto, essencial obtermos sabedoria.

Por sabedoria entendo uma compreensão intuitiva e profunda da verdade, sem necessidade dos processos frios e fatigantes da cogitação, sem desgastar as faculdades mentais com exercícios inúteis de raciocínio. Esse poder de discernimento verdadeiro crescerá em vós a partir do momento em que abandonardes os hábitos superficiais de pensamento e de vida, vos tornardes perfeitamente naturais; e todos os erros e supernaturalismos desaparecerão da vossa mente, como as nuvens deslizam no firmamento.

Tal como fostes educados, vedes as coisas como não são, e onde não estão; e adorastes ídolos e figuras, em vez de dedicardes a força, os meios e as energias da vossa existência à percepção e aplicação dos princípios.

Estais demasiado hipotecados ao passado — demasiado devotos à deificação de personagens que viveram há séculos! Deificastes homens como vós próprios, e atribuístes aos habitantes patriarcais da antiguidade uma grandeza e um carácter antinaturais — apenas porque temperamentos sensíveis e mentes bem desenvolvidas expressaram, em linguagem elevada e hinos órficos, aquilo que os ignorantes e não desenvolvidos frequentemente pensam em palavras mais simples!

Desta forma, e segundo essa vossa propensão ao exagero habitual no pensamento, erguestes um ser sobrenatural nas vossas mentes e chamastes-lhe Cristo.

Sabeis raciocinar corretamente sobre poderes magnéticos e intuitivos — sobre os princípios do magnetismo humano e as manifestações da clarividência — particularmente quando esses fenómenos ocorrem entre nós. Mas, quando os milagres e feitos de algum chefe religioso, ou os poderes proféticos dos escritores judeus, são atribuídos à mesma faculdade da alma humana com que vós também sois dotados, então recuais diante da prova — como o devoto pagão que se afasta diante de qualquer tratamento irreverente dos seus amados ídolos.

Que alívio é despir os personagens da antiguidade das vestes do sobrenaturalismo e poder vê-los como são, e onde estão! Com isso, a mente purifica-se de muitos erros; e há mais espaço mental para acolher e cultivar sentimentos nobres e felizes.

A grandeza antinatural de qualquer ser do passado — ou de qualquer que exista ou venha a ser deificado — é muito semelhante àquela (diz certo escritor) que se observa, por vezes, em regiões montanhosas — por exemplo, no cume do Brocken. O admirador entusiasta olha para cima, numa manhã enevoadada, e no vapor que cobre o topo da montanha, vê a forma enorme de um ser humano — de proporções colossais — um ser ao lado do qual os gigantes mitológicos são simples anões — um ser, em suma, capaz de cavalgar o imenso mamute.

O observador contempla esta figura com uma espécie de veneração, como algo maravilhoso e sobrenatural; Mas, pouco a pouco, percebe que quando ele se move, a figura move-se também; Quando inclina a cabeça, a figura faz o mesmo; Quando estende o braço, a figura também o estende; Quando se ajoelha, a figura ajoelha-se igualmente; E, por fim, reconhece que aquela figura humana gigantesca, à qual dirigira tanta admiração e veneração, é apenas o reflexo da sua própria forma no nevoeiro — uma magnificação insubstancial de si próprio!

Percebeis certamente a aplicação. Desta forma, sobre o vasto e nebuloso pano de fundo mitológico do PASSADO, tendes desenhado figuras à imagem das vossas próprias mentes; e depois admiráveis, veneráveis e adoráveis essas imagens — prostrando o vosso ser aos pés de uma forma sobrenatural de proporções colossais — que não é mais do que a expressão ampliada da vossa própria forma e crescimento de alma.

Assim, Barão Swedenborg pintou Cristo com uma dimensão tão grande e pré-natural, que teve de mudar o título da sua produção teológica, passando a chamá-la A HUMANIDADE DIVINA.

Mas padres e monges já haviam feito isso antes, e por ele; de modo que, hoje, a vasta noite da antiguidade está literalmente povoada de fantasmas plutonianos e fantasmas gigantescos, diante dos quais milhares continuam a inclinar-se, em silenciosa admiração e declarada reverência — tal como o viajante diante da imagem de si mesmo refletida na montanha.

E eles — e vós, amigos — continuarão a adorar os deuses e ídolos que criaram, ou que os vossos antepassados criaram por vós, até que vos torneis suficientemente intuitivos para perceber que estais a adorar e a alimentar os filhos deformados e enfermiços de mentes religiosamente excitadas, mas desarmoniosas.

Contudo, sinto-me impressionado a dizer que a vossa libertação da servidão e escravidão mental da superstição, do medo e do erro está agora mesmo à porta dos vossos corações, e a vossa alegria e deleites serão inexprimíveis; ao passo que os conservadores frios e sombrios deste mundo esforçar-se-ão, mais do que nunca, por amarrar o povo às superstições gastas do passado — habitando à sombra doentia das coisas idas, e tentando, através de pregações e excitações religiosas, distorcer a vossa visão, fazendo-vos crer, se possível, que o sol nascente — seja do pensamento ou da liberdade política — é, para eles, como é para as corujas e os morcegos: algo a temer e a evitar, mesmo sendo esse sol o que derrama alegria e brilho sobre toda a criação!

PALESTRA XIII

O ESTADO MENTAL DOS PROFETAS, VIDENTES E LÍDERES RELIGIOSOS DA ANTIGUIDADE

O tema destas lições expandiu-se sob a pena muito além das minhas próprias expectativas. É verdade, o tema sublime diante de nós ergueu-se desde o início como um vasto edifício, com múltiplos compartimentos e altas torres. Contudo, imaginei que os belos jardins, os parques extensos, os vários vestíbulos e departamentos atrativos deste templo da Verdade poderiam ser-vos apresentados em muito menos tempo. Mas é altamente gratificante para mim continuar a receber uma filosofia tão exaltante, ou a ilustrar uma ciência tão intimamente ligada aos impulsos ocultos e aos poderes da nossa natureza comum.

Como se pode observar, esta filosofia das manifestações psicológicas e psico-simpáticas da mente humana é fatal a todas as pretensões teológicas de sobrenaturalismo. Ela harmoniza, de modo belíssimo, todos os desenvolvimentos da mente com as leis estabelecidas da Natureza; mostra que o estado psicológico dos antigos profetas é, substancialmente, idêntico à iluminação ou perturbação mental de várias pessoas desta era; e, assim, a nossa filosofia revela claramente os estupendos arcanos da vida humana, desenvolvendo, sem qualquer desvalorização real, o verdadeiro carácter, excelência intrínseca e beleza de todos os relatos bíblicos e demais manifestações sagradas do poder profético.

A vasta utilidade de tal filosofia espiritual é evidente para qualquer mente pensante. Em primeiro lugar, projeta uma luz nova e bela sobre a constituição mental do ser humano. A alma já não é mais um sopro nebuloso e onírico — uma bolha no ar — uma combinação tênue e informe de elementos etéreos — flutuando, após a morte, no vórtice infinito — consciente, mas sem destino; meditativa, mas insubstancial como a brisa que passa.

Não; nada disso!

Tampouco é uma mera nulidade indefinida, adormecida na fria prisão da morte; companheira da poeira e da corrupção, até que os sons trovejantes da trombeta mítica despertem a alma sonhadora, para que se reúna ao corpo abandonado e suba ao alto para enfrentar o julgamento e o veredicto final.

Mas infinitamente superior a todos esses ensinamentos mitológicos são as revelações da filosofia que aqui investigamos. A alma passa a ser vista no seu verdadeiro carácter — como um indivíduo destinado às alturas, belamente dotado, e simetricamente substancial — herdeira de uma vida eterna de progresso infinito! E toda superstição desvanece-se sob a sua influência benigna, como as lágrimas de tristeza diante das alegrias da Terra do Espírito. Neste aspeto, os seus ensinamentos são inexpressivelmente importantes e pacificadores.

Se esta filosofia nos liberta a mente de certos apegos locais a formas e instituições teológicas específicas — de deuses domésticos nutridos durante gerações e de personagens reverenciadas — ela oferece, em contrapartida, campos vastíssimos de pensamento, as mais profundas revelações sobre a natureza moral e intelectual do homem, as mais impressionantes conquistas em todos os domínios do saber, e um novo e divino desenvolvimento dos arcanos ocultos de um mundo para além do túmulo.

Se o sobrenaturalismo da superstição religiosa for totalmente removido do carácter de qualquer pessoa deificada — e depois? Se a verdadeira filosofia da psicologia e da simpatia mental for, por si mesma, suficientemente adequada para remover da vossa mente muito da vossa veneração doentia por certas opiniões e doutrinas — e depois? Ficareis prejudicados pela Verdade? Sereis privados de algum meio de salvação contra o erro e a imperfeição? Muito pelo contrário!

Cada nova revelação, seja da ciência ou da religião, é um novo poder colocado ao vosso dispor. Cada descoberta de erro é mais uma joia de valor acrescentada ao cofre do vosso conhecimento intelectual. Quando o erro é removido, a verdade revela-se na sua majestade natural. O ouro só é puro e belo quando separado quimicamente das suas impurezas terrenas; e, acreditando nisso, não posso deixar de seguir em frente na missão de separar a Verdade das superstições nocivas e absurdidades do sobrenaturalismo, que lhe foram lançadas ao redor por homens pervertidos e mal orientados.

Deste modo, o mundo aprenderá progressivamente a respeitar profundamente todos os profetas, videntes e líderes religiosos — não com aquela veneração antinatural e doentia que transforma homens em deuses, mas com o respeito são e legítimo que é

devido a todos os nossos irmãos que, ontem ou hoje, se apresentaram perante o mundo no puro carácter de filantropos ou reformadores morais. Estes são os motivos que me movem — estes os pensamentos que fluem constantemente para o meu entendimento.

Recordai que, nas lições anteriores sobre a filosofia geral da clarividência, tratei progressivamente do ser humano no estado rudimentar, no estado psicológico e no estado simpático. Mas, de acordo com as impressões que agora recebo, prosseguirei para considerar a mente humana no estado de transição — que é intermédio entre o estado simpático e a abertura dos sentidos interiores ou espirituais.

O estado de transição, como o termo indica, não é caracterizado nem por simpatia absoluta nem por percepção absoluta, mas por uma fusão ou interpenetração de uma condição na outra — levando à confusão completa e superposição de ambas. O indivíduo, neste estado, é, ocasional e transitoriamente, tanto simpático como independente. Há uma flutuação constante entre dois extremos.

A mente manifesta uma visão distinta num momento, ou durante certo período da sua atividade; mas, talvez, na ocasião seguinte, a mesma mente exprime apenas os pensamentos e impressões da sua própria memória, ou perde a sua individualidade ao fundir-se, quase completamente, com as mentes ou circunstâncias ao seu redor.

É necessário um conhecimento profundo das leis da mente para compreender devidamente os fenómenos consequentes a esta condição. Neste estado, a mente não é clarividente, nem ocupa uma posição espiritual a partir da qual a alma possa discernir os vastos territórios da Terra do Espírito.

Mas trata-se de um estado mental de flutuação momentânea — um ir e vir entre o extremo da simpatia com as coisas exteriores e a comunhão interior com os elementos internos da sua própria mente, incluindo as ideias educativas e predisposições, as quais, neste estado, se amplificam e multiplicam até um grau quase inacreditável.

Estas operações da alma são fenómenos muito interessantes para estudar e analisar; mas foram, e continuam a ser, causa de grande incompreensão e até superstição entre as seitas religiosas. E, especialmente, esta forma de superstição está a reviver neste século, sustentada por um arsenal poderoso de erudição eclesiástica, e com um esplêndido aparato de argumentação aparentemente lógica.

Neste momento, refiro-me àqueles que aceitaram os escritos teológicos do Barão Swedenborg como sendo “divinamente transmitidos e infalivelmente certos” — que deificaram o homem e aceitam as inúmeras repetições da sua mente prolífica como sendo emanadas da Verdade imortal. Na sua adoração, esquecem-se lamentavelmente das imperfeições do seu profeta autoproclamado e, por isso, associam-no invariavelmente ao Senhor.

Parece que o mundo já teve lições suficientes sobre a falácia da deificação. Todo líder religioso que alguma vez existiu reclamou para si uma isenção pessoal de

erro e de outras imperfeições naturais ao homem, no vasto sistema do progresso universal, com argumentos idênticos às pretensões colossais de Emmanuel Swedenborg — ou seja: sendo ele um agente especial do “Senhor”, incumbido de uma missão mundana no campo teológico, e, por isso, um predileto do Senhor, este o manteria em estado de pureza, tornando-o um vaso para a introdução, no mundo dos “pecadores” à sua volta, de doutrinas infalíveis — doutrinas que, por emanarem diretamente da fonte augustíssima da Verdade, não devem ser escrutinadas pela razão nem questionadas pela carne e pelo sangue.

Este é o dogmatismo de Swedenborg; e tal é a voluntária deificação feita por aqueles que aceitam os seus ensinamentos apenas com a faculdade da “admiração”, à qual, no entanto, renunciam devotamente a sua Razão; ou então obrigam-na a funcionar, muito humildemente e com cautela, como promotora de um sistema que se apresenta, desde o início, como sendo diretamente do Senhor.

Mas há centenas de casos registados na história, e muitos outros não considerados relevantes o suficiente para registo, em que homens reivindicaram pretensões tão elevadas quanto as de Swedenborg.

Temos Moisés, Josué e todos os autores bíblicos; todos os sacerdotes e bispos nomeados por Constantino para decidirem, por votação, quais os escritos hebraicos e outras histórias seriam considerados canónicos e divinos; temos Maomé e muitos membros do clero católico; os descendentes de Joseph Smith, os dignitários do evangelho e governo mórmon; e muitos líderes entre os Shakers e outras seitas, que sustentam a possibilidade de inspiração miraculosa concedida a certas pessoas — os agentes e favoritos do Senhor.

É universalmente reconhecido que estes personagens são e foram humanos; não isentos de pecado nem de imperfeição; não puros e imaculados, mas possuidores de características pessoais distintas, como se encontram, em todas as eras e entre todas as nações, como herança comum da humanidade.

Mas então, por que motivo os cristãos acreditam na veracidade absoluta de tudo o que foi dito ou escrito pelos autores bíblicos? Por que professam acreditar que Constantino e a sua assembleia de padres e bispos estavam perfeitamente certos ao decidir que combinação de livros deveria ser considerada sagrada? Por que razão os muçulmanos acreditam que Maomé revelou as altas e sagradas verdades do Céu? Por que os mórmones creem na infalibilidade absoluta das revelações de Joseph Smith?

Por que os Shakers depositam a sua confiança, e arriscam as suas vidas e interesses, na veracidade infalível da dispensação e das revelações de “Mother Ann”? E por que razão os adeptos e discípulos da “Nova Igreja”, conforme revelada por Swedenborg, acreditam que o seu profeta autoproclamado foi instrumento de revelações religiosas infalíveis, cujas palavras devem ser recebidas como a voz de Deus para o homem?

Repito a pergunta: porque acreditam os seguidores destes líderes religiosos — sendo eles reconhecidamente seres humanos sujeitos às mesmas fragilidades que os demais

— na infalibilidade absoluta das suas declarações? Simplesmente porque aceitam, sem questionar, a profissão desses chefes de que “o Senhor” era o seu guia especial, e, por conseguinte, que tudo o que fizeram ou escreveram deve ser considerado perfeita e absolutamente certo.

E, no entanto, os seguidores de todos esses mestres religiosos dizem-se racionais; este é o absurdo manifesto de todas as mentes que se venderam, física e espiritualmente, à promoção de um sistema religioso em particular.

É um absurdo exercer a razão sobre aquilo que se acredita ser infalível. Se vos disserem, em 2.º Reis 2:11, que Elias foi visto a subir fisicamente ao céu num carro de fogo — o que dizeis?

Ou se vos disserem, em Josué 10:13, que o sol parou para prolongar uma batalha, o que dizeis? Ou se lerdes, em Isaías 38:8, que o sol recuou no céu, o que dizeis? E se lerdes nesses registos sagrados que era comum ver pedras a dançar, árvores a voar e animais mortos a cantar — o que diríeis?

Irias raciocinar sobre a probabilidade ou possibilidade desses acontecimentos? Não! Pois, acreditando que essas narrativas são pronunciamentos de Jeová — revelações diretas e infalíveis “do Senhor” através dos seus procuradores favoritos — resignaríeis a vossa razão; entregando o vosso poder de pensamento enérgico e harmonioso, as vossas capacidades divinamente herdadas de compreensão, e diríeis:

“Bem, está acima da minha compreensão, MAS DEVE SER VERDADE!”

Mais ainda: suponhamos que aceitais as afirmações de Swedenborg, de que foi “guiado pelo Senhor”; que o seu conhecimento era divino, sobrenatural, infalível — o que diríeis a qualquer absurdo que ele proferisse? Diríeis:

“Embora não compreenda completamente, deve ser verdade na mesma!”

Suponhamos, por exemplo, que abris um dos seus livros, intitulado *Amor Divino e Sabedoria*, e ledes uma velha ideia caldaica sobre a origem do mundo animado, que Swedenborg resumiu da seguinte maneira:

“Todas as serpentes venenosas, escorpiões, crocodilos, dragões, tigres, lobos, raposas, porcos, corujas, ratos, ratazanas, gafanhotos, rãs, morcegos, aranhas, moscas, zangões, traças, piolhos, ácaros; e todas as ervas malignas, virulentas e venenosas; não provieram do ‘Senhor’, nem foram criadas desde o princípio, nem tiveram origem na natureza ou no seu sol, MAS SÃO TODAS DO INFERNO.”

Eu digo: suponhamos que ledes isto enquanto aceitais que o autor foi “guiado pelo Senhor” e, portanto, isento de erro — o que diríeis? Sem dúvida, diríeis o mesmo que os cristãos dizem frequentemente sobre o *Apocalipse de João*: “Está completamente acima da minha compreensão... mas tem de ser verdade mesmo assim!”

Todo o raciocínio sobre matérias que se recebem como infalíveis é manifestamente absurdo — e até ridículo. É certo que a alta faculdade da razão pode ser autorizada a pisar, com majestade, os degraus eternos de uma engrenagem teológica; ou pode ser vendida devotamente a algum líder religioso, a fim de exercer as funções de servente na propagação de certos dogmas.

E pode até exhibir, dentro do círculo teológico que está eternamente traçado e definido para o devoto, tanto génio, tanto raciocínio consecutivo, tanta lógica minuciosa — tanto juízo, método, sobriedade, simetria de pensamento, penetração e análise — quanto o discípulo esteja disposto e seja capaz de empregar.

Mas no final, que valor tem toda essa exibição pirotécnica de talento? Nada! Absolutamente nada — a não ser o cumprimento esplêndido das funções de um servo de um sistema teológico fixo, e de um padrão de infalibilidade ao qual a Razão está subjugada e serve em absoluta escravidão.

Os homens aceitam primeiro, sem o uso da razão, o autor e os fundamentos de um sistema de filosofia moral; e só depois demonstram um vasto conjunto de coerência lógica e raciocínio profundo. Não é da lógica defeituosa subsequente à aceitação de um sistema religioso que me queixo, mas sim da ausência total de ditames da faculdade da razão no momento em que o sistema é inicialmente recebido.

Raramente ouvimos um cristão perguntar: “É fiável o fundamento da minha religião? Caiu realmente o homem? Era ele, de facto, mais perfeito no princípio do que é agora? Foi Moisés o autor do Génesis? Morreu Cristo como mártir pelas suas opiniões? Ou sofreu por mim, para satisfazer a justiça do seu Pai celeste, que fora infringida pela humanidade, e assim abriu uma porta para a salvação humana?”

Digo que raramente se ouvem tais perguntas entre os cristãos. Mas porquê? Porque não ousam fazê-lo — sim, estão tão habituados à escravidão mental, que não ousam exercer um grão de razão sobre a solidez dos fundamentos da sua fé.

Mas, uma vez acorrentada a alma a um sistema teológico — uma vez vendida à escravidão e encarcerada numa prisão espaçosa, com um vasto pátio mas muralhas intransponíveis — então, o princípio da Razão é autorizado a exercitar-se com alguma saúde mental, cultivando o solo, mantendo as cercas, reparando fendas, levando água a quem tem sede, e mantendo uma aparência externa atraente e harmoniosa, de forma a convencer viajantes e forasteiros a instalarem-se nesse magnífico estabelecimento de escravidão mental.

Consequentemente, após a receção de um sistema religioso, vemos sempre os escravos muito ocupados a “harmonizar o Génesis com o Apocalipse”; e comentários seguem-se a comentários; notas sobre os Evangelhos sucedem-se aos sermões; e há também os que, conhecendo a proverbial ignorância dos leigos quanto a divergências históricas e contradições científicas — e conscientes das pretensões infalíveis do sistema religioso adotado — se tornam altamente hábeis na arte de “harmonizar a Natureza com a Revelação!”

E assim, os escravos exercitam os seus entendimentos! Na verdade, nessa posição, a sublime faculdade da RAZÃO torna-se, como um servo na casa de um chefe religioso, ousada e digna na exibição dos seus poderes — mas apenas dentro de certos limites fixos; para além disso, é perigoso aventurar-se!

Numa análise mais profunda, descubro que as mentes mais vigorosas e talentosas são frequentemente enganadas quanto ao grau em que pensam exercer a sua razão. Isto é especialmente verdade entre aqueles que simplesmente trocaram um conjunto de dogmas teológicos por outro.

Por exemplo, “após o mais rigoroso inquérito” — diz o Professor Bush* — “Estou convencido de que o sistema de Swedenborg é verdadeiro. Quando observado com imparcialidade, responde a todas as exigências do meu intelecto e do meu coração. Recomenda-se à minha melhor razão, como vindo de Deus e digno de toda aceitação; e, acreditando assim, não ousou consultar carne nem sangue!” Agora, o que significa tudo isto? Ou, melhor, o que demonstra? Mostra, de forma clara e conclusiva, que este discípulo do vidente sueco nunca analisou, nem uma vez, os elementos fundamentais da sua fé no milagroso e no sobrenatural. Nunca se perguntou a si próprio se o fundamento da teologia de Swedenborg era realmente um registo de Verdades infalíveis.

*Ver página v da “Introdução” às *Memorabilia de Swedenborg*, editadas pelo Professor George Bush.

Antes de poder realizar um “rigoroso inquérito”; antes de poder satisfazer a sua “melhor razão” de que “o sistema de Swedenborg é verdadeiro”; seria certamente essencial, antes de mais, analisar as bases do complexo edifício de Swedenborg — ou seja, a História Primitiva!

Mas fê-lo ele? Não; a sua mente estava pronta para receber a nova semente. A sua fé no infalível, no absolutamente sobrenatural, no miraculoso, não sofrera qualquer perturbação. Por isso, quando fala de um “rigoroso inquérito”, não se refere a uma análise lógica e profunda dos princípios fundadores da sua fé teológica — da base da “Palavra” sobre a qual assenta o sistema de Swedenborg — mas sim que examinou as revelações de Swedenborg apenas quanto à sua concordância com “a letra e o espírito” da Escritura.

Aqui não há qualquer penetração filosófica — nenhuma análise profunda — nenhum alcance psicológico ou investigação que vá à raiz. Tudo é raciocínio subsequente. E ainda, este talentoso discípulo de Swedenborg afirma: “Se Swedenborg proferiu verdades relativas ao Mundo Espiritual, foi porque Deus lhe concedeu esse poder.”

Aqui, o dogma do sobrenatural é aceite em bloco. Diz ele: “É uma verdade que transcende inteiramente o alcance das faculdades nativas do homem.” Ou seja, nenhum ser humano pode ver, pensar ou escrever tais verdades, a menos que seja ‘guiado pelo Senhor’ e iluminado de forma transcendental pela influência do Espírito Supremo.

Mas aqui surge a questão: como pôde este discípulo do vidente sueco satisfazer a sua “melhor razão” — cumprir “todas as exigências” do seu “intelecto e coração” — por meio de um “rigoroso inquérito” a um sistema de verdades que “transcende inteiramente as faculdades naturais do homem”?

Certamente, uma verdade que está acima das capacidades da alma não pode ser entronizada no intelecto, nem reconciliada com as emoções de qualquer coração, por mais puro e elevado que seja esse espírito.

Neste contexto, sinto-me impelido a dizer-vos que, para vos tornardes verdadeiramente familiarizados com os princípios da ciência psicológica, é da mais alta importância que presteis a máxima atenção à análise intelectual que ora se apresenta. As operações da mente humana, como os quadros sempre mutáveis do caleidoscópio, podem ser vistas de maneira diferente a cada nova rotação que lhe damos. A cada revolução, surgem novos pensamentos, em novas ligações; e velhos pensamentos ou impressões educacionais, pela mesma lei da mudança, mudam de posição e de manifestação, de tal forma que, para o pensador não metafísico ou indisciplinado, torna-se extremamente difícil reconhecer nelas qualquer semelhança com aquilo que antes parecia dominar o domínio mental.

Por isso, peço-vos atenção total às questões em discussão, pois creio ser de máxima importância para a vossa disciplina mental e desenvolvimento espiritual que aprendais a compreender os princípios da psicologia, na sua aplicação à resolução dos muitos e variados problemas ligados ao funcionamento religioso da mente humana.

É com esse fim que, sinto-me impressionado a dizer, trago perante vós o caso do Barão Swedenborg, juntamente com as manifestações mentais peculiares daqueles que, julgando fazer um “rigoroso inquérito”, acabaram por convencer a sua “melhor razão” e “todas as exigências do intelecto” de que o seu profeta era um mestre infalível — e, portanto, digno de toda a deificação coerente.

“E acreditando assim” — diz o discípulo deste mestre — “não ousou consultar carne nem sangue.”

Isto é: depois de ter considerado e analisado um sistema de Verdade religiosa e teológica — uma Verdade que, segundo ele, “transcende inteiramente as faculdades nativas do homem” — a mente já “não ousa” exercer os seus próprios poderes dados por Deus, mas vende-se inteiramente aos ditames do mestre infalível, e submete-se à “mais sagrada obrigação de anunciar” as suas revelações estupendas ao mundo! E assim, nesse estado, que exibição de raciocínio filosófico temos diante de nós! Quão majestoso se apresenta o devoto talentoso no tribunal da sua própria prisão!

Com que graça ele se inclina, não perante “o mais elevado génio que a humanidade alguma vez inscreveu nas suas fileiras”, mas sim perante o “mensageiro acreditado de Deus” — um homem! Em tudo isto não vejo qualquer raciocínio — nenhuma análise verdadeira — nenhum teste químico-intelectual aplicado aos fundamentos da convicção religiosa, mas simplesmente uma forte aparência ou simulação de

raciocínio, ou uma tentativa de argumentação, que tanto pode hipnotizar o leitor como hipnotizou o intelecto que já “não ousa” mais “consultar carne nem sangue.”

E isto não é tudo.

Vejo, em tudo isto, uma ilustração profunda e até algo bela dos princípios psicológicos que estão na base — que são, na verdade, a própria base — de grande parte da fé teológica no mundo humano, e que muito poucos têm sido capazes de resistir com sucesso.

PALESTRA XIV

SOBRE AS MANIFESTAÇÕES MORAIS OU RELIGIOSAS DO ESTADO DE TRANSIÇÃO

No discurso anterior, apresentei uma descrição introdutória do Estado de Transição; e em seguida, passei a considerar as causas da deificação e a psicologização de si próprio (autossugestão) daqueles que, por não compreenderem plenamente as leis e funções diversificadas da mente humana, impõem uma fé sobre o seu entendimento, julgando, ao mesmo tempo, que a receberam apenas após o mais rigoroso teste da razão.

Como exemplo fiel desta falácia universal, fui levado a escolher o caso do Barão Swedenborg. Neste caso, podeis ver espelhada a posição exata que muitos de vós provavelmente ocupais em relação a Moisés, Isaías ou Paulo. É, pois, essencial que observeis atentamente o espelho que será colocado diante do vosso olhar, a fim de que o vosso conhecimento da natureza humana seja permanentemente enriquecido e expandido.

Em primeiro lugar, permitam-me recordar-vos que, quando um ser humano é aceite como revelador infalível — como mestre infalível de verdades celestes — cessa toda e qualquer forma de raciocínio sobre a probabilidade ou possibilidade da veracidade das suas revelações. O mero exercício de raciocínio torna-se equivalente a uma farsa — é quase um tratamento sacrílego das coisas divinas, um insulto às supostas palavras do Senhor através dos seus “vasos escolhidos”.

“Admitindo a possibilidade de tais comunicações como as que Swedenborg afirma ter recebido,” diz o Professor Bush, “a questão da sua probabilidade é o ponto sobre o qual gira toda a controvérsia; e isto só pode ser determinado pesando as prováveis razões na Mente Divina para a sua concessão.”

Agora, pode isto ser chamado de raciocínio?

O que quer ele dizer com “admitindo a possibilidade” de tais comunicações professadas? Quer dizer, sem dúvida, uma ligação íntima — perfeita — miraculosa — sobrenatural — não filosófica — irracional que “o Senhor” teria estabelecido

entre Si mesmo e a alma iluminada do vidente, com o intuito declarado de instruir a humanidade com uma terceira edição de revelações infalíveis. Pois é isto que Swedenborg reivindica.

Ora, partindo de uma admissão tão fundamental como esta, que metodologia mais frágil poderá haver do que tentar decidir a “probabilidade” dessas comunicações “pesando as prováveis razões na Mente Divina” para a sua concessão? Não há absurdo mais evidente, após análise, do que este.

Pensai, por um momento, na inconsistência dessa posição, e vereis que nada pode ser mais ilógico — e, contudo, tão aparentemente racional e legítimo.

Suponhamos que, ao “pesar as razões prováveis”, não se descubrem razões satisfatórias para esse novo desenvolvimento de doutrina infalível. E então? Rejeitará o intelecto, cujas “exigências” haviam sido totalmente satisfeitas, essas comunicações como não sendo totalmente fiáveis? De modo algum!

Mas porquê? Porque ele vendeu o seu juízo — a sua razão, o seu entendimento — tão completamente, que “já não ousa” mais “consultar carne nem sangue”; já não vê Swedenborg como um homem, constituído física e mentalmente como qualquer outro, mas vê “o Senhor”, o “mensageiro acreditado”, e a si próprio como “o agente” de anunciar as suas revelações ao mundo.

Por isso, esse discípulo declara — ao falar da verdade infalível emitida por Swedenborg:

“É uma Verdade que transcende inteiramente o alcance das faculdades nativas do homem... Foi concebida para ser propagada. Deve ser proclamada para alcançar os fins para os quais foi concedida. Esta Verdade chegou até mim, e entronizou-se nas convicções centrais da minha alma; traz consigo as mais sagradas obrigações no dever de anunciá-la ao mundo. A confiança é santa, e, pela graça do Céu, espero mostrar-me fiel a ela.”

Que fique claro que não estou aqui a criticar a linguagem deste irmão, como fazem aqueles que pouco ou nada compreendem das finas sensibilidades que motivaram tais expressões; mas estou a apresentar-vos um ciclo de palestras filosóficas sobre as leis psicológicas da mente humana, e por isso seleciono tais linguagens e ilustrações como meios para a sua explicação.

É tempo de o homem compreender-se a si mesmo. Pois quanto maior o seu conhecimento, maior será o seu poder. É precisamente com este fim — repito — que trago estes casos psicológicos à vossa reflexão nesta ocasião.

A mente, a menos que seja extremamente bem constituída e harmónica no desempenho das suas funções, facilmente se ilude e psicologiza-se constantemente a si própria. E nenhum homem está tão convicto da sua total sanidade como aquele que, infelizmente, está insano.

Mas porquê? Simplesmente porque não investiga verdadeiramente as peculiaridades do seu próprio estado. Os seus impulsos tornam-se as suas leis; os sussurros incoerentes dos seus próprios pensamentos tornam-se as vozes dos agentes invisíveis de Jeová — e assim, ele é mantido psicologicamente em cativeiro mental a certos sentimentos, com plena confiança de que foi ele, mais do que qualquer outro à sua volta, quem pesou todas as suas convicções na balança da razão imparcial.

Estas observações não as aplico ao estado psicológico de Swedenborg, mas particularmente à condição daqueles que julgam estar a exercer a sua melhor razão ao aceitarem certos pontos de uma doutrina, quando, na verdade, aceitam o seu fundamento sem qualquer questionamento — isto é, quando admitem que a revelação é inteiramente infalível e inquestionável.

Com essa admissão fixa na mente, que importa se se veem ou não “razões na Mente Divina”? Suponhamos que não vedes nenhuma — e então? Não há escolha — não há alternativa!

Os ingredientes da alegada revelação infalível ou sobrenatural podem colidir com as vossas experiências atuais e com a razão; ainda assim, não tendes nada a dizer — nenhum argumento a ponderar — nada a harmonizar com as leis conhecidas da Natureza; tendes apenas que reconhecer, como fazem todos os cristãos relativamente à sua fé no milagroso:

“Não compreendo, mas deve ser verdade, mesmo assim.”

Vede bem que não pode haver raciocínio puro sobre uma base sobrenatural.

Sobre as revelações de Swedenborg, o Professor Bush afirma:

“A sua verdade só pode tornar-se evidente pelo seu carácter intrínseco, e o seu carácter deve ser profundamente estudado para ser compreendido.”

E mais: “Tomado aos pedaços, parecerá fragmentado, incoerente e frequentemente absurdo. Mas, visto como um todo, é consistente, harmonioso e grandioso além da descrição.”

E então? Como se concilia esta afirmação com a anterior, de que Swedenborg proferiu verdades sobre o mundo espiritual que “transcendem inteiramente o alcance das faculdades nativas do homem”?

A este absurdo psicológico, convido a vossa atenção. Pergunto: Pode o intelecto estar satisfeito sem compreensão? Claro que não. A mente só repousa sobre evidência adequada.

Mais ainda: Pode o intelecto compreender algo que é incompreensível? Certamente que não!

Se, então, as revelações sobrenaturais de Swedenborg estão para além do alcance das faculdades humanas, como pode o Professor Bush afirmar com verdade que, ao

vê-las no seu todo, parecem “consistentes, harmoniosas e grandiosas além de toda a descrição”?

A inconsistência de tal afirmação é, certamente, autoevidente.

Além disso: Uma revelação que o homem consegue compreender está acima do homem? Certamente que não.

E porquê?

Porque tudo o que é compreensível pela mente humana não pode ser maior ou mais vasto do que o poder que o compreende; pela mesma lógica que um litro de água pode caber numa medida de um litro; mas, se a medida não conseguir conter a quantidade de água apresentada, poderá o recipiente afirmar, com verdade, que “compreende tudo”?

Creio que percebes o argumento. Ele é tão autoevidente. Se a mente compreende as alegadas verdades ou revelações de Swedenborg, então essas verdades não são sobrenaturais; nem estão acima das capacidades internas da mente humana, quando esta se encontra em certos estados elevados de iluminação transitória, de realizar ou manifestar tais verdades de forma fria, consecutiva, lógica, lúcida, rigorosa, simétrica e admiravelmente harmoniosa — como é muitas vezes (e injustamente) alegado a propósito das numerosas revelações de Swedenborg.

Mas suponhamos que a mente não compreende essas revelações; então, poderá essa mente afirmar que as partes incompreendidas são Verdades? Como o sabe? No melhor dos casos, é apenas uma inferência generosa — uma admissão de possibilidade — de que tais relatos possam ser verídicos.

Segundo este princípio, parece evidente que aquele que conseguiu convencer-se de que essas relações sobrenaturais satisfazem todas as exigências do seu intelecto e do seu coração, e que se recomendam à sua mais elevada razão como sendo de Deus e dignas de toda a aceitação, está, com certeza, num estado de transição entre a influência da educação e o cativeiro psicológico de uma doutrina ou sistema de pensamento predominante.

Aqui, percebes um simulacro de razão — mas não um raciocínio puro. Observas uma exibição aparentemente lógica de análises, deduções e conclusões; mas na verdade, vês apenas a aparência dessas propriedades indispensáveis de um argumento verdadeiro e saudável.

Observar-se-á que todo o raciocínio feito sobre os ensinamentos de qualquer revelação que seja considerada, ou admitida desde o início da “investigação”, como sendo sobrenatural, é absurdo, farsante, aparente, espúrio!

Estou impressionado a afirmar — e sei perfeitamente que o tema justifica qualquer grau de ênfase — que não pode haver raciocínio puro, nem qualquer exercício da consciência intuitiva, com base numa fundação sobrenatural.

Mas aqui, para evitar equívocos quanto à minha posição, deixem-me esclarecer: nada estimo como sendo sobrenatural no sentido em que este termo é utilizado por todos os crentes no miraculoso, para significar coisas, acontecimentos e ações que estão acima da natureza, ou fora do alcance das leis conhecidas e estabelecidas da Natureza.

Não acredito em qualquer suspensão, transcendência, contradição, variação ou sobreposição às leis naturais por parte da Divindade. Deus não interfere com os princípios da sua própria constituição. Sobre este ponto, encontrareis a minha posição claramente exposta no segundo volume da *Grande Harmonia*.

Poder-se-á dizer:

“Embora não possamos compreender o sobrenatural, podemos, no entanto, exercer a nossa razão sobre os desenvolvimentos sobrenaturais.”

É verdade, podeis exercer a razão — mas em vão — especialmente se começais por admitir o sobrenatural como base da vossa fé.

Para ilustrar esta posição, suponhamos que tomais uma revelação miraculosa como base do vosso pensamento e argumento. Muito bem: com essa convicção instalada na mente — que julgais satisfazer o vosso intelecto e coração — suponho que vos pergunte:

Acreditais que Deus é perfeito?

Sem pensardes na revelação sobrenatural por um só momento, responderíeis prontamente, a partir da vossa consciência interior:

“Sim: Deus é perfeito — sei que é perfeito.”

Mas como sabeis que é perfeito? De imediato, exercereis a vossa razão e direis:

“Sei por mim próprio — eu sou finito, Ele é infinito — eu sou imperfeito, Ele é perfeito — o meu coração diz-me isso.”

Mas já alguma vez vistes Deus?

“Não.”

Então, como sabeis que Deus existe?

“Sei isso na minha alma — os campos, as flores, o firmamento demonstram a existência de um Poder criador ou formador.”

Mas como sabeis que Deus é infinito?

“Ora, não poderia ser Deus se não fosse infinito!”

Como sabeis isso?

“A minha razão diz-me que é verdade.”

Então acreditais que há um Deus; que Ele é perfeito; que Ele é infinito?

“Acredito, desde o centro da minha alma.”

Também acreditais numa revelação sobrenatural vinda desse mesmo Deus para a humanidade?

“Acredito.”

Mas se acreditais — pela consciência da vossa alma, e pelos ditames da vossa melhor razão — que Deus é perfeito e infinito; então dependeis dessa revelação sobrenatural para a vossa fé nessas verdades? “Não.”

Mas suponhamos que a vossa revelação miraculosa não coincide com os sentimentos da vossa alma — suponhamos que ela vos ensina que Deus não é nem perfeito nem infinito, mas antes passional e visível num ponto específico; que diríeis?

“Oh, não compreendo... mas acreditaria ser verdade mesmo assim.”

Então repudiáis a razão ao adotardes uma revelação infalível? “Certamente.” Mas porquê?

“Porque uma revelação sobrenatural foi expressamente concebida para fazer por nós aquilo que a razão não pode fazer.”

Mas acreditais num Deus perfeito e infinito sem a ajuda de nenhum livro, não é verdade? “Sim.”

Então acreditais na mais elevada e importante verdade da teologia pura sem qualquer revelação sobrenatural? “Sem dúvida.”

E, ainda assim, se a vossa revelação infalível contradissesse de forma clara as convicções do vosso coração e do vosso intelecto, rejeitaríeis a razão e adotaríeis a Palavra?

“Sim, adotaria.”

Muito bem: então vou provar-vos que a vossa revelação “inspirada sobrenaturalmente” não só contradiz aquilo que julgais ser ensinado pela vossa “alma” e “intelecto”, mas também se contradiz a si própria.

Mas deixem-me esclarecer que não associo o Deus de nenhuma revelação sobrenatural conhecida com aquele Grande Espírito Divino Positivo que vive e governa o universo com uma governação imutável.

Pelo contrário, estou impressionado a considerar que o Deus representado em todos os livros sagrados é o legítimo produto do intelecto humano ainda não desenvolvido e não progredido, nas idades passadas.

Que isto fique bem claro, para que não confundais a minha posição com a de alguém que acredita numa revelação sobrenatural, e com quem se supõe que estou aqui a dialogar.

Com isto estabelecido, prossigamos:

Primeira afirmação — ver *Génesis* 1:31:

“E viu Deus tudo quanto tinha feito, e eis que era muito bom.”

A contradição — ver *Génesis* 6:6:

“Então arrependeu-se o Senhor de ter feito o homem sobre a terra, e pesou-lhe em seu coração.”

Agora pergunto:

Isto parece-vos a revelação infalível ou a palavra de um Ser que é reconhecido como imutável, sem sombra de variação?

Peço a vossa atenção para os factos tal como aparecem na tradução inglesa de um livro que é considerado como uma produção inalterável do ‘Senhor’, através dos seus santos profetas e escribas divinamente inspirados.

E notai: não faço isto para provocar escárnio, preconceito ou zombaria em relação a um livro que é honestamente estimado por milhares como uma produção ‘Sagrada’. Longe disso!

O meu objetivo é simplesmente exortar-vos a que sejais “uma lei para vós próprios”; a desenvolver e fortalecer os vossos corações e intelectos para o crescimento mais digno, harmonioso e enérgico possível; para que vos torneis superiores a toda e qualquer zombaria, preconceito, superstição e delírio doutrinal que ainda assolam o mundo dito civilizado.

Toda a afirmação e denúncia vazia, para mim, são apenas o sopro dos lábios — nada mais.

Zombar é uma coisa; refutar com argumentos sólidos é outra.

Foi por isso que me detive, com tanto cuidado, a explicar-vos a minha posição e as minhas motivações, e seria algo triste, desnecessário e indigno se algum de vós viesse a deturpar ou mal compreender aquilo que aqui vos trago.

E agora prossigo:

Segunda afirmação — ver *Ezequiel* 18:20:

“O filho não levará a maldade do pai.”

A contradição — ver *Êxodo* 20:5:

“Eu sou um Deus zeloso, que visito a iniquidade dos pais nos filhos até à terceira e quarta geração...”

Terceira afirmação – *Levítico* 19:13:

“Não defraudarás o teu próximo, nem o roubarás.”

Contradição – *Êxodo* 3:21-22:

“E acontecerá que, quando partirdes, não partireis vazios; mas cada mulher pedirá à sua vizinha e às suas hóspedes objetos de prata, objetos de ouro, e vestes; e despojareis os egípcios.”

Quarta afirmação – ver *Gênesis* 3:9-10 e *Êxodo* 19:19:

“Adão ouviu a voz de Deus no jardim...”

“Moisés falou, e Deus respondeu-lhe por uma voz”;

e ainda, no capítulo 33, versículos 22 e 23 de *Êxodo*, afirma-se que Deus tem mãos, face e costas.

Mas observemos a contradição – *João* 5:37:

“Nunca ouvistes a sua voz, nem viste a sua forma.”

E novamente, *João* 4:24:

“Deus é espírito.”

E depois, o que torna a afirmação de Moisés completamente contraditória, *Lucas* diz (24:39):

“Um espírito não tem carne nem ossos.”

Quinta afirmação – ver *Lamentações* 3:33:

“Porque não aflige nem entristece de bom grado os filhos dos homens”;
e em *1 Crônicas* 16:41, afirma-se claramente:

“A sua misericórdia dura para sempre.”

A contradição – *Deuterónimo* 7:2, 16:

“Fere as nações, destrói-as totalmente; e não lhes mostrarás piedade nem misericórdia.”

Em *1 Samuel* 5:9:

“Feriu-os com hemorroidas, com grande mortandade.”

E noutro lugar está escrito:

“Lançou do céu grandes pedras sobre eles, e matou-os.” (*Josué* 10:11)
“As suas crianças serão despedaçadas, e as suas mulheres abertas ao meio.”

O que pode ser mais bárbaro e ímpio do que estes registos dos 'feitos do Senhor'? Seguramente, as mais simples simpatias do coração humano são muito mais divinas do que os atributos de um Deus assim representado pelos seus supostos santos profetas. Durante a recente guerra com o México, nem mesmo o mais furioso guerreiro sugeriu tais crueldades como as aqui descritas — atribuídas, nesta revelação infalível, ao próprio Senhor!

Sexta afirmação – ver *Salmos* 30:5:

“A sua ira dura só um momento.”
O mesmo autor diz noutro lugar:
“O Senhor é clemente e cheio de compaixão, tardio em irar-se e de grande misericórdia.”

E Daniel diz (*Daniel* 9:9): “Ao Senhor, nosso Deus, pertencem as misericórdias e os perdões, ainda que tenhamos pecado contra ele.”

Mas prestai agora atenção rigorosa:
O Senhor não é “tardio em irar-se”, nem “a sua ira dura só um momento”, nem é Ele “cheio de compaixão”, pois, como se lê em *1 Samuel* 6:19, “O Senhor feriu setenta mil e cinquenta homens, por terem olhado para dentro da arca.”

E em *Números* 32:13: “A ira do Senhor acendeu-se contra Israel, e fê-los vagar no deserto, não por ‘um momento’ — como diz David — mas durante quarenta anos, até serem consumidos todos os que o haviam provocado.”

E em *Números* 25:4:
“E o Senhor disse a Moisés: toma todos os cabeças do povo e enforca-os diante do Senhor, ao sol, para que a ardente ira do Senhor se afaste de Israel.”

Poderão estas contradições ser explicadas com uma leitura engenhosa e clerical do texto? Dir-se-á que essas incoerências desaparecem quando se lê o texto completo no seu imenso contexto? Poderão estas contradições ser refutadas com o argumento de “extratos descontextualizados” ou “má interpretação”?
Dir-se-á que cada parte está tão intimamente ligada ao todo que só uma visão completa da totalidade pode permitir uma avaliação justa das partes menores?

Não! Isto não pode ser dito de uma revelação sobrenatural. As partes devem ser tão distintas e infalíveis como o todo.

E mais: lembrem-se de que as citações referem-se tanto a factos como a princípios — e os contextos vão precisamente no mesmo sentido e intenção.
Assim, as afirmações e contradições opõem-se mutuamente — facto contra facto, princípio contra princípio — e o argumento de desonestidade não pode ser usado

contra estas proposições, que são colocadas nas nossas mentes pela própria revelação em questão.

Confesso que estas contradições raramente são percebidas por quem lê o texto inteiro, pois menos de uma em cinco mil pessoas possui o discernimento crítico necessário para detetar as absurdidades positivas ou relativas do sistema em análise.

Permiti-me colocar uma afirmação fatual contra outra, e vereis o que quero dizer.

Sétima afirmação – ver *Génesis* 32:30 e *Êxodo* 33:9-11: “Vi Deus face a face...” “O Senhor falava com Moisés... face a face, como qualquer fala com o seu amigo.”

Agora vejamos a contradição, que é igualmente clara e direta, encontrada no mesmo livro do Antigo Testamento.

Ver *Êxodo* 33:20-23: “Não poderás ver a minha face, porque homem nenhum verá a minha face e viverá.” “A minha face não será vista.”

É importante observar, neste contexto, que nenhum lógico bíblico ou académico respeitado pode demonstrar que isto não é uma contradição fatual positiva — uma afirmação hipotética de que Deus foi visto por Moisés “face a face”, e a afirmação oposta de que “nenhum homem pode ver o rosto de Deus e viver.”

E não seria justo ignorar a afirmação de S. João, que contradiz Moisés, ao dizer que

“Deus é espírito”; nem tão pouco a ainda mais forte afirmação de S. Lucas, que diz: “Um espírito não tem carne nem ossos” — o que torna o relato mosaico de ver e conversar com Jeová extraordinariamente apócrifo, e muito, muito longe do que seria de esperar de uma relação infalível.

Tendo assim apresentado um exemplo do que quero dizer com contradições bíblicas de facto — e este é apenas um entre vinte mil erros que poderia apresentar, caso se considerasse necessário — passo agora a apresentar um exemplo do que quero dizer ao afirmar que este livro dito infalível é também contraditório em ponto de princípio.

É, com certeza, consensual que qualquer coisa que se refira especialmente aos grandes atributos de Jeová deve ser classificada na categoria das afirmações de princípio. Para ilustrar o que quero dizer:

Tudo o que se refere a ocorrências históricas — número de exércitos — atos de crueldade — massacres — genealogias e cronologias, etc. — pertence ao domínio dos “factos”, e os contextos correspondentes que os contradizem são os chamados “factos contraditórios.”

Mas tudo o que se refere particularmente ao carácter divino, aos atributos de Deus ou a leis que se dizem instituídas pelo Senhor para o governo infalível da

humanidade,
deve ser classificado como “princípios”, e os contextos ou manifestações desses atributos que se lhe oponham devem ser considerados como “princípios contraditórios.”

De acordo, então, com esta definição — que nenhum comentador erudito ousará refutar — forneço-vos agora alguns exemplos de contradições ao nível de princípio.

Oitava afirmação, sobre a disposição intrínseca de Jeová:

Ezequiel afirma, no seu capítulo 18, versículo 32: “O Senhor não tem prazer na morte daquele que morre.”

Mas vejam como Josué contradiz de forma surpreendente essa disposição benevolente do “Senhor”:

No capítulo 10 de Josué, versículo 20, lemos:

“O Senhor endureceu-lhes o coração, para que não achassem misericórdia, e fossem totalmente destruídos.”

Aqui vedes claramente: o santo profeta afirma que o Senhor *tem* prazer na morte daquele que morre, pois endureceu-lhes o coração com o propósito direto de os impedir de alcançar um estado mental digno de misericórdia, precisamente para poder destruir-lhes completamente.

Nona afirmação, referindo-se a Deus no exercício da sua disposição indulgente, por via da sua vontade ou onipotência:

1 Timóteo 2:4: “Deus quer que todos os homens sejam salvos e venham ao conhecimento da verdade.”

Contradição – *2 Tessalonicenses* 2:11-12:

“Deus enviará a operação do erro, para que creiam na mentira; para que sejam condenados todos os que não creram na verdade.”

Amigos, como podeis reconciliar esta contradição com a ideia de uma revelação divina e infalível? Não podeis, honestamente, evitar esta questão. Não podeis, com justeza, desdenhá-la; nem vos podeis refugiar nos comentários de Adam Clarke, McKnight, Campbell, Scott, ou de qualquer outro erudito bíblico para justificar o texto.

Não podeis atribuir a uma das passagens uma interpretação literal e à outra uma leitura espiritual.

Temos uma tradução inglesa (ou portuguesa) da chamada “Palavra infalível”; a linguagem é clara e simples; qualquer mente inteligente pode ler o “Livro” tão bem quanto Swedenborg, McKnight ou Clarke, e pode igualmente avaliar a consistência ou a retidão das declarações bíblicas.

Que posição assumireis, então, quando vos deparardes com uma contradição clara?

Timóteo afirma que o Senhor “deseja que todos os homens venham ao conhecimento da verdade e sejam salvos”;
mas como conciliar isso com a ideia de que Ele próprio “envia a operação do erro” para que “creiam na mentira” e sejam condenados?

Alguns dizem:

“Ah, isso é feito de forma misericordiosa, para provar a fé dos eleitos.”

Mas essa ideia é tão ofensiva à bondade, onisciência e onipotência do Deus Vivo, que me recuso a discorrer sobre tão absurda e irreligiosa proposição.

Permiti-me voltar a perguntar:

Que posição assumis quando ledes estas contradições num volume que venerais como a plenitude da Verdade Celestial e Infalível?

A vossa resposta já é previsível:

“Aceitámos o fundamento sem questionar; o nosso coração e o nosso intelecto creem num Deus perfeito e infinito, mesmo antes de consultar a revelação infalível.”

Mas, quando consultais esse “deus doméstico” e ledes doutrinas que afirmam que Deus não é perfeito nem infinito; que foi visto localmente; que manifestou frequentemente ira e fúria; que ordenou a profetas e apóstolos que revelassem coisas contraditórias, tanto no que respeita a factos como a princípios — o que pensais?

A resposta, com toda a clareza, é:

“Não compreendo estes mistérios sobrenaturais — estes arcanos do Deus triuno — mas devem ser verdade, apesar de tudo!”

Ou seja: vendestes a vossa razão a uma fé incompreensível. E, por isso, passais a duvidar de vós próprios — da vossa razão, da vossa intuição, dos vossos instintos, da vossa alma —
e podeis repetir, como o Professor Bush:

“Acreditando assim, não ousa conferir com carne e sangue.”

Se, em algum ponto, não antecipei corretamente as vossas respostas, ou os reais alicerces da vossa fé no sobrenatural e no miraculoso, então peço que me corrigis, para que a mente humana possa ser ainda melhor compreendida.

Um espírito que acredita na infalibilidade de qualquer revelação é, sem dúvida, psicologicamente influenciado por uma fé religiosa desde o princípio; depois, é magnetizado, de forma psico-simpática, pelos pensamentos do autor ou autores dessa fé, ao ponto de começar a imaginar que o seu “coração”, o seu “intelecto” e as

“intuições centrais da alma” estão todos “convencidos” de uma fé que é “superior às capacidades naturais do homem”; e assim, no exercício da sua “melhor razão”, encontra-se num estado de transição entre o erro e a liberdade — entre o cativo e a emancipação mental — entre usar os olhos do seu guia religioso, ou os seus próprios poderes de discernimento.

Que isto não seja entendido como uma crítica à versatilidade de talento, veracidade ou iluminação espiritual de Swedenborg. Não me é permitido duvidar da realidade do seu contacto com o mundo espiritual. Mas a grande questão, que deve ser estabelecida com clareza, sobre Swedenborg e todos os outros representantes do sobrenaturalismo, é esta:

“Pode haver verdadeiro raciocínio com base num fundamento sobrenatural ou irracional?”

Se a resposta for não, então temos de procurar uma explicação psicológica ou ontológica para esta fé universal, porém ilusória, da humanidade. Para dar essa explicação, Swedenborg foi escolhido como o melhor exemplo moderno de fé sobrenatural acompanhada por uma aparência de raciocínio filosófico. E o Professor Bush foi igualmente selecionado como ilustração do estado de transição, em que a mente ainda não é livre nem apta para raciocinar, como o será nos estados mais avançados que ainda iremos analisar.

O sistema de fé sobrenatural tem de ser analisado. E quem poderá dizer que a missão de Swedenborg não está tão ligada ao advento espiritual e místico do Senhor como à grande questão entre o naturalismo e o sobrenaturalismo, questão essa que esta era exige que seja resolvida com clareza e profundidade? Começa a tornar-se evidente que o progresso social depende imensamente de um veredicto racional.

Amigos, há uma nova filosofia no mundo! Há uma nova aliança entre o Homem e a Razão! Não se trata da ressurreição de um antigo sistema, nascido na Grécia e adormecido nos braços de Roma, agora reanimado com novo nome e diferente recomendação.
Não!

Trata-se de um desenvolvimento grandioso da Verdade de Deus através dos dez mil canais da Natureza e da humanidade — uma melodia profunda, forte e celeste, destinada a conduzir as almas humanas em grupos harmoniosos em torno de um centro comum de simpatia universal.

Há um pensamento novo aceso no altar do coração humano — uma tolerância e bondade espontânea, a respirar como a brisa da primavera universal sobre os brotos sensíveis e crescentes da alma imortal do Homem.

PALESTRA XV

O ESTADO DE TRANSIÇÃO DA MENTE, TAL COMO SE DESENVOLVE ENTRE OS LÍDERES RELIGIOSOS

Aqueles que ouviram o discurso do último domingo à noite recordar-se-ão, certamente, da apresentação de certas passagens da História Primitiva, que se mostraram positivamente contraditórias em si mesmas, tanto ao nível literal como no seu significado interno. Duas conclusões, desenvolvidas de forma legítima a partir das premissas apresentadas, foram frequentemente destacadas à vossa atenção:

Primeiro, que não pode haver verdadeiro raciocínio com base numa fundação reconhecidamente sobrenatural; ou seja, sobre um alicerce perdido nas profundezas sombrias da incompreensibilidade;

Segundo, que as contradições referidas — apesar de serem até fracas quando comparadas com muitas outras contidas no mesmo livro — demonstram que tais relatos são produto, única e exclusivamente, do entendimento humano.

Estas posições são claras e facilmente compreensíveis. Mas a questão é: serão elas verdadeiras?

Esta interrogação foi, em grande parte, respondida na lição anterior, onde se mostrou que aquele que aceita como verdadeiras as declarações de qualquer líder religioso, no sentido de ser este um favorito especial do Altíssimo, e chamado a revelar doutrinas infalíveis, resigna, na prática, a sua mente ao governo de outro homem.

Assim, quem se coloca nesta posição acorrenta a sua alma, prende a sua razão a um sistema teológico, e passa a ter liberdade para exercer o entendimento apenas dentro de certos limites predefinidos.

E foi também demonstrado que uma revelação infalível não pode conter contradições, nem inconsistências factuais ou de princípio; mas, como o sistema em análise foi provado conter tais evidências, que atestam o seu carácter falacioso e imperfeito, concluiu-se que a obra é, sem dúvida, produto exclusivo do funcionamento da mente humana.

Esta posição é abrangente e de enorme importância.

Ela coloca sobre a fonte das minhas impressões uma grande responsabilidade, que me sinto impelido a aceitar com alegria — pois, como facilmente reconheceréis, há um volume imenso de explicações exigidas de mim por todos os lados, as quais me devem ser, esperamos, solicitadas por aqueles cuja fé no miraculoso e no sobrenatural se vê, supostamente, gravemente abalada pelas afirmações e posições aqui tomadas.

Por exemplo, sou chamado a explicar aos muçulmanos como Maomé recebeu e escreveu a sua religião, se rejeito a doutrina de que ele foi infalível e sobrenaturalmente inspirado; o mesmo se exige por parte dos cristãos, no que respeita aos escritos proféticos e doutrinários dos seus chamados "autores inspirados"; e o mesmo se exige dos Shakers, que veneram profundamente o sistema de fé e governo social fundado na Bíblia e nas alegações igualmente infalíveis da sua líder feminina; e igualmente dos seguidores de Joseph Smith, o qual é considerado agente direto do "Senhor", responsável pela revelação de uma nova vaga de verdades infalíveis, continuando o que a Bíblia terá deixado por dizer — unificando todas as revelações anteriores na fé Mórmon; e, por fim — e mais categoricamente do que todos os outros — dos discípulos de Swedenborg, que exigem uma explicação para as suas revelações transcendentais e profundas interpretações literal, espiritual e celestial da Palavra.

Mas porque exigem estes diversos grupos tais explicações?

Porque é que clamam por uma solução satisfatória dos processos mentais de Isaías, David, Maomé, Smith ou Swedenborg enquanto estes produziam os seus ditos infalíveis? Porque, de facto, sabem relativamente pouco sobre os poderes e leis psicológicas naturais à mente humana. Não têm qualquer insight sobre os princípios que regem a alma.

Em resumo: os seguidores destes líderes depositam a confiança dos seus corações nas declarações dos seus mestres, simplesmente por desconhecimento das leis mentais e das qualificações internas do espírito humano.

Começa-se pela aceitação de uma fé sobrenatural; e, com o hábito, esta crença fica solidamente gravada na mente — tornando-se depois muito fácil aceitar os relatos de outros indivíduos, desde que estes se apresentem como continuadores dessa mesma corrente sobrenatural.

Ou seja: uma mente que nunca ousou questionar os relatos de Moisés, Josué ou Aarão, que nunca sentiu a mais leve centelha de independência mental, suficiente para interrogar a credibilidade das alegações religiosas da Antiguidade, — essa mente está plenamente preparada para acreditar nas declarações semelhantes de Maomé, Smith ou Swedenborg.

Estes personagens não reivindicam mais do que o que Moisés ou Josué já haviam declarado: que foram escolhidos pelo Senhor, que O viram, falaram com Ele, caminharam ao Seu lado, e que foram os vasos eleitos para revelar verdades infalíveis.

Assim, a mente que aceita os fundamentos de um, aceitará, com a mesma facilidade, as alegações dos outros. Porque, a partir do momento em que se admite que um ser humano comum — feito de carne e osso, sujeito às limitações da matéria — pode transmitir uma verdade infalível, abre-se o portão para um oceano de absurdos, e expõe-se a alma às fantasias de mentes impressionáveis, bem como às manipulações de homens ambiciosos e astutos.

Estou convencido de que aquele que compreende a constituição da mente humana, e tem uma visão geral das principais leis que regem a organização mental, jamais poderia ser psicologicamente induzido a acreditar que o Senhor escolhe certos indivíduos para transmitir uma revelação infalível e sobrenatural. Mas os diferentes grupos religiosos insistem:

“Explica-nos por que razão os nossos líderes proclamaram tais revelações extraordinárias!”

Novamente vos recordo: nenhum dos seus seguidores sentiria tal necessidade de explicação — se conhecesse verdadeiramente as leis e o funcionamento da sua própria mente.

Por isso, atribuo tal exigência à ignorância pessoal. Se o ser humano compreendesse o ser humano, então todos os fenómenos naturais aos espíritos proféticos ou exaltados teriam uma explicação simples e acessível.

Mas, como não é o caso — e como a mente humana permanece largamente ignorante da sua própria constituição — é muito provável que, mesmo após eu fornecer as explicações psicológicas mais claras e lógicas, tais indivíduos continuem a não as compreender, e voltem aos seus trilhos de fé no sobrenatural, tal como faziam antes de qualquer explicação ter sido dada.

Que grande contradição é esta! Que as mentes acreditem nas meras declarações dos seus líderes religiosos; aceitem tudo o que é incompreensível e ilógico; e, no entanto, nada saibam dos princípios mais elementares do conhecimento, fundados nas leis da Natureza e da Mente!

Se afirmo que tais seguidores são ignorantes em matéria de princípios psicológicos, sei que corro o risco de provocar um sorriso arrogante da parte de quem pensa que a profundidade da sua fé está além da compreensão comum. Mas posso assegurar-vos: o mundo acabará por reconhecer essa ignorância — não tanto pelo que eu escrever ou disser, mas, inevitavelmente, pelo progresso da intuição, da razão e da ciência.

E então, ver-se-á claramente que nenhum líder religioso jamais conversou com “o Senhor”, nem revelou qualquer verdade infalível. As leis da psicologia lançarão uma nova e clara luz sobre a estrutura e funcionamento da mente humana — mesmo que isso custe a perda de muito da veneração doentia e da escravidão mental que, hoje, impedem a ascensão mais elevada do ser humano.

De acordo com as minhas impressões, prossigo agora afirmando que todos os líderes religiosos conhecidos no mundo — Moisés, Isaías, Paulo, Maomé, Zoroastro, Smith, Swedenborg — estiveram todos, em maior ou menor grau, num estado mental a que chamo de estado de transição, que se situa a meio caminho entre a escravidão mental e a liberdade. Ou, mais precisamente, trata-se de um estado no qual a alma permanece fortemente em sintonia com as impressões herdadas, com as convicções educativas e com as crenças predominantes, enquanto, quase ao mesmo tempo, a

mente revela uma certa coerência e independência de pensamento, na proporção da predominância das faculdades ordenadas na sua estrutura mental.

Neste ponto, permitam-me esclarecer que, ao colocar Moisés ao lado de Maomé, e Joseph Smith ao lado de Swedenborg, não pretendo desrespeitar qualquer das partes. Tomo plena consciência da vasta diferença entre estes líderes religiosos, quer em termos da pureza dos seus respetivos caracteres, quer na abrangência dos seus génios — e disso poderei ainda vir a falar.

Mas quando cristãos reivindicam por Moisés, muçulmanos por Maomé, mórmons por Smith, e os membros da Nova Igreja por Swedenborg, que o seu profeta predileto foi divinamente inspirado e sobrenaturalmente dotado para revelar verdades infalíveis, então não sou eu quem os coloca em ligações que os seus seguidores possam considerar desonrosas. Muito pelo contrário — eles próprios se apresentam ao mundo tal como os classifiquei.

As declarações de Maomé são tão dignas de uma investigação honesta como as de Moisés; da mesma forma, considero as afirmações elevadas e incompreensíveis de Swedenborg tão merecedoras da nossa atenção sincera como os pressupostos e pretensões de Joseph Smith. Todavia, reconheço amplamente as diferenças entre essas figuras, quanto ao desenvolvimento das verdades e às suas pretensões pedantes de infalibilidade. No que toca à declaração de serem agentes escolhidos de Deus para transmitir mensagens ao mundo, todos esses líderes religiosos se posicionam no mesmo patamar. Neste aspeto, nenhum deles merece mais honra ou investigação do que os demais, por mais que se apelem a afetos ou preferências educativas.

Sem mais delongas, passo a considerar os fenómenos psicológicos que caracterizaram o estado mental de Emmanuel Swedenborg — não, porém, com o intuito de avaliar a qualidade ou quantidade das verdades que se pensa terem-lhe sido reveladas, mas com o já declarado propósito de oferecer uma explicação filosófica para um estado mental que possa acreditar que o Senhor lhe concedeu o poder de revelar ideias alegadamente acima da capacidade natural do ser humano.

Comecemos com a própria afirmação de Swedenborg. Numa carta ao Dr. Detinger, ele diz:

“Posso declarar, sagrada e solenemente, que o Senhor apareceu diante de mim, e que me enviou para cumprir a missão que desempenho, tendo para tal aberto a parte interior da minha alma, que é o meu espírito, de forma a que eu pudesse ver o mundo espiritual e os que nele habitam; e este privilégio tem-me sido concedido há vinte e dois anos.”

Ora, isto é uma crença extraordinária — uma profissão de fé assombrosa para um simples ser humano apresentar ao mundo, diante de pessoas da sua mesma constituição! Mais uma vez, apelo à atenção sincera dos cristãos para este ponto, e para todos os outros que irei tratar ao longo desta exposição; pois todo este caso serve de espelho — um espelho onde poderão ver-se a si próprios com mais clareza e profundidade.

As afirmações de Swedenborg não são menos miraculosas, maravilhosas ou sobrenaturais — talvez nem mesmo menos supersticiosas ou ilógicas — do que as de qualquer profeta ou vidente aceites na Cristandade. Pensem bem nesta declaração:

Um ser humano, constituído tal como todos nós — com necessidade de comer, dormir, caminhar ao ar livre, submeter-se às leis mentais e orgânicas da vida terrena — declara, e com toda solenidade, que viu o Senhor e que a sua natureza interior foi aberta de modo sobrenatural pelo próprio Senhor!
Esta é uma afirmação extraordinária — mas não é nova.

Não é nova porque tem sido sempre essa a declaração uniforme e invariável de todos os líderes religiosos que já se apresentaram perante a humanidade. Para evitar mal-entendidos, permitam-me mais uma vez esclarecer a minha posição.

Não contesto, nem sou levado a negar, a afirmação de Swedenborg de que viu o mundo espiritual;
pois esta capacidade, como já referi, é herança natural e constitucional de todos os indivíduos da raça humana, e portanto não constitui um exercício sobrenatural do espírito interior.

Mas aquilo que me impressiona profundamente como sendo falacioso, é a sua profissão de que o “privilégio” de ver o mundo espiritual lhe foi concedido durante muitos anos pelo próprio Senhor.

Reparem na posição assumida: Swedenborg afirma que a sua condição psicológica não era o resultado natural de harmonia física e sensibilidade mental, mas sim uma operação sobrenatural realizada diretamente sobre o seu ser interior, por intervenção direta do Senhor dos céus!

Na sua carta ao rei, ele declara:

“O nosso Salvador manifestou-se a mim numa aparência pessoal sensível, e ordenou-me que escrevesse o que já está feito; e, mais tarde, teve a bondade de me conceder o privilégio de conversar com espíritos e anjos. Não está no meu poder colocar outros no estado em que Deus me colocou. Este conhecimento foi-me concedido pelo nosso Salvador, não por qualquer mérito pessoal, mas pelo bem da salvação e felicidade de todos os cristãos.”

Esta é, de facto, uma declaração solene; e a base sobre a qual assenta é idêntica à assumida por todos os líderes religiosos de todas as eras e nações.

Mas esta posição anula qualquer esforço de progresso individual por parte das “classes não privilegiadas”. Seria presunçoso para um homem comum afirmar que o Senhor lhe concedeu o “privilégio” de conversar com anjos. Mas se um nobre — um homem educado, um patriarca respeitado — se apresenta como mensageiro celeste admitido nos tribunais de uma aristocracia divina, então é muito provável que seja acreditado, principalmente por aqueles já predispostos a crer no sobrenatural.

Se Swedenborg tivesse admitido, como chegou a reconhecer perto do fim da vida, que não era absolutamente infalível, talvez os seus seguidores não tivessem tomado tão rapidamente o seu sistema teológico como base de uma nova forma de sectarismo aristocrático.

Mas, sem colocar em causa a honestidade deste líder, posso afirmar, com convicção, que ele se sentia verdadeiramente convencido de que a fundação do seu sistema, bem como a maior parte das suas teses e conclusões, eram fiáveis. E por isso, embora tivesse consciência de certas falhas que revelavam a natureza essencialmente humana das suas revelações, ainda assim encontrava em si mesmo a justificação moral para manter em segredo o alcance de algumas das suas últimas descobertas.

Seria talvez demasiado humilhante para uma mente aristocrática admitir-se enganada ao longo de quase toda a sua vida. A sua modéstia constante, a ausência de ostentação, o carácter contido e reservado deste talentoso sueco — tudo isso ajudou a convencer muitos corações e mentes cristãs da veracidade das suas declarações. E, sem dúvida, isso é algo que atrai em qualquer ser humano.

Mas é precisamente essa aparência de humildade que todos os crentes procuram exhibir diante do Senhor, com o intuito de obter o seu favor. Em termos simples, trata-se de uma espécie de “negócio teológico”: — uma demonstração de que não se merece nada, com o objetivo de alcançar grandes tesouros espirituais do Dador de Graça.

Tudo quanto se pode reivindicar por Swedenborg, quanto à sua constante humildade, é isto: — ele possuía dentro de si os meios de se justificar perante si próprio, — mas a natureza dessa justificação ele nunca revelou ao mundo.

Quando um gigante é acariciado, mostra-se dócil como a manhã e gentil como uma criança brincalhona; mas, se instigado ao combate, a sua forma ergue-se como um colosso e o seu braço gigantesco incha com força descomunal. Assim acontece com Swedenborg, quando considerado em relação às suas pretensões sobrenaturais.

Quando olhado com veneração, diz-nos, em substância:

“Não creias em mim apenas porque vi o Céu e o Inferno, porque conversei com anjos e fui admitido nas cercanias da Presença Divina. Crê em mim porque te digo aquilo que as tuas intuições também te dirão — se escutares calmamente a sua voz. Na tua alma verás os princípios que, pela sua própria natureza, devem necessariamente conduzir às realidades eternas que te revelo.”

Ora, esta disposição amável, vinda de um gigante moral ou teológico que sabe ter-te sob a sua influência, pode ser considerada altamente atrativa para certos espíritos. Mas vejamos se ele permanecerá assim tão passivo e delicadamente modesto quando o seu testemunho é posto em causa.

Suponhamos que, depois de consultar a minha alma e natureza, eu lhe dissesse:

“Não posso acreditar nas tuas alegações sobre os ‘favores’, ‘graças’ ou ‘privilégios’ que afirmas ter recebido do Senhor. Posso, sim, acreditar que por vezes viste o mundo espiritual — que ocasionalmente contempleste e conversaste com espíritos e anjos; mas não acredito que tu, ou qualquer outro ser humano que alguma vez viveu, tenha sido instruído pelo próprio Senhor para proclamar verdades infalíveis à humanidade.”

E então, o que achas que este gigante gentil responderia?

Ele não se levantaria em fúria de imediato, mas a sua mente, inflada por uma conceção reavivada da sua própria infalibilidade, responderia de forma mais afirmativa e firme, tal como fez numa carta dirigida ao rei:

“Se restar alguma dúvida, estou pronto a testificar, sob o mais solene juramento possível, que nada escrevi senão verdades essenciais e reais, sem qualquer mistura de engano.”

Pondera nisto por um momento. Um homem modesto? Declarando que escreveu, durante quase trinta anos, nada além da verdade — sem erro, sem imperfeição, sem falhas?

Agora, que posso eu dizer? Já afirmei que não acredito nos seus êxtases mentais sobrenaturais, nem na sua infalibilidade. Mas que posso eu afirmar, admitindo a sua honestidade, quando ele se dispõe a prestar o mais solene juramento de que escreveu “nada além da verdade essencial e real” por vários anos?

Será ele ainda o mesmo homem modesto e humilde? Será que, de forma gentil, ainda me aconselha a escutar as minhas intuições e a razão mais elevada e deixá-las decidir?

Se o fizesse, seria um exemplo sem paralelo de humildade e brandura nos anais da teologia. Moisés, Josué, Isaías, Paulo, João, Buda, Maomé, os padres romanos e Joseph Smith, todos poderiam ter aprendido uma lição preciosa sobre como manifestar uma graciosa humildade, mesmo com a convicção de que eram mestres infalíveis instruídos pelo próprio Deus.

Que majestade haveria numa tal brandura! Que gigante formidável poderia viver sob os modos ternos de uma criança!

Mas que decepção amarga é esta! Todo líder religioso professa ser favorecido por Deus, designado por Deus, autorizado por Deus!

Podes consultar, com o maior cuidado, as tuas intuições e consciência sobre se Moisés, ou Jesus, ou João, ou Maomé, ou Lutero, ou Calvino, ou Swedenborg — ou qualquer outro líder religioso — revelou ou não a verdade pura e absoluta, segundo uma nomeação divina. Podes questionar — até ao ponto em que a tua consciência esteja de acordo com os seus ensinamentos — mas e quando discordas?

O que sucede então? A resposta é simples. Duvidas da sua honestidade? De modo algum. Muito bem: com base nessa admissão, esses Generais religiosos erguem um “solene juramento” de que não proclamaram senão a verdade perfeita e infalível, por autorização divina.

Ora, que mais podes dizer?

És livre para raciocinar sobre uma base sobrenatural? És livre para seres guiado racionalmente e em liberdade nas questões da fé religiosa? Estás em condições de exercer o mais alto direito humano — o uso da razão — para julgar a verdade intrínseca de uma revelação alegadamente miraculosa?

Swedenborg é extremamente afável com a tua intuição e consciência até ao momento em que discordam de algo que ele afirma. Mas a partir desse instante? Ele declara, sagrada e solenemente, “que o Senhor foi visto por mim, e que Ele me enviou para fazer o que faço.” E essa declaração aparece não menos que mil e duzentas vezes ao longo de todas as suas extensas obras teológicas — tão repetitivas que, sem desrespeito algum ao seu génio, pode-se afirmar com verdade que renunciou ao interesse pelo mundo literário em seu redor e passou a alimentar-se apenas das entranhas das suas próprias cogitações religiosas.

Repito, não pode haver raciocínio puro sobre uma base sobrenatural.

A admissão de que Moisés ou Maomé, Smith ou Swedenborg foram divinamente inspirados, honestos e tornados infalíveis por uma ação especial do Senhor, é uma admissão que enfraquece a tua capacidade de te ergueres sobre as tuas próprias prerrogativas interiores. E torna os teus esforços de raciocínio tão débeis quanto os de um homem coxo tentando andar sem as suas muletas.

Mas como hei de convencer um ignorante de que não é sábio? Como hei de provar ao crente em revelações e figuras sobrenaturais que ele não raciocina analiticamente? Como hei de abrir os olhos ao cego moral e fazer o espiritualmente coxo erguer-se sobre os próprios pés e caminhar na iluminação?

Confesso de boa vontade que tais coisas não podem ser realizadas de forma instantânea; pois toda mudança depende do tempo e das circunstâncias envolventes. Foi assim que todos os chamados milagres aconteceram.

Por isso, ajo com conhecimento de causa. Na destruição final de toda superstição doentia, não posso ser desiludido. É tão inevitável como o desaparecimento de lince, lobos, cobras e lagartos perante a marcha constante da civilização.

Assim, os indivíduos — e conto-me entre eles — podem apenas irradiar toda a luz que possuem sobre as trevas que os cercam. Se há um deserto moral a vencer; se há lobos e ursos teológicos a caçar; se há pântanos insalubres a descobrir e purificar nos vastos territórios do mundo religioso; então estou certo de que é dever de todo aquele que vê por si e caminha por si — pela luz da harmonia — sair em missão para fazer florescer o deserto como uma rosa!

Mas poderia eu convencer um judeu convicto, um luterano, um calvinista, um shaker, um mórmon ou um swedenborguiano de que não é plenamente razoável, de que não está a trabalhar no melhor campo e da melhor forma possível? Não! Longe disso! Muito longe!

Ao observar Swedenborg como o arquétipo de todos os chefes religiosos ou mestres de doutrinas infalíveis, e os seus seguidores como os mais perfeitos representantes de todos os sectários que fazem grandes proclamações de profundo raciocínio, limito-me a fazer aquilo que o caso todo claramente sugere à mente.

Agora, não hesito em afirmar que os intelectos mais aguçados e os corações mais puros entre os adeptos das "Doutrinas da Nova Igreja" não são os lógicos nem os pensadores analíticos que por vezes se julga que são. É verdade que estão isentos das formas mais comuns de entusiasmo, e que, em geral, não se entregam às sofísticas vulgares na aplicação da sua superficial e arbitrária ciência das correspondências; simplesmente porque qualquer mente que se submeta calmamente a ser psicologizada e tornada psico-simpática pela leitura das declarações pesadas e repetições inúmeras deste profeta autoproclamado, está certamente a salvo de qualquer risco de se tornar visivelmente entusiástica.

Para evitar equívocos, impressiona-me aqui dizer que Swedenborg deve ser considerado o autor de muitas revelações verdadeiras. Ao examinar os seus diversos escritos, encontrarás muitas verdades históricas, científicas, filosóficas, metafísicas e espirituais — as quais o colocam muito acima, na galeria dos génios sublimes que floresceram, ocasionalmente, nos vastos campos da humanidade — como plantas do século que desabrocham raramente, mas cuja beleza é tamanha que o mundo adorador não resiste a atribuir-lhes a honra da deificação.

Não obstante Swedenborg proclamar que foi enviado por Deus cerca de mil e duzentas vezes, e jurar solenemente que revelou “nada senão a verdade essencial e real,” os seus seguidores ainda dizem que “a questão a determinar, antes de tudo, é se Swedenborg foi ou não verdadeiramente sujeito de revelações sobrenaturais.”

Ora, aqui está um mero simulacro de raciocínio — um mero exercício de aparência — à custa de pôr em causa a honestidade do profeta cujas afirmações repetem incessantemente!

Ele próprio diz que “o Senhor em pessoa” o manteve numa relação constante com o Bem e com a Verdade, e que lhe concedeu poder para tudo o que realizou. É a mesma alegação feita por Moisés e todos os outros chefes religiosos, antes e depois da sua geração. E o que pode o seguidor dizer?

As afirmações do mestre têm de ser tidas por fiáveis, ou então a sua integridade moral é colocada em causa — coisa de que os discípulos invariavelmente se esquivam. E, por isso mesmo, cessa todo raciocínio puro e sólido quanto aos fundamentos da sua fé.

Pois se eu afirmar, como de facto afirmo, que Swedenborg não foi sobrenaturalmente inspirado para revelar verdades infalíveis, então os seus discípulos prontamente me perguntarão:

“O senhor duvida da honestidade de Emmanuel Swedenborg? Pode explicar os seus profundos e grandiosos ensinamentos sem admitir que ele foi, como ele próprio afirmou tantas vezes, instruído pelo Senhor?”

Respondo que posso. E vou recorrer aos princípios da ciência psicológica para apresentar uma explicação adequada do seu caso.

“Os adeptos da sua doutrina”, diz um discípulo talentoso, “afirmam com confiança que uma análise justa e sincera da evidência psicológica é decisiva quanto à realidade da sua iluminação sobrenatural.”

Ou seja: Swedenborg foi vastamente superior ao resto da humanidade, e o seu estado estava acima da Natureza; portanto, era sobrenatural!

Mas estou profundamente convencido de que a mente humana pode alcançar grande quantidade de verdade real por meios simples — pela honestidade do coração, pela observação da Natureza, pela Intuição, e pela Razão.

Assim, estou disposto a adotar a afirmação de que

“É possível que a mente, conduzida por provas adequadas, chegue à certeza absoluta da verdade sobre certos grandes pontos do nosso ser psicológico.”

E é verdade que Swedenborg refere constantemente o leitor aos factos da ciência, à consciência, à razão, à bondade e à verdade, como formas de sustentar e verificar as suas inúmeras posições.

Mas suponhamos que algumas dessas posições não harmonizam com os factos referidos — e então?

Nada importa. Não tens alternativa, nada a debater, nada a decidir. Pois lá está o “mais solene juramento” de um homem cuja integridade moral é inquestionável — afirmando que foi “instruído pelo Senhor em pessoa” e que revelou “nada senão a verdade essencial e real, sem mistura de erro”.

Assim, a tua posição está facilmente definida. Tens apenas duas opções:

Rejeitar a sua alegação de infalibilidade, e então usar a tua razão para estudar as obras de um génio raro e elevado. Rejeitar a tua razão, aceitar a sua infalibilidade, e a partir daí limitar o teu próprio campo de pensamento e progresso. Não há alternativas neste caso. E o mesmo pode ser dito de todos os que afirmam crer em coisas miraculosas e sobrenaturais.

Já disse que posso explicar o estado psicológico de Swedenborg, e a origem dos seus ensinamentos, sem pôr em causa a sua honestidade, e sem aceitar a sua incessante

alegação de ter sido iluminado sobrenaturalmente. Fá-lo-ei no meu próximo discurso, segundo as impressões que recebo.

Mas, como prefácio a essa explicação, recordo-vos uma verdade:

A Verdade é sempre simples; enquanto o Erro é composto e geralmente incompreensível. Se algo maravilhoso for uma verdade, descobrir-se-á que assenta sobre fundamentos muito simples e evidentes. É o erro que tem por base as trevas, e as suas torres envoltas em nuvens negras e sombrias.

Enquanto a humanidade for heterogénea, assim também o serão as suas explicações. Um cérebro desequilibrado ou não desenvolvido gera uma mente correspondente; e esta, nas suas múltiplas operações, revela o verdadeiro estado do indivíduo.

Assim, os homens e as épocas são bastante análogos. A discórdia gera discórdia; embora muitas vezes promova e sugira a harmonia. À medida que os homens se iluminam, os seus pensamentos assumem a simplicidade. Os incontáveis deuses pagãos ou divindades mitológicas não passam de personificações da ignorância e de formas da imaginação. Pitágoras era mais desenvolvido do que os sacerdotes pagãos e, por isso, a sua filosofia da Natureza era menos complexa.

A iluminação destrói o mistério e a complexidade; e abre caminho para a grandeza assente na simplicidade. À medida que a percepção da Verdade se amplia por via da experiência e da iluminação espiritual, os homens perderão cada vez mais de vista o sobrenatural e o antinatural. E chega-me como uma profecia, alicerçada nas leis imutáveis do progresso e do conhecimento, que toda a Verdade será, por fim, vista como uma unidade — ou seja, que UM ÚNICO PRINCÍPIO GRANDIOSO será reconhecido como constituindo o Alfa e o Ómega — o "Tudo em Tudo" — do universo material e espiritual.

Se seguirmos a Natureza até aos seus recantos mais profundos, e pesquisarmos vasta e intensamente os princípios pelos quais ela conduz as suas operações prodigiosas, descobriremos, no fim, que poucos — muito poucos — princípios simples estão na base de todos os seus desenvolvimentos grandiosos.

Podes estar absolutamente certo de que, quando recebes uma explicação complicada de qualquer coisa, não tens ainda toda a verdade. A experiência do mundo inteiro demonstra que toda a verdade descoberta com certeza é, por natureza, extremamente simples, e tão facilmente compreensível que até aquele que corre pode lê-la. Neste belo princípio de simplicidade, tudo é feito e tudo existe.

As pulsações do coração humano ocorrem segundo o mesmo princípio que faz os planetas girarem no vasto e ilimitado firmamento!

PALESTRA XVI

CONTINUAÇÃO DAS MANIFESTAÇÕES TRANSITÓRIAS ENTRE OS CHEFES RELIGIOSOS

Recordar-vos-eis de que o tema da última conferência dizia respeito, em particular, às reivindicações de infalibilidade feitas por todos os chefes religiosos, conhecidos tanto no mundo pagão como no cristão. E, como tipo fiel desta classe de particularidades, comuns às figuras em consideração, senti-me impressionado a seleccionar o caso de Emmanuel Swedenborg, o talentoso filósofo sueco e teólogo psicológico.

Uma parte do último discurso foi também especialmente dedicada à consideração do facto de que não pode haver verdadeiro raciocínio analítico se se parte de uma base assumida de inspiração sobrenatural. Porque, ao admitir a honestidade das mentes que afirmam ser sujeitas de tal inspiração, és obrigado ou a rejeitar a tua razão e aceitar as suas alegações como verdades, ou a apresentar uma explicação clara e consistente dos problemas colocados. De acordo com as minhas impressões, irei fornecer-vos a minha explicação do estado psicológico de Swedenborg nesta palestra; e a mesma explicação aplica-se, em termos gerais, a todos os chefes religiosos honestos que já surgiram no vasto palco do mundo.

No entanto, considera-se necessário, antes disso, mostrar como o testemunho humano é, muitas vezes, pouco fiável, sobretudo quando se encontra associado a alegações de iluminação sobrenatural da mente. Com isto, não pretendo rejeitar o valor do testemunho humano nem da experiência humana, no seu conjunto — pois, nesse aspeto, considero-os extremamente valiosos como base de confiança e de inferência saudável — mas questiono a validade do testemunho humano quando vinculado a algo que pertença ao domínio do miraculoso ou do sobrenatural.

Permite-me chamar a tua atenção para esta característica comum a todos os que aceitam um mestre infalível: refiro-me ao poderoso esforço que se faz para ligar esse mestre a algo de maravilhoso e essencialmente divino — para o incluir numa categoria de personificações sobrenaturais e arranjos celestiais.

A consequência disto é romper toda a ligação natural e simpática entre o líder religioso e o coração da humanidade; erguendo o chefe a um objeto de reverência profunda, como sendo dotado de atributos divinos e características sobrenaturais. Ou, se alguma ligação é permitida existir, é com base numa afinidade divina e incompreensível com o homem, unicamente por envergar um corpo humano.

Assim os judeus ousam considerar Moisés um ser humano, com base no facto de possuir muitas características comuns aos outros homens. E assim acontece por todo o lado, entre todos os habitantes da Terra. Todo líder e mestre religioso é considerado como um ser "um pouco abaixo dos deuses" — ele tem de ser um Deus manifestado em carne, não com base em qualquer princípio filosófico de encarnação universal — em que todas as coisas visíveis são encarnações físicas de elementos e

essências divinas (como os minerais de Movimento, os vegetais de Vida, os animais de Sensação e o homem de Inteligência) — não!

Mas sim como um elo numa cadeia sobrenatural e incompreensível de desígnios celestiais, e, por isso, acima de quase tudo o que é humano e coerente com a experiência ordinária da humanidade.

Este é o erro do mundo — o engano de homens crédulos e ignorantes. Como já disse, esse erro da deificação é invariavelmente cometido por mentes já preparadas para aceitar revelações milagrosas, por via de uma fé forte e inabalada no sobrenatural e no misterioso.

Os cristãos estão geralmente isentos dessa acusação, porque os mais iluminados entre eles — que são considerados bons e sólidos crentes ortodoxos — são, na verdade, os maiores céticos em relação a tudo o que seja espiritual.

Não têm qualquer luz sobre assuntos psicológicos; não têm teorias reconhecidas quanto ao estado da alma após a morte; não têm princípios de investigação e análise científica; nem têm visões distintas e saudáveis sobre o mundo espiritual, ou qualquer fé concreta na existência substancial e evolução da alma depois de sair desta vida para outra esfera de existência.

Mas entre os cristãos menos esclarecidos — aqueles que são, em geral, ignorantes — encontra-se a mais devota crença em tudo aquilo que a outra classe apenas professa ensinar como verdades religiosas. Por isso, faço uma grande distinção entre os mestres e os seguidores da teologia popular.

Contudo, não existe tal diferença entre os crentes de Swedenborg e aqueles que usam os seus talentos para propagar o seu sistema teológico. Tal como os primeiros apóstolos do Cristianismo, estão perfeitamente unidos nos pontos centrais da fé. E todos eles concentram os seus esforços em sobrenaturalizar o seu líder e identificá-lo com uma cadeia de desígnios celestiais e personagens milagrosamente dotadas.

Com o propósito expresso de recomendar as elevadas pretensões de Swedenborg ao mundo cristão, o Professor Bush começa, com o seu vigor e lógica habituais, a examinar as profecias do Antigo Testamento — especialmente as de Daniel — e consegue, de forma admirável, demonstrar que a segunda vinda de Cristo, em espírito, ocorreu sensivelmente na época em que Swedenborg surgiu com o seu caráter profético. Assim, ele inicia, de forma lógica e bíblica, a elevar os desenvolvimentos do seu chefe espiritual à esfera do sagrado, do deificado e do sobrenatural, elevando, por consequência, o próprio médium a um plano correspondente de reverência.

“Vimos,” diz este talentoso discípulo, “que a grande razão alegada por Swedenborg para justificar a sua missão é que o sublime acontecimento da segunda vinda de Cristo estava, nesse tempo, especialmente a realizar-se, e que ele (Swedenborg) foi levantado como arauto acreditado da ‘Nova Jerusalém que desce de Deus, do céu’ — da qual ele seria o intérprete divinamente autorizado.”

Ou seja, Swedenborg faz o seu ‘juramento mais solene’ de que é um mensageiro divinamente nomeado e infalível de Deus; e então este talentoso discípulo aplica os seus dons de crítica bíblica e interpretação profética ao mundo cristão, demonstrando — se simplesmente admitirmos as premissas — que o seu profeta é, precisa e biblicamente, aquilo que ele próprio tantas vezes alega ser.

Swedenborg afirma que Cristo teve a sua segunda vinda no final do ano 1260, quando o império romano começou a enfraquecer e definhar. Essa segunda vinda foi totalmente silenciosa e despercebida pelo mundo — foi espiritual. Daí que essa circunstância invisível provavelmente teria passado totalmente despercebida, não fosse a aparição de Swedenborg. A partir disso, ele erigiu para si uma missão, e presumivelmente identificou-se com uma das mais celestiais e augustas dispensações que poderiam entrar no sensorio do mais ambicioso chefe religioso.

E com base nestes fundamentos, o Professor Bush entra nas suas críticas bíblicas — exibindo um grau de erudição moral e intelectual em matéria oriental que os cristãos fariam bem em considerar — e prepara belamente o terreno para a aceitação das revelações de Swedenborg, provando que estas são tão fiáveis, sobrenaturais e infalíveis como os pronunciamentos de qualquer personagem ligada ao Antigo ou Novo Testamento.

Confesso que acredito plenamente nesta última ideia como sendo verdadeira; na verdade, considero Swedenborg uma grande melhoria em relação a todos os chefes religiosos anteriores, quanto a talento, verdade, abrangência, beleza de concepção e harmonia nas suas afirmações.

Mas a posição do Professor Bush é bastante diferente. Ele aceita as alegações de Swedenborg e, em seguida, faz com que as profecias bíblicas se dobrem para sancionar essas alegações, ligando assim o seu profeta aos altos comissionados imortais dos céus.

Para consolidar essa opinião na mente do discípulo, o Professor afirma:

“E se a segunda vinda se insinuou no mundo despercebidamente, nada vemos de irrazoável na ideia de que o seu arauto designado possa ter vindo igualmente incógnito, e que o Elias [Swedenborg] — o João Batista da nova economia — possa ter anunciado os passos do seu Senhor, cumprindo o seu ministério como uma espécie de ‘Profeta Velado’, envolto numa obscuridade destinada, em breve, a dissipar-se, sendo sucedida por uma torrente de luz celestial que iluminará a Terra.”

Agora, quão superior é este caso teológico comparado com tudo o que se encontra entre os chamados cristãos evangélicos! Acredito que fariam bem em educar-se com base nele. Mas cito-o apenas para mostrar quão propensos estão todos os discípulos a deificar o seu chefe favorito; e, ao mesmo tempo, para demonstrar como os seguidores de Swedenborg aceitam as suas alegações como dignas de toda a confiança, e depois constroem um caso bíblico de demonstração em conformidade.

Mas já afirmei que os "juramentos" humanos e o testemunho relativo a coisas de carácter sobrenatural não devem entrar na nossa fé, porque não são fiáveis. Sem pôr em causa a honestidade de qualquer líder religioso, no entanto, que professe inspiração miraculosa, permitam-me chamar a vossa atenção para o testemunho de vários chefes espirituais conhecidos da história comum e sagrada.

Comecemos por Zoroastro, o grande reformador teológico persa; que originou e difundiu a doutrina dos deuses antagónicos — Arhiman, o deus do mal, e Ormuzd, o deus do bem. E seria justo dizer que este autor também originou a doutrina popular da ressurreição física e do dia do juízo, a qual é hoje considerada uma parte importante das revelações sobrenaturais da Bíblia.

Zoroastro afirmava estar inspirado acima dos seus semelhantes, pela misericórdia do deus da bondade, Ormuzd. E proclama, de forma sublime, no início da sua bíblia — chamada Zend Avesta:

“Gratidão, grandeza e glória a Ele! O todo-misericordioso, o todo-belo, o todo-perfeito! Que, na plenitude da sua bondade indizível, abriu os poços profundos do meu ser, nos quais Ele derramou, com mão misericordiosa, os doces perfumes do paraíso e os santos óleos de um conhecimento que excede a minha força e a de qualquer génio das montanhas, ou de qualquer homem ou mulher ou animal, que habite em qualquer parte do domínio do Todo-Misericordioso!

Os decretos inexoráveis do Todo-Misericordioso só poderiam ser conhecidos pelos seus elohins (ou subordinados dependentes) por meu intermédio, o servo escolhido do Todo-Belo e do Todo-Perfeito. Glória, grandeza e gratidão a Ele — o perfumador do meu corpo e o doador de todos os óleos do saber a mim — o Controlador de todo o bem e o Grande Inimigo dos génios malignos das trevas.”

Tais foram as declarações do grande príncipe persa, Zoroastro, que viveu e escreveu antes de a beleza e inteligência da Grécia serem conhecidas, e muito antes de existir qualquer coisa como a Bíblia, que hoje tanto veneramos.

E agora, que dizer disto? Zoroastro foi honesto ao fazer esta reivindicação de conhecimento infalível e ilimitado? Certamente! Então por que não o aceitamos como mensageiro divinamente nomeado da Verdade? Por agora, deixo-vos essa questão para que a respondam como melhor entenderem, e prossigo para notar as afirmações de outro chefe religioso.

Moisés também proclamou uma alegação de inspiração miraculosa, que repete constantemente nos seus escritos, embora em linguagem muito menos sublime do que a de Zoroastro. Através dessa inspiração, ele afirmou ter escrito — ou, melhor dizendo, é afirmado pelos seus tradutores que escreveu — o Pentateuco, os cinco primeiros livros da História Primitiva.

Lemos no capítulo cinco de Amós, versículo sete, que “O Senhor nada fará, sem revelar o seu segredo aos seus servos, os profetas.” Agora, seriam Moisés, Josué, Aarão e Amós perfeitamente honestos na apresentação das suas alegações? Sem

dúvida que sim. Então por que não os aceitamos como mestres infalíveis da Verdade?

Mais uma vez, ouçamos as afirmações desse chefe religioso conhecido como Maomé. Ele também afirmava ter sido inspirado pelo Senhor dos Céus; e por isso, as suas revelações são consideradas, pelos que acreditam nas suas declarações, infalíveis, sobrenaturais e divinas. De facto, é até negado categoricamente pelos muçulmanos que o seu livro sagrado — o Alcorão — tenha tido origem em Maomé. Eles consideram-no como Swedenborg ensina os seus seguidores a considerar certas porções da Palavra a que atribui sentido espiritual e celestial — como sendo de origem divina, não feitas por homens, mas eternas e incriadas, originadas no próprio cerne da Verdade tal como existe em Deus.

Mas ouçamos a descrição que Maomé faz da sua missão. No segundo volume do seu Alcorão, página duzentos e oitenta, ele diz:

“Com toda a sobriedade de espírito e fervor de pensamento, Maomé declara ter sido chamado por Deus para ser seu santo profeta. Em verdade, Deus enviou-o para ser uma testemunha da verdade; um portador de boas novas e de misericórdia; um refutador de ameaças; um convidado dos fiéis a Deus; para ser, para o mundo, uma Luz resplandecente.”

Ora, como diz o Professor Bush a propósito das analogamente sóbrias pretensões de Swedenborg:

“Isto tem certamente o ar de ter sido proferido por um homem honesto, sobretudo quando visto em conexão imediata com o que é dito em seguida,”

A saber:

“A Maomé apareceu o santo anjo Gabriel, com toda a aparência da forma humana, e fez descer de forma maravilhosa o Alcorão incriado sobre o seu coração; e confirmou, pela misericordiosa permissão de Deus, tudo quanto já fora anteriormente revelado através de Maomé, seu profeta, e deu muitas instruções e boas novas aos fiéis.”

Não há qualquer tom de jactância ou presunção nesta linguagem; não há proclamações de um homem insano; nenhum indício de fabricação imoral; nenhuma exibição de devaneios febris nem de expressões delíricas; nenhum sinal de ilusão, impostura ou fanatismo. Muito pelo contrário, é um testemunho sereno, modesto, direto. As elevadas pretensões do papado infalível — as suaves afirmações de Swedenborg — a profissão frequentemente reiterada de Moisés — e a mais sublime declaração de Zoroastro — todas estão muito simplesmente e belamente expressas no Alcorão.

Acredita que Maomé foi honesto? Eu certamente acredito. Então por que não aceitá-lo como um mestre infalível? Mas a religião turca (o Islão) é contestada sob o argumento de que está embebida em sangue, que é cruel e foi promulgada por meio

de ameaças e da espada — e que assim demonstra a sua origem humana! Quem levanta esta objeção ao Alcorão? O cristão!

Aqui se aplica com justiça o velho provérbio:

“Quem tem telhados de vidro, não deve atirar pedras.”

Após um exame interior e minucioso do conteúdo do Alcorão, não encontro nada inferior ao esquema cristão de salvação e proselitismo. Na verdade, a constituição e as ameaças de um assemelham-se muito às peculiaridades do outro. Digo isto sem receio de uma contradição bem-sucedida.

Permita-me remeter-vos para alguns paralelismos. Na Bíblia, é dito:

“Aquele que crê no Filho tem a vida eterna; mas o que não crê no Filho, a ira de Deus permanece sobre ele.” Mais adiante:

“Se não crerdes que eu sou, morrereis nos vossos pecados.”

E ainda:

“Quem crer e for batizado será salvo; mas quem não crer será condenado.”

Agora desejo que observem que a religião turca é inculcada com os mesmos fundamentos, com ameaças e penas correspondentes ligadas aos seus elementos essenciais.

Na primeira parte do Alcorão, página cento e seis e outras, encontra-se a seguinte linguagem:

“Em verdade, aqueles que não creem nos nossos milagres e nos nossos sinais maravilhosos, esses serão seguramente lançados entre os infiéis, para serem assados nas chamas ardentes do inferno!

Aqueles que não creem no profeta escolhido de Deus, e que não prestam atenção às suas boas novas aos fiéis, esses serão queimados no inferno; e sempre que a sua pele estiver bem queimada, Deus dar-lhes-á outras peles em troca, para que assim possam experimentar tormento mais agudo e uma agonia mais temível.”

Isto é ortodoxia popular pura; e é ensinada no Alcorão por um chefe religioso cujas profissões de inspiração divina são tão sóbrias, simples e desprovidas de fanatismo como as de qualquer mestre conhecido no mundo cristão.

Veja-se, por exemplo, a exata correspondência entre as alegações de Daniel e as de Maomé, no que respeita à inspiração recebida do anjo Gabriel.

No capítulo nove de Daniel, versículos vinte e um e vinte e dois, é dito:

“Estando eu ainda em oração, o homem Gabriel, que eu tinha visto na visão, vindo com ligeireza, tocou-me à hora do sacrifício da tarde. E ele falou comigo e disse: Ó Daniel, vim agora para te dar sabedoria e entendimento.”

Mas Maomé testemunha — e em linguagem igualmente honesta — que esse mesmo anjo Gabriel veio até ele e colocou o Alcorão sobre o seu coração!

O islamismo começou a florescer cerca de seiscentos anos após o início da dispensação cristã. Por que não reivindicar então o seu fundador como um elo numa cadeia de acontecimentos misteriosos e sobrenaturais inseparavelmente ligados à salvação do mundo? Essa honra é reivindicada para todos os chefes religiosos pelos seus seguidores eruditos, como se pode ilustrar nas demonstrações bíblicas do Professor Bush, que fazem de Swedenborg o profético Elias — o arauto preparado e enviado por Deus de uma nova dispensação na forma e método da salvação das almas.

Mas o testemunho de Ann Lee — uma mulher analfabeta, trabalhadora e honesta de Manchester, em Inglaterra — possui um direito igualmente válido ao vosso crédito, para ser aceite como uma mente divinamente inspirada e supernaturalmente nomeada. O seu testemunho está muito melhor sustentado por terceiros do que o testemunho dos principais autores bíblicos.

Após um período de agonia e oração, esta mulher honesta tornou-se, segundo alegava, plenamente imbuída do Espírito Divino. Foi-lhe concedido poder e energia extraordinários, e ela testemunhava ter recebido uma revelação completa e infalível sobre a queda original do homem e sobre os meios peculiares da sua redenção.

A sua profissão era tão honesta, as suas declarações tão diretas, a sua inspiração tão evidente, que um grande número de indivíduos altamente inteligentes a reconheceu como sua líder religiosa — e, por conseguinte, foi em pouco tempo estimada como a sua Mãe espiritual em Cristo.

Deve observar-se que as declarações de todos os líderes religiosos apontam para o mesmo efeito:

Que o Senhor dos Céus os preparou e nomeou especialmente para realizar algo indispensável e maravilhoso na missão de salvar almas.

E, no entanto, cada revelação subsequente é muito propensa a contradizer e subverter as principais características de todas as anteriores revelações, alegadamente enviadas pelo Senhor aos seus dependentes. Este ponto não deve ser negligenciado.

Mas, se ousar questionar a veracidade das suas afirmações, então surgirá um “juramento mais solene”, de cada um e de todos eles, de que revelaram “nada além da verdade essencial e real” durante o período da sua iluminação sobrenatural.

E o que poderá dizer a isso?

Poderias tu duvidar da honestidade deles? Oh, não. Então como explicar a comunicação de revelações contraditórias da parte de um mesmo Deus imutável? Mas dirás: Zoroastro, Maomé e Ann Lee estavam ou a enganar, ou enganados, enquanto os autores bíblicos e Swedenborg foram verdadeiramente inspirados. Ora, isto é profundamente irrazoável. O testemunho de uns é tão sólido quanto o dos outros.

Daniel afirma que o anjo Gabriel veio dar-lhe sabedoria e entendimento; e Maomé afirma que o mesmo anjo veio, diretamente do "Senhor", e colocou o Alcorão sobre o seu coração. Não tens outra prova de que qualquer um dos acontecimentos ocorreu além desta declaração; e sustento que não tens mais razão para questionar a verdade ou a honestidade de um chefe religioso do que a do outro. Os casos são paralelos.

Mas vejamos agora o que afirma o autor principal da Bíblia Hindu, no que diz respeito à origem e infalibilidade absoluta das suas revelações. Na primeira parte da segunda divisão do *Shaster*, encontro as seguintes palavras sublimes, proferidas por Krishnah, o filho leal e descendente sobrenaturalmente dotado do grande Paramah, o Deus hindu:

“As altas montanhas permanecem firmes, mas mais duradouro é o Espírito do mundo. Ele transforma os homens cruéis e maliciosos em abutres e répteis; sim, dos homens perversos faz bestas, camelos e dromedários, para que os fiéis os usem e castiguem com paus e pedras durante as suas vidas.

Todo este conhecimento, e tudo o que está contido neste livro, provém do Espírito invisível, constante e sempre operante do mundo. Ele é o desconhecido—o não reconhecido. Foi Ele quem me deu todo o conhecimento do seu coração—eu posso ver, falar e obter todo o conhecimento a partir do Espírito Kalif, a quem nenhum outro olho pode discernir. O seu Palácio está envolto em árvores de ouro—sua música é feita e ouvida pelos belos e pelos fiéis. Tudo isto sou obrigado a revelar aos fiéis—pois sou o recetor do seu saber—o grande vingador de todos os assassinos, caluniadores, perdulários, ímpios e cobiçosos.”

Ora aqui temos mais um chefe religioso que professa um saber infalível e ilimitado; e, como o Professor Bush diria com toda a consciência, a respeito da alegação de Swedenborg:

“Isto tem, certamente, o ar de ter sido proferido por um homem honesto.”
“Há demasiado evidente valor, de importância profunda, para se admitir que seja apenas fruto do frenesi religioso, mesmo de uma mente grande e piedosa.”

Acreditas que este filho leal do Deus hindu era honesto? Sem dúvida! Por que não aceitá-lo, então, como mestre infalível—o elo fundamental numa cadeia espiritual e sobrenatural de acontecimentos miraculosos?

Aqui direi que percebo um indivíduo que, neste momento, contempla uma obra com este propósito: demonstrar uma cadeia providencial de inspiração, começando com os primeiros indícios de sentimento religioso, com o objetivo de ligar toda a categoria de profissões teológicas mencionadas por mim às Doutrinas da Nova Igreja. Assim, seria até mais engenhoso do que o próprio autor dessas doutrinas. Uma obra dessas, caso surja, constituirá mais uma prova para o vasto conjunto de evidências já reunidas de que os discípulos estão invariavelmente ocupados com a divinização dos seus líderes.

Mas ouçamos as declarações de Joseph Smith, feitas com toda a sobriedade e simplicidade:

“Enquanto orava a Deus,” diz ele, “e procurava exercer fé nas preciosas promessas da Escritura, de repente uma luz, semelhante à do dia—só que de aspeto e brilho muito mais puros e gloriosos—irrompeu no aposento.”

“Num instante, uma personagem surgiu diante de mim, envolta em glória.”

“Esse mensageiro declarou ser um anjo de Deus, enviado para trazer as alegres novas de que o Pacto que Deus fizera com o antigo Israel estava prestes a cumprir-se; que a obra preparatória para a segunda vinda do Messias ia começar em breve; que chegara o tempo de o Evangelho ser pregado, em toda a sua plenitude, a todas as nações, para que um povo pudesse ser preparado para o reinado milenar. E fui informado de que eu fora escolhido para ser um instrumento nas mãos de Deus para levar a cabo esta gloriosa dispensação.”

Ora, não esqueçamos que o Professor Bush chama a esta declaração calma, honesta, direta e sem exagero de Joseph Smith, “o mais absoluto balbuciar de delírio fanático sob a forma de mormonismo”; enquanto afirma que as revelações de Swedenborg são “consistentes, harmoniosas e sublimes além da descrição.”

E, no entanto, as declarações destes dois chefes religiosos—por mais desagradável que seja admitir a verdade—são precisamente idênticas; apenas Swedenborg foi mais abrangente, e, portanto, proporcionalmente mais presunçoso.

Pois, em vez de ver um anjo de Deus, que veio prepará-lo para a nova dispensação, ele eleva-se ainda mais e declara:

“O Senhor nosso Salvador manifestou-se a mim em aparência sensível e pessoal, e envia-me a ensinar as coisas relativas à Nova Igreja—o que se entende por Nova Jerusalém no Apocalipse.”

Tudo isto se considera comprovado conclusivamente, segundo os Swedenborgianos, pela Escritura, enquanto os dizeres de Joseph Smith, que foi igualmente calmo, deliberado, orante e bíblico, são positivamente condenados como “o mais absoluto delírio de um fanático.”

Ora, há duas coisas grandemente necessárias em tudo isto: primeiro, razão pura; segundo, honestidade pura.

Pela primeira, ver-se-ia que a pretensão de qualquer ser humano a inspiração miraculosa merece, pelo menos, o devido respeito, com base nos fenómenos psicológicos que tal estado mental nos revela, aumentando assim o nosso conhecimento sobre o homem; e pela segunda—isto é, a ausência de preconceito malformado—as pretensões e ensinamentos de cada chefe religioso mereceriam de nós uma investigação justa e imparcial.

Num asilo de lunáticos vive um homem que declara com toda a convicção—e faria um “juramento mais solene”, caso a prevalência de dúvidas o exigisse—que “o Senhor” lhe proibiu sair pela porta da frente e usufruir do ar fresco. Agora, pergunto: Aceitamos o testemunho deste homem e acreditamos na sua alegação de direção divina?

Claro que não! Porquê? Porque é completamente improvável.

Mas duvidas da sua honestidade? Certamente que não!

Aonde irias então buscar uma explicação verdadeira para a origem das suas convicções tão sagradas e solenes? Irias ao seu estado mental; sim, à condição da sua estrutura mental.

Nela encontraremos, de forma perfeita e invariável, a verdadeira solução para todos os problemas teológicos aqui em investigação.

Mas que fique bem entendido: não afirmo que todas as alegações de chefes religiosos a inspiração miraculosa e conhecimento perfeito sejam invariavelmente atribuíveis à insanidade ou perturbação mental; mas sustento que todas essas alegações podem ser explicadas por uma aplicação adequada das muitas e variadas leis e impulsos que controlam a constituição mental do homem.

Neste contexto, sou impelido, para completarmos a nossa investigação, a trazer-vos as profissões que o próprio orador (isto é, eu) uma vez fez a respeito do conhecimento perfeito!

Tal pretensão foi por mim feita ainda muito jovem, no início da minha experiência no campo magnético, com um coração honesto, mas como resultado de duas condições mentais: primeiro, a minha ignorância quanto à vastidão do universo, e mesmo da existência de um mundo espiritual tal como agora o compreendo; segundo, a visão de longo alcance que tive dos vastos territórios da Terra, e a facilidade com que conseguia ler um pensamento, ver uma pessoa à distância, e examinar o interior de muitas coisas que antes eram grandes mistérios para mim.

Tantas maravilhas e visões, embora limitadas na sua natureza e alcance, romperam sobre a minha mente com tal nitidez e esplendor indizíveis, que, no ano de 1844, numa breve palestra, fiz a seguinte declaração de conhecimento infalível e perfeito:

“Possuo o poder de estender a minha visão por todo o espaço—posso ver coisas passadas, presentes e futuras. Cheguei agora ao mais elevado grau de conhecimento que a mente humana é capaz de adquirir. Sou mestre das ciências gerais—posso falar todas as línguas—transmitir instruções sobre aquelas coisas profundas e ocultas na Natureza que o mundo não conseguiu ainda resolver,” etc.

Agora confesso, como diria o Professor Bush, que esta declaração certamente tem o ar de ter sido proferida por um homem honesto. Sim, honesto, mas, ao mesmo tempo, profundamente ignorante da vastidão de "todo o espaço"—ignorante das inúmeras “coisas” que pertencem ao “passado, presente e futuro”—ignorante do

“grau mais elevado de conhecimento ao qual a mente humana é capaz” de ascender—ignorante da extensão das “ciências gerais”—ignorante da multiplicidade de “línguas”—e tão ignorante acerca das “coisas ocultas” que o mundo não conseguia “resolver” como a generalidade da humanidade.

E aqui também confesso que quanto mais contemplo o espaço; quanto mais examino os segredos da Natureza; quanto mais contemplo a infinitude incomensurável na qual gira o universo incompreensível; quanto mais observo os planetas, analiso a constituição da mente humana, e compreendo as leis eternas do progresso; quanto mais a minha mente se ilumina com as altas influxos de luz e verdade vindas da vida interior—mais me retraio da autoria de tal linguagem rapsódica e pedantesca como aquela a que vos chamei a atenção.

Embora tal profissão de infalibilidade me pareça agora divertida, demonstra claramente o facto de que, se um chefe religioso for realmente honesto, as suas alegações de conhecimento perfeito e inspiração milagrosa têm como base o seu maior inimigo—nomeadamente, a sua própria ignorância!

Em consequência da ignorância do homem sobre si mesmo—sobre as suas leis internas e constituição mental—ele deslizou inconscientemente para uma imensidão de absurdos e fanatismos doentios. A Desonestidade e a Ignorância, filhas gémeas de mentes não desenvolvidas sobre a Terra, povoaram o mundo religioso com milhões de doutrinas falsas e perniciosas—cada uma reclamando ser o desenvolvimento particular do Senhor, através dos seus profetas escolhidos e mensageiros dotados.

Isto é verdade, e sou impelido a inculcá-lo nas vossas mentes e vidas; sem reear minimamente o desagrado daqueles que, já predispostos por uma crença inabalável no miraculoso e sobrenatural, apenas trocaram antigas formas de absurdo religioso e superstição teológica por novas formas e modificações hoje existentes no mundo. Não há uma única seita em toda a Cristandade completamente isenta desta acusação—a acusação de ignorância, sob o manto de uma educação popular e de uma ostentação de conhecimento bíblico.

O mundo irá, progressivamente, superar estas doutrinas de sobrenaturalismo; mas, enquanto o carro do progresso rola lentamente, é dever de todo o homem, que veja por si mesmo e ande pelos seus próprios pés, contribuir para acelerar a sua marcha.

Mas aqui surge a pergunta: “Se não admites as alegações de Swedenborg, como explicas a sua visão longínqua—a abrangência das suas revelações—a interminável variedade das suas correspondências, a precisão discriminatória e rigorosa das suas afirmações científicas?”

Respondo, muito brevemente. Após exame, sinto-me inclinado a assumir as seguintes posições, no que respeita ao caso psicológico do Barão Swedenborg.

Confesso, para começar, que ele foi a mente mais abrangente—o génio mais elevado—que a humanidade jamais registou nas suas fileiras. Tudo isto traço eu,

com facilidade, às leis da influência hereditária, aos factos psicológicos ligados à sua história anterior ao nascimento, que revelarei em ocasião futura. Assim, ele foi, mesmo no estado rudimentar ou ordinário da mente, um homem peculiar e inquisitivo—mais analítico do que sintético; mais completo nos detalhes do que nos princípios gerais. A sua mente possuía características incomuns—a que vulgarmente se chama originalidade de carácter. E nos campos da investigação científica e filosófica era, particularmente, um génio elevado.

Costumava ser muito matemático e preciso nas suas análises; e, consequentemente, tendo alcançado algumas veias de verdade vital na ciência, era-lhe notavelmente fácil expandir e diversificar os seus inquéritos, e também antecipar muitas das descobertas científicas, filosóficas, astronómicas e fisiológicas dos tempos modernos.

Aqui permitam-me lembrar que não estou agora a criticar as obras filosóficas ou teológicas deste autor—isso farei, muito provavelmente, mais adiante; estou, sim, a traçar as causas das suas posteriores alegações de inspiração milagrosa e conhecimento infalível; e repito, esta explicação geral aplica-se igualmente a Zoroastro, Moisés, Maomé, Joseph Smith, e a todos os outros chefes religiosos, masculinos ou femininos, que tenham desempenhado um papel no grande drama desta existência terrena.

Recordar-se-ão, aqueles que conhecem algo da sua história inicial, que as investigações científicas de Swedenborg eram de carácter eminentemente exterior e material. Consistiam, principalmente, em inquirições sobre Química, Metalurgia, Mecânica e Finanças; construção de Navios, Docas, Diques, etc.; Invenção de Fogões; estudo sobre a subida e descida da moeda sueca, etc., etc., juntamente com investigações astronómicas e correlativas, nas quais foi quase sempre bem-sucedido.

Ora, recordo-vos que a Verdade é invariavelmente simples; apelo à vossa consciência para sustentar esta afirmação. Digo-o para vos preparar para a seguinte declaração: a mente de Swedenborg cansou-se com os seus estudos árduos e físicos, assim como o paladar rejeita um alimento demasiado repetido. Por isso, ele tornou-se, gradualmente, metafísico; depois psicológico; depois teológico; por fim, religioso.

A sua mente não era impulsiva; daí que tenha passado, progressiva e tranquilamente, de temas materiais a espirituais; e, sendo um homem trabalhador, pavimentou todo esse caminho com obras como “Intercourse between Soul and Body” (Intercâmbio entre a Alma e o Corpo)—“Principia”—“Outlines of the Infinite” (Esboços do Infinito)—“The Worship and Love of God” (O Culto e Amor de Deus). Esta última obra é a ponte final que ele construiu entre a Filosofia e a Teologia.

E quando chegou ao lado teológico do canal, cortou as amarras com quase tudo aquilo que antes o prendia à terra firme; e começou imediatamente a contemplar um novo e vasto campo—o teológico—que lhe pareceu suficientemente amplo para a sua mente, e muito refrescante, como seria uma mudança de ocupação para qualquer pessoa fatigada com a monotonia e a materialidade.

Ele viu, como Constantino, que nenhuma harmonia podia existir na Cristandade sem um padrão infalível de fé. A presente confusão entre os cristãos surgia, segundo Swedenborg, das muitas e diversas leituras de um Livro que ele não duvidava ser, em si, infalível. Pensou que, se um sentido pudesse ser fixado nesse livro—endossado como sendo celestial—dado por Deus—então a Nova Jerusalém certamente viria.

Foi primeiro psicologizado com a crença inabalável de que a Palavra era santa e infalível, precisando apenas de uma interpretação apropriada. E a crença de que ele próprio podia analisar, harmonizar e atribuir um sentido tríplice à Palavra tornou-se tão forte em sua mente, que isso também o psicologizou para a fé de que o próprio Senhor lhe devia ter incutido tal convicção; e assim, ele afirmou-o ousadamente e constantemente.

Foi perfeitamente magnetizado psicossimpaticamente pela convicção, como o reconhece o próprio Professor Bush:

“Na própria avaliação de Swedenborg, o desenvolvimento do Sentido Interno da Palavra, como o grande instrumento para promover os fins do Amor e da Sabedoria Divinos na regeneração e salvação dos homens, constituía o objetivo supremo da sua iluminação.”

Certamente que sim! E, justificado plenamente por uma convicção—não importa como tenha sido induzida—tão alta e importante como esta, pôs-se à obra de escrever uma Revelação infalível da Palavra!

Mas não me sinto inclinado a negar que Swedenborg tenha sido mentalmente iluminado por muita luz clarividente, e que tenha visto anjos e o Mundo Espiritual — acredito que ele teve, ocasionalmente, percepções elevadas e puras. Mas explico as suas alegações — de que o Senhor lhe deu instruções especiais e o identificou com um vasto esquema de salvação da humanidade — unicamente com base na psicologia da transição.

Ou seja, a sua mente oscilava entre a influência da educação e as impressões superiores que afluíam ao seu entendimento, ocasionadas pela sua íntima relação mental com o estado puramente espiritual. Vibrava constantemente entre dois extremos — entre a realidade e a suposição; e viu o "Céu e o Inferno" de forma inferencial e analógica (não literal), tal como Milton viu o Príncipe das Trevas e os esplêndidos compartimentos do Pandemónio.

Antes de concluir esta extraordinária ilustração do que entendo por estado mental de transição, com base numa condição rudimentar refinada e desenvolvida através de um estado psicológico e simpático, irei mostrar-vos que o próprio Swedenborg reconhece que o seu estado era exatamente como o descrevi — ou seja: um estado que não era nem comum nem extraordinário — uma fusão de ambos — "um certo estado", como ele próprio expressa, "intermédio entre o sono e a vigília", no qual "não sabia se estava totalmente desperto ou não." Ele diz:

“Esta manifestação do Senhor é mais excelente do que qualquer milagre”... “A mim, foi-me concedido estar na luz espiritual e natural ao mesmo tempo.”

Esta afirmação é dele próprio, e aplica-se, de forma muito geral, a todos os diversos chefes religiosos anteriormente referidos. É o estado em que se encontraram centenas de pessoas quando pensaram ter tido visões verdadeiras e terem visto Deus. E é precisamente na proporção da mistura entre essas condições ordinárias e extraordinárias que se revela a imperfeição de cada uma; e, por conseguinte, a sua falta de fiabilidade.

Por isso, não questiono a honestidade de Swedenborg, ao procurar fornecer uma explicação do seu estado peculiar. Mas afirmo, de forma clara e inequívoca, que a sua condição mental foi induzida psicossimpaticamente, e que, no que respeita à sua iluminação geral, encontrava-se num estado de transição entre o natural e o espiritual, entre a escravidão e a independência do pensamento, manifestando assim ambos parcialmente, mas nenhum em absoluto.

As obras teológicas de Emmanuel Swedenborg, tal como os ensinamentos e registos de todos os chefes religiosos conhecidos da história sagrada, devem ser aceites de forma racional, e estudadas como prodígios no domínio da ciência psicológica, merecendo a profunda atenção de todos os estudantes dos fenómenos da mente. Todos eles têm muito que os recomenda — moralidade, profundidade, ordem, amplitude de pensamento; muitas analogias puras; e uma abundância de inferências saudáveis.

Não podemos fazer maior dano a nós próprios, e maior injustiça ao autor de uma obra religiosa — seja qual for a sua pretensão — do que aceitar os seus ensinamentos como infalivelmente verdadeiros nos seus pormenores. Na melhor das hipóteses, só podemos extrair de uma pessoa (mesmo quando muito bem iluminada) os grandes princípios gerais da verdade. Pois os pormenores do seu pensamento hão de participar, mais ou menos, das idiossincrasias e da individualidade peculiar da sua própria mente.

Por isso, no que toca aos ensinamentos de Swedenborg, afirmo e reitero que existe, nos seus detalhes, demasiada obscuridade, ambiguidade, e uma conceção espiritualmente inflacionada, nas suas obras psicológicas ou religiosas, para que possam ter utilidade particular no mundo social e moral do presente. Mas sinto-me inclinado a adiar uma análise crítica das obras deste autor para um período futuro.

Ao concluir as minhas observações sobre este tema, considero oportuno lembrar-vos que Deus não faz aceção de pessoas. A sua providência é geral e universal, abrangendo o baixo e o alto — o animal e o humano — o pardal que cai e o serafim que ascende. A sua inspiração é universal; iluminando tudo segundo a sua condição e capacidade. As suas leis são imutáveis; operando da mesma forma em todos os lugares e em todos os tempos. As suas revelações são universais. E será na medida em que desdobrarmos as sensibilidades da nossa mente, e organizarmos todos os elementos dissonantes do nosso ser numa ordem musicalmente harmoniosa, que a

alegria, a luz e a sabedoria dos espaços superiores fluirão para dentro de nós, e nos converterão mais plenamente na imagem celeste.

PALESTRA XVII

APLICAÇÃO DAS LEIS PSÍQUICAS À VIDA DIÁRIA

Os princípios sobre os quais a mente humana existe são extremamente simples; mas as suas manifestações externas são inumeráveis e variadas, pois são tão mutáveis quanto o mar em constante movimento. O mar é, em si, imutável. No entanto, os seus elementos estão sempre a mudar, e o seu rosto reflete invariavelmente as comoções internas. Uma calma profunda estende-se agora pela sua superfície. Nenhuma brisa perturba as suas profundezas. O sol envia os seus raios brilhantes até às águas espelhadas. Uma suavidade tranquila impregna todo o corpo aquático. Está tão imóvel, tão abandonado à serenidade, tão pacificador para os sentimentos e pensamentos da alma contemplativa, que te deitas descuidadamente na tua barca e adormeces num sono doce e confiante.

Sonhas com um mar imutável, sem tempestades, harmonioso. Na tua imaginação, vês uma vasta planície de águas cristalinas—calmas como o rosto de um anjo. As embarcações deslizam suavemente de um lado para o outro, como por magia; sem perturbar a superfície, nem despertar a tripulação que repousa num sono sereno. Na verdade, a tranquilidade predominante é tão profunda que deixas de sonhar; e o teu sono torna-se tão leve como uma manhã de verão.

Mas, de repente, o teu repouso é interrompido pelos abalos tempestuosos do oceano! O que era antes calmo e sereno está agora convulsionado por uma tempestade elemental; e tudo se transforma num vasto cenário de confusão e desordem. Os barcos são lançados de um lado para o outro como se pela mão de um gigante enfurecido. A outrora adormecida tripulação corre agora de vela em vela, tomada pelo pânico e pela confusão. E tu ergues-te, atónito, confuso, desiludido.

Assim é a mente humana. O rosto está agora calmo como uma manhã no Nilo. Nenhuma vaga de perturbação é visível à superfície. Cada traço é suave e contido. Nenhuma paixão agita as fibras serenas. O músculo firme repousa num sono profundo. O olhar afável mergulha no elemento da tranquilidade. E o semblante é suave como o olhar de um anjo. A calma parece tão profunda, tão constante, tão imutável, que não consegues mais reter a tua confiança.

Contemplas aquele rosto com deleite. O contraste entre ele e os outros—talvez o teu próprio—é tão evidente que não podes senão amá-lo. Adormeces. Sonhas com uma mente pacífica, serena. Contemplas, com prazer, uma alma tão tranquila como um dia na terra dos espíritos. Depositas total confiança na segurança e na imutabilidade de tal mente. E o teu sono torna-se rapidamente um estado sem sonhos.

Mas eis que um som desagradável vibra no teu ouvido. Levantas-te de repente, e vês uma horrível transfiguração. Os traços outrora suaves, o nervo tranquilo, o músculo adormecido, estão agora todos desordenados e marcados por emoções turbulentas. Não estavas à espera desta tempestade de paixão, e por isso não estás preparado para o choque doloroso. Oh, quão antinatural! Parece um furacão impiedoso numa terra de flores. Na mente tempestuosa, o pensamento e a expressão são simultâneos. O relâmpago e o trovão caem juntos. A paixão atingiu o seu auge. Os relâmpagos do intelecto são ferozes e terríveis. O semblante outrora sereno e sagrado é agora repulsivo como o mar agitado que lança lama e detritos à superfície.

Ai de ti! A tua confiança está ferida. Já não ousas adormecer novamente; embora o rosto humano volte a estar tão pacífico quanto uma estrela da tarde. Os olhos podem nadar no lago da afeição, a superfície pode sorrir de alegria, a língua pode entoar músicas de amor ao teu ouvido atento; ainda assim, já não ousas confiar novamente—já não ousas repousar os sentimentos mais ternos sobre o peito de uma alma tão tempestuosa.

Isto é apenas uma revelação da mente humana; não tanto uma exposição dos elementos e princípios de que ela é composta, mas, mais especificamente, uma manifestação de um dos seus inúmeros estados de humor.

Agora, não podes deixar de acreditar que um anjo é, de facto, calmo—sempre cheio de alegria, amor e sabedoria; nunca como um mar agitado a lançar impurezas—ou seja, palavras de raiva ou linguagem profana. Acreditas que um anjo é a própria personificação da tranquilidade celeste—que é imutável nos seus sentimentos e afetos. Sim, acreditas.

Mas consegues explicar a existência de tal quietude uniforme? Consegues compreender a profundidade, as fontes e a imutabilidade da harmonia de um anjo? Está o anjo isento de causas perturbadoras? Nada interfere com a sua paz e serenidade? Não existem contrastes dos quais extrair felicidade e sabedoria? Podes justificar a tua entrega à paixão, com base nos teus ambientes desarmónicos?

Não! Um anjo tem contrastes eternos diante de si; e ainda assim é sereno como o Sábado de uma alma feliz. E vós, meus amigos, não deveis justificar as vossas naturezas tempestuosas apenas com referência às influências externas, mas antes deveis reconhecer que sois ignorantes de vós mesmos.

Um anjo é calmo e feliz porque é sábio quanto à existência, natureza e exercício apropriado dos seus atributos imortais. Este é o grande segredo! O poder da vontade de um anjo é sempre exercido através das avenidas diamantinas da Sabedoria. Uma vontade sábia é extremamente poderosa. As paixões da alma devem viver em eterna obediência a esse Mestre interior—o atributo da sabedoria.

Se desejas manter a calma em plena tempestade, então estuda as maravilhas do universo interior; aprende as leis que o governam. Tu próprio és um universo em miniatura. Um número incontável de unidades entra na composição do teu ser. És, considerado individualmente, mil universos num só. És a obra-prima da criação

material; e, mesmo assim, não passas de um elo numa cadeia—um simples fecho—de uma interminável concatenação de entidades físicas e espirituais que fluem de Deus e a Ele retornam em espiral.

O conhecimento, combinado com a sabedoria, permitir-te-á colocar todos os inimigos sob os teus pés. O Reino dos Céus está dentro de ti; só falta o verdadeiro rei. Permite que a tua Razão suba ao trono interior; coloca o cetro do poder nas suas mãos; entrega-lhe todas as coisas para seu domínio exclusivo e eterno; e então, tão certo como tens existência, o anjo irradiará a partir do teu caráter espiritual, e as tuas ações terão mais de céu do que de terra.

O reino celeste começará agora a desdobrar-se a partir dos elementos do teu ser; e começarás a ver quão simples são os princípios que governam a tua mente, e quão acessíveis são os verdadeiros meios de alcançar uma felicidade imutável.

Mas a felicidade nesta vida é-nos positivamente negada pela teologia popular. Na verdade, a felicidade presente é considerada, pela maioria dos cristãos, como prova de depravação. A felicidade é sinónima de maldade. Dizem que “este mundo é apenas um espetáculo fugaz, dado para iludir o homem”, e encaram tudo o que tende a aumentar a felicidade da humanidade com um olhar de suspeita.

Falam dos prazeres do pecado; das artimanhas e maquinações de Satanás; dos enganos e armadilhas do inimigo eterno de Deus; e, assim, avaliam quase todos os esforços para melhorar a condição presente do homem como sendo pecaminosos e satânicos por excelência. Ensinam os seus filhos a rejeitar todo e qualquer plano de felicidade humana como sendo uma armadilha do diabo; e ignoram todos os meios de conforto e gozo, baseando-se na ideia de que este mundo deve ser um “vale de lágrimas”, e que “a cruz” deve ser carregada, ou o céu permanecerá inalcançável.

A teologia, como um carro pesado, tem rolado sobre o mundo durante longos séculos. Como a lendária árvore Upas, carrega na atmosfera a desolação e a morte. Como um grande Ídolo—e assim é para milhares—ela tem esmagado com suas proporções sombrias e destruidoras as multidões fracas e adoradoras. E na sua trilha encontram-se os jovens e inocentes, os temerosos e os nobres, todos arruinados e abandonados à miserável superstição.

Sinto-me impressionado a oferecer-vos este discurso de forma parentética, como uma aplicação das ideias anteriormente desenvolvidas na análise da alegada infalibilidade dos chefes religiosos. Pois já é dia claro. O grande luminar moral espalha os seus raios dourados sobre o céu oriental. As nuvens estão a dissipar-se rapidamente. Da noite surge um dia brilhante. Da decadência das velhas árvores brota uma vegetação nova e mais vigorosa.

Do golfo tártarico da ignorância e das criações mitológicas, desdobra-se um mundo de conhecimento e os rudimentos de uma teologia verdadeira. Da noite da superstição emerge o dia da religião pura e prática. Mas, por ora, poucos conseguem ver essa nova glória. O horizonte de uma nova era encontra-se iluminado; mas apenas os que despertaram do sono dos séculos podem contemplar o recém-nascido

sol. Os que dormem ainda não despertaram. Os sonhadores ainda não foram perturbados; no entanto, filtram-se, através das frestas e interstícios da sua fé mitológica, os raios cristalinos desse glorioso sol da liberdade religiosa, que não conhecerá ocaso!

É com uma alegria imensa, impossível de exprimir, que contemplo o facto de que toda a felicidade concebível está ao alcance do ser humano. Mas essa felicidade não virá através da crença na natureza pecaminosa de Adão, nem através da fé na pureza imaculada de Cristo. Não se pode esperar ser condenado pelo pecado de Adão, nem salvo pela justiça imputada de qualquer ser humano. Pois o único Salvador verdadeiro é a Sabedoria. Quanto mais o homem possui e exerce este atributo interior, mais se torna um Salvador do mundo.

O mundo físico, social, intelectual e moral será, eventualmente, harmonizado e elevado por esse Salvador eterno—por esse Atributo Supremo da Mente Divina. No entanto, o intelecto recua, e o coração adoece, diante das feições e profissões da teologia popular. Ela não refinou os afetos do espírito; nem desenvolveu as energias intelectuais do homem, nem melhorou verdadeiramente a sua condição social. Diz-se que o Cristianismo civilizou o mundo.

Mas a civilização desta parte do mundo não se deve às crenças e opiniões religiosas dos cristãos, mais do que o telégrafo elétrico se deve aos relâmpagos e trovões do Monte Sinai. A teologia nunca informou o mundo acerca da Astronomia ou da Geologia; nunca sugeriu a construção de um navio a vapor, nem a criação da poderosa locomotiva, que atravessa os campos da civilização como um tornado, mas que permanece tão dócil nas mãos de um engenheiro habilidoso como um bebé nos braços da mãe.

As leis da terra são superiores aos métodos jurisdicionais da teologia popular. As nossas melhores instituições e formas de governo, o nosso republicanismo e a nossa caridade geral, não se baseiam nos ensinamentos infalíveis de nenhum chefe religioso, mas sim em máximas saudáveis—como aquelas derivadas dos aforismos morais de Confúcio, Licurgo, Jesus e Benjamin Franklin. O sistema cristão, enquanto sistema, não melhorou o coração nem a vida do homem.

É o melhor Ídolo do mundo para os fracos e moralmente debilitados venerarem; mas, considerado como sistema, é absolutamente prejudicial ao progresso e à felicidade da humanidade. É um Ídolo porque as afirmações dos seus fundadores—os chefes religiosos—sobre conhecimento perfeito e revelação infalível são aceites pelos devotos honestos como verdades inequívocas. Daí que os ensinamentos da Natureza e os ditames de uma Razão esclarecida sejam, na prática, postos de lado ou obrigados a curvar-se diante do altar da superstição sublimada!

É uma obra gloriosa, essa de harmonizar e elevar o mundo! Mas a igreja, com todos os seus modernos apêndices e os seus instrumentos de salvação individual, não realizou nem pode realizar essa elevação do homem—essa renovação do mundo social e moral. Hão de concordar comigo quando digo que um período de vinte séculos é tempo suficiente para dar a qualquer sistema de salvação uma

oportunidade justa. O mundo está doente; mas os antigos remédios—os instrumentos da igreja como orações, imposição de mãos, batismos, cerimônias transubstanciativas, conversões, mudanças de coração, etc.—não são mais apropriados à enfermidade do que sangrias, ventosas e calomelanos são úteis ao vigor mental e ao conforto físico.

Digo que a igreja e os sacerdotes já usaram os seus velhos remédios por tempo demais. A experiência foi feita, o veredito dos homens esclarecidos foi pronunciado, e é tempo de aplicar os remédios sugeridos pela Filosofia Harmônica. Ou seja, deixemos que a Natureza e a Razão prescrevam os seus próprios meios, e logo descobriremos os verdadeiros caminhos para a felicidade individual e para a paz universal.

Há um espírito de verdade a espalhar-se pelo mundo, destinado a governar a Terra, e a abençoar as massas da humanidade—e a fazê-las herdeiras do Reino dos Céus—o único governo universal e eterno que pode existir. Ao contemplar o destino da humanidade, o nosso amor por ela intensifica-se—valorizamos ainda mais cada membro da grande família universal. Os nossos corações transbordam de uma benevolência intensa e expandida, que tende a tornar o homem perfeito, tal como o seu Pai Celestial é perfeito. Este amor universal é, em si, uma forma de perfeição. Pois o bem universal torna-se o nosso próprio bem—um bem que ajudamos a desenvolver entre os homens, porque é por nós percebido, desejado pelos nossos corações e perseguido pelas nossas energias.

O desenvolvimento pleno, perfeito e proporcional da nossa natureza é o grande objetivo pelo qual devemos lutar constantemente e com zelo interior. De acordo com aquele princípio de harmonia individual, pelo qual Jesus talvez se tenha sentido unido à Natureza e à Divindade—fazendo-o dizer: “Eu e o Pai somos um”—serás também capaz de realizar a sublime verdade de que é o Princípio Divino da Natureza, Deus, quem opera todo o progresso; que Ele está em nós e por nós, nos outros e por eles; que Ele é o Tudo em tudo—o Espírito Universal em que todo o universo material e espiritual está imerso e abençoado.

Com os progressos da Raça a que pertencemos, poderás esperar revoluções fortes e grandiosas em todos os departamentos da Mente. A autoridade da antiguidade e da tradição perderá o seu poder. As especulações absurdas deixarão de ter espaço na mente. A imaginação já não vagueará sem rumo pelas regiões sombrias da conjectura teológica. E as correntes de servidão religiosa, que os sacerdotes prenderam à mente—impedindo o livre exercício da razão—serão quebradas e lançadas nesse “lago” de ignorância e quimeras teológicas, onde também serão lançadas, pela luz futura, as fábulas pagãs da Morte e do Inferno.

Misturadas com os mais elevados princípios de verdade e com muitos preceitos celestiais nas Escrituras, são visíveis as pegadas de uma mitologia escura e aterradora. Associadas ao puro ensinamento do “Amai-vos uns aos outros”, estão as horribéis especulações das tribos orientais sobre o golfo Tártaro; ou, entrelaçados com a música de uma divindade de tom doce, encontram-se os mitos escuros e

sombrios de um tempo primitivo, em que os homens ainda não estavam desenvolvidos em ciência e sabedoria.

Um chefe religioso, mesmo que afirme ter recebido revelações infalíveis do céu, já não pode afirmar que o sol parou no céu, pois as leis da ciência astronômica são hoje demasiado bem compreendidas para permitir sequer a possibilidade de tal ocorrência. E, no entanto, milhares professam crer que o Senhor do Céu fez o sol parar, conforme relatado por Josué. Por que acreditam nisso? Simplesmente porque um chefe religioso o afirmou!

Mas Galileu descobriu que o sol sempre esteve parado, e que a terra gira harmoniosamente ao seu redor; logo, que a declaração de Josué não pode ser verdadeira em nenhum caso. Se explicarmos a passagem dizendo que os fenômenos *pareceram* a Josué como se o sol tivesse parado, levando-o a pensar e a escrever dessa forma, então estamos, ao mesmo tempo, a admitir que o profeta escolhido de Deus é falível e sujeito a enganos mentais, como qualquer outro homem. Essa admissão seria fatal a qualquer noção de revelação infalível; pois, no fim, seríamos obrigados a ler a Bíblia com um comentário construído por nós próprios.

E assim, para preservar a suposta inspiração imaculada e a veracidade das Escrituras do Antigo Testamento, e escapar à necessidade de admitir a imperfeição do entendimento de Josué, a Igreja Romana tentou queimar a verdade astronômica queimando Galileu—ou apagar a verdade obrigando o descobridor a renunciar a ela. Ele renunciou audivelmente; mas isso salvou a declaração de Josué? Não! Muito longe disso! O progresso da mente desenvolveu a ciência das revoluções planetárias, e o mundo religioso foi forçado a renunciar à infalibilidade da leitura bíblica.

Do mesmo modo, a ciência da geologia forçou os sacerdotes e os lógicos bíblicos a inúmeras concessões; e assim, o intelecto em progresso do homem conquista, dia após dia, novas vitórias sobre os mitos e dogmas de um passado não iluminado. E como é invariável vemos os discípulos de uma teologia falsa, e de uma religião supersticiosa, recorrerem a um subterfúgio popular para escaparem às conclusões e consequências de uma crítica honesta e digna! A astronomia e a geologia mal demonstram o erro dos relatos mosaicos e de outros textos bíblicos, e logo os sacerdotes e artífices da teologia iniciam os seus sermões mais ou menos assim:

“Irmãos, esta época é abençoada, pela graça de Deus, com muitas verdades científicas. Descobertas valiosas para o mundo são feitas diariamente; e a sabedoria mundana cresce de dia para dia. Mas é triste testemunhar os esforços de Satanás, presentes em tudo isto, para dobrar e perverter as santas Escrituras em desfavor da religião. Oh, a ignorância dos homens! Oh, a depravação do coração humano! Tentar provar, através da ciência, que a Bíblia não é infalível—que tentativa tão ímpia! Mas, irmãos, não procuramos contradizer as descobertas da ciência. Oh, não; nós amamo-las—estimamo-las profundamente—somos gratos por, através da bênção de Deus e da sua providência, ele ter achado por bem enviar-nos tais revelações interessantes.

Mas, irmãos, os homens ímpios opõem-se à Bíblia, porque o sentido aparente da letra indica que os relatos bíblicos da criação são errôneos. Isto é errado. Pois a Bíblia continua a ser verdadeira como sempre foi—é a palavra de Deus ao homem caído; mas nós, pobres mortais pecadores, não compreendemos totalmente o sentido da palavra tal como foi originalmente transmitido.

Descobrimos agora que, segundo as traduções do ano de 1620, e pelas notas marginais do grande teólogo Bispo Tal-e-Tal, e também pelas do Reverendíssimo Doutor Tudo-Certo, que escreveu com o auxílio do grego e hebraico originais dos antigos Padres da Igreja—destas autoridades indisputáveis aprendemos que Moisés não quis dizer que os céus e a terra foram criados em seis dias e noites literais; mas que os seis dias significam seis grandes épocas de tempo, durante as quais ocorreram as sucessivas estratificações geológicas, conforme indica essa nobre ciência.

Assim, irmãos, tudo o que temos de fazer é ler a Bíblia com um coração compreensivo, e não haverá discrepâncias entre ela e as revelações modernas da ciência. Basta acreditarmos, à partida, que os relatos das Escrituras são infalíveis e perfeitos, e podemos assegurar-vos que, orando a Deus por fé e clareza mental, podereis fazer com que a Bíblia esteja sempre em harmonia com os desenvolvimentos da ciência, sejam eles quais forem.

Se um apóstata disser que a ciência prova erros na Bíblia, tudo o que precisais responder, irmãos, é: 'A Bíblia é verdadeira, senhor, mas não compreendemos devidamente o significado dos autores.' A contradição está na letra, não no espírito. Porquê? Porque toda a verdade deve estar em harmonia; e sendo a Bíblia a palavra eterna de Deus e a ciência também verdadeira, segue-se então que as verdades da Revelação e da Natureza devem coincidir, quando bem compreendidas.”

Tais são os miseráveis subterfúgios da teologia popular da igreja. Os clérigos dizem-vos para orar a Deus por uma mente clara, para compreender a sua santa palavra; mas as ciências da dietética e da fisiologia demonstram que quem tem a mente mais clara é aquele que alimenta o seu sistema com comida saudável, em proporções adequadas, associada a hábitos corretos de sono e exercício ao ar livre. O desejo, ou melhor, o hábito tornou-se tão firmemente fixado na mente humana—de ter sempre um chefe religioso que nos conduza do Egipto até à Canaã, da terra até ao céu—que a maioria das pessoas não sabe como rejeitar os seus ídolos e voltar-se para a obtenção da verdade através da alma—pela intuição e pelo universo.

É evidente que todo e qualquer livro religioso pode ser alterado e reinterpretado por ligeiras mudanças na sua fraseologia. Os padres e ministros não têm outro ofício senão este, para garantir o seu sustento. Todo o seu capital está investido neste negócio, e as ações mantêm-se valorizadas enquanto determinadas doutrinas forem consideradas pelo povo como essenciais para a bem-aventurança futura. Mas, se por algum acaso, se provar que as doutrinas do diabo (ou de um espírito do mal) e do inferno são meras cintilações da teologia zoroastriana da Pérsia—filhas legítimas de uma era rude e bárbara—então a ocupação do sacerdócio evangélico deixará de ser um monopólio despótico, como é hoje, e tornar-se-á num naufrágio de matéria e superstição miserável. As suas ações já não terão valor no mercado popular. Já não

lhês será permitido manter as chaves do céu. Já não poderão colocar-se entre o povo e o seu Criador; pois todos conceberão novos caminhos para a salvação e meios de alcançar a felicidade.

Estas reflexões sobre a natureza e o destino do homem recordam-nos de que os nossos deveres para connosco mesmos, e as nossas obrigações para com as gerações vindouras, são igualmente solenes e importantes. Pois a ciência e a filosofia estão todas embutidas na alma humana. E, enquanto aplicamos as leis da Natureza à nossa própria harmonização e à da sociedade, não nos esqueçamos das nossas obrigações para com os que virão depois de nós; transmitamos a eles mentes elevadas e constituições saudáveis—pois estas são as maiores heranças que os pais podem deixar aos filhos. Sejamos verdadeiros, reverentes, e fiéis—cheios de integridade em todas as ações; determinados a desenvolver e aplicar os princípios da Natureza a todas as coisas, e a maior felicidade será a consequência inevitável.

Quão nobre e expansiva se torna a alma ao contemplar, através dos múltiplos canais da existência, a Terra dos Espíritos—um mundo de magnitude incomensurável e de atrativos inconcebíveis! Por uma lei de simpatia universal, por um princípio de Amor celestial, os seus habitantes estão unidos num único e grandioso sistema de Harmonia imutável. É impossível que ali exista discórdia. Pois todos possuem um conhecimento profundo, elevado e abrangente dos princípios de toda a espécie de alegria e Felicidade. Em conformidade com esses princípios, vivem de forma perfeitamente harmoniosa. A sua obediência parece involuntária; vivem em conformidade com as grandes Leis que regem o universo material e espiritual, com tanta naturalidade como os planetas giram em torno do Sol Central.

As harmonias universais do mundo espiritual baseiam-se nos princípios do Amor e da Sabedoria. Quando a mente, ou a alma do homem, abandona o organismo corporal, deixa na Terra uma vasta variedade de imperfeições terrestres. No mundo terrestre, os antagonismos da sociedade humana são eminentemente propensos a desenvolver os males da guerra, do roubo, da luxúria e de outras discórdias morais.

As crianças nascem com corpos e mentes defeituosos, agressivos, deformados, desprovidos de amor; nascem de pais ignorantes, ou de pais que, ao cederem a impulsos desordenados, desobedeceram às leis da vida, e os filhos devem então aceitar e iniciar a existência atual com muitas predisposições para viver de forma errada e dissonante. Tais indivíduos são, involuntariamente, inimigos das leis da harmonia moral; e as consequências são constantemente sentidas por eles próprios e por todos os membros do grande corpo da humanidade.

Mas que consolação é saber que, quando os motivos ou causas da guerra, do roubo e da injustiça cessarem de existir, é absolutamente certo que também terão fim as discórdias da vida! Este resultado glorioso fluirá do desenvolvimento progressivo do Amor e da Sabedoria entre as multidões da Terra. Os homens aprenderão a confiar menos na mitologia para alcançar a harmonia da alma, e mais nos Princípios da Natureza. Ver-se-á que a saúde moral depende mais de uma cerimónia batismal praticada religiosamente todas as manhãs, do que de qualquer forma de disciplina eclesiástica. “Aquele que crê” no poder do Amor e da Sabedoria, “é batizado

diariamente” nas águas límpidas de alguma nascente fluente, “será salvo” de muitas dores e melancolias, de sonhos tristes, de confusão mental e de enfermidades do espírito.

Ver-se-á também que a saúde moral depende mais da harmonia física do que dos escritos de chefes religiosos ou das orações do chamado coração contrito. A fé do devoto religioso não pode mover uma "montanha" moral ou física com metade da eficácia de ferros de perfuração, pólvora, pás e enxadas nas mãos de homens inteligentes e devidamente remunerados. E, no entanto, diz-se que não devemos abdicar da nossa confiança na infalibilidade dos chefes religiosos, porque o Cristianismo civilizou as nações anglo-saxónicas e americanas. Mas eu recuso tal afirmação, e respondo dizendo que o maior agente de civilização jamais foi sugerido por qualquer sistema de religião. Ele originou-se no génio da mente.

Refiro-me à abençoada arte da Impressão. Por este alavanca, o mundo inteiro é movido e sacudido até ao seu centro. As partes mais distantes são trazidas para uma íntima simpatia com o todo. As pulsações da Europa fazem-se sentir na América, e quando o coração da América se dilata com os grandes princípios da Liberdade, a arte da Impressão transmite as suas vibrações mais delicadas aos confins mais remotos do globo habitável. Pela impressão, pela fisiologia, pela ciência, pelo comércio, pela Sabedoria, é que o mundo foi civilizado até ao seu estado atual; e o sistema teológico popular foi arrastado ao lado da civilização, com toda a pompa, reverência e exibição que se costuma conceder a algum Ídolo dependente mas estimado. Isto não é teoria; é a mais clara exposição de factos históricos, dos quais tudo dá o testemunho mais inequívoco.

Em conclusão, deixai-me exortar-vos: alcançai a Sabedoria! Este é o verdadeiro Salvador. Conhece-te a ti mesmo. Sê um devoto de mente simples das leis da Natureza. Tem uma Razão boa e benevolente para tudo o que fizeres. Nunca pratiques um ato por impulso mesquinho ou egoísta. Sê amoroso e compassivo. Lembra-te sempre de que a felicidade depende da tranquilidade física e mental—da harmonia individual e social. Nunca pratiques o mal. Pois, enquanto vos falo, há milhares de anjos puros e amorosos que nos contemplam, desejosos da nossa pronta libertação da discórdia e do erro.

PALESTRA XVIII

ACERCA DA FILOSOFIA E DOS PRINCÍPIOS DO SONAMBULISMO

Ainda o nosso tema é o Homem. A sua natureza continua cheia de mistérios. Há fases e estados de espírito que ainda não analisámos por completo. Mas não nos deixemos confundir; continuemos a investigar com serenidade; não nos percamos num tema tão complexo e sublime. Examinemos as peculiaridades da natureza humana com nervos firmes e mente tranquila; pois nele encontramos muito que nos recorda os reinos inferiores da Natureza e muito que comanda a nossa veneração e conduz a razão à Sabedoria Central — ao grande *consilium* do universo.

Neste processo, tendes-me seguido com paciência. Tendes escutado com o ouvido da inteligência; mas ainda não compreendestes por completo todos os pontos do argumento, nem reconhecestes inteiramente a aplicação de todos os princípios que a análise progressivamente revelou. Não há, contudo, motivo para queixas, pois o tema penetrou nas vossas mentes na proporção exata da vossa capacidade de o receber. Ainda assim, creio que podereis tornar-vos mais recetivos ao influxo do pensamento e mais capazes de reflexão contínua, se exercitardes devidamente os vossos próprios poderes constitucionais.

Quando perceberdes que a felicidade imutável se encontra no conhecimento; quando sentirdes que a Sabedoria vale mais do que os bancos dourados da Califórnia; então sabereis como direccionar corretamente e potencializar as vossas habilidades inatas. Quando tiverdes fé firme no conhecimento — no seu poder de beatificação e salvação — então procurareis a Sabedoria. Quando acreditardes que a Sabedoria é o verdadeiro salvador da alma — que vos ensinará a amar, a viver, a trabalhar, a vencer a doença, a banir o erro e a erradicar a ignorância e a injustiça — tereis dado os primeiros passos nesse caminho reto e feliz que conduz à harmonia espiritual.

É com o propósito de promover o vosso progresso em Sabedoria, no que diz respeito às vossas naturezas psicológicas, que me sinto movido a imprimir nas vossas mentes as verdades da espiritualidade, tal como são reveladas no mecanismo geral do homem.

A palestra anterior referiu-se especialmente à mente humana no que denominei o estado de transição — uma condição intermédia entre simpatia e clarividência. Os fenómenos deste estado de transição foram mostrados como numerosos e variados, com particular ênfase nas manifestações mais proeminentes nos domínios religiosos. Mas nesta fase da análise, é essencial tecer algumas considerações acerca dos estados de espírito que precedem o estado de transição.

Recordareis, certamente, que o primeiro estado — ou estado comum — foi chamado de “Estado Rudimentar”; o segundo, “Estado Psicológico”; o terceiro, “Estado Simpático”; e o quarto, “Estado de Transição”. E podereis perguntar: “Considera-se o estado psicológico e o simpático como melhorias sobre o estado natural da mente?” Respondo que não. Nenhum estado é uma verdadeira melhoria do rudimentar, exceto a boa clarividência. Os estados psicológico e simpático são

desvios, ou manifestações laterais da mente. Não resultam da operação progressiva das leis mentais, mas são incidentes do jogo geral das potências espirituais — tal como os ramos estéreis de uma árvore são consequências laterais do crescimento principal.

A mente, no seu estado natural, é suscetível de grande cultivo. É neste estado que encontramos quase todos os nossos poetas, filósofos e homens instruídos. E, embora tenha tratado os estados psicológico e simpático como se fluíssem naturalmente do estado comum da mente, nunca pretendi dar a entender que esses estados fossem, de facto, superiores ao estado cultivado e rudimentar. Porque, se o fossem, seria um estranho problema explicar como homens vigorosos e talentosos, que não são clarividentes, conseguem apresentar um grau de inteligência muito superior àqueles que estão em estados psicológicos ou simpáticos.

Seremos verdadeiramente filosóficos se aceitarmos como princípio da ciência mental que os estados simpático, psicológico, de transição e sonambúlico, são apenas concomitantes e variações do estado rudimentar da mente. Foi afirmado logo no início destas palestras que o mais baixo de tudo na Natureza contém o mais alto em estado latente ou não desenvolvido. Isto significa, aplicado ao presente tema, que o estado rudimentar é o berço de todas as condições possíveis que possam vir a ser consideradas ou desenvolvidas.

Também ficou claro que muitos indivíduos vivem naturalmente sob influência psicológica ou simpática. Isto vê-se em encontros religiosos, em comoções populares, epidemias, pânicos, etc., como demonstrado em exemplos já mencionados. E ainda mais evidente ficou que muitos indivíduos entram no estado de transição, que é um terreno intermediário entre a realidade e a imaginação — entre algo e nada — entre a individualidade de carácter e a sua absorção pela potência avassaladora das mentes ou mitologias envolventes.

Assim, torna-se evidente como Emmanuel Swedenborg se encontrava num estado de transição! Olhava em ambas as direcções — para baixo, em direcção ao estado rudimentar, e para cima, em direcção ao estado espiritual — e, na medida em que esses dois estados se confundiam na sua mente, a apreciação de qualquer um deles era substancial e infelizmente prejudicada. Mas não foi só Swedenborg que sofreu esta influência; o mesmo defeito permeia todo o campo das revelações sobrenaturais.

Todo chefe religioso que, na honestidade da sua consciência, acreditou e proclamou ter sido divinamente inspirado, esteve num estado de transição mental, no qual não compreendia plenamente nem o seu próprio estado, nem o dos que o rodeavam. Este facto foi já suficientemente ilustrado em palestras anteriores, pelo que passaremos adiante, retornando à proposição de que nenhuma condição é uma melhoria do estado rudimentar, exceto os estados verdadeiramente Clarividentes ou Espirituais, que serão examinados posteriormente.

É agora necessário reiterar uma proposição original. As minhas impressões remetem para a dualidade — ou o mecanismo duplo da mente humana. Por investigação

interior, descubro que os departamentos mais internos da alma estão estruturados segundo princípios positivos e negativos. Estes princípios originam estruturas externas correspondentes. O princípio de julgamento ou sabedoria, sendo em si positivo, dá origem às disposições materiais do cérebro frontal, chamado cérebro (cerebrum); logo, esta parte do sensorio é positiva e exerce uma influência correspondente sobre todos os restantes membros da economia física.

Deve ficar claramente entendido que, se não existisse, na constituição do princípio pensante, uma combinação de elementos correspondentes ao cérebro, este organismo não poderia ter sido desenvolvido. Não existiria nada que sugerisse e orientasse o seu crescimento. Assim, a verdadeira filosofia é esta: o cérebro positivo desenvolve-se porque há um cérebro espiritual por trás dele, com caráter e construção correspondentes. Por esse mesmo princípio, desenvolveu-se o cérebro negativo, conhecido como cerebello (cerebellum). E a mesma lei rege cada estrutura. Por exemplo, o ouvido externo, que o olho material consegue ver, é apenas um sinal que o ouvido interno emitiu, para convidar as impressões do mundo objetivo.

Assim acontece com o órgão visível da visão. O seu belo mecanismo e delicadas proporções podem ser considerados a forma externa do órgão espiritual da visão, que brota, de modo correspondente, do cérebro interior. Quando vedes a água correndo por entre os prados verdejantes, instintivamente procurais a sua nascente. Não se pode compreender os efeitos sem estudar as causas. O murmúrio do riacho sugere inevitavelmente à mente a ideia de uma fonte. O efeito externo deve fluir de uma causa interior. Quando contemplais uma flor totalmente desabrochada, vedes apenas a forma visível de princípios invisíveis—princípios que estavam depositados no pequeno germe que mal parecia conter vida.

O verdadeiro filósofo nunca limita as suas investigações aos aspetos externos da criação. É necessário interrogar as leis internas e ocultas. O ouvido, o olho, a perna, o braço, as vísceras, o cérebro—como vieram a existir estas estruturas? Por que razão há dois de cada órgão? Por que há dois conjuntos de músculos—um para contrair, outro para expandir, e vice-versa—quando o movimento é comandado pelas potências invisíveis da Vontade? Por que há dois conjuntos de nervos, ou condutores magnéticos, que vão e vêm do sensorio—um para conduzir os princípios da vida desde o cérebro até todas as partes do corpo, e outro para receber impressões do mundo exterior e transmiti-las ao assento do Amor e da Sabedoria—ao trono do governo—que é o Cérebro? Por que é o cérebro a parte mais elevada de todo o organismo?

Por que razão está colocado num pedestal, e feito para governar o corpo como o maquinista controla a locomotiva?

Estas são perguntas filosóficas. E devemos procurar as respostas no próprio local onde são formuladas. O cérebro cresce no topo do corpo pela mesma razão que a rosa se abre no cimo do caule. É a flor da forma física; e governa o corpo porque é o grande reservatório de movimento, vida, sensação e inteligência. As disposições duplas, visíveis em todo o corpo, são manifestações externas de potências correspondentes, mas invisíveis, que entram na constituição da mente imortal.

O corpo possui vários dualismos—tais como dois braços, duas pernas, dois olhos, dois ouvidos, dois cérebros, etc.—porque tudo no vasto império da criação é originado, controlado, aperfeiçoado e mantido segundo princípios positivos e negativos. Esta é a ordem da Natureza. Mas quando fixamos a atenção sobre a mente humana, encontramos uma razão ainda mais valiosa para a existência dessas estruturas duplas.

Não só verificamos que os olhos, ouvidos, membros, cérebros, etc., são construídos e situados no templo vivo com estrita referência às leis relativas da dinâmica positiva e negativa ou potências de movimento; mas descobrimos também a verdade ainda mais encantadora de que estas formas duplas são visíveis porque existem formas correspondentes por trás ou dentro delas! Assim, a lei de causa e efeito conduz-nos, de forma deliberada, até à alma. Se um corpo se move, deve haver nele uma causa para o movimento. Se um corpo é dotado de olhos e ouvidos, deve haver uma causa para tais órgãos no próprio seio da vitalidade. De acordo com este raciocínio, peço-vos que concebeis a ideia de que a mente, que desenvolve os órgãos dos sentidos externos, está ela própria provida de sentidos idênticos.

Esses sentidos interiores criam e desdobram os agentes externos de percepção, assim como os pensamentos se revestem de palavras; as palavras são as formas em que os pensamentos encarnam os seus poderes vitais. Não se pode pensar sem palavras; nem a mente pode possuir os princípios de ver e ouvir sem que estes se revistam imediatamente de vestes materiais apropriadas. Esta é uma lei da Natureza; aplica-se a tudo, em todos os seus domínios e esferas de desenvolvimento externo. Esta concepção é, segundo creio, essencial para uma correta compreensão dos fenómenos do sonambulismo, para os quais passo agora a dirigir a vossa atenção.

Como matéria de fisiologia, e com o objetivo de auxiliar a elucidação deste tema tão interessante, deixai-me fixar o vosso pensamento em algumas explicações. O sonambulismo pode surgir de forma natural, ou pode ser induzido por manipulações: pouco importa a forma como este estado de existência é alcançado, pois os resultados ou manifestações são invariavelmente os mesmos em carácter, embora frequentemente diferentes em grau. Enquanto algumas pessoas neste estado possuem pouca percepção ou capacidades, outras revelam muito mais clareza intelectual e energia muscular do que no seu estado habitual. Mas, em quase todos os casos, o mesmo indivíduo, quando desperto e quando em estado sonambúlico, parece duas personagens totalmente distintas.

Aqui surge uma questão muito interessante: “Como podem essas condições totalmente diferentes manifestar-se numa só pessoa?” A resposta a esta pergunta, ao mesmo tempo que amplia o nosso conhecimento sobre fisiologia mental, contribuirá enormemente para tornar mais compreensível o estado futuro da alma.

É adequado começar esta explicação com a proposição que sempre defendi: todo o organismo da Natureza está impregnado por um Princípio espiritual ou vitalizador. Ele difunde-se por todos os vastos reinos da criação, como o meio de sensação que permeia o corpo humano. As recentes investigações de vários eminentes filósofos experimentais têm contribuído muito para tornar a existência deste meio invisível

uma realidade próxima da demonstração; no mínimo, tornaram-na uma questão de probabilidade inequívoca. Mas, à parte o que os fisiologistas fizeram neste domínio, posso assegurar-vos que existe um princípio vital universal, que, embora estabeleça um meio de comunicação entre todos os corpos da Natureza, e seja o grande meio sensacional—por assim dizer—que percorre o sistema nervoso do universo, é ainda assim inferior e distinto daquela combinação celestial de elementos que constitui o Ser Divino.

E no entanto, quando o homem se eleva nas suas afeições e no seu intelecto, todos os elementos se revestem de um significado mais divino, chegando mesmo ao reconhecimento da Suprema Divindade nas suas profundezas prateadas. Então já não haverá mera eletricidade, nem magnetismo vulgar, nem luz solar ou calor material; pois à medida que o homem se desenvolve espiritualmente, espiritualiza o natural e naturaliza o espiritual, até alcançar a justa estima e o equilíbrio de ambos. A consequência será uma apreciação mais elevada e mais divina daquelas coisas que agora consideramos como realidades comuns e não santificadas da existência. Então, também a mente geral passará a considerar aquilo que chamei Princípio vital universal, como as emanções sensacionais de uma Divindade Central.

O fluido em questão é o grande veículo da influência universal. Ao pervagar e atravessar os corpos, modifica-os e é igualmente modificado por eles. Quando circula de um corpo para outro, com a mesma quantidade de poder e velocidade, esses dois corpos mantêm-se em relação harmoniosa entre si. É também através deste meio geral que os nossos nervos recebem sensações dos objetos ou corpos que nos rodeiam. Lembremo-nos sempre da dualidade ou organização dupla do homem. Pensemos no seu estado sensível e supersensível — no seu lado material e espiritual — na sua natureza humana e angélica.

As descobertas do Magnetismo Animal demonstraram, de forma conclusiva, que quando o poeta arrebatado apela às energias livres, aos princípios elevados e à beleza imorredoura da nossa natureza espiritual, não está a desperdiçar as suas aspirações mais sublimes, nem as suas expressões mais medidas, em meras abstrações metafísicas ou em delírios poéticos, mas numa verdade viva, ardente e gloriosa, que nenhuma imaginação pode exceder, nem talento exaurir!

A organização visível do homem é, como é, o berço do espírito, e adapta-se perfeitamente aos objetivos e às circunstâncias exteriores do mundo. Enquanto isso, o seu ser invisível prepara-se para se desdobrar, como a flor do botão, para se elevar acima das condições sensoriais desta vida rumo a uma esfera mais brilhante, mais pura, mais elevada, onde paixão e julgamento terão alcançado a mais perfeita harmonia.

Assim, as revelações do magnetismo inspiram-nos uma fé profunda e encantadora; uma percepção clara do destino futuro; uma conceção exaltada da natureza interior do homem; e colocam-nos na posse de um conhecimento da imortalidade mais demonstrável do que um país distante, tão firme quanto os princípios familiares da fisiologia, e tão imutável quanto as leis que governam os firmamentos concêntricos.

Mantenhamos, então, os nossos pensamentos firmes na natureza dual do homem. Recordemos que, além dos órgãos visíveis dos sentidos, o homem é dotado de sentidos internos correspondentes, dos quais o sistema nervoso é o flexo magnético ou os fios condutores que ligam o ser interior ao mundo objetivo. O sistema nervoso pode ser considerado uma espécie de ponte mercurial, sobre a qual a imagem exata dos objetos e influências externas viaja até ao sensorio. O espírito, assim, mantém diálogo com o mundo exterior.

A mente vê, a mente ouve, a mente sente, a mente reflete; tudo o mais é cego—surdo—morto.

Mas, como já vos mostrei, a mente reveste-se de trajes físicos, com sentidos adaptados às condições do modo presente de existência; contudo, devido à conexão extremamente íntima entre estes dois corpos, é quase impossível à mente comum discriminá-los; daí que o mundo esteja sempre na posse de uma escola materialista de filósofos, que, embora tentem explicar o sistema e os fenómenos da mente com base na hipótese de que matéria e mecanismo são inseparavelmente aliados, fracassam—e, mesmo assim, essa escola muito contribui para impedir o crescimento de superstições doentias entre o clero.

Embora o químico e o fisiologista não consigam detetar a presença do corpo espiritual como distinto do invólucro material, o poder magnético intervém, separa o interior do exterior, e abre à nossa visão um magnífico arcanum e um universo de nova verdade.

No poder do magnetismo, a mesma pessoa pode parecer duas, tanto no comportamento como na expressão. Se, por qualquer causa, os sentidos externos forem confundidos, entorpecidos ou fechados, os órgãos internos de sensibilidade tornam-se imediatamente intensificados nas suas capacidades, e passam a desempenhar, sozinhos, as funções comuns aos do corpo externo. O princípio vital, que anteriormente impregnava as partes exteriores do organismo, é agora transferido para os departamentos internos do corpo, e conduz à mente impressões da mais fina e delicada natureza. Estas impressões são muito distintas e agradáveis, porque a atenção e sensibilidade da mente já não estão confundidas, diluídas, entorpecidas ou distraídas pela intrusão de impressões do mundo exterior, como acontece no estado ordinário. Este estado é o sonambulismo.

O sonambulismo pode ser filosoficamente considerado como a manifestação incipiente das faculdades espirituais, em contraste com as da mera organização visível. Notar-se-á que o sonambulismo não é clarividência, exceto num grau muito inferior; no entanto, é de natureza semelhante, e constitui um estado que pode ser facilmente cultivado até um elevado tipo de iluminação mental. É, por isso, muito desejável que, especialmente nesta ocasião, concentreis os vossos pensamentos nas simples manifestações do sonambulismo; pois, ao conceberdes devidamente esta condição mental, encontrareis as vossas mentes perfeitamente preparadas para aceitar todos os fenómenos da Clarividência Espiritual com base numa ciência mental que está agora a ascender à sua posição apropriada perante o mundo.

O sonambulismo é a primeira demonstração da independência da alma. É clarividência não desenvolvida. A profissão médica, no entanto, promove uma teoria diferente; e os membros talentosos das igrejas, bem como os principais representantes da ciência teológica, parecem encarar todo o assunto com a mais profunda e censurável indiferença—da qual acabarão por ser despertados, em defesa própria, pela superior inteligência das massas que desfraldam os estandartes do Progresso!

As profissões médicas, de um modo geral, neste país e no continente, diagnosticam o sonambulismo como uma doença do sistema nervoso. E os cristãos, que deveriam familiarizar-se com algumas evidências da imortalidade da alma e da sua individualidade, estão habituados a tratar tais manifestações mentais como meras obras de uma imaginação sensível. “Não conhecemos,” diz o talentoso Dr. Hufeland, “nem a essência nem os limites deste poder assombroso; mas tudo prova que penetra nas profundezas do organismo e na vida interna do sistema nervoso; que pode até afetar a própria mente e perturbar as suas relações ordinárias.

Quem, pois, se propuser governar e dirigir este poder misterioso, assume uma tarefa ousada e de grande responsabilidade. Que ele considere bem que está provavelmente a penetrar, tanto quanto possível, nas leis mais elevadas da Natureza. Nunca entre neste santuário sem temor reverente e sem o mais profundo respeito pelo Princípio imortal que procura pôr em operação.”

Eis o verdadeiro espírito de investigação—a verdadeira base de um inquérito científico. Mas aquele que renuncia ao uso da razão, que entrega todos os temas filosóficos à profissão médica e todo o conhecimento psicológico aos senhores da batina, não está preparado para emitir sequer a mais simples opinião sobre um assunto que promete tanto prazer ao camponês como ao rei.

O sonambulismo toca diretamente na imortalidade. Ele ergue-se na torre de vigia e aponta ao viajante esferas mais sublimes. Há quem conheça o seu valor como demonstração da alma imortal. Segundo a opinião de um célebre autor francês, M. Colquhoun, o estudo dos fenómenos do magnetismo humano tem realizado, recentemente, mais maravilhas do que toda a pregação alguma vez ouvida em França—desviando muitos dos erros mortíferos do materialismo e da incredulidade, e dando origem a uma fé espiritual e religiosa sã.

Este autor afirma que "o estado de sonambulismo é totalmente diferente do da vida comum; um estado em que as sensibilidades animais sofrem uma mudança essencial; um estado em que a atividade habitual das faculdades corporais é suspensa durante certo tempo, e o instinto interno—o princípio imaterial—a própria alma—manifesta as suas energias livres, independentemente dos órgãos materiais."

Wordsworth, o verdadeiro poeta filosófico, descreveu profética e precisamente esta condição mental, antes mesmo de ter qualquer conhecimento prático dela, o qual obteve ao ascender ao país espiritual. Escreve calmamente sobre este estado, embora sem intenção direta, como alguém:

“Em quem o fardo do mistério,
Em quem o peso pesado e cansativo
De todo este mundo ininteligível
É aliviado: esse estado sereno e abençoado
Em que os afetos gentilmente nos conduzem
Até que o sopro desta estrutura corpórea,
E até mesmo o movimento do nosso sangue humano,
Quase suspensos, somos deitados em sono corporal,
E tornamo-nos alma vivente:
Enquanto, com um olho aguçado pelo poder
Da harmonia, e pelo profundo poder da alegria,
Vemos no âmago da vida das coisas.”

Wordsworth, ao descrever assim, de forma involuntária, este estado da alma, demonstrou-se tão verdadeiro profeta de uma realidade divina quanto qualquer rabino judeu ou pastor da Judeia, cujas palavras foram incorporadas naquilo a que somos educados a chamar a Santa Bíblia.

O sonambulismo, quer natural, quer induzido, fez mais bem do que todos os sermões alguma vez redigidos no campo do ceticismo humano. Um autor inteligente afirmou que “o magnetismo humano é uma causa natural, que explica todos os efeitos outrora atribuídos à magia e à bruxaria, assim como a eletricidade explica o trovão, a astronomia explica o aparecimento dos cometas, e o conhecimento das diferentes leis da Natureza explica todos os fenómenos que, em épocas passadas de ignorância, eram atribuídos a agentes sobrenaturais.”

A doutrina de que uma emanção de magnetismo vital de um indivíduo, dirigida pela sua vontade, pode atuar sobre outro—da mesma forma que uma emanção do cérebro atua sobre os dedos—não nos conduz à crença na ação de demónios; pelo contrário, tal filosofia destrói eficazmente essa superstição miserável, ao ensinar-nos, de modo eloquente, a reconhecer em nós próprios a causa eficiente de muitos efeitos que, em tempos mais remotos, foram atribuídos a potências estranhas, sobrenaturais e quiméricas.

Um escritor alemão, enquanto sua mente se enchia de gratidão pelas revelações do magnetismo que o libertaram do ceticismo, assim expressou os seus sentimentos:

"Os fenómenos do magnetismo humano são factos que já não podem ser postos em dúvida, mais do que se pode duvidar da realidade das pedras meteóricas que ocasionalmente caem dos céus. Se existe alguma ponte—alguma conexão—entre este e o outro mundo, alguma transição da vida temporária da alma para a vida eterna do espírito, esses fenómenos devem ser capazes de nos oferecer algum vislumbre do assunto.

Merecem, por conseguinte, apesar de todo o perigo de ilusão, a nossa mais séria atenção; pois seria igualmente insensato, perante tão amplamente atestada experiência, entregarmo-nos a um ceticismo total, ou rendermo-nos a uma fé cega, no caso de cada fenómeno alegado.

O sonambulismo oferece-nos, pelo menos nos seus factos já admitidos, a prova incontestável de que residem no homem poderes superiores, que se estendem para além do estreito círculo desta rude existência sensorial, e transcendem o horizonte da compreensão humana enredada nas suas abstrações."

Deve recordar-se que o sonambulismo pode existir sem que o paciente obtenha qualquer impressão ou conhecimento do Mundo Espiritual. Uma pessoa neste estado, sem recorrer a qualquer dos órgãos externos da sensibilidade, vê e distingue objetos com a mesma nitidez como quando está acordada, na sua condição habitual.

Mas a diferença entre sonambulismo e clarividência é a seguinte: enquanto o sonâmbulo é capaz de se mover, de dia ou de noite, com igual ou superior confiança e segurança—evitando cuidadosamente todos os objetos no seu caminho—a clarividência, num plano superior de percepção, permite observar com exatidão o interior dos objetos—incluindo a terra, o corpo humano e até a alma—e estender a sua visão profundamente na vida das coisas. E há ainda um estado mais elevado: o Estado Espiritual, que explicarei mais adiante.

Alguns indivíduos são sonâmbulos naturais; outros apenas entram neste estado sob influência magnética. E, no entanto, não importa como os sentidos interiores são abertos, pois as manifestações, em geral, são as mesmas. Neste estado, o paciente realiza ações das quais seria absolutamente incapaz no estado comum. Frequentemente expõe-se sem medo a perigos dos quais, normalmente, fugiria com terror. Lê, escreve, canta, toca, pensa, reflete, raciocina e realiza diversas operações—tanto intelectuais como mecânicas—não só como se tivesse pleno uso de todos os sentidos corporais, mas como se o poder, a acuidade e a delicadeza das suas faculdades naturais estivessem aumentadas—o que de facto acontece—devido à emancipação do seu cativeiro orgânico.

O seguinte relato interessante apareceu originalmente no *Manchester Courier* (Inglaterra), e foi amplamente reproduzido nos jornais públicos deste país, como sendo digno de credibilidade absoluta. Apresenta, com elevado grau de perfeição, um fenómeno que, nas suas características gerais, ocorre constantemente e pode ser testemunhado por qualquer pessoa disposta a realizar as experiências adequadas com sujeitos suscetíveis.

A explicação do fenómeno dada por Mr. Braid, nos dois parágrafos finais do excerto, não parece satisfatória.

"No dia 3 do corrente mês, Mad'lle Jenny Lind, acompanhada pelo Sr. e Sra. Schwabe e alguns amigos, assistiu a uma sessão na casa de Mr. Braid, com o propósito de testemunhar alguns dos fenómenos extraordinários do hipnotismo. Estavam presentes duas raparigas que trabalhavam num armazém e que tinham acabado de chegar com os seus trajes de trabalho. Após induzi-las ao sono, Mr. Braid sentou-se ao piano, e no momento em que começou a tocar, ambas se aproximaram e se juntaram a ele cantando um trio.

Tendo despertado uma das raparigas, Mr. Braid fez uma revelação surpreendente sobre a que permanecia em sono. Disse que, embora ignorante da gramática da sua própria língua quando desperta, no estado hipnótico ela conseguia acompanhar qualquer pessoa na sala a cantar canções em qualquer idioma, reproduzindo correctamente tanto as notas como as palavras—feito de que era totalmente incapaz no estado desperto. Mr. B. convidou qualquer presente a pô-la à prova. Mr. Schwabe tocou e cantou uma canção alemã, que ela acompanhou corretamente, nota por nota e palavra por palavra.

Outro cavalheiro tentou com uma canção sueca, com igual êxito. Em seguida, Jenny Lind tocou e cantou uma melodia lenta com letras suecas, e a sonâmbula acompanhou-a de forma perfeita, tanto em letra como em música. Jenny pareceu então decidida a testar os limites da sonâmbula, prolongando a execução com as mais difíceis 'roulades' e 'cadenzas', incluindo algumas das suas extraordinárias notas sustentadas, com inflexões do pianíssimo ao forte crescendo, e de volta a um pianíssimo quase inaudível. Mas mesmo nessas acrobacias vocais e demonstrações de génio pela 'Rouxinol Sueca', a sonâmbula seguiu-a tão de perto que, em muitos momentos, alguns presentes não conseguiam distinguir, apenas pelo ouvido, que duas pessoas estavam a cantar—tão perfeita era a fusão das vozes.

Jenny, informada por Mr. Braid de que poderia testá-la noutro idioma, começou 'Casta Diva', em que a sonâmbula novamente demonstrou completa fidelidade, tanto nas palavras como na música. A rapariga tinha, naturalmente, uma boa voz e alguma instrução básica em aulas de canto, mas era incapaz, no estado desperto, de realizar tais feitos, tanto em entoação como em pronúncia.

Foi também testada por Jenny Lind na mera imitação de idiomas, com sucesso total; e Mr. Schwabe desafiou-a com combinações sonoras difíceis, que—disse ele—ninguém consegue imitar sem treino prévio. Ela imitou-as corretamente à primeira tentativa, tanto em ritmo lento como acelerado.

Quando foi despertada, a rapariga não se recordava de nada do que tinha feito, nem de ter proporcionado tamanha alegria aos presentes. Dizia apenas sentir-se um pouco ofegante, como se tivesse corrido. Mr. Braid atribui tudo isto apenas à exaltação extraordinária do sentido auditivo e do sentido muscular numa fase específica do sono, juntamente com o estado de abstração mental, que permite aos pacientes concentrarem a atenção exclusivamente no que têm diante de si, e com total confiança nas suas capacidades.

Segundo ele, isso permite-lhes captar nuances subtis de som, que lhes escapariam no estado normal; e os órgãos vocais estão de forma corresponde mais sob controlo, devido à exaltação do sentido muscular, e à atenção concentrada e confiança em si mesmas que ele procura inspirar. Não é um dom de intuição, pois elas não compreendem o significado das palavras que proferem; mas é um exemplo espantoso das extraordinárias capacidades de imitação sonora num determinado estágio do sonambulismo. E é, sem dúvida, maravilhosamente espantoso."

Na maioria destes casos, os olhos exteriores da sonâmbula estão ou exatamente fechados, ou abertos e fixos—sem expressão nem sensibilidade; e, como disse um médico francês:

"A partir de experiências decisivas feitas numa grande variedade de casos, é claramente demonstrado que a faculdade da visão não era, nem podia ser, exercida através dos órgãos visuais habituais."

Todos os outros sentidos—audição, olfato, paladar, tato, etc.—estão geralmente adormecidos ou totalmente suspensos.

O sonâmbulo é igualmente capaz de responder distintamente a quaisquer perguntas de caráter terrestre que lhe sejam colocadas, e, por vezes, de sustentar uma conversa racional. "Uma das circunstâncias mais notáveis e características que acompanham este singular estado de existência—e que também se verifica invariavelmente no estado clarividente," diz um autor, "é a seguinte: ao despertar, o indivíduo que assim realizou, insensivelmente, todas estas operações surpreendentes, não retém qualquer recordação do que se passou enquanto esteve sob a influência magnética."

Casos de sonambulismo natural ou magnético tornaram-se tão comuns que se considera desnecessário apresentar exemplos especiais. Centenas poderiam ser citados; mas quase todas as famílias conhecem, por experiência própria, algo deste estado e muito das suas peculiaridades sintomáticas.

A morte aparente nem sempre é acompanhada por uma suspensão da consciência, pois, em certos casos, as faculdades mentais estiveram envolvidas de forma exaltada. Um exemplo singular e bem autenticado é relatado na *Revista Psicológica* (*Psychological Magazine*):

"Uma jovem senhora, depois de estar doente durante algum tempo, aparentemente faleceu. Foi colocada no caixão, e o dia do funeral foi marcado. Quando se preparavam para pregar a tampa do caixão, notou-se suor no corpo; logo após, sinais de vida surgiram; por fim, ela abriu os olhos e soltou um grito angustiante.

Disse que, durante esse estado horrível, sentia-se, como num sonho, realmente morta; no entanto, estava perfeitamente consciente de tudo o que se passava à sua volta. Ouvia claramente os seus familiares a falar e a lamentar a sua morte, ao lado do seu caixão.

Sentiu quando lhe colocaram a mortalha e a deitaram nela. Essa sensação causou-lhe uma angústia mental indescritível; tentou gritar, mas a alma estava sem poder, e não conseguia agir sobre o corpo. Tinha a sensação contraditória de estar no corpo e, ao mesmo tempo, fora dele. Era igualmente impossível estender o braço, abrir os olhos ou gritar, embora o tentasse constantemente. A sua agonia interior atingiu o auge quando começaram os cânticos fúnebres, e a tampa do caixão ia ser pregada. O pensamento de ser sepultada viva foi o que deu atividade à sua alma e a fez operar sobre o seu corpo físico."

Tem sido afirmado por várias pessoas honestas que experimentaram a consciência de estar fora do corpo. Talvez o testemunho mais claro e positivo sobre este facto seja o do Dr. Adam Clarke, o erudito wesleyano, que, ao relatar a sua recuperação de um afogamento, declarou ao Dr. Lettsom que, durante o período da sua aparente inconsciência, sentiu uma nova espécie de vida. Estas são as suas palavras:

“Todas as minhas ideias e visões pareceram mudar instantânea e completamente, e tive sensações da mais perfeita felicidade que é possível, independentemente do êxtase, à mente humana experimentar. Desde o momento em que fui submerso, não senti qualquer dor; vi uma espécie de cor verde, e inúmeros objetos que não se assemelhavam a nada que eu alguma vez tivesse visto.”

Quando pregava em apoio à *Humane Society*, na Capela da City Road, em Londres, disse: “Estive submerso tempo suficiente, segundo o meu entendimento e o conhecimento que agora tenho de fisiologia, para estar completamente morto, se não fosse pela Providência, que, por assim dizer, **soprou em mim de novo o fôlego da vida.”

Foi minha intenção fornecer-vos a racionalização desta manifestação inicial dos sentidos interiores da mente, sobre os quais todos vós sabereis mais quando vos for dada uma existência espiritual, num corpo correspondente, no mundo que nos aguarda.

Um tema que abraça os nossos afetos com firmeza e confere às nossas faculdades racionais um novo ímpeto para sondar os abismos da verdade, deve ser abordado e acarinhado com reverência sagrada. Ao aproximar-vos dele, advirto-vos a não brincar com o sagrado, mas a descalçar os sapatos, pois estais em terra santa.

Refere-se à nossa vitalidade mais profunda. Toca suavemente os sentimentos mais delicados da mente, e lança uma magnificência profunda e uma beleza grandiosa sobre todo o arcano do nosso destino futuro! A dupla natureza do homem está demonstrada além de toda dúvida. O homem exterior corresponde ao homem interior.

E os olhos da mente vestem os órgãos materiais, para poderem ver o mundo exterior. Mas o magnetismo, como um anjo da esfera do conhecimento, atua sobre os sentidos materiais—manda o princípio vivente recolher-se ao interior—fecha as portas exteriores do templo—adormece os sentinelas—e toca o espírito da sabedoria na alma, e eis que os segredos da Natureza são revelados, e a mente humana é iluminada com luz refletida de um mundo de novas realidades.

O magnetismo humano não precisa depender de uma única alegação parcial para obter atenção e consideração. As suas raízes correm profundamente e espalham-se amplamente pelo terreno comum da humanidade.

Ele toca os corações de muitos com os seus tentáculos subtis. E as mais nobres teorias são forçadas a homenagear esta nova ciência, porque a sua luz é mais clara e mais positiva.

Concede ao templo da Natureza um novo significado. Aproxima-nos dos planetas, e faz nascer em nós uma amizade pelos seus belos habitantes.

Realidades belas e grandiosas estão a ser reveladas a partir dos flancos graníticos da criação, que outrora eram prisões e esconderijos de inúmeros mistérios; e as nuvens negras que, durante séculos, ocultaram da nossa visão as doces alegrias que pertencem ao nosso futuro, são agora atravessadas e afastadas do rosto do firmamento, que nos sorri como um recém-nascido!

“Estamos”, diz um célebre médico alemão, “perante a aurora de um novo dia para a ciência e a humanidade; uma nova descoberta aguarda-nos, superior a todas as anteriores, que promete fornecer-nos a chave para alguns dos segredos mais profundos da Natureza, e abrir à nossa vista um novo mundo.”

Nos simples fenómenos do sonambulismo ordinário, contemplamos os primeiros vislumbres de uma realidade espiritual, a manifestação incipiente de um poder superior.

Pois, assim como no botão se vê a promessa da flor, na criança o homem futuro, no homem o anjo—também nós avançamos progressivamente rumo a destinos mais elevados e felizes!

PALESTRA XIX

AS FACULDADES MENTAIS CONSIDERADAS

EM RELAÇÃO COM A CLARIVIDÊNCIA

No departamento religioso da constituição mental do ser humano encontram-se algumas das leis mais misteriosas da sua natureza. A sua mente, tal como os seus músculos, possui poderes expansivos e contrativos — faculdades que recebem e transmitem; que fluem e refluem como as marés do oceano. A ciência da frenologia descobriu, classificou e nomeou as faculdades mentais, e com bastante verdade, até certo ponto. Compreende-se que a mente possui faculdades que protegem e guardam toda a economia do ser, e faculdades que, por sua vez, refinam e expandem todas as sensibilidades subordinadas da alma, conduzindo-as a estados e esferas que pertencem a existências mais elevadas e santificadas.

Por exemplo, enquanto a Alimentação, a Discrição e a Aquisição operam na economia mental como guardiãs do bem-estar interior do indivíduo, a Idealidade, a Benevolência e a Veneração agem, por outro lado, como anjos que abrem os olhos cegos da mente, fortalecem as suas aspirações, conduzem-na para além da mutável terra, e apontam para aquela Mente Eterna que ilumina, com um brilho glorioso, o templo do universo.

Estas faculdades contrativas e expansivas da mente preservam — quando devidamente desenvolvidas e harmoniosamente exercidas — a sua saúde e

equilíbrio. Enquanto um grupo de faculdades vigia os interesses pessoais do corpo e do espírito, o outro grupo contrabalança a tendência aos excessos, ensinando a mente a expandir o seu campo de prazeres até à imensidão da existência humana. Uma combinação de poderes mentais torna o indivíduo extremamente egoísta e egocêntrico, enquanto a combinação superior faz com que o indivíduo esqueça o eu — enquanto ente local — e expanda as suas sensibilidades ao campo de toda a sensação e simpatia humanas.

Não importa, contudo, quão expansivas sejam as simpatias mentais — todas podem ainda ser resumidas na palavra EU — que é o centro e a circunferência do individualismo. Se o indivíduo se desenvolveu o suficiente para elevar os seus pensamentos acima das necessidades locais e desejos limitados do corpo e da mente, então ele simplesmente expandiu-se para uma esfera maior de existência. A mente que cresceu o suficiente para amar o próximo como a si mesma, apenas alargou o seu círculo de individualidade. Procura os seus prazeres num campo mais vasto. O eu alargou-se até abranger o próximo; mas ainda assim é o eu. Esta é uma lei do individualismo, e não é possível escapar aos seus efeitos legítimos.

As faculdades contrativas da economia mental exercem uma forte influência de contenção sobre todas as funções físicas, enquanto as faculdades expansivas atuam como reformadoras morais. Estas últimas dão origem a todos os sentimentos elevados e magnânimos que dilatam a alma. Elas originam igualmente as aspirações religiosas, e impelem a mente a procurar a sua felicidade muito para além das meras exigências corporais e egoístas. Demonstram que o prazer não reside naquelas pequenas e triviais questões ligadas ao conforto físico e pessoal, mas sim no exercício livre e pleno das faculdades racionais nos campos ilimitados da humanidade e da natureza.

Do mesmo modo, essas faculdades tornam a alma clarividente ao abrir os seus sentidos interiores, que são capazes de detetar e seguir o rasto da vida nas coisas. A mente verdadeiramente iluminada é aquela cujos poderes contrativos estão constantemente sob o controlo positivo das faculdades expansivas, tal como o braço forte está cheio de músculo e todos os apêndices que o expandem e lhe dão força.

As conclusões, portanto, às quais estou impressionado a conduzir-vos nesta ocasião, são estas: Primeiro, que um desenvolvimento equilibrado das faculdades contrativas e expansivas é essencial à harmonia individual;

Segundo, que as leis religiosas da mente são os magnetizadores que tendem a lançar todo o espírito numa condição superior — estado esse que está muito à frente do sonambulismo natural ou induzido, frequentemente considerado como clarividência por aqueles que não distinguem os diferentes estados mentais.

Todo o homem que submete os seus impulsos egoístas e egocêntricos; que assume o governo da sua alma pela própria razão; que reina dentro de si mesmo como lei para si mesmo — esses, com efeito, estão numa condição que pode ser verdadeiramente considerada como superior a qualquer outro estado geral de que a mente seja constitucionalmente capaz. Contudo, não anteciparei ainda completamente o “estado

espiritual” da alma — que pretendo abordar de modo mais familiar numa ocasião futura — pois, sucedendo naturalmente ao “estado sonambúlico”, está o estado clarividente, que me sinto especialmente movido a analisar e explicar, se possível, com total clareza para vós.

Uma das principais fontes de ceticismo e erro em relação aos fenómenos em estudo é o hábito de confundir estados totalmente diferentes, e de os classificar todos como “estado magnético” ou “estado clarividente”, fazendo com que se atribua à condição geral toda e qualquer coisa que possa ter resultado de um estado mental muito superficial. A mente verdadeiramente científica não toleraria tal falta de discernimento nas suas observações. Essa mente reconheceria cada variedade de sintomas nos sujeitos do magnetismo, os quais indicam graus e estados mentais distintos.

O estado de clarividência é extremamente raro e, quando desenvolvido por manipulação ou pela vontade de outro, depende inevitavelmente do temperamento do operador, combinado com a predisposição constitucional do sujeito. “Os melhores e mais interessantes casos de estado clarividente,” afirma um autor francês, “são os que ocorrem naturalmente — ou seja, sem o uso de meios artificiais. Os estados magnéticos inferiores são frequentemente confundidos com o estado superior de clarividência, o que é uma fonte de muito erro e ceticismo.”

E o mesmo autor prossegue: “a propensão para a ilusão em sonâmbulos comuns foi amplamente observada por quase todos os investigadores destes fenómenos — especialmente no caso de mulheres, propensão essa geralmente atribuída à infeliz vaidade e ao desejo de exibição. Mas suspeito que isso se deve, em grande medida, à insistência ou má gestão do operador ou de quem esteja em comunicação com o sujeito. Essa tendência para a ilusão nunca foi observada nos estados mais elevados de clarividência, nos quais as faculdades parecem estar totalmente espiritualizadas.

Contudo, devemos ser extremamente cautelosos ao interrogar os sonâmbulos ou ao exigir demasiado dos seus poderes, pois podem enganar-se e enganar os outros, sem qualquer intenção. Deve também recordar-se que os pensamentos e desejos do operador influenciam fortemente quase todos os sonâmbulos. Em todos os casos, devemos esforçar-nos por discernir com a maior precisão possível o estado exato em que o sujeito se encontra, para determinar o que ele é realmente capaz de ver e fazer com segurança.”

Deve reconhecer-se que, especialmente para o pensador não sistemático e superficial, os diferentes estados magnéticos são extremamente difíceis de classificar com precisão. Os fenómenos variam muito de indivíduo para indivíduo, e até no mesmo indivíduo em diferentes ocasiões, conforme as circunstâncias que rodeiam a indução do estado. Para além disso, a transição de um estado para outro — de um inferior para um superior, ou vice-versa — é por vezes instantânea e impercetível. Estes estados apresentam frequentemente divergências e convergências inesperadas — contrações e expansões — sendo, portanto, extremamente difícil determinar os limites, latitudes e longitudes de uma condição que — pelo facto de ainda não sabermos como a controlar — gira em tantos ângulos nos seus centros magnéticos.

Clarividência, como todos vós provavelmente sabeis, é um termo francês que significa literalmente visão clara; não implica necessariamente qualquer comunhão de pensamentos ou sabedoria com o mundo espiritual.

Um bom sonâmbulo é aquele que, sem o uso dos órgãos exteriores da percepção ou sensibilidade, pode ler, escrever, caminhar, tocar instrumentos, pintar, realizar operações mecânicas delicadas, etc.; enquanto um bom clarividente é aquele que pode ver, da mesma forma, a centenas ou milhares de quilómetros de distância, através do espaço e de todas as substâncias materiais. Assim, observa-se que a clarividência é o desenvolvimento completo do sonambulismo — uma extensão e expansão do mesmo estado.

O estado clarividente pode ainda ser considerado, mesmo neste amadurecimento do século XIX, como um fenómeno relativamente raro — digo relativamente, porque os estados inferiores são muito mais comuns. A clarividência é um estado elevado de exaltação mental. As faculdades de observação tornam-se particularmente lúcidas e iluminadas; e, no entanto, importa lembrar que este estado pode alcançar um grau elevado de precisão, sem que o sujeito perceba algo verdadeiramente espiritual ou compreenda muito do que diz respeito ao mundo dos espíritos.

A mente verdadeiramente clarividente encontra-se numa relação muito peculiar com o mundo exterior. O indivíduo deixa de ser uma criatura sensorial, uma mente dependente dos sentidos externos para pensar, receber sugestões, raciocinar ou contemplar — pois já se encontra numa vida interior onde é-lhe fácil ver, em grande medida, as belezas ocultas e as dinâmicas da Criação.

É também profundamente intuitivo. Uma vez neste estado — quer tenha sido alcançado de forma natural ou artificial — obtém imediatamente um conhecimento mais claro da sua própria condição mental e corporal, sendo muitas vezes capaz de calcular com exatidão os fenómenos de doenças que naturalmente e inevitavelmente ocorrerão; e o sujeito pode igualmente determinar os tratamentos ou remédios mais adequados e eficazes.

Neste estado, o indivíduo possui todos os poderes do sonâmbulo, mas num grau muito mais elevado de intensidade e utilidade. Porque, enquanto o vulgar "sonâmbulo" aparenta ter apenas uma parte da mente sob controlo consciente, o clarividente mantém todas as suas faculdades mentais voluntárias, com exceção daquelas que dizem respeito ao mero movimento muscular — e mesmo estas, em casos raros, podem estar totalmente acessíveis à sua vontade.

Existe um vasto universo de interesse psicológico associado ao verdadeiro estado clarividente. O psicometrista é, em geral, alguém que apenas entra no “estado simpático”, já anteriormente analisado. Mas entre o estado puramente sonambúlico e o estado espiritual, há uma imensidão de fenómenos psicológicos que não podem deixar de prender a atenção dos pensadores mais científicos e dos metafísicos mais exigentes. Estes sintomas mentais pertencem especialmente à lucidez universal que caracteriza o estado alto e perfeito da clarividência.

É um grande estudo observar, primeiro em detalhe e depois em combinação, as abstrações contemplativas do “dorminhoco superficial”; depois, a vigília comum, o devaneio e o sonho da mente em contínuo avanço; depois, o “sono profundo” que sucede ao processo do sonho comum; de seguida, as transições da mente de estados inferiores para superiores, nos quais ocorrem sonhos elevados, devaneios e vigílias — tal como aconteceu no estado mental do Barão Swedenborg; e, por fim, o estado clarividente autêntico e elevado, no qual a alma estende a sua visão, ampla e profundamente, sobre os campos da criação, quase sem qualquer consideração pelos objetos ou pela distância!

Segue-se um excelente teste de clarividência, retirado de uma obra recente sobre Mesmerismo do Dr. Gregory:

“Na casa do Dr. Schmitz, reitor do Liceu desta cidade, assisti a uma sessão em que um rapaz de cerca de nove anos foi induzido ao sono magnético por um jovem de dezassete. Como o rapaz era tido como clarividente, pedi-lhe, através do seu magnetizador (único que ele ouvia), que visitasse mentalmente a minha casa, que se situava a cerca de uma milha de distância e que lhe era totalmente desconhecida. Ele acedeu e, pouco depois, começou a descrever a sala de trás, na qual viu um aparador com copos e, sobre este, um aparelho singular, que descreveu com detalhe.

De facto, essa sala — embora eu não lho tivesse dito — é utilizada como sala de jantar e tem um aparador com copos, bem como um aparelho para fazer água com gás, que eu trouxera da Alemanha e que, à data, era novidade em Edimburgo. Depois, pedi-lhe que olhasse para a sala da frente, onde ele descreveu dois pequenos retratos, a maioria da mobília, espelhos, objetos ornamentais e a posição do piano — que é bastante invulgar.

Quando lhe perguntei quem via na sala, respondeu que apenas via uma senhora, descrevendo-lhe o vestido, e um rapaz — o que, àquela hora, correspondia à realidade. Para excluir a possibilidade de leitura mental (embora nada indicasse tal ligação), pedi ao Dr. Schmitz que se dirigisse a outra sala e fizesse o que bem entendesse, enquanto tentávamos verificar se o rapaz conseguiria ver o que ele fazia.

O Dr. S. levou consigo o filho. Quando o sonâmbulo foi convidado a ‘ver’ a outra sala, começou a rir-se e disse que Theodore (o filho do Dr. Schmitz) fazia gestos engraçados com os braços, enquanto o pai observava. Depois disse que Theodore saíra da sala, e, passado um pouco, que regressara. Depois, que saltava pela sala. Quando perguntado sobre o Dr. Schmitz, recusou-se várias vezes a responder, por respeito, dizia ele, mas acabou por dizer que também ele saltava. Por fim, disse que o Dr. Schmitz estava a bater no filho, não com um pau (embora houvesse um na sala), mas com um rolo de papel.

Tudo isto se passou em sete ou oito minutos. Quando o Dr. Schmitz regressou, relatei-lhe os acontecimentos, e ele, surpreendido, confirmou tudo como absolutamente verdadeiro. Aqui, a leitura mental era impossível: nem eu nem qualquer presente sabia o que o Dr. S. iria fazer — nem o próprio Dr. Schmitz sabia, até ao momento do pedido. Estou, portanto, plenamente convencido de que o rapaz

realmente viu o que se passou; acreditar que adivinhou seria ainda mais extraordinário.”

Tudo o que me impressiona afirmar nesta descrição filosófica da clarividência pode ser demonstrado com clareza por experiências reais. Poderia citar inúmeros factos que atestam os pontos aqui expostos. Mas tal não é necessário neste momento. A principal questão que o leitor desejará ver respondida agora é: Como é possível que o clarividente veja, sem o uso dos órgãos de percepção, com tal nitidez — e a tal distância?

Pois bem, devo lembrar-vos de um facto essencial: uma pessoa pode ser um bom clarividente, no que toca à mera percepção interior, sem possuir um grande desenvolvimento intelectual. Os olhos da mente podem estar abertos, mas o entendimento pode permanecer fechado. Já observei clarividentes capazes de ver doenças no corpo, ler pensamentos, discernir objetos à distância, ver até o “peito inchado” do planeta Saturno — e, contudo, não sabiam dar nome à doença, nem sugerir o tratamento adequado, nem expressar o pensamento que percecionavam, nem descrever corretamente os objetos ou planetas que viam com tanta nitidez.

Este facto não nos deve surpreender, pois “clarividência” significa apenas “visão clara”, sem qualquer referência ao grau de entendimento.

Vós sabeis bem que um indígena pode ver tão longe quanto o Professor A., com os olhos físicos, sobre a geologia de um país; mas o Professor compreende essas formações rochosas — coisa que o indígena pode ignorar por completo. Assim é com muitos indivíduos em estado clarividente: veem coisas que não compreendem; e, por isso, falham frequentemente em transmitir uma ideia clara daquilo que percebem com total nitidez.

Por isso mesmo é que até bons videntes podem ser levados a equívocos — não devido a “influxos sugestivos” de espíritos malignos, como creem alguns supersticiosos, mas por pura falta de compreensão do próprio sujeito. Que fique bem claro, portanto: o estado clarividente não concede sabedoria infinita ao sujeito, mas apenas uma visão clara, independente dos sentidos externos, sempre proporcional ao grau do estado e à delicadeza do seu temperamento interior.

Chegamos agora mais diretamente à questão: como pode existir esta “visão clara”?

Para elucidar plenamente esta questão, é essencial primeiro compreender a natureza da visão corporal—especialmente a sua origem e os seus princípios. Contudo, tornar-se-á desnecessário repetir o que já foi frequentemente mencionado ao longo destas palestras: nomeadamente, que os órgãos exteriores da visão são construídos segundo leis positivas e negativas; e que, a partir da exibição universal de um sistema de dualidade ou organização a dois níveis, é puro bom senso inferir que os órgãos externos da visão, como todos os outros sentidos, não passam de formas exteriores de princípios internos correspondentes, tal como as palavras são formas dos pensamentos.

A origem da percepção comum é, portanto, bastante simples e facilmente compreensível. Começemos então a nossa explicação por aqui.

Suponhamos que deseja induzir, por meio de manipulações, o estado clarividente. Para o conseguir, deve primeiro induzir a condição magnética. Perguntemos então:

O que é a condição magnética?

É um sono induzido no corpo ao se ultrapassar a força positiva do sistema através da introdução de um poder vários graus mais positivo.

O que é esse poder positivo?

É aquela porção do princípio espiritual—ou da mente—que cria, mantém, guarda e transfere a sensação por todo o corpo.

Que provas temos de que o meio sensorial é idêntico ao magnetismo?

As demonstrações mais evidentes são as simpatias e antipatias; as afinidades e aversões; as inclinações e repulsas; as atrações e repulsões; num só termo: os princípios positivo e negativo sobre os quais a alma sempre conduz as suas manifestações externas.

Qual pode ser uma ilustração familiar do carácter magnético da sensação?

As coisas que atuam de forma agradável sobre o meio sensorial estão exatamente adaptadas, nas suas relações positivas e negativas, ao meio com que os seus campos entram em contacto. Os objetos que atraem a mente são positivos para ela, na exata medida dessa atração; enquanto os que a repelem são, na mesma medida, negativos. É, contudo, mais exato dizer que a mente é capaz de distinguir entre o que é bom e o que não é, ou entre o que é agradável ou não, por estar envolta numa espécie de armadura magnética, que funciona como meio de comunicação entre a alma e o mundo exterior.

Se a sensação corporal está intimamente ligada ao magnetismo vital e obedece às leis do magnetismo, como pode ser superada para induzir o sono magnético?

Através da perturbação do equilíbrio existente entre as superfícies mucosas e serosas do organismo. Ou seja, toda a sensação reside quase exclusivamente nas superfícies externas (ou serosas) de cada órgão, nervo e músculo; porque as superfícies internas (ou mucosas) são demasiado positivas para a receber. Mas, se desejar induzir o coma magnético, as suas operações devem ser dirigidas à transferência da sensação das superfícies externas para as internas.

Como pode isto ser conseguido?

Sente-se numa posição mais elevada do que o sujeito, que deverá estar num estado de total conforto. O objetivo é evitar quaisquer sensações perturbadoras que possam interferir com o propósito principal, que é o de igualar e identificar os seus motivos,

sentimentos, temperatura e condição geral com os do sujeito. Se pensamentos alheios a este propósito invadirem a sua mente, o objetivo será frustrado. Intenções malévolas irão enfraquecer os seus esforços na proporção da sua influência. Não pode usar este poder recém-descoberto para fins egoístas, comerciais ou licenciosos; ele está acima de esferas tão baixas e corruptas!

E se, em qualquer ocasião, uma pessoa afirmar inocência de um crime, alegando estar sob influência magnética no momento em que o cometeu, pode considerar tal alegação como falsa. Pois mesmo sob intoxicação magnética, o indivíduo mantém suficiente controlo sobre os seus próprios desejos e vontade para fazer ou não fazer aquilo de que é acusado. Nada no frenomagnetismo justifica outra conclusão.

Em simples experiências, o sujeito pode ser induzido a ceder à sensação provocada pela estimulação magnética de determinado órgão; mas isso não pode ser feito se, em vez de uma experiência, o operador estiver conscientemente a tentar realizar algo que sabe ser moralmente errado. O conhecimento do erro enfraquece o seu poder positivo, e o sujeito é então deixado à mercê da sua própria vontade, desejos e personalidade. Isto será sempre verdade, porque este poder é anti-físico, anti-egoísta, anti-tudo o que é vil, local ou mau.

Falo com base na experiência: nunca entrei em estado magnético sem que a minha mente quisesse fortemente esse sono em mim mesmo, estando os meus pensamentos e desejos em total sintonia com os do operador—tornando, assim, a minha mente instrumental tanto na produção da condição como nas suas consequências.

Como induzir o sono magnético:

Sente-se com total tranquilidade. Elimine todos os pensamentos, emoções ou especulações perturbadoras. Não antecipe teorias. Fique o mais calmo possível no corpo e na mente. O sujeito deve fixar o olhar num objeto conveniente no seu corpo (um alfinete de peito pequeno é o ideal). Encoste visual e mentalmente o seu olhar ao do sujeito, com um propósito fixo e determinado. Faça isto por cerca de dois minutos.

De seguida, sobre suavemente sobre o rosto e cabeça do sujeito. Durante todo este tempo, as suas mãos devem repousar levemente sobre as dele, polegar com polegar. Após soprar no rosto, pescoço e cabeça, de modo a transmitir uma sensação calma e agradável, eleve lentamente as mãos acima da cabeça do sujeito, descendo suavemente pelos lados da cabeça até aos ombros. Deixe as mãos repousar ali durante um minuto. Depois, desça-as com um movimento suave até às pontas dos dedos, afastando-as em espiral pelo ar e retornando com as palmas voltadas para fora até à cabeça.

Estes procedimentos podem ser repetidos entre vinte e trinta minutos. Por vezes, é necessário pousar a mão sobre o estômago. Manipulações que se estendem pelos membros superiores e inferiores são essenciais para certos temperamentos, de modo a alcançar o magnetismo perfeito.

Nalguns casos, é necessário magnetizar à distância de vários metros; para temperamentos nervosos ou sensíveis, este processo é extremamente calmante, refrescante e agradável. Nenhum esforço muscular é necessário; todos os seus movimentos devem ser fáceis, graciosos, e nunca demasiado rápidos.

Mais direi sobre isto noutra ocasião, quando abordar a utilidade do magnetismo humano como agente terapêutico nas doenças.

E assim surge a questão...

Que alterações são produzidas no organismo por este processo de manipulação, caso venha a surtir efeito?

"De todos os instrumentos que podemos empregar", diz La Place, "para nos permitir descobrir os agentes impercetíveis da natureza, os nervos humanos são os mais sensíveis—especialmente quando a sua sensibilidade é exaltada por causas particulares. Foi por meio deles que descobrimos a ligeira eletricidade desenvolvida pelo contacto de dois corpos heterogêneos."

E assim é, de facto; pois o poder magnético que o operador exerce sobre o sujeito paralisa os centros nervosos dos olhos e seus apêndices, e desequilibra o sistema geral. O meio sensorial é repellido das superfícies externas para as internas, e o sujeito e o operador, no que respeita às forças positivas e negativas do sistema físico, constituem um só corpo humano. Muito do princípio que, no estado normal, forma o meio de sensação, dirige-se agora para os centros cerebro-espinais e outros centros localizados nas partes anteriores do cérebro.

Em consequência da retirada do elemento de sensação da superfície do corpo, este permanece num estado de sono profundo, insensível, quase semelhante à morte. E, na mesma proporção em que o corpo adormece, a mente desperta; isto é, quando o corpo adormece, a alma torna-se viva, pois os elementos da mente são quase todos absorvidos pelo cérebro, permanecendo apenas o necessário para manter o funcionamento orgânico moderado.

Quando o cérebro se encontra assim iluminado, a testa torna-se perfeitamente transparente. Parece uma janela de onde a alma observa os campos da Criação. As porções superiores do rosto, incluindo os olhos físicos, também se iluminam. Estes fenómenos, no entanto, não são visíveis ao olho físico, apenas à visão mental. Mas aquilo que desejo que compreendam é o seguinte: os bons clarividentes não se encontram geralmente iluminados nas regiões superiores do cérebro, mas apenas na base do cérebro, estendendo-se do centro da testa, em arco, até aos lados e descendo até ao topo das maçãs do rosto.

Este é o local das percepções mentais. Contudo, alguns sujeitos inclinam a cabeça para o lado, ou posicionam-na na horizontal em relação ao objeto da sua atenção, como se a visão proviesse de todas as partes da cabeça em simultâneo. Isto deve-se, principalmente, à não-conformidade inicial das percepções com o meio universal da visão espiritual, que é a eletricidade.

A clarividência implica a percepção clara de coisas além das capacidades da visão corporal; mas não implica a compreensão do que é observado. Apenas a parte frontal do cérebro é iluminada. Os órgãos da percepção são principalmente excitados pelo fluxo do meio sensorial, ali dirigido pelos processos magnéticos. A visão estende-se em linhas retas quando se contempla a distância; e, tal como com os olhos físicos, as percepções interiores harmonizam-se facilmente com os raios de luz e com a eletricidade que percorrem a Natureza, permitindo que a visão abranja, frequentemente, metade de um disco de grande dimensão.

Uma boa ilustração do estado clarividente, e do tipo de percepções que lhe são próprias, foi dada num discurso anterior, onde descrevi a minha primeira visão interior da Natureza.

Não obstante, a tendência imediata deste estado é expandir o entendimento, desenvolver o Amor, fortalecer a benevolência, ampliar o princípio da sabedoria e conduzir o espírito a esferas mais elevadas de contemplação. A mente perspicaz descobre imediatamente a analogia—ou mesmo a identificação—entre os fenómenos superiores do magnetismo e os estados que caracterizavam os profetas judeus e todos os verdadeiros precursores da inspiração religiosa.

Na clarividência espontânea, que é idêntica ao estado induzido pelo processo magnético, os olhos da mente—os poderes internos de visão—são maravilhosamente fortalecidos e ampliados, e não há limites de tempo ou espaço que possam restringir a sua penetração.

Para a mente assim exaltada, as coisas antigas passam e tudo se torna novo; pois, quando devidamente compreendido, o sono magnético é um repouso espiritual, no qual a mente, elevada pela contemplação, retira-se para os recantos interiores da sua natureza mística, suspende temporariamente o contacto com o mundo objetivo e exerce as funções mais nobres da sua organização angélica.

Quanto à sugestão de se instituir um aniversário em comemoração do nascimento de MESMER, fui frequentemente interpelado nos seguintes termos:

“Caro amigo A. J. DAVIS,

Desejo chamar a sua atenção para um assunto que há muito me ocorre, e que também conta com a aprovação unânime dos amigos do progresso no Oeste—isto é, um aniversário em comemoração do grande acontecimento que foi o nascimento de Antonie Mesmer, que considero ter sido o homem que abriu a porta que, por tanto tempo, manteve a humanidade afastada da verdadeira luz, a qual agora resplandece, alegrando os corações e iluminando os intelectos de muitos.

Uma ocasião assim reuniria os verdadeiros e sinceros buscadores da verdade, fortalecendo a sua fé com conhecimento, e lançando um novo impulso ao mostrar ao mundo que uma assembleia de mentes libertas, como esta geração jamais viu, pode reunir-se em harmonia—não para eleger presidentes, nem para disputas teológicas,

mas para demonstrar aos nossos semelhantes a sublimidade dos efeitos da verdadeira luz espiritual e do conhecimento sobre a humanidade.

Fraternalmente,
J. H.”

A minha impressão sobre essa sugestão é a seguinte:

A humanidade ainda não está suficientemente desenvolvida para abandonar a adoração e deificação de líderes e chefes espirituais. (Falarei adiante sobre o carácter artificial dessa promoção ou deificação.) Trata-se de um erro, ou de um mal, em que as pessoas caem sem intenção. Não conseguem manter presente a distinção entre o homem e o princípio; o princípio acaba sepultado nas envolvências da personalidade; e assim, por ignorância ou inadvertência, todos os dias dedicados à comemoração de heróis resultam invariavelmente em discussão, divisão e discórdia.

Os amigos do progresso, ao que me parece, devem sim ter aniversários—mas que sejam dedicados a Princípios, como por exemplo: o Princípio do Progresso, do Republicanismo, da Liberdade. Que a convenção não tenha referência particular ao nascimento ou à vida de nenhum indivíduo específico. Isso evitará preconceitos locais, e ajudará a expandir os pensamentos e afetos do povo para fora, em direção à esfera universal do Ser; e cada mente sentirá um interesse genuíno nessa celebração.

Mesmer, segundo as minhas impressões, não abriu a porta a uma nova verdade de forma a merecer a plena aprovação de uma comunidade iluminada e espiritualizada. Ele apenas reviveu aquilo que já era conhecido, sob diferentes formas e nomes, há séculos antes do seu nascimento.

O século XIX é o tempo apropriado para se celebrar uma nova dispensação em todas as coisas; e essa celebração deve ser designada pelo nome de um PRINCÍPIO universal, simultaneamente atrativo e enobrecedor para todos os corações.

PALESTRA XX SOBRE OS FENÓMENOS

E A HISTÓRIA DA CLARIVIDÊNCIA

Não há como disfarçar o facto de que o magnetismo humano, e todos os fenómenos consequentes à sua aplicação enquanto agência peculiar ao poder do homem, foram mais ou menos conhecidos em todas as eras do mundo. Cada época teve o seu génio. Cada era teve o seu poeta, o seu profeta e o seu filósofo. Cada período teve o seu epítome — a sua representação perfeita — em algum indivíduo particular. E em todas as mentes elevadas, tanto antigas como modernas, os desenvolvimentos crescentes e superiores do magnetismo humano são, para mim, claramente discerníveis.

Nos discursos anteriores, aludi às leituras de pensamento, discernimento do coração, visões de acontecimentos e manifestações proféticas de Jesus. Com esses poderes, vemos também a operação das suas fortes influências magnéticas entre os doentes, os coxos e os cegos. Por vezes, as suas curas eram realizadas unicamente pela "fé" do paciente, como no caso da mulher a quem disse: "Filha, a tua fé te salvou."

E um padre católico é muito mais digno do título de "Defensor da Fé" do que Jorge III ou mesmo qualquer clérigo protestante, pois o discípulo do catolicismo é geralmente tratado, quando está doente moral ou fisicamente, através dessa mesma "fé" que curou a mulher dos tempos antigos. Ou seja, aquele poder místico da mente que, como se diz, dá "habitação local e nome ao nada etéreo", conhecido metafisicamente ou genericamente como "imaginação", é o principal elemento sobre o qual o clero católico atua, em conjunto com a sua forte influência magnética, quando desejam levantar um corpo paralisado ou uma mente debilitada da sua cama.

A própria constituição física do clero — especialmente dos que, como atores ambiciosos, dependem de "emoções arrebatadoras" para o seu sucesso — exerce uma influência correspondente sobre os "rebanhos" confiados à sua vigilância. Se observarem com atenção crítica e rigorosa o advogado, político, ator ou clérigo mais influente que conheçam, verão, como regra geral, uma grande robustez física e muscular. Um orador arrebatador no Congresso ou no púlpito é usualmente considerado "um gigante em estatura, assim como em intelecto" — sendo quase considerado essencial à "carreira de sucesso" em qualquer domínio público.

Este facto leva-nos a inferir que o "alto chamamento" do magnetizador do púlpito, ou o "estrondoso apelo" do político magnético e candidato a cargos, tem mais a ver com o magnetismo humano do que com qualquer "sucessão apostólica" ou ordenação divina.

Estamos a aprender rapidamente a descobrir em nós próprios as verdadeiras causas de muitos mistérios. Podemos agora investir o capital intelectual que possuímos numa "fé" que não só nos tornará "completos", mas nos manterá assim para sempre. É melhor acreditar nos princípios da ciência psicológica do que nas pretensões dogmáticas de qualquer sacerdote. É melhor acreditar no magnetismo humano do

que nos trinta e nove artigos que constituem a "fé" religiosa de milhares de pessoas que, no fundo, quase nada sabem sobre a verdadeira felicidade. É melhor acreditar na alma humana, quando exaltada pela pureza de pensamento e pela harmonia de vida e propósito, do que em qualquer credo do mundo; pois, ao investirmos a nossa fé nestas coisas naturais, temos a verdade, a razão, a inspiração, a Natureza e o Universo do nosso lado.

Enquanto que aqueles que se mantêm fiéis aos seus preconceitos educacionais — especialmente quando tais preconceitos são provadamente fundamentados nas trevas da mitologia — não têm "do seu lado" senão as velhas formas de fé, os rituais dos idólatras, as pirâmides mortas das velhas superstições, e as pretensões ocultas de clérigos instruídos que, através do exercício astuto do seu magnetismo constitucional, atraem muitos corações para a simpatia com as suas instituições místicas.

Mas parece — comenta um autor célebre — que há pessoas, até mesmo de renome, membros de academias científicas, de sociedades reais e outras instituições privilegiadas, professores em universidades antigas, etc., para quem, em certo momento da vida, a perspectiva de adquirir verdadeiro conhecimento, em vez de lhes ser agradável ou satisfatória, é, pelo contrário, desagradável, dolorosa e profundamente humilhante. Todo aquele que ousa apresentar-lhes factos ou ideias novas, ou que de algum modo tenta corrigir ou ampliar as suas concepções do mundo, é visto como invasor — ladrão — inimigo — antagonista, em vez de ser considerado um honesto opositor àquilo que acreditam serem os seus direitos adquiridos na religião, literatura e ciência.

Goethe, o célebre poeta alemão — que acreditava fortemente no *Hellsehen* (visão clara, clarividência, como é conhecida na Alemanha) — observou, certa vez, que sempre que um homem surge, afortunado o suficiente para descobrir um dos grandes segredos da Natureza, outros dez aparecem logo a seguir, que diligentemente e com esforço procuram ocultá-lo de novo. Assim tem sido, assim será ainda por muito tempo. O conflito entre trevas e luz, ignorância e conhecimento, parece interminável.

A raça dos obscurantistas — na política, na ciência, na religião e na literatura — parece ainda cheia de vida, e promete sobreviver até ao fim de toda a investigação. Para usar a linguagem de um autor antigo favorito — "eles irritam-se com todos aqueles que ultrapassaram os brinquedos da infância; falam mal daquilo que não conhecem; e, como cães de guarda acorrentados, tornam-se mais ferozes por serem mantidos às escuras."

A agência satânica é o grito levantado por algumas mentes populares contra a aceitação do magnetismo humano e da clarividência; mas a profissão médica tem outro método — a pronúncia arrogante do pouco eufónico termo "embuste" (humbug) — como forma de resolver os difíceis problemas apresentados.

Mesmo quando os homens falham e são vencidos, ainda que com muita verdade do seu lado, o Tempo vence! No ano de 1784, o governo francês emitiu um decreto real

exigindo à Faculdade de Medicina de Paris que investigasse os factos e pretensas descobertas do magnetismo humano, e que elaborasse um relatório com os resultados. Mas o julgamento foi entregue a um júri preconceituoso. A faculdade já havia julgado previamente as pretensões censuráveis de Mesmer; que, por conseguir exercer com sucesso o poder magnético, assumia uma postura misteriosa — adotando assim o costume pernicioso de quase todos os chefes religiosos.

O nome de Benjamin Franklin foi associado ao relatório desfavorável da Academia Francesa; mas isso foi injusto, pois ele encontrava-se doente na época e não pôde estar presente, embora seja verdade que apoiava, em geral, as declarações dos comissários preconceituosos. Contudo, Franklin nada sabia, naquela altura, sobre os fenómenos superiores do magnetismo; logo, o seu testemunho não tem valor na época mais esclarecida em que hoje vivemos.

Em 1826, foi criada uma nova comissão para redigir outro relatório; porque o primeiro havia sido provado como infundado graças aos desenvolvimentos progressivos do Tempo. Agora, os comissários foram forçados a agir com maior cuidado e imparcialidade. O público estava preparado para assumir o poder da investigação e o direito de julgamento em mãos próprias. Os jurados revelaram mais nobreza neste segundo exame; e as seguintes foram algumas das conclusões a que chegaram:

O seu veredicto:

"Foi-nos demonstrado que o sono pode ser induzido em circunstâncias em que os sujeitos não conseguiram perceber, e desconheciam, a agência utilizada para provocar o sono."

"Os efeitos reais produzidos pelo magnetismo são muito variados. Agita uns; acalma outros; geralmente acelera a respiração e a circulação; provoca movimentos convulsivos semelhantes a choques elétricos; uma lassidão e torpor mais ou menos profundos; sonolência; e, num número limitado de casos, o que os operadores denominaram sonambulismo."

"Dão-se, normalmente, alterações mais ou menos notáveis nas percepções e faculdades de certos indivíduos em quem o sonambulismo foi induzido pelos passes magnéticos."

"Pode-se inferir com certeza que este estado (sonambúlico) existe; e é também certo que ele dá origem ao desenvolvimento de novas faculdades, que foram designadas pelos termos Clarividência, Intuição, Previsão Interna; e, por vezes, produz alterações fisiológicas significativas — como insensibilidade, um súbito e considerável aumento de força — alterações que não podem, de forma alguma, ser atribuídas a outra causa."

Essas conclusões foram publicadas ao mundo por uma Comissão que possuía um preconceito profundamente enraizado — de natureza profissional — contra a ciência que o decreto real os obrigava a investigar com imparcialidade. Reconheceram a

existência do magnetismo humano, do sonambulismo e da clarividência; o que é tudo quanto se pode razoavelmente exigir. Mas permita-me, a este propósito, recordar à profissão médica dos tempos modernos três conclusões particulares dos seus confrades franceses:

“Encontrámos dois sonâmbulos que afirmavam possuir a faculdade de prever atos do organismo.”

“Encontrámos uma sonâmbula (uma mulher) que conseguia indicar os sintomas da doença de três pessoas com quem foi colocada em contacto.”

“Considerado como agente de fenómenos fisiológicos, ou como meio terapêutico, o magnetismo humano deve encontrar lugar dentro da esfera do conhecimento médico; e, consequentemente, os profissionais de saúde devem utilizá-lo, ou supervisionar a sua utilização, como é praticado nos países do norte.”

O julgamento dos factos alegados e dos fenómenos superiores do magnetismo humano, perante o tribunal da Academia Francesa de Ciências, no ano de 1784, é geralmente interpretado pelos historiadores como tendo sido incondicionalmente hostil a todo o tema. Mas isso, tal como a assinatura de Benjamin Franklin no relatório, é um erro. O preconceito dos comissários estava dirigido principalmente, não contra os factos fisiológicos e fenómenos psicológicos do magnetismo, mas contra as pretensões falsas e pedantes de Mesmer.

Este homem, embora instruído e diplomado como médico talentoso da Suíça, era demasiado dado ao maravilhoso para se conduzir como um demonstrador científico livre e desprovido de mistério. Mal descobriu a sua capacidade de produzir diversos efeitos fisiológicos através de manipulações, adotou imediatamente uma postura lúgubre e misteriosa. E em 1777, ao deixar Viena e apresentar-se à melhor sociedade — literária e científica — que pôde encontrar em Paris, continuava a ostentar esse ar imponente e quase de feiticeiro, frequentemente exibido por certos moralistas ditos evangélicos.

Contudo, realizou muitas curas extraordinárias. A sua fama espalhou-se pelos círculos influentes de Paris. Guardava o magnetismo como um grande segredo (à semelhança de alguns dos nossos modernos biólogos e psicologistas), excitando o amor pelo maravilhoso nos seus seguidores, cobrando-lhes cem luises de ouro por simplesmente os instruir em como efetuar as manipulações magnéticas.

Este comportamento, altamente repreensível, despertou naturalmente a mais firme e justificada oposição entre os membros da classe médica relativamente às pretensões de Mesmer. Os seus métodos tinham o sabor da impostura. Os factos estavam demasiado ligados a fantasias. Dependia principalmente da imaginação para o sucesso. As verdades científicas estavam misturadas com corrupções. Na realidade, Mesmer converteu uma descoberta sublime em simples charlatanismo.

E não posso, em consciência, condenar os comissários franceses pela sua hostilidade a tais pretensões injustificáveis, mais do que posso deixar de sentir desrespeito e

pena por aqueles membros da classe clerical que assumem os ares de um "alto chamamento" misterioso e santidade — atitude claramente falsa, antinatural e manifestamente trapaceira.

A decisão do júri francês foi, portanto, mais do que um ataque aos factos do magnetismo humano; foi uma resposta à pretensão pessoal de Mesmer. E isso coloca o assunto onde verdadeiramente pertence. Ao mesmo tempo, os discípulos e praticantes do magnetismo devem aprender com o destino de Mesmer a não envolver a ciência em mistérios ou truques — como vender segredos, exigir confidencialidade perpétua nas transmissões do conhecimento, etc. — pois não há senão liberdade absoluta na Verdade, da qual cada ser humano tem um direito inato de beber livremente, "sem dinheiro e sem preço", para sempre!

Não me refiro a Mesmer como autor ou descobridor do magnetismo. Ele apenas reviveu um poder que os mais antigos habitantes do mundo já exerciam, e que, na verdade, sempre foi conhecido e demonstrado de várias formas, desde que o planeta foi povoado. Mas é da sua aparição sob a direção de Mesmer que a história moderna recolheu os dados sobre o Magnetismo Animal. Foi do seu nome que se originou o termo “mesmerismo.”

E parece-me sensato — estou impressionado nesse sentido — referir o julgamento da nossa amada ciência pelo Júri de Médicos Franceses, tal como foi proposto pelo seu pioneiro principal, em 1784; pois, ao fazê-lo, verificamos que os comissários foram simplesmente hostis a Mesmer e à sua teoria, e não aos factos essenciais e manifestações do magnetismo, os quais, naquela época, eram ainda necessariamente muito imperfeitos e pouco demonstráveis.

Para vos mostrar que não estou enganado neste ponto, vou citar um excerto do relatório em questão, que evidencia claramente que os comissários não duvidaram dos factos do magnetismo. Eis o excerto:

"Foi-nos claramente demonstrado, da forma mais ampla e satisfatória, especialmente com base na nossa própria investigação dos fenómenos do magnetismo, que o homem pode atuar sobre o homem, em qualquer momento, e quase à sua vontade, ao influenciar a imaginação. Foi também claramente demonstrado que sinais e gestos dos mais simples podem produzir efeitos poderosíssimos; que a ação da mente sobre a mente pode ser reduzida a um ato (ou ciência) e pode ser conduzida vantajosamente, quando exercida sobre pacientes que têm fé implícita nos procedimentos."

No entanto, pelo conteúdo interno deste relatório, parece evidente que os comissários eram unânimes na opinião de que todos os desenvolvimentos mentais e fisiológicos do magnetismo deviam-se aos efeitos da imaginação. Não importa, porém, a que atribuíram os fenómenos, desde que os efeitos produzidos foram reconhecidos como poderosos, e a “influência” admitida como suscetível de ser reconhecida e administrada cientificamente.

É bastante vago, de facto, remeter quaisquer "efeitos poderosos" à imaginação — especialmente quando a diferença entre imaginação e as leis da natureza religiosa do homem ainda não está bem definida.

Se as pessoas podem ser curadas pela fé, ou ter os cabelos escurecidos tornados brancos como a neve através do trabalho da imaginação, então descobrimos um poder que a mente exerce sobre a matéria de valor incalculável. Quando devidamente dirigida, esta dinâmica psicológica pode ser uma fonte dos mais maravilhosos benefícios para a humanidade.

Se um homem adoce pela imaginação, apanha cólera asiática ou varíola; não está, com certeza, a ser influenciado por um "nada aéreo", mas por um poder substancialmente positivo! Não — filosoficamente falando — não existe tal coisa como "imaginação"! Nem sequer existe uma faculdade chamada "fantasia" na mente, pois tudo é mente — tudo é alma — tudo é espírito.

E no entanto, a mente é frequentemente iludida — mal impressionada — mal orientada; o que dá origem a manifestações de fé e ação que, por vezes, se revelam fundadas em quimeras.

A fantasia, portanto, é a mente mal aplicada ou mal impressionada; como quando as pessoas ficam apavoradas, mesmo sem haver qualquer motivo natural para tal estado. No entanto, a mente assustada, mesmo que agitada sem causa aparente, atua com a mesma força como se a causa fosse perfeitamente real. A imaginação, então, é a mente — nada mais do que o espírito interior — sob uma excitação que, ainda que fundada numa irrealdade, se aproxima tanto da realidade que o espírito a toma como causa adequada.

Esta conclusão, então, é irresistível: os Comissários reconheceram os factos do magnetismo; e, em vez de atribuírem todas as manifestações a mera matéria e mecanismo, como fariam os materialistas, confessaram com franqueza que os efeitos externos não eram atribuíveis a outra causa senão à alma humana, enquanto sob uma influência e poder correspondentes.

A utilidade do magnetismo como agente moral é ainda muito pouco compreendida; mas há quem saiba valorizá-lo e tenha tido a coragem de reconhecer as imensas bênçãos que fluem da sua aplicação criteriosa. Sobre os deleites que nascem desta força invisível, um clérigo inglês, dotado de talento e consciência, testemunha assim o poder moral do magnetismo, no caso de um amigo seu, gravemente doente:

“Os efeitos tranquilizantes da influência magnética manifestaram-se até ao fim da vida do meu querido amigo. Mas ele devia ao magnetismo uma dívida mais profunda do que esta! Foi o que o resgatou da mais obstinada incredulidade! De uma organização singular, R. T.—o meu amigo—o mais amável dos seres humanos, aproximava-se mais de um ateu do que qualquer outro que eu tenha conhecido. Parecia-lhe faltar a própria faculdade que diz, imediatamente: ‘Tem de haver um Deus!’

Mas foi na sua última doença que um novo princípio supriu o defeito da natureza original, de forma mais notável do que se essa natureza tivesse, desde o início, manifestado santa reverência. Quem o visse então, inclinado sobre a sua Bíblia, sentado durante uma ou duas horas ao entardecer, apoiado por almofadas de todos os lados—calmo, mesmo sob os ataques da febre periódica; triunfante sobre a enfermidade mortal e a dor; —regozijando-se, enquanto nós, em silêncio, chorávamos; —e sussurrando paciência e conforto a todos os que o rodeavam; —quem contemplasse essa força aperfeiçoada na fraqueza, teria de exclamar: A mão do Céu está aqui!

Esta fé—esta paciência maravilhosa—este conforto sagrado que brota das lágrimas, foram (como ele próprio me confessou) atribuíveis, sob a Providência Divina, à influência magnética.

‘Por ter presenciado fenómenos aos quais não podia recusar o assentimento’, disse-me o meu amigo, ‘fui levado, passo a passo, a reconhecer a imensa verdade da predominância do espírito sobre a matéria—e, por conseguinte, de um Espírito Regente que cria e sustenta todas as coisas. Regozijo-me — disse-me, com emoção — por o mesmerismo ter sido o último remédio tentado em mim — e por ter sido bem-sucedido a aliviar-me das dores; porque foi a **primeira coisa que me libertou do pior de todos os males: o de um coração incrédulo.’”

Este caso deveria despertar a atenção do clero americano para o facto de que, mais poderosa e convincente do que todo o testemunho dos profetas e apóstolos sobre a vida futura e a ressurreição do corpo de Jesus, são as revelações do magnetismo humano perante as necessidades espirituais de mentes incrédulas, mas racionais.

Sinto-me impelido a trazer-vos as opiniões e reconhecimentos de mentes do Velho Mundo. Assim podereis perceber quantos corações nobres sentiram nas suas fibras mais íntimas a simpatia por essa ciência abençoada, destinada a lançar um halo de conhecimento espiritual sobre todo o mundo civilizado. E à medida que progredirmos, os povos pagãos das ilhas receberão também um impulso correspondente em direção à Progressão!

O autor de uma obra intitulada *Facts in Mesmerism* testemunha assim os benefícios físicos e morais desta ciência:

“É uma felicidade peculiar do magnetismo não ter de depender de um único argumento parcial e isolado para ser notado ou considerado. As suas raízes penetram profunda e extensivamente no terreno comum da humanidade. Onde o metafísico o abandona, o homem da ciência pode retomá-lo; e, quando a ciência tiver reunido o seu acervo de factos valiosos, ilustrando as suas mais nobres teorias, continuará o magnetismo a oferecer uma colheita abundante àquele que deseje melhorar praticamente a condição dos seus semelhantes.”

Noutra passagem, o mesmo autor afirma:

“A correspondência direta do magnetismo com o sistema nervoso confere-lhe uma superioridade marcante sobre todos os outros agentes mais grosseiros, que precisam de seguir caminhos indiretos até alcançarem essa estrutura delicada da vida. De todos os remédios, este é o único que faz fluir os seus benefícios diretamente sobre as próprias fontes da sensação; assim possuímos um meio sutil de agir com eficácia sobre a nascente das calamidades e das doenças, onde nem drogas nem agulhas cirúrgicas podem penetrar.”

Talvez tenhais ouvido dizer que os discípulos do magnetismo, e dos seus fenómenos mais elevados — sonambulismo, clarividência, dons proféticos, etc. — derivam geralmente de classes fracas de espírito, imaginativas e crédulas. Mas apresento agora um testemunho contrário, que os dignitários americanos e médicos fariam bem em considerar como refutação suficiente dessa acusação.

La Place, o astrónomo e matemático rigoroso, afirma:

“Os fenómenos singulares que resultam da sensibilidade nervosa em certos indivíduos deram origem a diversas opiniões sobre a existência de um novo agente, denominado magnetismo animal; sobre a ação do magnetismo comum; sobre a influência do sol e da lua em certas afeções nervosas; e, por fim, sobre as impressões que podem ser experimentadas pela proximidade de metais ou de águas correntes.

Estamos — diz ele — tão longe de conhecer todos os agentes da natureza, que seria completamente não-filosófico negar a existência de certos fenómenos apenas porque são inexplicáveis no atual estado do nosso conhecimento.”

Seria benéfico que os nossos irmãos americanos, que denunciam as alegações do magnetismo e da clarividência sem qualquer exame, se arrependessem, e adotassem a modéstia honesta de La Place, que lhe permitiu reconhecer que nem os mais sábios conhecem todos os agentes da natureza, sendo por isso altamente impróprio e absurdo negar tais fenómenos.

Mas vejamos também o testemunho do célebre Cuvier, cuja opinião tem grande peso como homem de aguçado discernimento:

“Devemos confessar,” diz ele, “que é muito difícil — nas experiências que têm por objeto a ação que o sistema nervoso de dois indivíduos distintos pode exercer um sobre o outro — distinguir o efeito da imaginação do indivíduo que está a ser experimentado, do resultado físico produzido por quem atua sobre ele.

Contudo, os efeitos observados em pessoas ignorantes da causa, ou em indivíduos cuja consciência foi suspensa pela própria operação, bem como nos animais, não nos permitem duvidar de que a proximidade de dois corpos animados, em certas condições elétricas, combinada com certos movimentos, tem um efeito real, independentemente da participação da fantasia.”

A este respeito, pode ser particularmente útil considerar o testemunho do autor de uma extensa obra sobre *Fisiologia Humana*, o Dr. Elliotson, de Inglaterra:

“Tenho investigado este tema com cuidado e imparcialidade há três anos, através de experiências realizadas quase todos os dias em várias pessoas; e não apenas repito a minha convicção firme na verdade do mesmerismo, mas também na veracidade de muitos pontos sobre os quais anteriormente não me pronunciava.”

É evidente que o Doutor testemunhou mais do magnetismo do que é atualmente admitido por alguns psicologistas itinerantes, pois afirma:

“A produção do coma peculiar (ou sono profundo) pelo mesmerismo, independentemente de quaisquer impressões mentais, é uma verdade agora **admitida por um grande número dos homens mais bem informados, perspicazes e menos crédulos de Inglaterra.”

Outro médico eminente afirma:

“Já não há qualquer dúvida, entre os que examinaram o assunto, de que, no sonambulismo, as funções intelectuais estão não só ativas, mas frequentemente mais desenvolvidas do que quando o indivíduo está acordado.”

As minhas impressões conduzem-me a considerar estes testemunhos remotos como os fundamentos históricos apropriados desta ciência particular.

Já não há razão para que alguns dos nossos cientistas e acadêmicos americanos continuem a negar a sua atenção a uma filosofia científica, que caminha entre eles, interrogando os seus repositórios de conhecimento, mesmo sob a luz do sol no seu zénite, quando os céus não mostram qualquer sombra. Não podem já, com verdade “do seu lado”, afirmar que apenas mentes “fracas” e “crédulas” constituem os seus discípulos, nem podem atribuir todos os fenómenos à impostura ou à imaginação; pois ainda não conhecem todos os agentes da natureza.

Enquanto a maioria dos médicos, e a generalidade do clero, se desviam, com expressão de desdém, de uma investigação honesta destas sublimes manifestações da mente; o eminente filósofo Dugald Stuart, com grande elevação de pensamento, afirmou:

"Entre todos os fenómenos, no entanto, para os quais o tema da mente nos tem dirigido a atenção, nenhum é, talvez, tão maravilhoso como aqueles que têm vindo recentemente à luz, em consequência das investigações filosóficas originadas pelas pretensões médicas de Mesmer e seus associados."

—Mas não citarei mais.

Para a utilidade moral do magnetismo, remeto-vos para as centenas e milhares dos nossos próprios compatriotas que foram conduzidos das trevas físicas para a luz e alegria espirituais, através das suas revelações. E igual número pode testemunhar quanto à sua utilidade física, em todas as partes do mundo. O Dr. Elliotson publicou um opúsculo intitulado *Numerous Cases of Surgical Operations without Pain in the Mesmeric State*; do qual se pode extrair evidência adequada da utilidade científica, teológica e terapêutica do magnetismo humano.

Com efeito, as estantes das livrarias populares estão literalmente repletas de publicações confirmatórias deste poder invisível.

O tempo está quase a chegar em que o povo inteligente dos Estados Unidos exigirá a fundação de uma Instituição Magnética, onde as leis da ciência psicológica e do magnetismo humano possam ser sistematicamente aplicadas aos doentes.

O magnetismo já fez tanto pelas almas e pelos corpos dos homens, que continuar a privá-lo de uma posição apropriada entre as ciências estabelecidas seria negar à verdade o direito às suas justas reivindicações. Uma Instituição é necessária para a administração adequada do magnetismo.

Que cada um faça todo o bem que possa nos campos do sofrimento e da ignorância humana.

A melhor prevenção contra a doença, tanto moral como física, é a obediência inabalável às leis estabelecidas da Natureza. Mas enquanto houver sofrimento, que o magnetismo humano flua energicamente das vossas mãos até à nascente da dor!

PALESTRA XXI

ACERCA DO ESTADO ESPIRITUAL

E DAS SUAS MANIFESTAÇÕES EXTERNAS

Iluminação mental! Não falo de fantasia poética—nem de sonho da mente sob a influência de narcóticos, ópio ou estimulantes. Falo de uma realidade elevada—de um estado supremamente superior. E, no entanto, é um estado que poucos conhecem. Não entra no domínio da experiência quotidiana. É aquele que aproxima a alma daquela "Vida Interior", que mantém comércio perpétuo com o que é elevado, santo e santificado. Falo agora de iluminação mental ou espiritual—de uma expansão das energias expansivas da mente—de uma subjugação do material ao espiritual; do corpo à alma!

Lembra-vos, certamente, do que já foi dito sobre os estados de sonambulismo e clarividência. Foi demonstrado, como facto da ciência mental, que a condição sonambúlica é, propriamente falando, a primeira e mais baixa manifestação da mente no exercício das suas capacidades espirituais—especialmente dos "olhos da mente", que não necessitam de luz solar ou meios artificiais de visão, mas que veem por meio de uma espécie elevada de eletricidade terrestre. E foi igualmente mostrado que a clarividência é, por assim dizer, o desenvolvimento ulterior das condições naturais e tendências do estado sonambúlico.

Em tudo o que se refere a estes estados mentais, sem qualquer presunção, posso afirmar com segurança estar familiarizado, tanto por impressão espiritual como por experiência pessoal. São-me tão familiares como as palavras do quotidiano. Não são meras teorias. Não são alucinações mentais, nem sintomas móveis de sonhos noturnos. Os princípios da verdade fluem por todos eles.

E, ao falar das leis pelas quais estes estados mentais se desenvolvem e se regulam, não me refiro a nada hipotético ou fora do alcance da experiência humana. Todo o assunto está presente em mim—como um amigo com quem mantenho a mais deliciosa e confidencial correspondência.

Nem as manifestações destes estados, por mais numerosas e variadas que sejam em diferentes indivíduos, me são estranhas ou inesperadas; todas se apresentam alinhadas numa linha reta de causa e efeito natural, sendo fácil emitir um veredicto racional sobre um assunto tão absolutamente transparente e compreensível.

Mas a maioria de vós talvez não esteja assim familiarizada, por experiência, com as leis e os mecanismos da mente humana. Ainda assim, todos tendes algum tipo de experiência. As capacidades ordinárias das vossas almas, pelo menos, estão constantemente a ser ativadas. A vossa própria existência torna isso inevitável. Tendes de sentir, pensar, comparar, analisar, raciocinar e agir; não há alternativa.

Cada um, por consequência, possui algum conhecimento absoluto baseado na experiência. Cada memória contém uma imagem peculiar: uma multidão de pessoas, um conjunto de casas, um bando de aves, uma combinação de palavras. Cada um lembra-se de algo em particular: uma palavra, um rosto, uma canção, uma viagem, uma cena da infância, um verso de poesia. Cada um tem alguma experiência de natureza mental; dados a partir dos quais iniciar uma linha de raciocínio filosófico.

Agora, pergunto: como surgiram estas impressões fixas na vossa mente? Estarão anexadas ao vosso cérebro? Estarão gravadas na substância, transformadas em imagens vivas? Se sim, como explicam esta parte da vossa experiência? Se não, como compreendem a filosofia da memória?

As vossas mentes estão repletas de maravilhas; mistérios que não compreendem nem conseguem facilmente compreender. E porquê? Porque sois mais percetivos do que reflexivos; discernis mais do que tendes tempo ou capacidade de entender. Sois naturalmente mais clarividentes do que espiritualmente iluminados; ou seja, tendes mais perceção clara do que compreensão.

Comeis alimentos que não conseguis digerir. Assim, tendes em vós os meios próprios para uma investigação contínua, mas não assimilados.

Nesta vida—neste estado de sociedade humana—os vossos hábitos, as vossas atividades e as vossas circunstâncias são todas bastante desfavoráveis ao sucesso na auto-investigação e no auto-aprimoramento. Portanto, tendes muito a aprender quando atingirdes o “estado espiritual”; o qual, seguramente, será a consequência de uma transição natural deste mundo rudimentar para a Terra do Espírito.

Mas examinemos agora as causas e consequências dessa condição, quando atingida ainda antes do evento da dissolução física.

Antes de mais, deixai-me dizer que o estado espiritual—que anteriormente denominei de condição superior—é a flor da clarividência! E posso afirmar aqui

que, devido à raridade da sua ocorrência, poderia muito bem ser chamado de “planta do século”, que floresce apenas uma vez em cada cem anos. É, de facto, o fruto de uma árvore grande e bela: cuja raiz é o estado rudimentar; cujo tronco é o magnetismo humano; cujos ramos são o sonambulismo; e cujos botões são a clarividência—em todas as suas diversas divisões e desenvolvimentos. O estado espiritual floresce no cimo desta árvore tão naturalmente como o pêssego sucede à flor, ou a rosa ao desabrochar do botão.

As causas do estado espiritual, quando este realmente existe, residem sobretudo na constituição da mente. O indivíduo deve possuir uma propensão orgânica e hereditária para esse estado. O temperamento deve ser firme, mas elevado e bem equilibrado. Irritabilidade vital ou mental são incompatíveis com esta condição. Uma disposição turbulenta não pode nela entrar. A alma deve ser calma como a manhã; as paixões, suaves e tranquilas como a brisa do entardecer. A alma deve estar cheia de integridade; e o próprio espírito da Harmonia deve presidir ao domínio das sensibilidades.

É agora adequado relembrar a organização da mente. Princípios positivos e negativos manifestam-se distintamente na sua estrutura. As suas disposições orgânicas oferecem a demonstração necessária. Mas consideremos, particularmente, as suas características expansivas e contrácteis. Numa palestra anterior, aludi a uma classe de faculdades frenológicas dotadas de qualidades de contração; enquanto outra classe era provida de tendências expansivas; e, ao atuarem em concordância harmoniosa, criam e preservam um equilíbrio espiritual. Tudo isto tem muito a ver com o estado espiritual.

De um modo geral, encontrareis toda a humanidade em desarmonia—sobretudo na estrutura mental. O estado espiritual, diz-se, é uma grande curiosidade—um milagre—um prodígio—um desenvolvimento surpreendente. E assim o é, simplesmente, porque ocorre raramente. Mas pensai um momento. Olhai em vosso redor; examinai os rostos uns dos outros; interrogai as mentes que vos rodeiam—que vedes?

Expressões sombrias; olhos mergulhados na impaciência; testas carregadas de distorções; bocas que parecem ter renunciado todo o direito ao império do sorriso! Preocupações mais pesadas que o fardo de pecados do peregrino estão carregadas nas vossas mentes; gemeis sob o peso do problema e da aflição.

Viveis de forma antinatural. Os vossos desejos são excessivos—setenta e cinco por cento acima do necessário. Imaginai prazeres que não são naturais, pois os vossos desejos não o são. Os vossos hábitos são dispendiosos, porque são falsos. Sofreis, porque assumis demasiadas preocupações superficiais. Cuidais mais do corpo do que da mente. Sois meticulosos em manter limpa a “parte exterior” do prato; os vossos sepulcros devem todos ser caiados. As teias de aranha na casa são mais desagradáveis para vós do que as substâncias análogas na mente. E assim viveis! Mas qual é o resultado? Sois todos, em maior ou menor grau, infelizes—turbulentos—apaixonados—desarmoniosos!

Não entrais no Reino da Harmonia, nem deixais que outros entrem.

E pensais que o estado espiritual é uma impossibilidade—uma maravilha—um milagre—uma condição sobrenatural. Mas por que pensais assim? Porque raramente se manifesta. Mas pensai de novo, e deixai-me perguntar: Não será um indivíduo harmonioso tão grande curiosidade—tão grande maravilha—tão grande milagre? Sim, em verdade! Pois, tal como a sociedade está construída, tal como as crianças são concebidas e nascem, tal como o conhecimento humano da Natureza é limitado, é extraordinariamente difícil assegurarmo-nos o Reino da Harmonia e a sua justiça, com a sublime certeza de que todas as felicidades e exterioridades desta vida nos serão acrescentadas.

Acredito que concordareis alegremente com esta proposição: que a manifestação do estado espiritual não é mais rara do que a manifestação de uma mente harmoniosa. Pois onde virdes uma, podeis com segurança esperar a outra. A condição superior, tal como o diamante no esmalte, está incrustada na estrutura da harmonia individual—harmonia no mais amplo e elevado sentido. Tal harmonia é o fundamento, o germe e o sustentáculo da iluminação espiritual.

E podeis estar certos de que os homens tornar-se-ão mentalmente exaltados e espiritualmente inclinados à medida que subjugarem o material ao espiritual; o corpo à mente; o presente ao futuro; as paixões ao Princípio da Razão!

A alma depende, para o seu equilíbrio e harmonia orgânica, da operação harmoniosa das forças positivas e negativas, ou contrácteis e expansivas. O órgão da Aquisitividade tenderia naturalmente a sobrecarregar o corpo e a mente com luxos acumulativos e egoístas; mas a Benevolência expande-se, ou deveria expandir-se, na mesma proporção em que aquele se contrai; assim, um fornece os “meios” de subsistência e de desenvolvimento concentrado, enquanto o outro distribui a superabundância para o benefício dos que precisam.

Assim também com a Secretismo e a Idealismo. Enquanto a primeira contrai e guarda as acumulações da Aquisitividade, mantendo vigilância estrita sobre a personalidade, a segunda, sendo um órgão expansivo e associado aos esforços da Benevolência, abre as portas das prisões e os esconderijos avaros da Secretismo, e expõe os bens mais ricos ao olhar e ao alcance do necessitado.

E igualmente com a Alimentividade e a Veneração. As propensões contrácteis da Alimentividade são neutralizadas com cuidado pelas tendências expansivas da Veneração. E o mesmo com a Cautela e a Esperança. A influência escura, desconfiada, desesperante da Cautela é completamente superada e mantida em equilíbrio pelas expansões luminosas e promissoras da Esperança. Falo agora da mente bem equilibrada.

Já reparastes, provavelmente—pois todo o estudante da natureza humana deveria reparar—que quase toda a pessoa possui uma peculiaridade distintiva geral. Isto é: em vez de vermos, como seria desejável, caracteres equilibrados e harmoniosos, deparamo-nos com mentes distintas por uma de três grandes tendências gerais;

tendências estas que todo o homem deveria possuir desenvolvidas em igual medida—a saber: uma natureza social, uma natureza religiosa ou uma natureza intelectual.

É raro encontrar estas qualidades ou departamentos da mente justamente representados num só indivíduo. Quando encontrais tal pessoa—mesmo que a sua harmonia seja de fraca intensidade e qualidade modesta—tendes amplas razões para esperar algo nela que vos recorde esferas superiores. O seu estado é, em certa medida, espiritual; e a sua condição rudimentar possui já os contornos distintos do que será, com certeza, superior.

Mas um carácter é defeituoso quando não está igualmente desenvolvido nestes três departamentos. Tal como as crianças nascem e são educadas, vemos nelas uma destas três tendências a sobressair, enquanto as outras duas apenas se manifestam de forma débil e imperfeita—como aqueles que são enviados a este “mundo de respirar, meio formados”; desproporcionados e incorretos. Num indivíduo, por exemplo, notareis um grande desenvolvimento da natureza social, mas com faculdades intelectuais e religiosas apenas moderadas.

Uma tal mente manifestará mais amor do que sabedoria. Tem propensão a “amar sem sabedoria, mas em demasia.” O navio não tem leme nem capitão. Mas a tripulação é heterogénea, turbulenta, animalesca e indisciplinada. Cheia de amor mal orientado, cheia de impulsos, cheia de fontes passionais e energias potentes; mas que extremos temíveis e que impetuosidade! Os elementos são bons; mas não há neles ordem harmoniosa.

Tal mente será objeto de amor ou de aversão; será amada ou detestada, pois não existe alternativa, simplesmente porque não há um terreno médio onde tal conformação mental possa encontrar-se e harmonizar-se com a maioria dos indivíduos que compõem o mundo. A natureza religiosa não intervém; o princípio intelectual não adverte, dirige nem governa. E agora, se há entre vós alguém com estrutura mental semelhante, rogo-vos que iniciéis imediatamente um trabalho de cultivo religioso e intelectual.

Mas vejamos outro carácter.

Num outro indivíduo, veremos a natureza religiosa predominante, com faculdades sociais ou intelectuais apenas moderadas. E o que observamos? A pessoa vive constantemente a idolatrar e a venerar algo—que poderá ser indigno da deferência concedida. Não há posição intermédia. Tudo deve ser convertido num culto religioso. As orações devem ser murmuradas incessantemente.

Pois o Amor filial desenvolveu-se em extremo. E o indivíduo é mais reverente que sábio; mais cheio de aspiração do que capaz de atingir o que aspira; mais dado a contemplar o cume distante do que a ascender as suas encostas íngremes; mais disposto a pensar em Deus do que a compreendê-lo; mais desejoso da salvação do que capaz de “a realizar” através do desenvolvimento harmonioso do seu ser interior.

E agora, se alguém entre vós possui uma disposição semelhante, esforce-se por desenvolver os departamentos social e intelectual da sua natureza. Mas vejamos ainda outro caso.

Outro indivíduo possui um elevado desenvolvimento intelectual, mas faculdades sociais e religiosas apenas moderadas. E o que vedes? Observais uma pessoa que leva tudo ao extremo racional.

Fria, sem amor, egoísta. É amante da cerimónia, mas tudo deve ser claro como prata, rígido como um cristal de gelo, e regular como o movimento de uma máquina. As suas palavras são usadas com economia. Tudo deve ser estritamente compreendido; e os prazeres são tratados com prescrição médica. Gosta de aço; o topo da sua bengala deve ser de aço polido, duro, firme! Os botões do seu casaco devem ser reluzentes; pois qualquer coisa coberta é, para ele, demasiado quente.

Tomemos como exemplo o aristocrata inglês. Quão frio e imponente! Quantas qualidades sólidas envolvidas num molde de aço! Quão prático! Repleto de métodos económicos; extremamente cuidadoso com “um lugar para cada coisa, e cada coisa no seu lugar”; ostensivo, cheio de fé viva no poder salvador dos Guardas Reais; como fala de forma literal e prosaica; que gravidade impregnada no discurso; que parques limpos e relvados aristocráticos; que residência fria e majestosa; que lar-modelo! Arrogante e autoritário por constituição; vaidoso e moralmente presunçoso até ao extremo; com consciência suficiente apenas para admitir a possível verdade do princípio de que outro ser humano tem o direito de viver feliz e respirar o mesmo ar.

Ao dizer isto, não pretendo de forma alguma ignorar as exceções a esta regra geral; pois, por vezes, encontro um homem modesto, afável, afetuoso, naturalmente nobre e digno. Mas, olhando para a nação como um todo, e tomando uma visão psicométrica do carácter inglês, não posso deixar de ver nele frieza, rigidez, economia, aristocracia, rudeza e egoísmo constitucional. Têm mais luz do que calor; mais Sabedoria do que Amor; mais Intelecto do que sentimento religioso ou social.

São plenos de centralismo, conservadorismo, autoconfiança e individualidade; tudo baseado no Intelecto. Mas e a alma calorosa, amorosa, terna—onde está? Ah! Está toda absorvida no intelecto; o raio solar está congelado no gelo; a flor ruborizada está sepultada na neve fria!

E encontrareis alguma pessoa desta casta intelectual a entrar no Estado Espiritual? Têm clarividentes; mas não têm iluminados espiritualmente. Vedes nelas as naturezas religiosa e social em concordância harmoniosa com o intelecto? Não, absolutamente! Há uma falta de harmonia orgânica; a mente não é arredondada nem simétrica; os desejos não fluem com toda a sua energia através do princípio da sabedoria; e o resultado é este: não ouvis falar de nenhuma destas pessoas a entrar no “Estado Espiritual”—pois este estado e o estado de harmonia são igualmente raros e maravilhosos. Estão inseparavelmente ligados—e dependem mutuamente.

O Estado Espiritual é raro, porque as condições e circunstâncias indispensáveis ao seu desenvolvimento e existência são igualmente raras e pouco compreendidas. Os departamentos social, intelectual e religioso da mente devem estar harmonicamente representados e atuantes no indivíduo. Uma pessoa com o desenvolvimento proeminente de apenas um destes elementos pode ser um clarividente bastante bom—um vidente do interior e do distante—mas essa pessoa não poderá entrar na condição superior.

Pois este estado significa a abertura do entendimento interior, assim como o exercício das percepções interiores. Neste estado, o espírito não só vê, mas, vendo, compreende. Os princípios do Amor e da Sabedoria atuam em harmonia; atuam em conjunto, um sobre o outro e com o outro.

No Estado Espiritual, a mente vê, ouve, raciocina, compreende. Todo o Homem interior é exaltado em concordância. As faculdades de percepção, de memória, de reflexão, de contração, de expansão, as sociais e as religiosas—todas estão num estado elevado de exaltação. Mas é nas faculdades religiosas que os elementos sociais e intelectuais se subordinam harmoniosamente. E, ainda assim, a iluminação de todas as faculdades é igual no Estado Espiritual.

Este estado é acessível a todos os homens, porque as condições são possíveis para todos. O intelecto não deve ser cultivado apenas e exclusivamente, nem as faculdades sociais ou morais; pois, se uma delas for permitida ultrapassar e influenciar as outras, então a mente não estará preparada para a recepção de calor e luz—isto é, de Amor e Sabedoria—vindos dos círculos superiores da Terra do Espírito. Pois para cada estado e grau da mente neste mundo—especialmente quando a mente segue o seu verdadeiro caminho de progressão e desenvolvimento adequado—há um estado correspondente e um grau correspondente no mundo dos espíritos.

Não quero que entendam que ensino a doutrina de que os estados de mente que geram discórdias, corrupções, licenciosidades, profanações, injustiças, etc., tenham tipos análogos no país espiritual; não, é bem diferente. Quero ensinar esta verdade: que todos os estados distintos e ascendentes do Amor, e todos os graus e estados progressivos da Sabedoria, têm, na segunda esfera, os seus semelhantes completos e perfeitos—suas representações correspondentes.

Ou seja, na Terra dos Espíritos encontrareis doze sociedades gerais; seis representarão os diferentes desenvolvimentos dos elementos do Amor da alma, e as seis restantes, os diferentes desenvolvimentos dos atributos da Sabedoria na mente. Mas nesta esfera inferior, onde os interesses e as atividades sociais e individuais são, mais ou menos, discordantes e confusos, conflituosos e deformantes para a alma, os atributos de Amor e Sabedoria são frequentemente desequilibrados—dando origem a extremos e inversões—que, felizmente, não estendem a sua influência nem vigor ao mundo que sucede à dissolução física. Lá não há nada—nenhum estado, nenhuma influência, nenhuma carência, nenhuma pobreza, nenhuma bestialidade, nenhuma depravação na Terra dos Espíritos—que sugira, estimule ou perpetue as deformidades da alma. Por isso, são apenas os diferentes graus progressivos de

Amor e de Sabedoria na mente humana que têm o seu exato correspondente na Terra para onde todos nós nos encaminhamos velozmente.

E quando a mente humana entra verdadeiramente no Estado Espiritual—o qual corresponde à morte exterior e ao desenvolvimento mental harmonioso interior—então o mundo espiritual derrama os seus Amores e Sabedorias bem-aventurados nas percepções e compreensão da alma iluminada. O mundo espiritual não vem até nós; somos nós que vamos até ele.

Quando a mente humana atinge um grau de desenvolvimento em harmonia com as leis, os desejos, os Amores e as Sabedorias da Terra dos Espíritos, então os seus habitantes estão prontos para introduzir a luz celestial e o calor divino das suas próprias almas na alma preparada na Terra. E, mesmo assim, essa alma preparada pode não ser, em nenhum aspeto particular, tão elevada ou tão pura quanto a fonte do influxo, pois o pré-requisito é a harmonia individual, não tanto o grau, mas sim a condição.

Quando a mente está substancialmente no Estado Espiritual, as partes superiores da cabeça encontram-se belamente iluminadas! As divisões superiores das faculdades sociais e intelectuais brilham com uma luz suave e radiante que se concentra nas faculdades morais; e essa luz irradia e estende-se para cima cerca de um metro e vinte centímetros; a parte superior dessa luz mede geralmente cerca de cinquenta centímetros de diâmetro, e é variegada como o arco-íris—indicando os diferentes amores e sabedorias que se manifestam com a iluminação. Convém lembrar que esta luz provém inteiramente dos elementos interiores da alma.

Quando o corpo está desmagnetizado, ou tornado comparativamente insensível, pela transferência do poder positivo das superfícies externas para as internas, então a vida do corpo ascende, em certa medida, até à mente, e os elementos da alma recebem uma elevação correspondente.

(Isto foi plenamente ilustrado no Capítulo sobre a Morte – Ver Vol. I. de “A Grande Harmonia”)

É para o seio dessa luz—cujo calor pode ser detetado por uma mão sensível acima da cabeça do sujeito, quando o Estado Espiritual realmente existe—que fluem as respirações dos círculos do amor ou dos círculos da sabedoria, conforme o momento ditar. Os pensamentos mais profundos e contemplações mais elevadas podem ser introduzidos nesta mente iluminada, acompanhados, talvez, pela linguagem mais útil e apropriada—embora esta nem sempre esteja associada às formas do influxo.

O indivíduo cuja mente está no Estado Espiritual não depende inteiramente da Terra dos Espíritos para receber revelações de verdades e pensamentos elevados; pois, possuindo os poderes sonâmbulos e clarividentes, aliados à capacidade superior de compreender o que percebe, esse indivíduo é capaz de penetrar profundamente na constituição da Natureza. A sua visão estende-se longe e largamente; transcende toda a imaginação comum; e inspeciona coisas e realidades às quais a mais vigorosa fantasia jamais conseguiria aceder. Ciências e filosofias; coisas reais e imaginadas;

existências que povoam esta Terra e aquelas que animam os astros de reinos distantes; seres humanos no corpo temporal e no corpo imortal—tudo está ao alcance da visão do iluminado. E, até certo ponto, são compreensíveis.

Daí que a mente que não recebe nenhum influxo direto do mundo espiritual, possa, ainda assim, enquanto em Estado Espiritual, investigar vastos campos de pensamento e expressar muitas verdades úteis e suprassensíveis. De facto, é assim que a Terra dos Espíritos desenvolve a mente humana, que, ainda neste plano de vida, é capaz de ser "elevada ao terceiro céu", e ali permitida a meditar voluntariamente sobre os arcanos prodigiosos das moradas espirituais.

Convém aqui observar que o espírito, embora pareça, não abandona permanentemente o corpo antes da morte física. As razões para tal já foram dadas. Mas a mente é tão exaltada que o corpo apresenta todas as aparências exteriores de ter sido abandonado pelo espírito, e o próprio sujeito é frequentemente enganado quanto a este ponto. A capacidade de ver a Rússia, ou os planetas, ou outros lugares e coisas, é tão perfeita e clara, que, por instantes, a mente julga-se estar verdadeiramente ali, no local da visão, em pessoa própria.

Um clarividente pode ver a Rússia; mas para ver dentro da constituição das coisas, e dar uma revelação verdadeira das leis que as regem, a mente deve estar no Estado Espiritual. Convém também recordar que, em algumas mentes particularmente organizadas, as impressões espirituais podem ser experienciadas sem as percepções espirituais—e vice-versa, como acontece em certos bons clarividentes.

O Estado Espiritual é uma condição religiosa. Todos os verdadeiros profetas e videntes da antiguidade estavam, essencialmente, nesta postura exaltada—uma atitude supremamente celestial em natureza—à qual a mente se inclina naturalmente, quando deixada a seguir as leis vivas da intuição e da Natureza. Neste ponto, sou levado a recomendar-vos este assunto atraente para as vossas melhores contemplações.

Na próxima palestra, tenciono partilhar algumas impressões sobre a “inspiração plenária”.

Por agora, nada mais tenho a dizer sobre a filosofia da psicologia e da clarividência. O tema foi praticamente revelado nas páginas anteriores; e é, provavelmente, tudo o que algum dia escreverei sobre ele. Partilhei a minha experiência pessoal em alguns casos, e apresentei os testemunhos correspondentes e experiências análogas de outros; tudo isso vem naturalmente sob um sistema harmonioso e explicativo de causa e efeito. A história é clara nas suas garantias quanto ao conhecimento do magnetismo entre os antigos; e também, de que toda a procissão de homens dotados, profetas e videntes, eram sujeitos do que hoje designamos por Clarividência, ou Estado Espiritual.

Ver o panfleto do autor intitulado “A Filosofia da Comunicação Espiritual”, páginas 127, 130, 136, e seguintes.

Nesta investigação, fui obrigado a omitir os nomes de muitos videntes que se distinguiram perante o mundo, a fim de dedicar mais espaço às explicações filosóficas e à exposição de princípios.

Presume-se que o leitor esclarecido não exigirá uma maior lista de factos em magnetismo, pois o mundo já é abundantemente servido. O grande e principal objetivo, ao longo deste curso de palestras, foi o desenvolvimento e a classificação das leis naturais e espirituais que revelam e controlam os fenómenos alegados.

PALESTRA XXII ACERCA DOS PRINCÍPIOS

E CAUSAS DA VERDADEIRA INSPIRAÇÃO

De acordo com as descrições apresentadas no último discurso, o estado espiritual foi mostrado como a condição mais elevada que a mente pode alcançar na sua presente esfera rudimentar e corporal de existência. Foi também demonstrado que este estado de exaltação mental depende invariavelmente de certas condições harmoniosas do corpo e da mente.

As condições essenciais a este estado, embora superiores ao plano comum da vida quotidiana e vastamente diferentes das geralmente observadas, estão, ainda assim, completamente ao alcance da humanidade. Este estado é eminentemente religioso — não no sentido de que os sentimentos e faculdades morais se desenvolvam à custa das propensões e capacidades sociais e intelectuais; mas sim porque toda a alma — incluindo todos os seus sentimentos, afinidades, afetos e múltiplas relações com o mundo exterior — é elevada e desabrocha na esfera religiosa ou espiritual da existência humana.

Neste ponto, o homem estabelece uma ligação entre as esferas rudimentar e secundária da vida; e é unicamente em consequência deste encontro das duas esferas na alma humana — que se encontra assim no cimo do mundo material, a partir do qual se inicia a esfera espiritual que conduz ao Infinito e se abre com a sua interminável variedade de cenários diante da visão preparada — que a mente é capaz de compreender as suas ligações às esferas unidas, e de expressar, através das inspirações que fluem das duas fontes, os grandes princípios da verdade que pertencem a ambos os domínios da existência.

Esta condição mental, embora em tudo superior ao plano ordinário dos estados e experiências humanas, é, no entanto, perfeitamente natural e acessível a qualquer pessoa. Pode ser desfrutada por um indivíduo na plena posse da sua consciência exterior, e, por conseguinte, sem a necessidade do sono magnético artificial; mas tal resultado é fruto de uma progressão constante da mente, a partir de todos os ensinamentos, gostos e atrações da vida comum, rumo a um estado elevado de harmonia pessoal, consonante com os grandes princípios e atributos do Espírito Divino que anima o templo da Natureza. O intelecto assim exaltado torna-se num

meio de transmissão não de uma corrente isolada e especial de inspiração, mas a sua iluminação, como o seu estado, é geral, e por isso expande-se em todas as direções.

Assim é porque todas as faculdades e suscetibilidades mentais se encontram igualmente refinadas, harmonizadas e espiritualmente elevadas. O estado espiritual pode, portanto, ser justamente denominado uma ressurreição espiritual de todas as paixões e atrações do homem natural, para os departamentos morais e intelectuais da mente, os quais, por instinto e compreensão, se apegam às coisas pertencentes a um mundo de conhecimento mais perfeito. As causas e os caminhos que conduzem a mente a este estado são simples e fáceis de entender, como será demonstrado ao prosseguir com a exposição da filosofia da inspiração. Desejo agora solicitar a vossa atenção indivisa para a consideração deste tema específico.

Inspiração é um termo derivado do latim *inspiro*, que significa "inspirar" ou "inalar". Este é o significado geralmente atribuído à palavra pelos teólogos. No entanto, as minhas impressões remetem-me para uma significação diferente. Emprego o termo como representando um estado mental que permite ao indivíduo ter retrovisões e percepções proféticas, acompanhadas de uma iluminação do entendimento ou do princípio racional. A verdadeira inspiração assenta em princípios psicológicos. Tal como tudo neste universo de progressão e desenvolvimento, a verdadeira inspiração apresenta-se sob várias formas e em graus inumeráveis, tanto em qualidade como em quantidade.

É suprasensorial, mas não sobrenatural. É a presença e influência iluminadora de Deus na alma; é co-essencial e co-extensiva com a constituição da mente humana; e ainda assim, devido à prevalência de desigualdades sociais, materialismo eclesiástico e imperfeições individuais, uma inspiração elevada e universalmente aplicável é desfrutada apenas por muito poucos dos habitantes da Terra.

Primeiro: Explicarei agora brevemente a visão da inspiração defendida pelos sistemas católico e protestante de fé religiosa. Estes credos encaram a inspiração como algo completamente fora do alcance das faculdades humanas de pensamento. É vista como uma ação sobrenatural da Mente Divina sobre a vontade e o entendimento humanos. Crê-se que o Senhor escolhe e prepara certos profetas e apóstolos para serem os recetores e transmissores da sua vontade; e então, por uma conjunção imediata, que o Senhor estabelece sobrenaturalmente entre si e os vasos escolhidos, estes tornam-se capazes de falar e escrever a Vontade Divina sem qualquer mistura de erro ou imperfeição.

O católico considera toda a inspiração como sendo resultado direto da ação de Deus sobre o mundo; não acredita que toda a humanidade seja inspirada pela Mente Divina, mas que toda a inspiração plena está confinada à Bíblia, ao Papa, ao sacerdote e à Igreja. O protestante não admite tanta comunicação com o Espírito Divino, mas pensa que toda a inspiração que é ortodoxa e sobrenatural se encontra nas palavras e símbolos das Escrituras Sagradas. Crê que a Mente Divina revelou a sua vontade aos autores bíblicos, completando por meio deles todas as comunicações entre os céus e os homens; e ao finalizar o Novo Testamento, encerrou toda e qualquer correspondência particular ou privada com os habitantes da

Terra. Assim, é claramente evidente que os dois sistemas de fé que atualmente dividem a Cristandade estão fundados no sobrenatural e no incompreensível.

Segundo: Prosseguirei agora considerando a influência limitadora, escravizante e perniciosa que a ideia sectária acima referida de inspiração inevitavelmente exerce sobre a mente humana. O primeiro efeito perceptível desta doutrina parcialista é a geração de um despotismo religioso que as multidões são educadas a aceitar com uma fé cega, e a amar e proteger com uma reverência inabalável.

A maioria da Cristandade cresce com a convicção de que o Ser Supremo só comunicará com alguns poucos favoritos escolhidos especialmente, e com mediadores e representantes nomeados de forma sobrenatural. Esta ideia aprisiona a alma nas suas aspirações por luz e conhecimento, porque ensina que os portais da cidadela celestial, e todas as avenidas que ligam Deus ao homem, foram encerrados e trancados para sempre aquando da formação do cânone sagrado.

A alma que deseja progredir na felicidade espiritual e na mais elevada cultura religiosa, é dogmaticamente impedida de ter o privilégio de descobrir a sua própria essência para receber a luz que flui dos céus curvados; sendo forçada — ou melhor, absolutamente ordenada pela teologia dominante — a recuar para os labirintos do passado, onde deve ler e contemplar, sem ousar questionar, aquilo que os homens escreveram e a tradição preservou.

A mente, assim algemada, teme libertar-se das suas correntes; não pode avançar, pois foi educada e compelida a permanecer nos desertos de um passado remoto, cuja atmosfera está povoada por fantasmas de uma teologia infernal, e por formas distorcidas e doentias de superstições decadentes. Se a mente aspirante dos nossos dias deseja procurar a presença imediata e a iluminação do Céu — se deseja banhar-se, refrescar-se e revigorar-se no Espírito de Deus — tem de recuar para os labirintos dos antigos templos sagrados e caminhar sobre solo árido, o qual a tradição vaga afirma ter sido sobrenaturalmente abençoado e santificado; aí deverá elevar orações e prestar culto em meio às relíquias fósseis e à divindade hipotética das eras semi-bárbaras.

O despotismo aristocrático, gerado por esta noção eclesiástica e parcial de inspiração, é o obstáculo mais gigantesco e intransponível ao progresso individual e ao esclarecimento. Uma democracia generosa é frequentemente sufocada logo ao nascer. A flor da liberdade é arrancada com mão impiedosa do seu solo nativo por mentes despóticas e dogmáticas, que têm a arrogância e a infelicidade de se considerarem — e proclamarem — representantes de Deus.

O espírito de um republicanismo universal, ricamente impregnado de objetivos grandiosos e filantrópicos, e que contempla, no seu alcance, a liberdade e a felicidade universal da humanidade, é frequentemente travado no seu voo de coração para coração, cercado pelos soldados do rei, acorrentado e apressado para os recantos sombrios da prisão despótica. E a tais atos chamam "guerras santas", intervenções providenciais para preservar a individualidade e os interesses locais das nações.

E se algum anjo, em forma humana, se eleva à sua verdadeira estatura e natureza, e pronuncia as frescas inspirações da liberdade e da emancipação universal, será confrontado pela procissão unida dos poderes eclesiásticos, sectários e políticos, e será condenado — ou como um visionário sentimental, ou como líder e encarnação de uma conspiração diabólica contra as instituições sagradas e consagradas pelo tempo da Igreja e do Estado.

Ainda que seja justo e necessário delinear e repudiar positivamente estas fraquezas humanas e os males do despotismo, é também essencial, para a causa do progresso, conservar sentimentos generosos e fraternos para com aqueles que são ao mesmo tempo agentes e vítimas de tais vícios e imperfeições humanas. A jornada da humanidade é manchada e dolorosamente marcada por pecados de cor carmesim, porque a raça tem vindo — e continua — a evoluir do mau para o melhor, da transgressão para a retidão, da discórdia para uma harmonização milenar de interesses e afetos.

Existem sempre dois partidos no mundo. Um é composto por quase todos os habitantes da Terra; o outro, por muito poucas mentes que ascenderam pelos lados íngremes e angulares da experiência humana, e que, por isso, agora se encontram no cimo dos séculos, contemplando os vales profundos de onde ascenderam e os vastos territórios da humanidade abaixo de si.

O primeiro partido está hipotecado ao conservadorismo; o segundo, à causa da liberdade universal, da fraternidade, da unidade e do progresso. O primeiro acredita no sobrenatural, em profetas e mensageiros nomeados providencialmente, e numa inspiração especial e localizada. É um partido que apoia e protege instituições tirânicas como ordenações de Jeová. Crucifica os arautos da liberdade e queima o homem de verdadeira inspiração nos altares da ignorância.

O caminho da humanidade está repleto de espinhos sem conta, que apenas ferem aqueles que caminham com passo ousado e progressivo pela vereda ascendente. Esse caminho progressivo atravessa vales escuros, solidões lúgubres, planícies áridas e inúmeras montanhas; aqui e ali são visíveis as consequências desastrosas de longas e sangrentas batalhas; solidões que envolvem masmorras e sepulcros onde a ignorância sepultou os amigos do conhecimento; planícies que ainda sustentam as pirâmides sombrias do despotismo e da mitologia antigos.

E, no cume de cada monte sobre o qual a raça tem conduzido a sua peregrinação, está visível a enorme cruz, o patíbulo ensanguentado, a força ameaçadora, onde o ladrão e o Salvador, o homem vicioso e o homem de amor, o assassino e o reformador inspirado, sofreram igualmente o destino do mártir. Os primeiros, mártires da ignorância e desumanidade dos homens; os segundos, do egoísmo humano e dos sistemas de despotismo sem Deus!

A influência escravizante e perniciosa da doutrina parcialista de inspiração sobre a mente humana manifesta-se ainda sob outra forma. Origina concepções baixas e limitadas do Ser Supremo e do seu sistema de governo universal. Cria a impressão

— e mantém-na com a maior ênfase e presunção — de que Deus é local, parcial e particular na manifestação dos seus desígnios soberanos.

Ensina que, quando o Senhor escolhe, entre novecentos milhões de indivíduos, alguns poucos homens como representantes para escrever a sua vontade, Ele os coloca numa condição em relação a si próprio — condição essa que nenhuma razão pode compreender nem qualquer filosofia explicar — que os torna imaculados nas motivações e invulneráveis a erro e imperfeição.

Esta é a doutrina da Igreja. Escraviza o discípulo, porque aprisiona a razão; e reprime, com um poder gigantesco, as marés ascendentes do pensamento! As declarações e afirmações do “procurador” devem ser aceites como verdade, sem qualquer questionamento. Mesmo que tais revelações se oponham abertamente a descobertas científicas ou a qualquer experiência humana, não há alternativa, nem é permitido ao discípulo fazer qualquer escolha; pois a doutrina da inspiração sobrenatural não admite a mais remota possibilidade de imperfeição, nem permite a indulgência de qualquer dúvida quanto à veracidade e imutabilidade eterna de tais revelações.

Confunde a harmonia natural da criação e transforma o universo ilimitado num mero repositório ou gabinete de mistérios teológicos e fantasias supersticiosas. Ao subverter, na mente humana, as suas percepções instintivas da harmonia da Natureza; ao remover Deus da presença da alma e isolá-lo numa corte celestial de esplendor, cuja luz, como a de uma vela a extinguir-se, tremeluz no castiçal de uma teologia antiga; ao obscurecer e arrefecer as relações entre os homens, e destruir toda a fé humana no carácter imutável de Deus e do seu governo — digo-vos: ao fazer todas estas coisas, esta doutrina ortodoxa ou eclesiástica da inspiração localizada revela-se como sendo produto de uma era bárbara, outrora repleta de despotismo e instituições tirânicas. E, por esta razão em especial, sinto-me impressionado a considerar esta definição sectária de “inspiração plena” como aprisionante, escravizante e perniciosa na sua influência sobre a mente humana.

TERCEIRO: Chego agora ao ponto em que desejo expor as minhas impressões quanto às causas e princípios da verdadeira inspiração. Como já disse, não emprego esta palavra no sentido de qualquer inalação arbitrária ou superficial de pensamentos ou verdades oriundas da Fonte Infinita. Pelo contrário, a palavra chega até mim carregada de um significado muito mais elevado e enobrecedor.

O intelecto iluminado perceberá facilmente que o indivíduo só pode ser verdadeiramente e permanentemente beneficiado por aquelas inspirações e revelações que possam ser naturalmente assimiladas e integradas na constituição mental. Tudo o que apenas entra, atravessa e sai rapidamente da mente, não pode trazer qualquer proveito duradouro ao recetor.

A flor é verdadeiramente inspirada pela luz e pelo calor do sol, porque possui dentro de si as qualidades e propriedades essenciais da beleza e do desenvolvimento, e, por isso, incorpora os elementos descendentes de vitalidade nas suas próprias estruturas minuciosas. Não é meramente um vaso para a receção imediata e transmissão de luz

e calor; antes, recebe esses elementos, sujeita-os a uma análise química e distribui as suas várias propriedades para a elaboração, desenvolvimento e sustento da sua individualidade particular. E depois, em conformidade com os princípios imutáveis de justiça distributiva e harmonia, a flor exala os seus preciosos aromas, com os quais perfuma a brisa que passa, proporcionando prazer e frescura a muitos seres vivos.

Assim acontece com o homem; cada homem, tal como cada flor, é recetor deste tipo de inspiração — isto é, do influxo de pensamentos, factos e princípios na alma, que essa mente particular pode apropriar — primeiro, para seu próprio bem-estar e esclarecimento, e depois irradiá-los como o sol espalha os seus raios sobre a Terra, para benefício e iluminação dos que deles mais carecem.

A verdadeira inspiração não está confinada a nenhuma pessoa, época ou nação em particular; é tão comum e universal como o Espírito de Deus. Tudo quanto possui vida, independentemente do reino ou grau de desenvolvimento, é, na mesma medida, recetor, expoente, profeta e beneficiário do espírito universal do Ser Supremo.

Tudo o que se move em qualquer parte do território ilimitado da Natureza mantém uma relação, mais ou menos íntima, com o espírito que anima o mundo. Cada criatura desfruta de uma comunhão viva com o princípio que dá vida a tudo; e as relações que subsistem entre o pequeno verme e o Criador dos mundos são, em princípio, tão íntimas quanto as que o homem desfruta. Assim, todas as coisas recebem o Espírito de Deus, banham-se nele e exprimem-no externamente, em proporção direta à sua capacidade e necessidades absolutas.

A alma humana é um solo muito mais fértil para o crescimento e cultivo dos sentimentos celestes do que Jerusalém, ou qualquer terreno que Jesus tenha supostamente abençoado e santificado. O organismo exterior do homem está estreitamente ligado ao mundo material; mas a sua natureza espiritual está ainda mais estreitamente ligada ao princípio que vivifica e energiza o Todo universal. Não há nada entre o homem e os céus curvados. Pode descobrir a cabeça sob a cúpula do templo vivo, e não existe qualquer obstrução que o impeça de contemplar o magnífico edifício. E assim, se ele despir o espírito — removendo o orgulho, o egoísmo e a sensualidade, que o limitam e sepultam nas suas proporções terrenas — descobrirá que nada existe entre si e o gozo dessa verdadeira inspiração de que aqui falo.

Toda a Escritura é dada por inspiração — isto é, toda a escrita, seja de que natureza for, produzida pela mão humana. Pois há apenas quatro fontes gerais de pensamento e conhecimento, a saber: as fontes vitais da alma; as sugestões da Natureza exterior; os mananciais da humanidade; e as fontes inesgotáveis do universo espiritual. Nada, portanto, é absolutamente existente por si só ou autodeterminado; porque o império ilimitado da Natureza está construído e sustentado por uma irmandade de laços interligados, simpatias e dependências recíprocas. O ciclo infinito é composto de inúmeros ciclos menores, tal como o Todo infinito é composto de partes incontáveis, que são os elos dessa cadeia divina de amor e sabedoria celestiais, que envolve o

mais baixo e o mais elevado, as partes e o todo; que constituem o magnífico templo da Mente Infinita.

É, pois, uma necessidade harmoniosa e razoável, num universo de causa e efeito, de princípio e governo, de progresso e desenvolvimento, de sequência e consequência, que toda a inspiração tenha origem em uma ou mais das quatro fontes designadas. Assim, os conteúdos de uma revista popular são tão produto de um certo grau de inspiração quanto os conteúdos de qualquer outra obra em língua humana. Um escritor pode passear no seu jardim e sentir-se atraído pelo perfume e beleza de uma simples flor.

Várias mudanças impercetíveis, mas não menos decisivas, podem ocorrer nos seus sentimentos, pensamentos e economia mental. Uma comunhão invisível é desfrutada entre a mente e a flor. E no dia seguinte, se examinares a secção lírica de alguma publicação diária, poderás ler a Escritura que foi escrita por inspiração dessa pequena flor, através da instrumentalidade da mente humana.

E lembremo-nos de que a inspiração plena e o conhecimento infalível pertencem somente a Deus. Se algum homem ousar reivindicar, para qualquer publicação humana, uma completa isenção de erros e imperfeições, essa pretensão estará à mercê de qualquer rapaz escolar cujo raciocínio funcione devidamente. Reafirmo: Deus vive na alma de cada ser animado, e na mesma proporção em que a sua essência vital nela habita, assim esse ser é recetáculo da verdade divina, expoente da sua bondade, profeta do seu amor e intérprete da sua inspiração. Onde Deus está, há iluminação. Ele não retirou o seu espírito da Natureza, nem os seus princípios germinativos da alma do homem.

A mente que quiser sentir, poderá sentir; e também, quem desejar ser inspirado, sê-lo-á, a partir de uma ou de todas as fontes através das quais o Infinito comunica com o finito. Os mundos espirituais são como escalas de música, que se estendem desde o orbe mais remoto até à Divindade. E se o homem quiser aprender esta harmonia celeste, não deverá manter-se afastado, sobre o deserto estéril de alguma fé mitológica e ultrapassada; antes, deve sair e juntar-se à banda celestial, e esforçar-se por ampliar esta sinfonia do hino universal da harmonia, tornando-se ele mesmo uma nota harmoniosa na escala divina.

Reitero: Deus não abandonou a "casa não feita por mãos humanas"; não deixou perecer nada daquilo que inspira com vida e movimento. Ele não esteve mais presente no mundo há dois mil anos do que está hoje. A sua vontade não pode ser expressa por um, dois, nem sequer por um milhão de testamentos; pois, que é o homem, ou todos os homens que já respiraram neste globo, comparados com as miríades incontáveis que povoam a Terra Celestial, que se nos revela aquando da dissolução física? Mesmo a Terra, com todas as suas posses, é como um grão de areia na praia do mar quando comparada com a vastidão, magnitude e número de outros mundos que possuem igual direito à influência e dispensações universais da Divindade.

A mente religiosa já não precisa vasculhar os séculos passados para descobrir vestígios do Deus vivo. O homem já não precisa ansiar pelo retorno dos “bons velhos tempos”. Pois Deus está mais connosco hoje, porque progredimos e aproximámo-nos mais d’Ele. O sol brilha com igual fulgor, o arco-íris tem tantas cores, a terra é refrescada pela chuva do mesmo modo, os riachos murmuram melodias pelos vales e prados como nos dias de Moisés, Isaías ou Jesus; os pássaros ainda cantam com alegria, o dia é luminoso, e a noite não perdeu nenhuma das suas incontáveis joias que cintilam através do véu das constelações que adornam a coroa dos firmamentos superiores.

Não voltemos, pois, para trás, mas avancemos com um coração honesto e corajoso. Pois tão certo como este universo é aquecido pelo Amor e iluminado pela Sabedoria — sim, tão certo como Deus é o residente imutável e proprietário do magnífico edifício da criação material, cuja abóbada curvada é o universo espiritual —, tão certo é que tudo o que decora esta habitação será, eternamente, devotado aos propósitos mais sábios e elevados; e toda alma humana será, para sempre, como uma candeia imortal, emitindo a luz divina que a presença iluminadora e a onipotência do Deus Perfeito e Eterno há de conceder pelos sopros espontâneos do seu Espírito onnipresente.

Quarto: Na primeira parte deste discurso, foi mencionado que a verdadeira e elevada inspiração era experimentada por aquela mente cujo entendimento se encontrava consideravelmente desenvolvido e iluminado. Venho agora esclarecer brevemente o estado mental que é essencial para a receção de inspiração proveniente de todas as fontes simultaneamente.

Que fique bem claro: Deus é um Deus de princípios, não de milagres; um Deus de carácter razoável, harmonioso e imutável — não de exibições fantásticas, de artifícios, nem de demonstrações sobrenaturais da sua presença entre os homens. Por conseguinte, Ele não pode fazer com que o pássaro invente música, que um Bonaparte seja um príncipe da retidão, ou que um Nero discorra sobre harmonia e paz filantrópica. Pois todo o ser vivo está sujeito à necessidade de expressar espontaneamente aquilo que se move no seu íntimo.

O esquilo, que não pode cantar, dá expressão à inspiração da sua mente nas suas acrobacias de ramo em ramo, de monte em monte — expressando assim, de forma pantomímica, as canções interiores que a sua língua não pode proferir. Tal como o pássaro canta sem pensar, ao respirar o ar comum. Mas Mozart, extraindo a sua inspiração primeiramente das fontes interiores da sua própria mente, e depois dos inúmeros e sempre variados sons com que Deus vocalizou a criação, escreve a Escritura da música para o mundo ler e reverberar.

Assim, o grau e a quantidade de inspiração vividos e expressos pelo pássaro, pelo esquilo e pelo homem são tão distintos e evidentes quanto os próprios recetáculos diferem entre si. Do mesmo modo, diferentes mentes dão origem a diferentes graus de inspiração. Um é um linguista inspirado, outro é um poeta inspirado, outro um moralista, outro um matemático, e outro ainda um filósofo inspirado. Enquanto as pessoas comuns possuem uma tabela de multiplicar com apenas doze números de

cada lado, o jovem matemático inspirado não consegue dar plena expressão ao seu génio sem uma tabela de multiplicar que tenha um metro quadrado.

Do mesmo modo, enquanto a maioria possui um sistema de moral cujos muros exteriores foram construídos tão egoisticamente que apenas abarcam o indivíduo, o moralista inspirado, que ama os seus semelhantes, derruba essas paredes divisórias e dá origem a um sistema de moral que se estende até aos confins mais longínquos da humanidade. A mente humana é beneficiada permanentemente pela inspiração quando o princípio da razão é iluminado; isso constitui a verdadeira clarividência e, também, o verdadeiro estado espiritual.

Este último estado, como foi descrito na palestra anterior, é vivido apenas por aquela alma cujas faculdades sociais, intelectuais e morais estão sintonizadas entre si e todas com a constituição universal das coisas. Além do que já foi dito a este respeito, o indivíduo que deseje estar vivo para as inspirações universais do Espírito de Deus deverá interrogar-se com as seguintes questões:

1.º Estarão as minhas faculdades sociais em equilíbrio? Amo eu suficientemente a minha própria personalidade? Obedeço às leis da natureza no que respeita à alimentação, ao exercício e ao repouso? Sou, de algum modo, intemperado? Procuro a companhia de pessoas fúteis e superficiais em detrimento do cultivo pessoal e de estudos importantes? Estarei a privar-me das verdadeiras alegrias e inspirações de Deus ao desobedecer às leis do meu ser, entregando-me à sensualidade e a gratificações meramente físicas?

2.º Estarão as minhas faculdades intelectuais devidamente equilibradas? Entrego-me suficientemente à reflexão? Povoo a minha mente com objetos, por meio da percepção, e depois analiso-os, comparo-os e dedico-os a fins bons e benevolentes? Ou permito que a minha mente se confunda e distraia com a entrada constante de impressões externas através dos sentidos? Ou reflito demasiado sobre poucas coisas, isolando-me de um campo de observação mais vasto e elevado? Terei um intelecto materialista, que não vai além dos aspetos externos, das formas e dos símbolos da vida e do pensamento? Ou penetro nas causas das coisas? Provo todas as coisas? Julgo com imparcialidade? Adiro à administração da razão? Considero a razão como a luz que ilumina todo o homem que vem ao mundo?

3.º Estarão as minhas faculdades morais devidamente equilibradas? Venero a justiça como um princípio? Estão as minhas aspirações por justiça e equidade confinadas ao círculo egoísta e comum das minhas próprias necessidades e desejos? Ou expando a minha reverência e aplicação da justiça até aos limites de todos os direitos e necessidades humanas? Venero algum sistema de moral e preceitos como sendo a verdadeira religião? Ou considero que a religião mais verdadeira e elevada é a justiça universal? Para que vivo eu? Apenas para o interesse e felicidade pessoal? Ou amo o próximo e identifico o meu interesse, a minha justiça e a minha alegria com os interesses universais da humanidade?

Sou eu um deserto que absorve avidamente a chuva do céu e não produz flores nem vegetação? Ou sou uma nascente pura e saudável que sacia a sede do peregrino

cansado e errante, e depois envia os seus inúmeros ribeiros para fomentar o crescimento de frutos são e vinhas abundantes? Que lei venero eu? É a lei de Moisés? Ou a lei do Amor? Que orações profiro? São elas os ofícios cerimoniais recomendados por algum sacerdote, prelado ou chefe religioso? Ou é a minha oração um desejo incessante que inunda o meu coração pelo bem e felicidade da humanidade? Amo mais a verdade do que a conveniência? Venero mais o direito do que a força? Amo mais o mérito do que a riqueza ou linhagem? Ou sou apenas um ser caprichoso e superficial? Quando provo todas as coisas, agarro-me àquilo que é bom ou àquilo que é popular e conveniente? Reconheço que privilégios individuais extraordinários impõem obrigações individuais igualmente extraordinárias? Ou aceito os privilégios e reconheço as obrigações apenas sob compulsão da lei? Venero o Deus de Abraão, Isaac e Jacob? Ou o Supremo Governador do universo?

Aquele que deseja tornar-se recetáculo da verdadeira e elevada inspiração deverá colocar a si próprio estas perguntas, e dar ao mundo as respostas apropriadas, apenas através da sua vida e conversação.

Parece-me adequado repetir aqui uma conversa, sobre este tema, entre um Espírito na segunda esfera e uma Mente na Terra:

Mente: "Podes informar-me como obter verdadeira luz e experimentar a inspiração?"

Espírito: "O homem é a manifestação de um poder central — um desenvolvimento original e indestrutível de um Princípio Encarnativo. Aquilo que ele mais sente, é o Génio. Este é desvelado pelo despertar harmonioso de todas as forças espirituais. Trata-se de um resultado do crescimento. O verdadeiro Homem cresce como a árvore na floresta primordial, luxuriante e vigorosa em todos os ramos, inalando inspiração de todas as direções e exalando, por sua vez, uma influência correspondente para o exterior."

Mente: "Onde devo procurar os elementos da inspiração?"

Espírito: "Se alguém quiser conhecer a doutrina, que pratique a vontade do meu Pai. Só o verdadeiro Génio inspira. O homem bom reflete os belos traços da Mente Divina. Esta expiação, ou harmonia entre o humano e o divino, coloca o génio interior imediatamente em sintonia com as marés imortais da Verdade; "É daí que flui a inspiração. Na Natureza, o génio subordina tudo à sua própria força; mas a própria força derrete-se em fluidez, derramando-se e acendendo tudo — conformando todas as coisas à Lei da Beleza."

Mente: "Estão os elementos neste mundo, ou no mundo dos espíritos?"

Espírito: "Os elementos estão em toda a parte, separados de nenhuma vida, ligados a todo o ser. A verdadeira harmonia — isto é, o Génio do espírito — é o vaso no qual esses elementos onnipresentes fluem, tomando a forma do vaso e organizando-se em conformidade. Deve exercer-se uma influência amável e simpatizante sobre as

mentes individuais, a fim de suscitar a aspiração elevada sobre a qual repousa uma inspiração plena.”

Mente: “Como pode essa Influência ser obtida?”

Espírito: “Por consociação. O indivíduo deve ser colocado numa sociedade onde o verdadeiro Génio presida e inspire. Devem abrir-se canais de Sabedoria. Os apetites devem ser apaziguados, as paixões disciplinadas, os afetos suavizados, a imaginação expandida, a razão vivificada, o entendimento alargado; então a lei da harmonia transforma os próprios elementos da vida comum em inspiração. Toda a mente é capaz de aspirar; e todas possuem alguma luz do Astro espiritual que brilha incessantemente sobre os campos do ser. Os homens serão um com Deus. Eis o sol nascente! A Era está muito próxima!”

Considerado devidamente, o estado espiritual é o desenvolvimento e a harmonização completos do indivíduo. Em futura ocasião, explicarei as leis físicas, orgânicas e morais do ser humano; e mostrarei, com o auxílio de diversas ilustrações, como a obediência a essas leis assegura a felicidade que se procura, e a inspiração que o intelecto razoável deseja devotamente alcançar.

Por ora, deixo este assunto à vossa reflexão, com a oração sincera de que as vossas almas possam ser permanentemente enriquecidas por uma aplicação criteriosa dos princípios aqui desvendados.

A FILOSOFIA DO SONHAR COMUM E DO SONHAR EXTRAORDINÁRIO

Todos quantos entendem alguma coisa da fisiologia têm plena consciência de que o cérebro é a sede de toda sensação e pensamento. É a fonte da força e energia exibida nos sistemas vitais e musculares e é o principal agente da manifestação mental.

O mistério dos sonhos torna-se mais misterioso pelas cortinas escuras do sono, que invariavelmente pendem entre os fenómenos e as nossas percepções. Esse ambiente místico deve erguido antes que possamos olhar para as cenas mais encantadoras do Teatro mental. Por isso apresentarei primeiro à vossa mente a filosofia do *sono*.

O sono é simplesmente a contrapartida da Ação. O sono e a ação são os eixos sobre os quais a esfera da vida comum gira. O período mais tranquilo e afortunado, de que qualquer um se pode lembrar de ter experimentado nesta vida física, situa-se no meio-termo entre o dormir e o estado de vigília — entre o descanso e a atividade. Como adoramos a hora do crepúsculo! Como isso induz a mente a interiorizar-se de modo a contemplar os múltiplos eventos que se aglomeram nas videiras da memória! Mais do que isso; o olho da mente, assim voltado para si próprio, olha profundamente para o seu próprio historial e realiza algo de natureza sublime que busca involuntariamente uma residência eterna no mundo superior.

Sendo a hora do crepúsculo o interlúdio entre os estados de ação e repouso, é a fase mais apropriada para a meditação reverente.

Este é a altura de se libertarem do mundo exterior dos objetos. O homem de génio dedica esta fase a si próprio e retira-se das coisas externas em prol da contemplação. Volta a sua atenção para ideias meio recordadas e organiza-as numa nova ordem na sua mente. As múltiplas imagens da criação encontram-se em todas as suas posições relativas diante da sua mente, e assim ele olha a natureza através da sua memória e consciência interior.

A mente está no seu melhor humor na hora do crepúsculo, quando a parte frontal do cérebro não é sobrecarregada com sangue nem com o pensamento. Mas sucede bem diferente com o cérebro, quando o Sol emite seus raios para a Terra. Por conseguinte, o calor e a luz tornam o cérebro positivo — enchem-no de sangue e impedem-no, em grande medida, de exercer o seu poder de imaginação. Mas quando o Sol se põe, então a parte frontal do Cérebro é jogada parcialmente num estado negativo, permitindo assim que as faculdades superiores se instalem de maneira mais irrestrita no império do pensamento.

A mente não consegue pensar com tanta clareza quando o sol brilha como na hora do crepúsculo. Porque esse portal do Cérebro, que controla todos os agentes do pensamento superior, é o principal governante de tudo o que ocorre na economia física. Ele dirige toda a ação muscular, guia o corpo no desempenho de todas as suas funções voluntárias e distribui energia por todas as dependências físicas. Consequentemente, é demasiado absorvida pelos cuidados do corpo para conseguir pensar muito; e além disso — o Sol torna o Cérebro muito positivo para uma contemplação profunda, clara e prazenteira.

Daí que, quando a hora agradável do crepúsculo chega, o homem de génio entusiasticamente concebe os seus melhores pensamentos, organiza-os com a maior facilidade, e perceber a maior felicidade. Quando os céus estão tranquilos e a estrela vespertina é vista por cima das nuvens, quando toda a vasta paisagem cintila ante a vista, então a mente vê pensamentos e palavras ardentes, semelhantes a águias, que podem deixar de se mostrar exaltados e serenos.

Poucas pessoas refletem sobre as operações do espírito interior. E, no entanto, todo mundo percebe uma diferença nos seus sentimentos — uma classe de sensações quando o sol brilha no firmamento e outra quando as dobras imateriais da noite que se aproxima se fecham sobre o Cérebro e os sentidos. A hora do crepúsculo é o período de tranquilidade e das contemplações religiosas; por a parte frontal do cérebro estar positivamente menos carregada de sangue e energia nervosa; e todo o ser interno é abandonado ao exercício voluptuosos dos seus diversos afetos e faculdades.

Mas vamos examinar o estado do sono. Que clara imitação da morte não é o sono! É uma quase morte. O cérebro não se encontra tão animado de vida. Todas as porções frontais do cérebro são acalmadas, e o cérebro posterior, o cerebelo, é o guardião da noite. Mantém o sangue a fluir através do organismo dependente; faz com que o

coração, fígado, pulmões, etc., executem a sua função apropriada; e assim, mantêm as conexões entre o corpo e a alma, enquanto ao cérebro maior ou frontal, com todas as suas inúmeras dependências, é permitido repousar num sono imperturbável. Isso é sono perfeito.

Agora, em que estado se encontrará a alma durante o sono perfeito? Eu respondo — está dobrada sobre si própria. O cérebro e o corpo estão cansados e enfraquecidos em resultado das atividades do dia; portanto, a mente reúne as suas faculdades, como a planta sensível dobra as suas folhas ao toque humano e passa, silenciosamente, para os recessos mais internos da estrutura mental. A mente, no estado perfeito do sono, encontra um retiro de toda a agitação dos sentidos, nas partes posteriores do cérebro — o cerebelo é o dormitório da alma.

Mas as faculdades da mente não estão inteiramente destituídas de ação; a alma não pode estar perfeitamente em estado de inércia — as leis da mente são a Associação, a Progressão e o Desenvolvimento. A sua felicidade consiste na sua harmonia; não em nenhuma descrição de inatividade ou indolência. Deixem, pois, que seja claramente entendido que, quando a mente dorme, ele não está num estado de inanição, mas num grau maior de harmonia, e num estado de maior retiro interior, do que aquele que é natural à condição comum da mente.

Chego, agora, aos fenómenos do sonho, que sucedem ao evento do sono.

Existem dois tipos de sonhos — uma classe emana da Terra; a outra, da Terra dos Espíritos. Primeiro, examinemos as causas daqueles que procedem de fontes externas ou terrenas. A maioria dos sonhos tem origem nas faculdades da alma durante o sono. Algum distúrbio físico perturbou a mente. Diversas doenças produzem vários sonhos. Mas que será um sonho? Será um jogo indiscriminado da Vontade entre as memórias e os afetos da mente? A diferença entre o sonho comum e o *pensamento comum* consiste simplesmente nisto: enquanto a mente está em repouso parcial, ela não separa a coisa pensada da sua ocorrência; ao passo que, quando a mente está no estado de vigília, discrimina claramente entre o pensamento e a sua execução subsequente.

Vocês já não terão refletido sobre o fato digno de nota, de que o Desejo de realizar qualquer coisa num sonho é imediatamente seguido pela impressão de que a coisa desejada é realmente feita? Muito da profundidade do mistério associado ao sonhar consiste no fato da Alma aceitar os seus desejos como garantidos, confundir o pensar com o agir e misturar as experiências passadas com as lembranças e as emoções presentes. Mas os sonhos comuns serão mais ou menos racionais, de acordo com a ordem e a vivacidade com que a mente está acostumada a pensar e a raciocinar. Pensamos e sonhamos estritamente de acordo com a experiência e o hábito que temos de combinar ideias, e também de acordo com as diversas disposições mentais que são essenciais à nossa natureza comum.

Por um tipo de metempsicose ou transformação, a qualidade peculiar dos alimentos e medicamentos é transferida para o cérebro durante o período de repouso. Por exemplo, a mente pode ser impressionada de forma veemente pela vida da carne.

Algumas pessoas sonham com massas de gado, simplesmente comendo bastante bife pouco antes de se retirarem para dormir. A ação psicológica que medicamentos e doenças exercem sobre a mente foi suficientemente esclarecida nas palestras que proferi sobre o estado psicológico do homem. Passarei, por isso, a ampliar a proposição, de que a mente fabrica a estrutura dos seus sonhos comuns — os quais podem ser facilmente explicados por princípios fisiológicos.

Grande parte do mistério do sonhar comum desaparece, quando consideramos a maneira singular pela qual a mente combina pensamentos com ações — e realidades fantasmas com realidades sérias. Memórias do passado e sensações presentes são tão engenhosamente talhadas em novas cenas e personagens, que a própria mente fica espantado e confundida com a representação. A Teologia Popular é apenas uma espécie de superstição sonhadora, e tenta explicar os mistérios de acordo com opiniões preconcebidas; assim como, no nosso sonhar comum, empreendemos explicar um absurdo óbvio pela suposição destra de outro.

Nos sonhos, a mente é responsável por muitos mistérios com uma complacência tão surpreendente que a combinação mais estranha acaba por não surpreender. Os poderes proféticos da mente humana são, por vezes animados durante os períodos do sono, quando a alma pode facilmente pressentir futuros acontecimentos, ao projetar as suas faculdades ao longo da linha probabilidades vindouras. Dessa maneira contemplaram os profetas da antiguidade a natureza generalizada dos acontecimentos futuros. Tais sonhos o Profeta Daniel experimentou por diversas vezes, e foi igualmente solicitado com frequência a interpretar.

Em conclusão, pois, desse ramo do tema, tenhamos em mente que os fenómenos do sonho comum podem ser detetados principalmente num sono defeituoso, numa saúde debilitada e num pensamento inquieto; numa operação simultânea e indiscriminada da Vontade com as faculdades do pensamento ou do raciocínio. Tais são, em resumo, os sonhos da Terra — o mero jogo das faculdades mentais sob a influência de alguma causa perturbadora — em associação com o mundo e o corpo em que atualmente residimos.

Passo agora a considerar os sonhos que emanam do Mundo dos Espíritos. Não aludo a nenhuma fantasia da mente — a nenhum esquema da imaginação; mas a uma verdade sublime e bela. Sonhos do Mundo dos Espíritos! Que poesia poderá ser mais poética que a verdade? Que será mais romântico que a Realidade? Quem resistiria voluntariamente ao fluxo de sentimentos sublimes; ao influxo dos princípios divinos? Lemos no Novo Testamento que "o anjo apareceu a José num sonho."

Consideremos agora a filosofia desta classe de manifestações mentais. Eu disse que, no sono perfeito, a parte frontal do cérebro se encontra fechada no que diz respeito à ação voluntária da mente; enquanto o cérebro traseiro mantém o suprimento energia vital ao corpo e os meios da ação involuntária. Agora, é fato curioso que a mente nunca seja levada a ter um sonho espiritual, a menos que exista esse sono perfeito.

Os poderes voluntários da mente precisam ser todos suspensos, e a Vontade e as faculdades de pensamento devem estar num estado de completa e tranquilidade, antes que possa haver um influxo livre e completo de contemplações procedentes da Terra do Espírito. Esse sono perfeito raramente é desfrutado; é verdade, pois, que “as visitas dos anjos são poucas e estão muito espaçadas.” Os filhos da Terra comem demais e com demasiada frequência — são injudiciosos nas suas ocupações — carecem de muita desarmonia mentalmente — para permitirem esse retiro perfeito da mente do cérebro para o cerebelo, durante as horas do sono, que é indispensável ao influxo espiritual.

Se a parte frontal do cérebro é positiva, quando o corpo está a dormir, as influências espirituais não podem entrar. A mente é um instrumento que, quando em sintonia e ajustado numa nota alta na escala espiritual da música, os anjos podem despertar por meio da mais doce melodia!

Quando uma pessoa está a dormir num sono perfeito, seja comum ou magnético, ela está próxima do estado da morte. As áreas mais elevadas da mente não são ocupadas com pensamentos. Os elementos robustos e esplêndidos do sentimento sagrado são aquietados; reunindo o vigor para a esfera futura. Todo o cérebro ou Cérebro frontal é agora um domínio de tranquilidade; e não existe sentinela à porta do templo, senão o cerebelo vigilante. Daí o espírito do homem possa ser convocado a uma ação harmoniosa por um toque criteriosa das diversas faculdades do cérebro superior, como no estímulo magnético ou mesmérico dos órgãos frenológicos. Assim, a mente será preparada para ter um sonho de elevada ordem.

Agora, se um espírito se aproximasse de uma pessoa assim adormecida, e desejasse incutir um sonho sobre a mente do adormecido, haveria de agir psicologicamente sobre os diversos órgãos no cérebro frontal — quero dizer, sobre os órgãos que haveriam de desenvolver e elaborar o sonho projetado. Portanto, a mente seria mobilizada a entrar no jogo pela Vontade do Espírito. A mente desenvolveria qualquer sonho mobilizado pela Vontade do Espírito — tal como, quando o instrumento musical dominado com perícia, é tocado, emite os sons na mente do artista.

Esta espécie de sonho não é clarividência — embora eu tenha visto casos em que a mente sonhadora foi perfeita e corretamente impressionada com objetos distantes e paisagens; o resultado de impressões recebidas da Vontade do Espírito que controlava a elaboração do sonho.

Vez por outra, os nossos espíritos guardiães vêm de uma Morada mais justa e serena do que as nossas. Aqueles filhos afortunados do Pai, tão belos quanto a mente consegue imaginar — vêm inspirar as nossas almas com ideias afins e mais alegrias, eles vêm para nos tornar melhores, mais sábios e mais felizes.

Tal como a Deusa da música toca o seu alaúde, toca as suas cordas de prata e põe as melodias do estio da natureza em palavras; assim também um anjo da Terra do Espírito chega até nós no mais profundo do nosso sono e gentilmente desperta as

mais elevadas faculdades para os melhores pensamentos e a mais serena contemplação.

Muito do que é chamado de Poesia no mundo, teve origem nos cantos e belezas misteriosas, que, em geral, se supõe estar penduradas nos mais luxuosos cachos da Árvore da Ignorância e da Superstição. O invisível e o desconhecido excitam a imaginação, e essa faculdade encontra um prazer peculiar na contemplação dos seus mistérios, em dar expressão às realidades apócrifas que compõem a paisagem invisível, além da cortina que esconde as regiões contempladas da visão humana. Existem apenas algumas mentes ousadas, vivas e independentes, capazes de suportar os raios do Sol do Conhecimento; por a maioria da humanidade depender da sua importância para muitos prazeres, entretenimentos intelectuais e prazeres.

Há, como eu sei, por experiência, inúmeras coisas cuja perfeita compreensão produzem grande inquietação mental. Por exemplo, haveria de me trazer à mente inquietação o conhecimento do dia exato em que um indivíduo venha a deixar o corpo material por uma esfera superior; ou saber, por demonstração, que uma pessoa irá ficar gravemente enferma e acidentalmente ferida. E, no entanto, a fonte real da inquietação não está no conhecimento da circunstância futura que virá a ocorrer, mas no desarranjo que essa informação produz entre as relações comuns que subsistem entre uma pessoa e outra.

Se a minha mente precisasse ter claramente incutido o destino terreno de algum indivíduo específico, então as relações intelectuais que tivesse com essa pessoa seriam diretamente alteradas; e alterações ou desarranjos similares ocorreriam igualmente entre os seus amigos e arredores. Isso haveria de me deixar numa posição inadequada, e o desassossego iria resultar, como consequência natural, das disposições discordantes assim desenvolvidas.

Deixem que lhes explique essa posição de maneira mais clara. Digo de novo que alguns tipos de conhecimento trazem dor e não prazer; mas a dor pode resultar apenas de condições doentias e errôneas. Possuir o conhecimento positivo da morte externa de um companheiro é perturbar essa harmonia (por mais superficial que seja) que uma ignorância universal do futuro estabeleceu entre todos os membros da família humana.

Se essa pessoa for um comerciante, eu, tendo conhecimento do momento em que ele estará para morrer, arrumo as contas que tenho com ele em conformidade. Se ele indagar das razões que eu tenho para esse curso, então acode-me a tentação de dizer uma mentira decidida em explicação dos meus motivos para agir de certo modo em relação a ele ou para expressar as impressões que tenho com sinceridade com respeito à sua morte. Em ambos os casos, o efeito seria prejudicial.

Se eu expressasse a verdade, isso haveria de produzir um desarranjo generalizado nas relações que subsistem entre esse homem e as relações que tivesse com o mundo. Nenhuma quantidade de ceticismo da sua parte poderia poupá-lo aos efeitos legítimos de tal afirmação. Ele haveria de relaxar, inconscientemente para consigo

próprio, os seus interesses pelas coisas que o rodeassem: e faria muito por provar a profecia à letra.

Por outro lado, se eu dissesse uma falsidade, ou, de qualquer maneira, permitisse que a minha mente se equivocasse e por fim lhe proferisse evasivas, então estaria positivamente a prejudicar-me, e a errar com base em premissas corretas. A consciência desse ato errado haveria de desenvolver a inquietação de que falo; ou, a inquietação haveria de resultar do transtorno que o outro curso poderia criar em meio a pessoas temporariamente tranquilas e harmoniosas.

Por tais razões, prefiro uniformemente a "felicidade da ignorância" ao desconforto resultante de um conhecimento da classe de fatos descritos. E estou cheio de gratidão por ter conhecimento das faculdades mentais e da força de vontade através dos quais posso repelir o influxo de impressões proféticas que não trouxessem tranquilidade, mas perturbassem desnecessariamente inúmeras mentes.

Além da classe de circunstâncias mencionada, nego que a verdadeira poesia ou a felicidade dependa da nossa ignorância de causas invisíveis e ocultas ou de eventos futuros. Se o interesse que tivermos por um assunto diminuir em proporção do conhecimento que passarmos a ter da sua natureza e fontes internas, o defeito geralmente estará em nós próprios. Para um intelecto saudável e bem desenvolvido, com que os impulsos comuns estejam subordinados e em sintonia, a apreciação e o gozo do Belo jamais diminuem nem endurecem com o conhecimento das suas leis e fontes ocultas. No entanto, há mentes para quem o conhecimento é um bandido, que rouba vidas e muitos aos seus ambientes, pelos seus mistérios mais preciosos.

Muitos são os doces encantamentos assentam sobre as enormes montanhas da ignorância, que arruinam e dividem os grandes Hemisférios da filosofia e da religião. Assim, muitos apegam-se aos mistérios da existência como fonte de prazer semi-intelectual ou imaginativo. Há momentos em que todos buscam as causas das coisas; mas poucos são capazes de manter um gosto apurado pelas belezas e iguarias cujas causas internas foram apuradas. Mas podemos ter certeza de que, se formos interiormente saudáveis, a admiração e reverência que sentimos pelo belo e pelo superior se tornarão mais intensas e exaltadas à medida que pusermos de lado o véu do tempo e contemplarmos aquelas coisas que têm uma posição fixada na constituição da natureza.

Em continuação da questão e explicação dos sonhos, é prudente garantir que esses fenómenos mentais sejam controlados por leis estabelecidas, que podem ser praticamente aplicadas à educação e desenvolvimento da mente. Já lhes expliquei as causas e condições fisiológicas do Sono. Mostrei-lhes que o sono é ocasionado pela retirada do princípio espiritual das superfícies externas do cérebro para as membranas interiores do cerebelo; fechando assim, por assim dizer, as portas e janelas exteriores do templo, e abandonando os ruídos e as cenas do mundo externo por uma comunhão mais estreita com o universo infinito de vida.

Também foi demonstrado que o sono perfeito nunca existe, a menos que todo o cérebro superior tenha cedido a vigilância e o poder funcional que exerce sobre o

corpo ao cerebelo. Toda associação possível de sentido existente entre o espírito e o mundo objetivo deve ser perfeitamente suspensa antes que o estado de sono completo possa existir. Todos os poderes voluntários devem cair num estado de suspensão transitória em sono perfeito; ou seja, eles devem estar num estado passivo, e sem agir positiva ou negativamente sobre as economias mentais ou físicas.

Porém, não conheço nenhuma condição que possa apropriadamente ser denominada uma *suspensão absoluta* da consciência; embora eu tenha investigado casos em que os pacientes, desmaiados ou num coma apoplético, tiveram a mente ativamente envolvida num sonhar empenhado com pessoas e circunstâncias pelas quais se haviam interessado anteriormente e, ao recuperarem, não *recobram* nenhuma recordação de qualquer coisa que tivesse ocorrido durante o período do ataque. Essa é a única evidência que qualquer pessoa possui da existência de uma cessação da consciência; que não é evidência de coisa nenhuma, na verdade, mas simplesmente uma suspensão dos *poderes da memória externa*.

Pois é estranha verdade que, quando o espírito reincide e passa a retroceder a um estado semelhante ao coma apoplético ou ao desmaiado, o espírito retoma o fio das suas experiências interiores anteriores e continua a tecer os pensamentos, a perceber ideias e raciocínios abstratos de que a alma desfruta quando, para todos os aspetos externos, o corpo está morto e a mente aniquilada! A mente tem duas memórias; a memória do corpo e do mundo externo, e a espiral nos mais profundos recessos de cujas dobras são provenientes aquelas reminiscências e experiências que a alma obteve do mundo dos espíritos.

A filosofia do sonho é tão intimamente aliada da filosofia do sono, que é preciso compreender isso até certo ponto antes que a mente possa entender completamente essa outra. Conforme já afirmei, existem duas fontes de sonhos; primeiro, as sensações e recordações das experiências são obtidas no mundo externo que nos rodeia; segundo, as emanções que durante o sono provêm dos seres espirituais que habitam o universo interior.

A importância dos sonhos depende necessariamente da sua natureza e origem. Existem inúmeras variedades de sonhos superficiais ou cerebrais; as meras sensações e recordações meio recordadas do passado, produzidas, durante um sono imperfeito, em formas e fantasmas incomuns. Agora, eu não despiria os sonhos comuns de todo o interesse e encantamento que eles possuem, caso fosse possível fornecer um substituto muito mais valioso. Mas conhecendo a possibilidade destes últimos, eu precedida diretamente para a afirmação, e de seguida para a comprovação, que os sonhos comuns ou a generalidade dos sonhos entre ter homens não têm a menor fundação na lei de correspondência ou significado, que por si só deveria habilitar tais fenómenos mentais à nossa atenção e solicitude.

Quase todas as pessoas sonham, com maior ou menor frequência e de forma distinta, com coisas que lhes vieram a perturbar a mente no dia subsequente. Tais impressões são puramente externas e sem valor. Eles têm origem no sono imperfeito; resultam de condições físicas discordantes ou anormais; que a intemperança de hábitos é

garantido que desenvolverá e animará. O espírito nesse caso não se terá retirado do frontal para o cérebro posterior — consequentemente, a mente não terá renunciado e submetido os seus poderes voluntários a um estado de suspensão de transição; o pensamento ainda prossegue; mas a Vontade, tendo relaxado o controlo apropriado que exerce sobre as funções das faculdades de pensamento, permite que a mente elabore tais formas, cenas, ocorrências e correntes de pensamento, temporariamente, a partir das memórias do passado e das sensações presentes.

Mas, para a maioria das pessoas esses fenómenos mentais são enigmáticos. A ignorância geral da sua fonte envolve-os em profundo mistério. O *New Churchman* refere a relação que têm com o influxo espiritual — de uma classe de espíritos cuja posição na outra vida é caracterizada pela natureza peculiar e pela influência nos sonhos.

Quanto maior a ignorância que tivermos das causas fisiológicas dessas operações psicológicas, e quanto mais profundo for o amor que tivermos pelos encantamentos animadores relacionados com as superstições e mistérios, mais frescas e imponentes serão as especulações imaginárias que faremos. Algumas mentes estão sempre a sonhar. Eles imaginam e voltam a imaginar; e depois sistematizam e constroem. Inúmeros exemplos poderiam ser apresentados a título de ilustração, desde o auge da aristocracia literária e da teologia régia; mas a experiência de todo homem é considerada suficiente.

Durante todo este curso de palestras sobre a filosofia da clarividência e da inspiração, recorri constantemente ao espelho da natureza, para que cada pessoa pudesse ver um retrato completo de si próprio, físico, mental e teológico. Toda a filosofia das impressões mentais e da ação psicológica foi, em poucas palavras e maneiras, ilustrada à vossa compreensão — mais especificamente, os fenómenos do sonho comum. Quase todos os nossos sonhos procedem do mundo exterior. Nós somos objetivos e subjetivos por turnos; uma vibração perpétua entre o interior e o exterior; entre o repouso e a ação, a realidade e a imaginação. E,

“Pensamentos e ações sombrias a mentes obscuras pertencem;
Não pode viver direito, aquele cuja fé é distorcida.”

Sonhos vulgares e perturbadores nunca emanam do mundo dos espíritos. Mesmo quando a mente tem sonhos proféticos com algum acidente ou circunstância, ou é aconselhada a evitar o perigo — que foi demonstrado ser frequentemente a experiência de algumas mentes — mesmo assim, a alma quase invariavelmente faz o seu próprio trabalho estendendo as suas faculdades sensoriais ao futuro; sentindo assim refletido no seu seio de cristal aqueles eventos que a lei de causa e efeito certamente desenvolverá.

O hábito de consultar um “Compêndio de Sonhos” para descobrir o significado das cogitações evanescentes noturnas de um intelecto descontrolado é um sério impedimento ao silêncio mental e ao crescimento. Se o corpo estiver bem, e se todos os seus hábitos estiverem de acordo com as leis da fisiologia e do comedimento, a

mente afastar-se-á pela noite do cérebro frontal para o cerebelo, e todos os distúrbios mentais comuns, denominados sonhos, desaparecerão por completo.

A área espiritual desta questão é investida de um interesse sagrado. Há algo de profundo, amável e positivo naquela filosofia que demonstra à mente não iluminada, a possibilidade, as leis e a plausibilidade das relações angélicas e das manifestações.

As condições em que esses fenómenos ocorrem tornam-se agora matéria de elevado e sagrado interesse, por se reportarem aos melhores períodos da alma. Não há nada mais demonstrado de forma incontestável, mais apresentado e recomendado à atenção humana por tantas evidências inexpugnáveis que a comunhão dos homens com existências espirituais.

Nesta ocasião, além do que já foi dito sobre o estado espiritual do homem, sou levado a explicar a lei e a maneira de sonhar pelo influxo do mundo dos espíritos. Entendendo por completo esse ramo da psicologia, vocês poderão discriminar com precisão entre os sonhos que têm um significado interior e aqueles que têm origem numa causa puramente externa; os sem significado, exceto enquanto vozes de alerta das regiões de discórdia e doença físicas.

No perfeito estado de sonhar, a Vontade — que é simplesmente o princípio intelectual da ação voluntária — cedeu o seu poder por completo ao descanso. Então as faculdades superiores da mente retiram-se para o cérebro posterior, e o cérebro é inteiramente entregue ao estado de repouso. Nem um só pensamento passa pela região frontal. A memória do mundo externo é fechada como um caixão fechado e tudo fica quieto no interior. Este estado existe sempre quando o sono perfeito é desfrutado.

Numa estimativa moderada, pode-se afirmar que, considerando a vida errada e a intemperança que reina entre os homens, ninguém experimenta o sono perfeito, exceto por períodos excessivamente breves; mas quando é desfrutado em toda a sua plenitude, quando a alma se resigna à Vontade de Deus através do reconhecimento das leis da natureza, o indivíduo encontra-se então nos limites da outra vida. O verdadeiro sono é, em suma, uma morte temporária do corpo e um descanso da alma. Esse estado distingue-se do sono imperfeito pela ausência de todas as espécies de sonhos vulgares. Pois sonhar é pensar; um fenómeno invariavelmente desenvolvido pela operação dos poderes intelectuais e da Vontade nos recessos em vórtice do cérebro.

A conexão interna existente entre as faculdades intelectuais e a memória é claramente exibida nos sonhos que ocorrem na mente de um poeta nos momentos de devaneio, seja de dia ou de noite, em que a sua imaginação excitada é “acalmada com um sonho desperto com casas, torres, árvores, igrejas e visões estranhas, expressas em cinzas vermelhas,” ou estampadas nos céus ígneos do Hemisfério Oriental. Mas os poderes voluntários da mente não mantêm relações entre si em momentos de um sono perfeito; eles repousam silenciosamente no dormitório interior, enquanto os poderes involuntários, depositados no cerebelo, estão ocupados

em manter o desempenho das funções vitais e em vigiar as portas do tabernáculo cujos habitantes foram descansar.

Nessa condição, a alma é preparada para a receção de impressões espirituais. O influxo é fácil, porque não haver obstruções no cérebro superior. Os vasos superiores da mente estão abertos; os canais profundos, que os rios do pensamento estabeleceram na esfera mental, são prontos para o influxo de correntes mais frescas; e, assim, inconscientemente, a alma abre-se aos poderes angelicais, que me veem à hora da meia-noite e lhe estendem as suas doces saudações.

Agora, a razão por que toda a gente não é visitada pelos habitantes espirituais de outros mundos deve-se principalmente, não a qualquer obstrução na forma de credos e dogmas mentais, mas à não-ocorrência ou não-existência desse sono perfeito e harmonia mental tão essenciais. Razões religiosas e teológicas não têm, naturalmente, lugar na explicação, pois as leis que governam esse estado mental são puramente fisiológicas e psicológicas; embora não devamos ignorar o fato de que é mais provável que a mente verdadeiramente religiosa receba as ministrações dos anjos do que o indivíduo cujos hábitos sejam sensuais e imoderados.

Não havia incongruência na abstinência de comida, acompanhada de meditação e desejo, que os antigos videntes ocasionalmente praticavam; preparava as suas mentes suas para o acesso à iluminação espiritual. É bem sabido que Newton investigou os fenómenos da luz e da cor só quando praticou a abstinência mais perfeita de todas as espécies de alimentos de origem animal; por ele ter tido filosofia suficiente para saber que um estômago excessivamente cheio não é compatível com a análise consecutiva crítica e pensamento profundo.

O mesmo fato em psicologia era do conhecimento de Celso, que dizia: “*Obesus venter non parit subtilem intellectum.*” Para lhes descrever a temperança de hábitos necessária à obtenção de assistência espiritual dos anjos, não pretendo influenciá-los a nenhuma *intemperança* na vossa abstinência, que é muito frequentemente o caso das mentes impulsivas ou desequilibradas. A temperança em todas as coisas é o único “caminho reto e estreito” que leva ao céu da felicidade mental.

Quando a alma é passiva, quando os seus diversos instrumentos do pensamento estão todos em repouso, então o espírito da outra vida pode aproximar-se e despertar as faculdades para um tipo mais elevado de exercício. Não se suponha, porém, que o espírito *transmita* os seus próprios pensamentos à mente daquele que dorme, e assim desenvolva o sonho; antes pelo contrário, como será daqui por diante mostrado, as faculdades do espírito adormecido são gradualmente posta em tal ação que elabore adequadamente aquele sonho que o espírito guardião possa desejar.

É um momento doce quando essa espécie de influência pode ser desfrutada. O poder espiritual furta aquela porção do cérebro frontal em que a faculdade adequada se encontra localizada. Quando alcançada, o guardião gentilmente coloca as suas funções em ação e, assim, desperta na mente adormecida uma linha de pensamento, ou gera os materiais necessários a uma visão verdadeira de uma terra distante.

Neste local, relatarei um caso que teve lugar na minha própria observação interior. Foi no caso de uma senhora cuja morte é descrita no primeiro volume do *Great Harmony*. Vários meses antes da sua partida da terra, quando ela se encontrava sentada junto à janela da sua sala, a observar, com a expressão de alguém perdido em devaneios, as montanhas distantes. Embora eu tivesse entrado na sala alguns momentos antes e tivesse dito algumas palavras, ela permaneceu abstraída. Ao observar aquilo, o sincero desejo de perceber a ação da mente dela nessa condição, permitiu-me rapidamente passar ao Estado Espiritual. Voltando as minhas percepções internas para ela, vi uma guardiã *espiritual* imediatamente por trás da cadeira dela, a observar-lhe a mente. Encontrando-me também no estado espiritual, pude ver claramente as operações mentais.

Ela tinha ficado desorientada ao pensar sobre um assunto que não podia ser facilmente solucionado. A fadiga do cérebro, em consequência do prolongado esforço mental, induziu, temporariamente, o sono perfeito. A ação dos poderes intelectuais e da vontade foi, inteira e temporariamente, suspensa. Nesse ponto, eu vi o espírito guardião passar a sua linda mão sobre os órgãos morais e estender os dedos, de maneira sincera e prestativa, em direção à têmpora esquerda. A emanção da mão dela era suave e penetrante — como a aura mais suave, e eu percebi um pensamento *evoluir* das faculdades desse local. Esse pensamento passou, como um sopro, sobre porções do cérebro, e em seguida, juntou-se com vários outros, que o guardião tinha levado a avançar das diversas faculdades.

Bom, isso foi um sonho cheio de significado. Teve origem numa influência espiritual; não me nenhum sono imperfeito ou sombrio. A senhora não sabia, porém, que tinha um espírito guardião. Por conseguinte, ao despertar do devaneio, que ela fez por alguns momentos depois dessa impressão espiritual lhe ter sido inculcado, ela exclamou: “Que belo e claro foi este sonho!” Antes de ela dizer isso, eu tinha voltado ao meu estado ordinário, determinado a não a informar do que vi no seu caso até que ela me expressasse a sua ideia. Daí que tenha perguntado: “Esteve a sonhar?”

Ela respondeu: “Estive, mas eu não perdi mais que cinco minutos, acho eu; e, no entanto, sonhei com o que devo fazer em relação a um assunto importante que tenho tido em mente nas últimas duas semanas.” Disse eu: “Você tem a intenção de seguir sonhos em questões importantes?” “Ah, não,” disse ela; “Mas quando consigo abandonar-me na cadeira tão só por cinco minutos e acordar com um plano de procedimento melhor do que eu já tinha conseguido antes, certamente atuo de acordo com ele.” E então contei-lhe o que tinha visto, para sua surpresa e gratificação.

Mas vamos à aplicação. Pela ilustração acima, vocês perceberão que a mente pode ser influenciada psicologicamente por seres espirituais. Os espíritos podem gerar a sua influência e doces discursos sobre a mente, sem perturbar o seu repouso ou excitar a mínima suspeita de que um poder divino esteja a agir tão diretamente sobre ela. E, no entanto, quando a mente humana recebe uma impressão do mundo espiritual, que assume a forma de um sonho claro e belo, não há dúvida de que o

verdadeiro significado dessa impressão será reconhecido pelo indivíduo que o obtém. Essas impressões jamais se perdem, quando uma vez transmitidas e claramente desenvolvidas na mente. Os sonhos gerados por influências espirituais podem ser distinguidos dos sonhos comuns por uma regra infalível — viz.: pela clareza, beleza e poder que invariavelmente caracterizam os primeiros; enquanto os últimos são geralmente obscuros, desagradáveis e problemáticos para a mente.

Contudo, não devemos acostumar as nossas mentes a uma dependência excessiva do espírito guardião em termos de orientação e felicidade. Quando determinamos o nosso dever e destino, ou obtemos certas convicções a respeito deles, devemos agir estritamente de acordo com toda a luz que possuímos. Então é que, — quando o indivíduo fez e está a fazer o que ele acredita ser o seu dever — as influências superiores se apressam a acudir à alma. No entanto, precisamos recordar-nos de que esses sonhos não podem ser recebidos do mundo do espírito, pela mente, a menos que o sono seja perfeito e o estado harmonioso.

Existe uma filosofia de movimento mental que desejo que vocês entendam. É a seguinte: uma mente não pode pensar e sentir em harmonia com uma outra mente, a menos que os movimentos dos dois cérebros sejam exatamente iguais. Nisso reside o fundamento de todos os fenómenos psicológicos. Se uma pessoa pensa numa árvore, por exemplo, o seu pensamento é resultado da ação concorrente dos órgãos de "forma," do "tamanho," da "cor" e da "localidade." Se pensar numa paisagem, as mesmas faculdades serão requeridas, combinadas com as contribuições do pensamento dos órgãos do "Sublime," do "Ideal" e da "Comparação."

Agora, se um espírito pensar numa paisagem e desejar incuti-la na mente adormecida, o espírito atuará e despertaria as faculdades de tal maneira que nada além da imagem possa ser vista ou pensada pela pessoa que dorme. Assim, quando o espírito incute na mente terrena um sonho, os pensamentos componentes não são depositados no cérebro do sujeito, mas são desenvolvidos nele, manipulando as faculdades certas da maneira correta.

Assim, a mente da pessoa adormecida é levada a entrar em harmonia, nos seus movimentos internos, com as operações mentais do espírito que lhe assiste. É assim que os fenómenos psicológicos comuns se manifestam. Mas isso implica na contradição de "Locke sobre o Entendimento," cuja teoria era de que não existem "ideia inatas," ou elementos intrínsecos ao pensamento.

A verdade é que, mesmo no caso em que o homem é levado a ter um sonho espiritual, cheio de significado interior, não há "ideias" que sejam transmitidas à mente, mas as faculdades são simplesmente manipuladas com tanta habilidade, pelo guardião espiritual, que não podem deixar de produzir as impressões desejadas — como quando um artista competente toca as cordas de um instrumento musical e o compele a emitir previamente aquela música que se está a agitar na própria mente.

Ele comunica ao instrumento os movimentos da sua mente; de modo que ele sonha (vocalmente, por assim dizer) as percepções reais do intelecto do artista. Ele não transmite a música, por que essa já existe e se acha incorporada na própria

constituição do instrumento; mas controla-lhe os movimentos e, portanto, o restringe-o a expressar precisamente os sons que deseja. O mesmo ocorre com os sonhos espirituais; a mente adormecida — cujos poderes intelectuais e de vontade estão todos calmos — está sob o controle do espírito guardião; e o Espírito não introduz pensamentos na mente, mas toca as várias faculdades de maneira a fazê-las desenvolver o sonho que é desejado.

Vocês perceberão, pois, que o instrumento da mente — o Cérebro, deve estar perfeitamente passivo, a fim de ficar sob a orientação imediata de poderes ou seres superiores — como a harpa, que não nutre vontade ou desejo contrário à mente do artista. Com isso, a lei e o método do intercâmbio espiritual, durante o sono, podem ser facilmente compreendidos; Além disso, vocês podem calcular prontamente o número aproximado de sonhos espirituais recebidos e desfrutados pelas pessoas, considerando quantas pessoas provavelmente existem e que desfrutam de um sono perfeito.

SONHOS PROFÉTICOS

SONHOS E VISÕES PROFÉTICAS DURANTE O SONO

(The Fountain)

É estranho, mas quase todos os homens — mesmo os metafísicos — são carentes de verdadeiro conhecimento sobre as sublimes possibilidades da natureza humana. O conhecimento obtido através dos sentidos está sempre limitado pelo grau de desenvolvimento mental manifestado num dado momento, o qual resulta da atividade e proliferação das faculdades intelectuais.

É impossível que uma mente ignorante, estreita ou ociosa pense, consecutivamente, pensamentos sábios; e é igualmente impossível que tal mente, durante o sono, sonhe com sabedoria, amplitude ou significado profundo.

Isto é verdade em princípio, porque a mente transporta consigo, por inteiro, as suas condições, hábitos de pensamento e sentimento, em qualquer estado a que aceda. Assim, quer esteja acordada ou a dormir, em repouso ou em atividade consciente, a pessoa — com as suas afeições dominantes e características intelectuais e morais — está sempre, irresistível e infalivelmente, presente.

Não se pode fugir de si mesmo; nem sequer pelo ato insensato do suicídio.

As pessoas espiritualmente inclinadas, portanto — salvo quando afetadas por perturbações físicas — são as mais propensas a sonhar com coisas espirituais e belas. As capacidades latentes de tais mentes podem subitamente iluminar-se. O misterioso panorama das circunstâncias, que se desenrola com espantosa velocidade no domínio transpessoal, projeta "sombras" entre os pensamentos do sonhador

impressionável. Apesar das regras habituais do raciocínio, a mente de tal sonhador é profundamente tocada.

O reverendo John Hall, num artigo publicado no *New York Observer*, apresenta uma ilustração marcante de sonho premonitório:

“Por vezes, a depressão é o testemunho interno de um infortúnio iminente — uma tristeza a caminho, que sentimos sem sabermos como. É, por vezes, uma profecia que se auto-realiza. Um caso notável deu-se há vinte anos: o falecido Alexander Stewart, um ministro da Free Church, foi convidado para o cargo mais influente de Edimburgo, com aprovação geral. Apenas ele próprio sentia-se contrário. Modesto, gentil e amante da vida recatada, hesitava.

Mas não ousava seguir os seus desejos. ‘Não serei mais útil em Edimburgo, mesmo que viva só três meses, do que se ficar em Cromarty por três anos, cedendo ao meu conforto, enquanto Deus me abandona por eu abandonar o dever?’ Ainda assim, sentia que não viveria ali. Após o seu presbitério o ter libertado, o Dr. Buchanan acompanhou-o a casa. Notando a sua tristeza, disse-lhe: ‘Parece que levas uma montanha às costas.’ Ao que ele respondeu: ‘Não, Dr. Buchanan — levo a minha lápide às costas.’ Nunca chegou a tomar posse do cargo, morrendo de febre antes da instalação.”

Sonhar de forma profética não é uma experiência comum, pois o dom profético é raro.

Uma mente habituada a pensar com ordem e constância está melhor preparada para captar e reter a sucessão lógica das impressões noturnas. Já uma mente desequilibrada, como a do anormal De Quincey — enquanto sob a diabólica influência do ópio — vê objetos grotescamente ampliados ou absurdamente encolhidos, e situados de maneira fantasiosa.

As intensas realidades de prazer e dor, e o número indefinido de experiências que poderiam ocupar meses ou anos, são por vezes comprimidas na mente sensível entre o pôr-do-sol e a alvorada. Mas as tarefas e estímulos do dia seguinte — exceto nos mais profundos repositórios do espírito — empurram tais sonhos para o esquecimento.

Apenas aparentemente, no entanto; pois entre as faculdades existe uma memória, um eco onírico de tudo isso. E por isso, em horas tranquilas de sonho futuro — que é uma forma dramática de recordar, seja de noite ou de dia —, ressurgem reminiscências vagas de experiências pessoais em tempos adormecidos, como que de uma vida anterior em épocas há muito esquecidas, surgindo misteriosamente nas profundezas da consciência privada.

Algumas mentes, por peculiar constituição, experimentam à noite uma espécie de introversão periódica involuntária das faculdades pensantes. Nesses momentos, contemplam-se a si mesmas, têm diálogos confidenciais, fazem viagens a terras

remotas, vivem e atuam em cenários estranhos, e realizam feitos notáveis de pensamento — em total contraste com os seus desejos e ideias quotidianas.

A única explicação racional reside na própria estrutura e processos destas mentes. Tudo se deve à tendência dominante que tais faculdades têm para atuarem desordenadamente umas sobre as outras. As realidades internas, para estas mentes entretidas consigo próprias e não reguladas, não passam de memórias fugazes de sombras de acontecimentos no seu próprio reino da autoconsciência.

A profecia — ou, mais precisamente, o desejo de prever acontecimentos ou de "ter o futuro revelado" — é quase uma paixão para mentes assim. E, no entanto, pouco se pode confiar nas previsões imaginárias destes introvertidos periódicos. É, de facto, uma sorte que, apesar da sua vida dupla e de ambas as janelas abertas para dois mundos, o homem só possa, adequadamente e com felicidade, desfrutar da realidade de um mundo de cada vez.

No entanto, a estatura espiritual do homem — estando ele externamente ligado ao mundo dos efeitos e interiormente consorciado com o universo das causas — permite-lhe, em certos momentos de exaltação, discernir o que é possível, até provável, sim, certo: não fosse o imenso oceano de contingências, que continuamente se mistura e modifica as manifestações superficiais das leis imutáveis.

Não fosse por essa limitação — essa incapacidade de prever todos os processos envolvidos, essa visão incompleta de todas as variações possíveis no curso de um evento que corre veloz sobre o leito de leis fixas — o espírito humano, liberto de tal impedimento colossal, poderia antever e compreender os acontecimentos do futuro como um verdadeiro deus.

"Se eu sonho para um lado," disse um certo doutor, "e tu para o outro, qual dos sonhos devo seguir?"

Alguns têm tendência para acreditar nos seus próprios sonhos. Mas poucos se inclinam a crer nos sonhos dos outros. E assim, no fim, cada um seguirá o caminho ditado pelo seu capricho, impulso ou fantasia.

Em todos os casos de profecia conhecidos, verificaram-se erros óbvios quanto ao tempo, lugar, modo ou eventos acompanhantes. Tais equívocos devem-se à falta de percepção de todos os efeitos que brotam, incidentalmente, do oceano de causas e princípios. Mesmo os mais sublimes habitantes da "Terra do Verão", tal como os nossos astrónomos e matemáticos, percebem as causas e leis que inevitavelmente gerarão certos efeitos naturais.

Mas quão extraordinária clareza de percepção é necessária! Que precisão filosófica de julgamento é exigida!

E, no entanto, quão imensamente difícil é, para qualquer cidadão dos céus, impressionar com exatidão toda a mente de uma única pessoa na Terra. Os atos

humanos imprevistos, a quebra repentina de um dos muitos fios da intrincada teia da vida, as forças internas da mente do médium que possa receber tais impressões — pense-se em todas essas interferências e interrupções incontroláveis ao longo das vastas linhas da profecia, e facilmente se perceberá o quão excessivamente difícil — ainda que não impossível — é para uma mente terrena prever com infalível certeza todos os eventos da sua carreira, ou da de uma nação.

Assim é que a natureza humana está constantemente a surpreender-se a si própria, limitada como está na expressão dos seus dons intelectuais e espirituais. E assim é que a humanidade prossegue sempre em frente, desdobrando "algo de novo".

George Washington não previu as imensas possibilidades da América civilizada em que vivemos hoje; nem o profundo Benjamin Franklin anteviu as maravilhas do telégrafo elétrico; nem qualquer dos antigos profetas previu os prodígios da comunicação espiritual que coroam o desenvolvimento religioso dos nossos dias. E porquê? Porque a cada um deles — como a nós — foi sabiamente negado o dom da omnisciência: o poder de conhecer o fim desde o princípio.

PALESTRA XXIV

AS FONTES DA FELICIDADE

E DA MISÉRIA HUMANAS

(Consideradas Filosoficamente)

Muitas pessoas têm-se admirado com as misteriosas providências de Deus. As múltiplas e diversas chamadas "dispensações" do Poder que governa os habitantes da Terra têm, há muito, confundido os sábios e encantado os ignorantes. Supõe-se — ou afirma-se — que os caminhos de Deus estão para além da compreensão humana, e que a Sua sabedoria é insondável.

"Poderás tu, com a tua busca, encontrar Deus? Poderás descobrir o Todo-Poderoso em perfeição?" A Sua perfeição "é tão elevada como os céus: que poderás tu fazer? Mais profunda que o inferno: que poderás tu saber?" — tais foram as meditações do autor do livro de Job, no Antigo Testamento. Este autor revela o mais elevado e raro talento poético no seu drama intitulado *"A Doença, o Diabo e a Divindade."*

Todas as doenças físicas são por ele atribuídas às misteriosas dispensações da Providência; bem como toda a sua impaciência, inquietude e rebeldia, derivadas das suas aflições. Tudo é diretamente atribuído a causas sobrenaturais; e a doutrina das providências especiais derivou-se principalmente de tais poemas teológicos, como o que adorna o livro de Job.

Segundo este autor, o homem deve atribuir as circunstâncias comuns e os acidentes da vida a intervenções divinas — como as doenças hereditárias, as fomes, os fenómenos atmosféricos habituais (como a chuva) e até os castigos pelos atos considerados ímpios.

"Ainda que," diz o autor, "a aflição não venha do pó, nem a tribulação brote da terra; o homem, contudo, nasce para o sofrimento, tal como as faíscas voam para cima."

Daqui decorrem os efeitos nocivos de uma crença deste tipo. O autor não concebe que está a viver as consequências da violação de certas leis físicas ou orgânicas da natureza; nem que a libertação das suas aflições depende do seu regresso à obediência dessas mesmas leis. Em vez disso, ao supor que Deus é a causa directa das doenças e castigos, decide elevar as suas preces ao Céu, e assim suplica novas dispensações sobrenaturais sob a forma de perdão e misericórdia:

"Eu buscaria a Deus, e a Ele entregaria a minha causa; Ele que faz grandes e insondáveis coisas; maravilhas sem número; que dá a chuva à terra e envia água aos campos... Bem-aventurado é o homem a quem Deus corrige; porque Ele fere, mas também ata; Ele fere, mas as Suas mãos curam; na fome, redime-o da morte; na guerra, do poder da espada."

Se este livro do Antigo Testamento for considerado à luz de um Poema Épico — uma ficção elevada, destinada a melhorar a moral e a inspirar amor pelo Supremo — então é tão valioso como qualquer outro texto da literatura inglesa. Mas se for recebido como um relato fiel de acontecimentos reais, torna-se um dos mais formidáveis obstáculos ao progresso e bem-estar da humanidade. Ensina a doutrina repulsiva de que as doenças e a infelicidade fluem da vontade e das decisões do próprio Deus. Ensina que o homem deve ser feliz mesmo quando está doente e aflito, pois tais calamidades seriam provas da atenção e cuidado divino.

Ensina também que qualquer perturbação orgânica pode ser eliminada por meio da oração e da súplica; e reforça ainda a antiga doutrina tartárea segundo a qual o Ser Supremo está perpetuamente irado e aborrecido com a maioria da humanidade. Assim, Job exclama:

"Oh, se o meu pesar fosse bem pesado, e a minha calamidade posta na balança! Pois agora é mais pesada que a areia do mar; [e aqui surge a explicação sobrenatural e a doutrina tartárea:] as setas do Todo-Poderoso estão em mim, cujo veneno consome o meu espírito; os terrores de Deus se alinham contra mim!"

Isto é extremamente sublime, terrível, trágico — mas não menos erróneo, e prejudicial ao aperfeiçoamento humano. O autor havia negligenciado a obediência às leis orgânicas da sua constituição, e sofria, na verdade, as consequências dos seus próprios excessos e ignorância. Mas acredita que o seu castigo lhe foi infligido directamente por Deus, e espera, com fervorosas lamentações, comover o Senhor para que alivie os sofrimentos que ele próprio atraiu, ainda que inconscientemente.

As consequências de crer numa doutrina assim são bem visíveis nas obras de autores evangélicos. Mesmo os melhores deles revelam uma profunda ignorância quanto à natureza e invariabilidade do governo divino. Todos acreditam em “providências misteriosas”, em “dispensações divinas”, em intervenções sobrenaturais de Deus nos assuntos dos homens. Todos demonstram total desconhecimento das leis da mente, e os seus ensinamentos são transmitidos às classes mais pobres e menos instruídas.

Há apenas vinte e um anos, foi publicado em Edimburgo um livro que defendia tais doutrinas. Por exemplo: o Sr. Erskine, um clérigo muito estimado, descrevendo o estado mental da sua esposa, escreve:

"Durante um ou dois meses, as setas do Todo-Poderoso estavam dentro dela, e os terrores do Senhor organizavam-se contra ela."

Sem perceber que as causas naturais produzem sempre efeitos naturais, este clérigo chamou, para auxílio da esposa — *não as leis da natureza*, mas sim outros clérigos vizinhos, para rezarem por ela! No entanto, *"ela continuava a acusar-se de ter cometido o pecado imperdoável"*, e afirmava estar "perdida e abandonada por Deus."

Eis aqui o efeito pernicioso da doutrina ilustrada no Poema Épico de Job! O clérigo acreditava que Deus afligira a sua esposa por algum desígnio misterioso, quando a verdadeira origem do sofrimento residia no desequilíbrio das suas faculdades morais e intelectuais. Uma mente religiosa, dotada de uma grande faculdade de Cautela e pouca Esperança, tende naturalmente a criar imagens de um futuro sombrio, e a sentir-se atormentada pela ideia do pecado imperdoável.

Um intelecto brilhante, psicologicamente dominado pelo Medo ou pela Cautela, é o tipo de mente que facilmente acredita na doutrina do inferno, e é capaz de descrever as “grandes provas”, as “severas aflições” e os “laços” que os eternamente condenados supostamente sofrem nas regiões infinitas da miséria eterna.

Todos os poetas cristãos — Milton, Bunyan, Pollok, etc. — foram moldados por este tipo de estrutura mental defeituosa; e se tivessem conhecido menos das leis de Moisés e mais das leis da Natureza, teriam talvez aberto espaço para uma fé mais harmónica.

Examinemos agora os princípios do governo Divino, tal como se manifestam na constituição do ser humano; pois verificar-se-á que as verdadeiras fontes da felicidade estão ocultas no tema que vos apresento agora à consideração. Por “princípios”, entendo regras de ação. Na natureza, tudo — quer seja animado ou inanimado, racional ou irracional — é regido por um conjunto de regras ou leis que são universais e invariáveis.

A minha impressão é agora a de reunir todas as anteriores definições das leis da natureza numa forma ou categoria, tal como tem sido adotada por três ou quatro autores ao longo do último meio século. Parece-me que os princípios que o Criador instituiu para o bem-estar e governação do ser humano podem ser classificados em

três tipos de leis: Físicas, Orgânicas e Morais. Uma breve definição da relação entre estes princípios em movimento é agora considerada necessária.

I. As Leis Físicas

As leis físicas são os princípios que regulam as formas e os fenômenos gerais do mundo exterior. Governam as circunstâncias externas e, também, em larga medida, o organismo material do homem. Estas leis físicas são designadas, nas obras modernas de Filosofia Natural, por combustão, decomposição, coesão e gravitação. São leis fixas e invariáveis, operando com tanta precisão e potência num domínio da criação como noutro.

II. As Leis Orgânicas

As leis orgânicas dizem respeito a todas as formas fisiológicas ou funcionais da matéria. Diferenciam-se das leis físicas por dizerem respeito, exclusivamente, ao domínio da matéria organizada, ou seja, àquela que possui forma, força e movimento. Referem-se, em particular, ao homem, ao lado material da sua natureza; e a sua saúde física, harmonia e felicidade dependem, em grande parte, da operação contínua destas leis no seu corpo.

III. As Leis Morais

As leis morais atuam exclusivamente no plano mais elevado da Criação. Referem-se diretamente a seres racionais, inteligentes, morais ou espirituais. Estas leis imprimem na alma o sentimento de Justiça; a consciência inata do Bem e do Mal — o sentimento de deveres a cumprir e de obrigações morais a observar. A lei moral é ativa apenas na mente humana. É a mais importante de todas, e por isso está implantada na constituição mental do homem como a árvore do conhecimento no mítico jardim do Éden.

Dado que o ser humano é construído sobre princípios físicos, orgânicos e morais — todos eles fixos e invariáveis —, segue-se que a sua felicidade depende da obediência a essas leis. Desobedecê-las e ignorar os seus requisitos positivos conduz, inevitavelmente, à deformação e à miséria. A obediência traz sempre a sua própria recompensa; a desobediência, o seu castigo correspondente. Ou, para dizê-lo filosoficamente: toda a ação é sucedida pelas suas consequências naturais e legítimas.

O governo de Deus, portanto, pode dizer-se que assenta, no que diz respeito à humanidade, sobre as leis físicas, orgânicas e morais; e que todas as recompensas e castigos, todas as penalidades e aflições, não provêm de qualquer ato voluntário ou intervenção especial da Divindade, mas sim da obediência ou desobediência do homem a essas leis estabelecidas.

Assim, está ao alcance do homem ser feliz ou infeliz. Os meios para alcançar a felicidade estão à sua volta e dentro de si, prontos a serem utilizados conforme a sua sabedoria e natureza o exijam. A Divindade não envia do céu recompensas por boas

ações, nem castigos por más ações, porque as Suas leis são suficientemente perfeitas para distribuir, com justiça, felicidade ou sofrimento ao obediente ou ao transgressor, sempre em estrita harmonia com o grau de fidelidade ou com a magnitude da transgressão dessas leis universais e inexoráveis.

Esta filosofia, como devem ter notado, baseia-se na Natureza, e não nas doutrinas inculcadas no livro de Job. De acordo com esta filosofia do governo e castigos de Deus, nunca há necessidade de providências especiais ou dispensações divinas misteriosas. As leis da Natureza são suficientes para atribuírem todas as recompensas e todos os castigos justos. Vejamos agora alguns exemplos.

Primeiro: a operação da Lei Física no homem

A lei física, como disse antes, refere-se ao mundo material ou exterior, e também ao corpo físico do ser humano. E pode ver-se que esta lei não pode ser transgredida sem que haja uma quantidade apropriada e correspondente de castigo.

Se um homem se lançar do topo de uma árvore, cairá inevitavelmente ao solo, e sofrerá as consequências naturais da violação da lei física. De acordo com essa mesma lei, uma pedra lançada ao ar voltará ao chão. Pela mesma lei, a lua, o sol e as estrelas movem-se pelos céus sem se chocarem entre si nem com a Terra. Segundo esta lei, as flores desabrocham para cima; os vapores ascendem para formar chuva, e a chuva cai para regar o solo. Graças a esta lei, todo o universo é mantido em equilíbrio eterno.

Ora, um homem perfeitamente justo, no que diz respeito às leis orgânicas e morais, não está isento dos efeitos naturais desta lei. Mesmo o anjo Gabriel, num corpo físico, se atravessasse as Cataratas do Niágara, sofreria uma queda fatal ou perderia a vida material, simplesmente porque violou a lei física que governa o equilíbrio e a relação de todas as coisas.

E não faria qualquer diferença o facto de saber previamente quais seriam as consequências; nem sofreria menos caso tivesse infringido a lei por acidente; pois as consequências da transgressão da lei física aplicam-se igualmente ao homem ou ao animal, ao santo ou ao pecador, uma vez que não se trata de uma lei moral, e, por isso, não envolve punições morais. Uma árvore, uma pedra, um animal ou um homem, seriam igualmente recompensados ou punidos consoante a sua obediência ou desobediência a este princípio físico.

Esta lei regula a relação entre corpos animados e inanimados — entre aquilo que está e aquilo que não está em estado de organização funcional. De acordo com esta lei, um corpo organizado colocado sobre carvões em brasa acabará por se desorganizar como consequência da violação da lei. E qualquer criatura — animal ou humana — sofrerá exatamente o mesmo efeito se cometer a mesma transgressão. O tolo e o filósofo decompõem-se igualmente num forno completamente aquecido; ambos sofrerão os efeitos legítimos de ingerirem uma dose excessiva de cicuta ou de qualquer outro veneno.

Aqui, mais uma vez, a lei moral não entra em ação; pois homem e animal são tratados de forma igual sob o domínio das leis físicas e orgânicas, sempre proporcionalmente à extensão da obediência ou da transgressão.

Por outro lado, se um homem se colocar em harmonia com as leis orgânicas, é certo que experimentará uma felicidade correspondente. Mas se se colocar fora dessa harmonia, tornando-se intemperado na alimentação, no exercício e na satisfação dos apetites inferiores, sofrerá dor e doença física — mesmo que, ao mesmo tempo, seja a pessoa mais religiosa e filantrópica do mundo.

Deixem-me, por fim, ilustrar-vos a operação das Leis Morais.

Estas leis dizem respeito, particularmente, à mente. São elas que dão origem a todas as ideias de dever, de certo e errado, de responsabilidade individual. Um homem é sempre castigado na proporção em que infringe o seu sentido de justiça — mesmo que esse sentido esteja pouco desenvolvido ou, nalguns casos, seja inteiramente fruto da educação.

Um animal selvagem, que não tem qualquer ligação com a lei moral, pode destruir inúmeras vidas humanas sem experimentar o menor remorso ou perturbação de espírito; mas um homem, que tem a lei moral gravada na sua natureza — “não matarás” —, se tirar igual número de vidas humanas, sofrerá internamente numa medida proporcional à força das suas convicções acerca do certo e do errado.

Aqueles que não sabem raciocinar segundo os princípios do Governo Divino andam sempre nas trevas quanto às supostas “providências misteriosas” e “dispensações” do Altíssimo. Para essas pessoas, o mundo está repleto dos “mistérios da piedade”, e os caminhos de Deus são obscuros e insondáveis. Não conseguem compreender — admitindo verdadeira esta filosofia de recompensas e castigos — como é que um homem bom e piedoso pode estar frequentemente aflito com doenças e dores, enquanto um homem maldoso e blasfemo goza frequentemente de plena saúde. O problema do “sucesso do ímpio” enquanto o justo fracassa continua por resolver na mente de muitos.

Contudo, eu não vejo mistério nenhum nisso, porque aprendi a distinguir entre as leis físicas, orgânicas e morais.

Ninguém é absolutamente justo. Um homem pode desprezar completamente os requisitos da lei moral, mas cumprir perfeitamente as exigências das leis físicas e orgânicas. Consequentemente, mesmo sem paz ou alegria interiores, terá saúde física e vigor orgânico como resultado da sua obediência às leis inferiores da sua natureza.

Outro homem pode negligenciar as leis físicas e orgânicas — comer em excesso, demasiado depressa, com demasiada frequência, fazer pouco ou demasiado exercício, viver com diversos excessos — mas ser, ainda assim, um homem honesto, piedoso e hospitaleiro, que cumpre os Dez Mandamentos, e que “não caminha pelo seu jardim ao domingo”, mas que vai devotamente à igreja... E, não obstante, pode estar a sofrer, como o Poeta Job, com graves aflições corporais. A doença lançou

sobre ele a sua mão impiedosa; está privado de muitas das alegrias físicas e intelectuais. E, se for um clérigo, é provável que diga:

“As setas do Todo-Poderoso estão cravadas em mim, o veneno delas devora o meu espírito; os terrores de Deus alinharam-se contra mim.”

Muitas pessoas não percebem a justiça na administração de recompensas e castigos nestes dois exemplos; e daí concluem que é necessária uma retribuição futura. Mas um pouco de reflexão esclarece tudo. Um homem está doente porque sofre as consequências de ter violado as leis físicas e orgânicas do seu ser; o outro homem goza de boa saúde porque, embora viole as leis morais, mantém-se em harmonia com as leis inferiores. Assim, o homem moral sofre por transgressões físicas, e o homem físico sofre por transgressões morais.

Não pode haver confusão no funcionamento destas leis: operam, até certo ponto, independentemente umas das outras, e sempre com justiça perfeita. Um homem colherá, com certeza, aquilo que semear. Estas leis “dão a cada homem segundo as suas obras”, nesta vida presente. Se ele semeia trigo em Lisboa, colhe em Lisboa — não no Porto ou em Madrid. E se semeia joio, não colherá trigo em troca! Assim se manifesta a justiça de Deus, exercida sobre cada homem na Sua providência universal.

Por vezes pergunta-se:

“Como pode um homem ser castigado nesta vida, se cometeu os piores crimes — se manchou as águas do oceano com o sangue de centenas de homens bons, piedosos e virtuosos?”

A minha resposta é simples:

Primeiro, esse homem violou a lei moral; por isso, se há de ser castigado, tem de o ser com um castigo moral.

Segundo, a sua punição será sempre proporcional à sua consciência interior do erro cometido — ou seja, as consequências das suas transgressões morais recairão sobre ele de acordo com a consciência que tem do mal que fez.

Poderão então perguntar:

“É esse o único castigo que um homem tão perverso recebe?”

E eu respondo: As Leis da Natureza estão tão bem dispostas, e funcionam com tamanha precisão, que ninguém pode escapar às consequências dos seus atos, sejam eles bons ou maus.

Mas há quem conteste, dizendo:

“Há pessoas que sofrem mais por cometer um pequeno roubo do que outras por assassinar. E há quem sofra imenso ao cometer o primeiro homicídio, mas cometa o segundo com menor perturbação, e o terceiro com aparente prazer.”

Sim, à primeira vista parece uma objeção difícil à filosofia que vos apresento. Mas é apenas aparente.

Devemos, como disse um sábio, “julgar com justo juízo, não segundo as aparências”.

Se pudéssemos ver o íntimo desse homem perverso, reconheceríamos nele a natureza do seu castigo — as consequências ou penalidades dos seus crimes estariam claramente gravadas, não por um anjo nos céus num livro divino, mas pelo anjo da sua própria consciência, no âmago da sua estrutura moral.

Permitam-me ilustrar melhor esta ideia.

Todos reconhecem que as mentes mais belas e harmoniosas são as mais aptas a experimentar uma alegria sublime e celestial.

O ouvido mais apurado capta os sons mais belos;

O olho mais sadio vê as cores mais puras;

O corpo mais saudável tira maior prazer da vida física;

E as faculdades morais mais sensíveis são as que mais profundamente gozam da felicidade espiritual.

Também reconhecerão que aquele que prejudica a sua saúde física sofre dor, mas, além disso, fica privado de muitos prazeres corporais. De igual modo, aquele que perturba ou embota as suas faculdades morais não só sofre imediatamente as consequências desse choque, como também compromete a sua capacidade de gozar das alegrias interiores mais elevadas.

Suponhamos, por exemplo, que colocam um dedo no fogo. Segundo a lei orgânica, esse dedo sofrerá desorganização — os tecidos e nervos perdem as suas propriedades normais, e o ato será acompanhado de dor intensa.

Mas se repetirem esse ato muitas vezes, acabará por haver destruição completa, e seguir-se-á insensibilidade. A dor será, então, a menor parte do castigo. Agora podem colocar o dedo no fogo sem dor. Mas a pior parte do castigo está na perda do dedo — na incapacidade de o usar com prazer, como antes da transgressão.

Suponhamos, agora, novamente: que violas a lei orgânica através do uso imoderado de bebidas alcoólicas. Ao início, o castigo manifesta-se por meio de letargia, dores de cabeça, náuseas, etc.; mas, pela repetição frequente destas transgressões orgânicas, torna-se possível ingerir as mesmas quantidades sem qualquer efeito sensível. Continuas com o hábito, sem sofrer como no início. Surge, então, a pergunta:

"Como é que este transgressor é punido de acordo com os seus atos?"

Respondo: é punido pela diminuição das suas capacidades de gozo. É verdade que há algum prazer na satisfação desenfreada dos apetites animais — mas esse prazer é do mesmo género que experimenta o animal bruto: é baixo, bestial e miserável. Assim, ele é punido na proporção da gravidade das suas ofensas.

Suponhamos ainda: tornas-te um pirata. És cruel, desonesto, e blasfemo. Desprezas completamente os requisitos da lei moral e, exercendo os teus poderes, tiras a vida a outro ser humano.

Durante o "calor do combate", pouco te importa o ato. Mas, quando chega a hora tranquila, os horrores desse ato encaram-te de frente com ar acusador. O sofrimento é intenso.

Mas embotas essa sensibilidade com álcool e depressa esqueces o primeiro assassinio ao cometeres o segundo. Este é logo seguido por um terceiro, e assim te habituas ao horror e à morte, sem grande remorso.

Agora pergunta-se:

“Como é que um homem assim é adequadamente punido pelas suas inúmeras transgressões da lei moral?”

Respondo: é punido por uma perda moral — ou seja, por ser privado dos gozos sublimes que compõem o estado celestial. O desenvolvimento e exercício adequados das faculdades morais e espirituais constituem a verdadeira felicidade do céu. Mas o pirata encontra-se num estado inferior, negativo; e os seus prazeres, mesmo os mais intensos, são meramente bestiais.

Assim, sofre a grande calamidade de uma natureza moral atrofiada ou subdesenvolvida.

Mas mesmo este castigo pareceria suportável... se não fosse o facto de que esta vida é apenas o início de uma existência progressiva e eterna! Um homem pode “cauterizar a sua consciência” com o hábito do crime, pode entregar-se à satisfação incontrolada dos apetites, pode rebaixar-se até ao nível dos animais... mas as consequências das suas transgressões não cessam com o ato!

Eis o ponto crucial. Devemos continuar a ser filósofos.

As consequências que resultam da violação das leis físicas e orgânicas geralmente cessam com a morte do corpo; mas a lei superior — a lei moral, que transcende todas as outras — vive imortal na alma humana!

Se um homem viola o seu sentido moral antes de adormecer, certamente sentirá as consequências na manhã seguinte — independentemente de acordar neste mundo ou no Mundo Espiritual! Ele leva consigo o registo das suas transgressões morais — gravado no seu próprio ser moral. E, ao despertar plenamente para a sua condição na Terra dos Espíritos, verá e sentirá as consequências legítimas dos seus atos, sejam eles bons ou maus.

Perceberá que o seu castigo consiste no baixo grau de felicidade de que é então

capaz. Compreenderá que negligenciou o desenvolvimento das suas faculdades morais e religiosas e que, em conformidade, é punido por ser privado daquelas alegrias superiores que os justos experimentam constantemente.

Cito agora George Combe, que afirmou:

"A ciência da natureza humana — animal, moral e intelectual — nunca foi tão necessária como agora, quando o homem parece empunhar um poder de gigante, mas usá-lo com a ignorância, teimosia e insensatez de uma criança mimada. A História ainda não revelou metade dos seus frutos, e não o poderá fazer enquanto a humanidade não possuir uma verdadeira teoria da sua própria natureza."

Muitos acreditam que veem provas contra o governo moral do mundo no facto de que pessoas sem grande mérito moral ou intelectual conseguem alcançar riqueza, prestígio e influência, enquanto outras, de méritos superiores, permanecem na obscuridade.

Mas isto explica-se facilmente: o sucesso na sociedade depende da posse das qualidades que essa sociedade mais valoriza naquele tempo.

Numa era bárbara, triunfam a força, a coragem e a perícia em combate. Numa sociedade como a da Inglaterra moderna, o sucesso pode vir da indústria comercial ou da eloquência política. Mas à medida que a sociedade avança moral e intelectualmente, exigirá cada vez mais essas mesmas qualidades aos seus líderes e heróis.

Se aventureiros políticos ou comerciantes sem escrúpulos fossem tão felizes quanto parecem bem-sucedidos; Se nações fossem tão prósperas sob o domínio de guerreiros cruéis como sob líderes sábios e benevolentes; Se o povo vivesse tão serenamente sob governos corrompidos como sob administrações honestas e justas — então sim, poderíamos duvidar do domínio de um Criador justo.

Mas os factos são justamente o oposto.

Existem ainda outros pontos de reflexão, relacionados com este tema, aos quais me irei, em futuras ocasiões, dedicar com maior atenção. Mas por agora concluo este discurso, exortando-vos à mais estrita obediência a todas as leis do vosso ser. Para a felicidade física, obedecerei às leis físicas; para a felicidade orgânica, obedecerei às leis orgânicas; para a felicidade moral, obedecerei às leis morais.

Mas lembrai-vos de que nenhum destes conjuntos de leis pode ser violado sem que, de algum modo, se perturbe a paz do organismo e da vida como um todo.

A lei moral possui uma superioridade sobre todas as outras leis; e esta é a mais importante de todas as que o ser humano deve observar.

Nela reside a verdadeira fonte da felicidade, e aquela paz que o mundo não pode dar, nem tirar.

PALESTRA XXV

UMA BREVE EXPOSIÇÃO DO SATANÁS

QUE TENTOU JESUS DE NAZARÉ

Ocasionalmente, pode ser apropriado e útil escolher um texto e pregar um sermão. E, no entanto, existem claramente dois males que decorrem deste costume, tão universalmente adotado em toda a Cristandade.

Um dos males manifesta-se na natureza do discurso que se segue ao texto. Uma mente seleciona uma passagem do Velho ou do Novo Testamento, escreve-a no início do manuscrito, e depois concentra todas as suas energias em elaborar um sermão que se conforme estritamente com a letra e o espírito da passagem. Ora, isto é um mal. E, no entanto, a mente é, de certa forma, disciplinada por este método. Mas o mal consiste na determinação, por parte do clérigo — ou de quem quer que siga este hábito — de escrever apenas aquilo que o texto parece implicar, ou algo próximo disso, e deixar que o sermão seja aceite como verdade.

Boas máximas são bastante sugestivas, e podem ser usadas como motes para um discurso, mas construir um sermão apenas a partir da sugestão de uma passagem é impedir que a mente se abra a inspirações mais frescas.

O sermonear sobre textos tornou-se uma profissão, como qualquer outro ofício. Requer, no entanto, considerável talento inato e energia mental para que essa profissão seja bem-sucedida e atrativa. Se um homem pretende escrever o seu discurso com referência especial à letra do texto, então precisa de não pouca genialidade para analisar e expandir o pensamento dominante.

O seu talento deve manifestar-se no comentário. Tem de ser hábil a criticar o significado — mostrar algum domínio ao recuar às derivações gregas e hebraicas — deve saber ler o texto latino, e assim está seguro na comunidade. O povo aprecia-o — vai ouvi-lo pregar — e ele tem a sua ocupação garantida. É um expositor agradável de textos, e faz a Bíblia dizer exatamente aquilo que se ajusta às opiniões da sua denominação.

Ora, isto está errado. É positivamente prejudicial para a mente; pois ela não pode expandir-se sob a influência mecânica de tal prática. As portas e janelas da alma fecham-se a tudo, exceto à exposição denominacional do texto selecionado.

As faculdades intuitivas da natureza interior enfraquecem. As energias racionais ficam limitadas na sua atuação, e todo o ser interior é forçado a alimentar-se apenas do suposto espírito da passagem em questão. Ora, quão mais sábio seria, e consequentemente mais benéfico, procurar no templo grandioso da Natureza pela Verdade, e, quando a mente buscadora chega a um princípio, por desenvolvimento interno, encontrar esse mesmo princípio já expresso por outra mente em linguagem apropriada — e aceitar tal expressão como prova de que a mesma Verdade foi vista e sentida por outro.

Deste modo, a alma encontraria os meios e caminhos do progresso. Cada pensamento teria então real e valioso significado. Mas se um homem faz da exposição de textos o seu ofício, como poderá ele desenvolver a sua mente? Como poderá saber se o texto é verdadeiro ou não? Como poderá distinguir entre a verdadeira inspiração e as imaginações de líderes e chefes religiosos? A sua alma não tem desenvolvimento individual, e, portanto, raramente expressa sentimentos que, como projéteis, poderiam demolir o mais elevado edifício de pensamento e erro erguido pelos mestres de outrora.

Outro mal que advém da pregação baseada em textos está patente no costume nocivo de escrever um discurso puramente especulativo, e depois procurar, como que para conferir autoridade divina ao conjunto, por passagens das Escrituras que se ajustem ao tema. Ora, esta prática é errada, porque impede a devida expansão mental. O orador nunca se sente inspirado a usar textos, nem como estímulo para o entendimento, nem como endosso a quaisquer ideias proferidas — sobretudo por causa da influência sectária e limitadora que esta prática necessariamente acarreta.

Mas nesta ocasião tenho um texto que me foi apresentado à mente. E, no entanto, a Razão é chamada a presidir à investigação dos seus significados; pois, sob a inspeção e jurisdição da Razão, pode este texto ser convertido num princípio de utilidade prática e clara. Se os clérigos permitissem que a razão, e não o texto, fosse o árbitro na análise de qualquer pensamento, o mundo teria a certeza de duas coisas importantes: menos pregação profissional, e mais Verdade genuína.

A vossa atenção é agora solicitada para as seguintes passagens:

MATEUS, IV. 8, 9, 10. *"O diabo levou-o (isto é, Jesus) a um monte muito alto, e mostrou-lhe todos os reinos do mundo e a glória deles; e disse: 'Tudo isto te darei, se prostrado me adorares.' Então Jesus disse-lhe: AFASTA-TE, SATANÁS!"*

Primeiro, consideremos o que este texto *não* significa.
Depois, procuremos descobrir o que ele *realmente* significa.

Mateus é o alegado historiador destas passagens. Mas isso é altamente questionável; pois este evangelho é "segundo Mateus", ou seja, talvez, como era suposto ou lembrado por outro escritor, tal como Mateus acreditava e relatava. Ora, ninguém afirmará que este relato foi escrito no momento exato em que a circunstância supostamente ocorreu. As grandes dificuldades que envolviam a arte da escrita naquele período primitivo são suficientes para provar que nenhum escriba teria escrito as palavras à medida que caíam da boca de Jesus.

Não — estas passagens estão redigidas no tempo passado e constituem um relato daquilo que a tradição preservou do esquecimento. Mas o que é que elas *não* significam? Não significam que Jesus foi tentado por um príncipe do mal, em própria pessoa. Este é o erro do historiador, que, pela sua fé na tradição e num sistema místico de ética, comum entre os antigos essénios, acreditava, sem dúvida, num espírito maligno invisível, que podia, à vontade, tornar-se visível, tomar qualquer forma e assumir qualquer aparência. A crença num espírito do mal —

numa verdadeira personalidade perversa — era, como ainda é, um resquício da mitologia persa e caldaica.

Não havia nenhuma Bíblia quando esta circunstância da “tentação” ocorreu. O Cristianismo estava ainda a nascer — o drama estava a ser representado — e, portanto, não poderia ter sido transcrito palavra por palavra, incidente por incidente, para o papel, visto que os alegados historiadores eram eles próprios atores proeminentes nos eventos. A tradição — e a memória da tradição — teve de fornecer os materiais para a formação do Novo Testamento. E entre outras coisas que foram registadas como acontecimentos reais, está o episódio que agora consideramos.

Mas eu afirmei que isto *não* significa que Jesus foi tentado por uma personagem satânica, embora perceba que o escritor acreditasse nisso. Portanto, vejamos agora o seu verdadeiro significado.

Significa, simplesmente, que Jesus ouviu, por vezes, os sussurros das suas paixões. Era um homem como os outros homens à sua volta; apenas mais espiritualizado e filantrópico do que eles. A sua mente, no entanto, era por vezes influenciada pelos elementos inferiores da sua natureza. Ele foi magnificado até ser considerado um ser sobrenatural; e por isso é difícil, para uma mente educada nesta crença, imaginá-lo como um Homem entre homens. Mas a Razão é agora a mestra deste texto, e assim chegamos a uma verdadeira interpretação do episódio.

Todos vós sabeis quão comum era, naqueles dias (e ainda hoje o é em alguns países), a personificação de sentimentos ou princípios. Fé, Esperança, Caridade — todas são apresentadas sob a forma humana; e os poetas fazem-nas falar e exprimir pensamentos. Existem deuses e deusas da poesia, dos divertimentos, da música, das flores, do verão, e personificações de todas as estações. Este costume foi também adotado por Jesus.

Quando ele se referiu às tentações apresentadas pelo diabo, queria simplesmente dizer as tentações dos seus amores e das suas paixões inferiores ou não espirituais. Satanás é o nome dado a um acusador, a alguém que calunia outro — um libertino — ou alguém que engana! Qualquer paixão indisciplinada da alma pode constituir esse Satanás. No texto, parece que Jesus denominou as sugestões do seu órgão de aquisição como tentações de Satanás. Quando ele ouvia os sussurros insinuantes da sua ambição de possuir, chamava a isso ser tentado pelo diabo. Esta linguagem é inteiramente figurativa.

Parece que Jesus estava a pôr à prova a sua própria força. Preparava-se para todas as eventualidades. Pôs à prova a sua capacidade de resistir à fome, jejuando por muitos dias. Mas, quando começou a duvidar do seu poder de operar milagres, chamou a essa dúvida uma tentação do diabo. Assim, o seu ceticismo levou-o a dizer a si mesmo: *"Ordena que estas pedras se tornem em pão."* Mas imediatamente a sua espiritualidade mais elevada levou-o a sentir e a dizer, em essência: *"Isso é demasiado materialista — o homem não vive apenas desse pão, mas de toda a palavra que procede da boca da Verdade."*

Depois, novamente, ele duvidou da presença protetora dos seus anjos guardiães. Portanto, propôs atirar-se do pináculo do templo, para testar se os seus espíritos guardiães o susteriam de uma queda desastrosa. Mas este teste ele considerou logo demasiado baixo e sensorial; por isso disse: "*Não tentarás o Senhor teu Deus;*" ou seja, é errado testar a espiritualidade com demonstrações materiais.

Assim também, o seu órgão de aquisição levou-o a questionar-se quanto à sua capacidade de resistir às tentações da riqueza. Esta paixão dizia: "*Adora Mamom, e eu dar-te-ei os reinos do mundo e a glória das riquezas.*" Esta foi toda a influência satânica presente na circunstância.

Quantas vezes o mesmo diabo tenta os nossos compatriotas a subir às altas montanhas do México, para aí contemplarem as supostas riquezas da Califórnia! Ou a escalar os altíssimos cumes da especulação comercial, para aí vislumbrarem os reinos do mundo e a sua glória! Ai! Que glória vã! Que alegria autodestrutiva!

Todo o homem é por vezes tentado, como o foi Jesus, pelas mesmas faculdades. Ceticismo, sensualidade, amor ao poder, amor às riquezas—estes são os elementos mal orientados da mente, que constituem todo o Satanás que existe no vasto universo. Estes elementos mentais são, por natureza, puros—só precisam de ser subjugados ao princípio da Razão. Mas como se faz isso? Respondo: principalmente por um juízo sólido e uma vontade firme e constante—pelo poder onnipotente da alma!

Quando fores tentado desta forma—faz como Jesus fez—diz à desorientação dessa paixão: "*afasta-te, Satanás*"—sê firme em querer isso; e podes estar seguro de que bons anjos estenderão a sua ajuda e tornarão a tua vida uma alegria contínua!

Neste contexto, sinto-me movido a apresentar-vos uma breve exposição de outra passagem das Escrituras:

LUCAS, XII, 5: "*Temei aquele que, depois de matar, tem poder para lançar no inferno; sim, vos digo, temei esse!*"

Segundo a letra da história, Jesus proferiu esta advertência. A vida, os ensinamentos e a morte desta figura são matéria de história—familiar a todos os habitantes da cristandade. É considerado por muitos como o único Filho de Deus; por outros, como um ser humano extraordinário—uma criança altamente desenvolvida do Pai universal. Aqueles que não o consideram o reflexo de Jeová—investido da disposição e do poder de salvar o mundo—reconhecem-lhe talentos acima de qualquer outro homem antes ou depois do seu tempo.

É divinizado pela sua mansidão, benevolência e sabedoria. O talento dos sacerdotes educados tem sido usado, durante séculos, para exagerar as suas idiossincrasias pessoais. Cada gesto seu foi contemplado com devoção; e a poesia estendeu-lhe a mão e banhou o seu carácter nos encantos místicos do mistério. As consequências de tudo isto vivem nas crenças populares. Todo credo tem o seu Ídolo—todo ídolo, um Altar—todo altar, um Sacerdote.

A alma humana tem necessidade de amar algo—o sentimento religioso interior precisa de um objeto ou personagem a quem reverenciar. Mas são poucos os que conseguem afastar-se suficientemente das aparências da vida para reverenciar um Princípio. Daí que as massas adorem objetos e figuras; não conseguem compreender a sublimidade celeste—a beleza e santidade eternas—que caracterizam um Princípio. O pensamento é demasiado profundo; a Verdade não é suficientemente física. Mas para os espiritualmente ou moralmente iluminados, todos os objetos e figuras tornam-se insignificantes, exceto como sinais de pensamentos e princípios.

São Paulo não é um ser a ser adorado, mas uma figura que deve permanecer no jardim da memória, como representante santificado do Zelo e da Consciência. Assim deve viver todo o homem; mas nenhum objeto ou pessoa merece a reverência devida a um Princípio.

Contudo, as impressões da infância são fortes. As primeiras convicções abrem canais profundos na mente, e neles fluem com uma determinação peculiar; por isso a maioria das pessoas acha extremamente difícil redirecionar os seus pensamentos. Alegro-me que a mente tenha sido constituída de modo a que as impressões precoces formem os canais mais profundos; porque quando a humanidade for mais sábia e melhor, saberá então quais convicções deve incutir nos seus filhos. É tão fácil aprender um bom hábito como um mau—tão fácil viver em harmonia com as Leis da Natureza como com as Leis do Estado. E quando os pais forem mais esclarecidos sobre a mente humana—como ela é constituída e capaz de receber impressões duradouras—então poderemos esperar melhores crianças; melhores homens e mulheres.

No estado atual da educação religiosa, a maioria das pessoas acredita que o autor do nosso texto era mais dotado de sabedoria do que qualquer outro ser conhecido na história. Esta ideia insinuou-se na nossa mente desde o berço. Os nossos pais ensinaram-nos essa convicção até à mesa de jantar. Os livros da escola dominical ilustraram-na para as nossas mentes infantis, e pensamos, desde cedo, acreditar firmemente nisso.

Não é com desejo de diminuir a vossa estima por nenhum ser bondoso que vos trago este novo pensamento. Somos advertidos, de forma enfática, a “*temer Aquele que tem poder para lançar no Inferno o corpo e a alma.*” Dizem-nos que não devemos temer aquele que apenas pode destruir o corpo—ou seja, não temer o homem, mas sim temer Deus! Porquê? Porque através do medo seremos levados à obediência.

Não tenciono comparar outros textos bíblicos sobre este tema, mas apenas apresentar algumas reflexões sobre a sabedoria desta advertência. Poderá dizer-se que estas palavras não nos foram dirigidas, mas sim àqueles que estavam à volta de Jesus. Isso não tem importância alguma; basta sabermos que são tidas como proferidas por alguém supostamente dotado da mais elevada sabedoria—expressas pelo alegado único Filho de Deus.

A raça humana tem vindo a desenvolver-se, passo a passo, durante incontáveis séculos. Começou no ponto mais baixo do desenvolvimento humano, e tem subido a

escada com um passo firme e progressivo. Passou por todas as fases intermédias de crescimento—do selvagem ao bárbaro, do bárbaro à civilização. A Árvore Humana tem crescido durante muito tempo—lançou muitos espinhos e ramos deformados—mas agora que o fruto começa a aparecer, prometendo amadurecimento e abundância, podemos facilmente aceitar as imperfeições resultantes do seu crescimento gigantesco, e aprender a compreender o sistema por inteiro.

Nas eras selvagens e bárbaras encontramos a Doutrina do Medo a prevalecer universalmente. O medo e a crueldade são gémeos—a mãe é a Ignorância!

A experiência do mundo mostra que nenhum ser pode ser beneficiado ou verdadeiramente reformado através do exercício do medo. O medo é o pai do ódio. Se um escravo serve o seu senhor por medo, então esse senhor é alvo de ódio e repulsa. Guerra, assassinato, inveja, malícia—tudo isto brota de um estado mental inferior; e o medo é uma das suas manifestações mais evidentes.

O medo pode obrigar à obediência, mas não pode tornar ninguém mais sábio, mais santo ou mais feliz. Todos os tiranos governam os seus súbditos pelo medo; mas nenhum súbdito pode ser verdadeiramente leal sob a influência degradante e brutalizadora do medo. As paixões podem ser travadas na sua impetuosidade pelo medo, mas não são educadas nem sublimadas. O medo pode derrubar o Império da Razão, espalhar a ruína e a desolação pelo domínio da alma, mas ninguém se torna melhor ou mais nobre pelo seu poder. O medo é filho da ignorância; pertence às eras bárbaras e aos estados mentais mais baixos.

E, no entanto, amigos, dizem-nos para “temer aquele que tem poder para lançar no inferno—sim, temeí-O.” Mas porquê havemos de O temer? Porque, segundo esta doutrina, ao temer o poder do senhor, obedeceremos aos seus mandamentos.

Ide a qualquer igreja chamada evangélica e ouvireis esta doutrina a ser pregada de uma forma ou de outra. Apela-se fortemente à faculdade do medo—o pregador adverte-vos para “vos preparardes para morrer—para fugirdes da ira vindoura.” Os motivos que vos são apresentados para serdes bons e caridosos são todos baixos e degradantes. Deveis arrepender-vos hoje—preparar-vos para morrer—e tornar-vos seguidores de Jesus. Porquê?

Será porque é razoável e gerador de felicidade ser bom e sábio? Não; nenhum motivo tão elevado vos é apresentado. Não deveis lutar pela bondade com base no benefício que isso trará para vós e para a comunidade universal dos homens; mas sim porque o pregador imagina que Deus está irado com os ímpios—porque há um inferno—porque há um diabo—porque é o único caminho “para fugir à ira que há de vir.” “Sim, digo-vos: temeí-O!”

E quais são as consequências de tal pregação? Eu respondo—essas consequências estão estampadas na mente das pessoas. Tornam-se políticos. Tudo deve ser feito por política ou conveniência; quase nada por Princípio. A doutrina do medo impede o desenvolvimento natural da mente—as faculdades morais não são fortalecidas nem desenvolvidas, mas apenas manipuladas pelo pregador habilidoso.

Se virdes um homem a fazer o bem sob a influência do medo—porque teme Aquele que tem poder para destruir tanto a alma como o corpo no inferno—então estais a ver um escravo miserável de uma política baixa e degradante. Ele serve o senhor porque teme o chicote! Esta doutrina sufoca toda a reverência pelo Princípio; e obriga a mente a adorar objetos e pessoas.

Aqueles que foram “convertidos”, como se diz, pela pregação dos terrores do inferno, normalmente não melhoram minimamente na parte moral da sua natureza. Um homem moral é um homem de Princípio! Ama o bem, a Verdade e a Sabedoria, não porque teme ir para o inferno se não as amar, mas porque essas virtudes são intrinsecamente belas e benéficas. Porque não roubam nem matam os discípulos do medo os seus vizinhos? Porque se abstêm dos vários vícios? São bons porque amam o que é Justo? Porque amam a paz na Terra e o amor fraternal entre todos os homens? Porque reverenciam um Princípio? Oxalá fosse assim! Mas a doutrina do medo não poderia jamais produzir tais manifestações elevadas de carácter entre os homens.

Certa vez, um pregador desta doutrina bárbara dirigiu-se a mim dizendo: “Senhor, considero o seu sistema pernicioso ao extremo. Ele destruiria todas as obrigações morais—abriria as comportas do vício—e encheria o mundo de crime e desolação. Digo-lhe com franqueza, senhor, se eu acreditasse como você—se eu não acreditasse num inferno, num diabo e numa retribuição eterna—entregar-me-ia imediatamente aos prazeres do pecado—roubaria, mataria, etc.—e deixaria toda a religião para me entregar às minhas próprias gratificações.”

Respondi, brevemente, que lamentava que ele não fosse um homem de Princípio; com uma melhor constituição mental. Ele agia unicamente a partir da sensação de medo. Não matava, simplesmente porque temia aquele que era capaz de lançar tanto o corpo como a alma no inferno!

Pode a alma humana melhorar sob a pregação de tal doutrina? Certamente que não há nela nada de humano—nada dessa nobreza celeste que pertence às esferas superiores. E, no entanto, amigos, quem foi que originalmente pregou esta doutrina? Soa-vos a Sabedoria de Deus? Poderia ter sido inculcada por um Filho Unigénito de Jeová? Podeis acreditar que sim, mas eu não acredito. No entanto, creio que foi ensinada por Jesus de Nazaré; que noutras ocasiões, e em melhores ânimos, disse que tudo dependia de “Amar o Senhor teu Deus com todo o teu poder, mente e força, e o teu próximo como a ti mesmo.”

Não há qualquer compatibilidade possível entre o Amor e o Medo. O Princípio do Amor é a grande alavanca da reforma. O Medo subjuga e paralisa a alma, mas o Amor eleva-a. Se eu servir Deus porque o amo, então sou beneficiado internamente e sou feliz; mas, nesse caso, não posso ao mesmo tempo obedecer ao outro mandamento—“Sim, digo-vos: temei-O”—pois Amor e Medo não podem ser praticados beneficentemente em relação ao mesmo ser. Por isso, sinto-me inclinado a concluir que os sacerdotes e poetas exageraram grandemente a Sabedoria do grande Reformador moral; pois nada é mais claro, nas páginas da história sagrada, do que o

facto de que, em várias instâncias, Jesus apelou à faculdade do medo para induzir e garantir a obediência às leis divinas.

Mas também é claro, por outro lado, que ele recomendava o Princípio do Amor como o grande agente da reforma. É igualmente verdade que, por vezes, ele identificava-se com um Princípio de Perfeição; de tal modo, de facto, que a maioria dos cristãos esquece o Princípio na sua reverência pela Pessoa. E isso está errado. Pois, na medida em que nos tornamos adoradores de homens, falhamos em abraçar aqueles princípios eternos de reforma moral que, só eles, podem beneficiar o homem e elevar a raça.

Outro trecho das Escrituras foi recentemente apresentado ao meu espírito para uma breve elucidação; e passo agora a desdobrá-lo diante de vós:

JOÃO III. 3 "Em verdade, em verdade te digo: se um homem não nascer de novo, não poderá ver o Reino de Deus."

A ideia popular do céu assenta na forma mais baixa de egoísmo. Está baseada no egotismo e numa individualidade de carácter estreita. Todos os grandes esforços feitos para alcançar o Reino dos Céus têm origem no sentimento de autoimportância e de consequência pessoal. Nada pode ser mais prejudicial ao sistema moral da comunidade do que as ideias correntes sobre o céu e o governo de Deus. Não há qualquer humanidade nessa doutrina. Refere-se unicamente ao bem-estar e felicidade individuais. Um Filho tem uma conta aberta com o seu Pai. A criatura está a fazer um negócio moral com o seu Criador. Cada um por si. Cada um tem uma conta separada.

O sistema de gestão é o da dívida e do crédito. Cada pensamento, palavra, ato e ação são anotados—os bons à direita, os maus à esquerda. E quando chegar o dia do acerto de contas, o balanço será feito até essa data, e todos os devedores serão forçados a pagar tudo, sem demora. Mas suponhamos que o indivíduo não tem como saldar a dívida? Suponhamos que não possui a quantia exigida? E então? Pois bem, segundo as doutrinas populares sobre o futuro, esse será tratado como os devedores do Estado do Connecticut em tempos idos—isto é, será lançado na prisão por dívidas!

PALESTRA XXVI

A AUTORIDADE DA FILOSOFIA HARMONIAL

Há uma simplicidade—uma beleza—uma majestade—uma santidade—uma grandeza celestial—uma imutabilidade inerente a um Princípio da Verdade, que raramente é percebida pelos habitantes da Terra. A alma estremece com tal conceção. As energias da Razão inflam-se numa força mais elevada, e os afetos acendem-se numa mais serena êxtase, ao pensar que a Verdade é a fonte de todas as realidades eternas— a origem de tudo o que é elevado, divino e infinito.

Mas perguntemos: o que é a Verdade? Segundo as minhas impressões, a Verdade é algo mais do que aquilo que dura apenas por um tempo. Qualquer coisa que seja temporária—fugaz e evanescente como a brisa passageira—não deve ser dignificada com o nome de Verdade, nem receber a estima que propriamente lhe pertence. A Verdade é a mesma ontem, hoje e para sempre. É sempre e em todo o lado a mesma. A Verdade absoluta é imutável. Aquele que ensina uma doutrina absolutamente verdadeira, não proclama algo que seja temporariamente certo; mas sim um substancialismo eterno, que assenta sobre a autoridade imutável de Deus.

Mas aquele que proclama algo destinado à decadência—a tornar-se obsoleto e inútil—não revela uma Verdade de Deus, mas apenas uma circunstância na constituição das coisas. Ele fala apenas de coisas; não daquele princípio imutável pelo qual essas coisas se mantêm unidas em harmoniosa concórdia.

Quando Isaac Newton viu a maçã cair ao chão, ele não considerou essa circunstância como uma Verdade eterna, mas simplesmente como uma ilustração de algum grande princípio natural. E quando ele sondou os segredos da criação e descobriu o que chamou de "Lei da Gravitação", traçou imediatamente uma linha de distinção entre a queda daquela maçã em particular e o princípio pelo qual todas as maçãs caem e os mundos giram.

Além disso, quando Newton verificou a existência da Lei da Gravitação, e quando comunicou a sua descoberta ao mundo, ele não apresentou algo privado e peculiar, baseado em evidência pessoal e histórica, mas sim uma Verdade absoluta e imutável, fundada sobre a autoridade de um Deus eterno. A Verdade da existência da Lei da Gravitação não assentava na autoridade de Newton, nem na queda de uma maçã, mas na existência de Deus.

Se assumirmos esta posição em relação à Verdade, então veremos que não existem muitas Verdades no universo. Não quero com isto dizer que, consequentemente, há uma grande multidão de falsidades; mas que o "mistério da Piedade" não é assim tão misterioso, complicado e incompreensível como fomos levados a supor. Newton não inventou a Lei da Gravitação, nem a encontrou; pois ela nunca se perdeu. Não era sua propriedade privada; pois era então, sempre fora, e continuará sempre a ser, a revelação pública e universal do espírito de Deus.

Nem era um mistério, um facto evanescente, destinado a desaparecer com as Revoluções dos tempos; pois aquele princípio que faz cair a maçã, também faz a

Terra girar, bem como todas as Terras do universo. Agora pergunto: o que merece ser chamado de Verdade—a queda da maçã, a rotação desta Terra, as rotações de todos os planetas, ou aquele princípio imutável e magnífico pelo qual o universo imensurável percorre os reinos do Infinito? Penso que a vossa resposta será—o princípio é a Verdade! Ora, com base nisto, percebeis que uma só Verdade governa inúmeras coisas. Assim, regressamos à proposição de que não existem muitas Verdades, mas sim inúmeros elementos nos campos ilimitados da Criação que nenhuma mente, exceto a de Deus, pode compreender de forma plena e imediata.

Desejo que compreendam claramente o que quero dizer com a dignidade da Verdade. Refiro-me ao facto de que aquilo que é a Verdade eterna de Deus é perfeitamente independente de qualquer ser humano; enquanto que aquilo que assenta sobre a autoridade privada e pessoal de qualquer indivíduo não é uma Verdade absoluta, mas sim um facto—uma coisa—ou uma circunstância, que, tal como o indivíduo sobre o qual assenta, está destinada a desaparecer.

O meu intuito é libertar as vossas mentes da superstição. Livre é, de facto, aquele a quem a Verdade liberta! Mas suponhamos que identificais pessoas com princípios, estareis então num estado de liberdade? Se acreditais na Lei da Gravitação porque Isaac Newton ensinou a sua existência, então a vossa fé assenta sobre uma autoridade pessoal, e não sobre a Verdade—consequentemente, quando Newton, como autoridade, morre, a vossa fé terá uma forte probabilidade de morrer com ele.

A Bíblia é, segundo muitos, a palavra eterna de Deus. É chamada a Verdade de Deus; mas a maioria dos crentes não distingue entre o livro em si e as Verdades que ele, sem dúvida, contém. E outros ainda confundem os escritores com as Verdades que escreveram—fazendo assim depender a divindade dos dez mandamentos de Moisés, e a doutrina da imortalidade de Jesus—enquanto que, se uma doutrina é eternamente verdadeira, não depende mais da existência de Moisés ou de Jesus do que a Lei da Gravitação depende da existência de Isaac Newton. A Verdade de Deus é absoluta—é vinculativa ontem, hoje e para sempre. Mas uma doutrina que dependa da autoridade individual pode ser uma total invenção da fantasia; e, como o inseto que esvoaça no seu breve momento de existência, a doutrina esvai-se nas sombras do esquecimento.

Se a Bíblia é a Verdade de Deus, então a existência do Livro não pode ser essencial. O dever que devemos a nós próprios—ao nosso próximo—ao Deus do universo; são assuntos de intuição. Um homem tem de sentir a ação desta Lei, caso contrário não pode ser objeto de responsabilidade. E se a sente, não há autoridades humanas que possam tornar essa intuição mais verdadeira. Aquele que consulta os seus poderes intuitivos obtém a convicção de algo semelhante à existência de um Deus; aprende esta Verdade a partir das operações da sua própria mente; da própria natureza do homem; e a ideia do seu dever para consigo e para com o próximo flui da mesma fonte.

Ora, se estes sentimentos dependem da existência e dos ensinamentos de Moisés ou de Jesus—ou do aval e da autoridade de quaisquer outras personagens ou circunstâncias—então não podemos ter a certeza de que, quando essas autoridades

morrerem, os nossos sentimentos não morrerão com elas. Pelo contrário, se a doutrina do amor ao homem e do amor a Deus é uma Verdade moral eterna, então era tão verdadeira e obrigatória antes de Moisés e Jesus viverem como o é agora, ou como sempre será.

Se a doutrina do Amor ao próximo assenta na autoridade pessoal de Jesus, então não era obrigatória antes de ele a ter ensinado—consequentemente, se esta posição for assumida, é certo que o Antigo Testamento não continha a Verdade de Deus; porque, segundo a própria Bíblia, aquilo que era verdadeiro e obrigatório há seis mil anos, hoje é falso e inútil. E, com base no mesmo raciocínio, o que hoje é verdadeiro poderá, amanhã, tornar-se falso; pois tudo o que depende da autoridade humana para ser acreditado, é como um alicerce de areia, condenado a desmoronar e desaparecer.

Volto a afirmar, a minha intenção é libertar as vossas mentes da influência brutalizante da superstição.

Podeis pensar que não sois supersticiosos. Mas, se não o sois, por que razão evitais investigar a história da Bíblia e do Cristianismo? Se tomásseis um martelo e, diante do honesto bárbaro, começasseis a demolir o seu ídolo sagrado, ele prontamente se prostraria diante de vós e suplicaria que não tocásseis no seu Deus. As suas preces e lamentos quase despedaçariam o coração de quem é sensível.

Um homem benevolente cessaria o ato de destruição e dedicar-se-ia à iluminação daquela mente inculta. Mas que diríeis a esse idólatra? A resposta é clara. Diríeis o que os vossos missionários sempre dizem por vós—"Pobre pagão entenebrecido! Como te compadecemos na tua condição perdida. Oh, que o Senhor abra os teus olhos cegos e te faça ver a vacuidade dos teus Ídolos e a influência degradante da tua idolatria." Assim o cristão ora pelo pagão.

Sei que é com grande surpresa que o bárbaro ouve que é um idólatra—e do mesmo modo vos surpreendereis quando eu vos disser que, neste momento, me encontro no meio de idólatras! Esta é uma Terra de Idolatria. Sinto-me aqui na qualidade de missionário.

Quando sinto o impulso de vos mostrar como idolatrais livros e personagens, ergueis-vos com tons de reverência ferida, ou de indignação exaltada, e protestais contra a mente que procura destruir os vossos ídolos apenas através de um apelo à vossa razão.

O pagão diz—"Se me tirardes o meu Ídolo, que farei?" O cristão diz—"Se me tirardes a minha Bíblia, que farei?"

O pagão exclama—"Estou perdido, se me tirais o meu abençoado Chreechnar!" O cristão exclama—"Estou perdido, se me tirais a verdade tal como está em Jesus!"

O paralelismo é perfeito; apenas a idolatria do cristão é gerada e conduzida numa escala mais elevada—ainda que o tipo seja perfeitamente idêntico. Está, pois, demonstrado que ainda vos agarrais a ídolos—a objetos e a personagens.

Consequentemente, não alcançais aquela firme e eterna compreensão da Natureza da Verdade que elevaria as vossas mentes acima da adoração do homem e de todas as formas de superstição. Quando acreditamos que o Cristianismo assenta sobre a autoridade privada e pessoal de Jesus, colocamos então a nossa fé à mercê do estudante de Geologia e Astronomia.

Quando acreditamos que o Cristianismo se sustenta com base no conteúdo do Novo Testamento, expomos a nossa fé à mercê do investigador imparcial, que procura saber no que acreditar, e não apenas sustentar um dogma preferido.

É com alegria que acredito que tudo o que é essencialmente verdadeiro no Cristianismo não depende mais da autoridade de Jesus, ou do Novo Testamento, para existir, do que a Lei da Gravitação depende da autoridade de Newton, ou a circulação do sangue do testemunho pessoal do Dr. Harvey.

Se o Cristianismo for verdadeiro, então Deus escreveu-o nas largas páginas da Criação—no coração humano—no seio cristalino das Leis imutáveis da Natureza. Ele assenta então sobre o mais alto e puro fundamento—sobre a Rocha das eras eternas; a Verdade eternamente infalível e imutável! E quão seguro é tal fundamento para todas as doutrinas cristãs repousarem! pois, nesse caso, mesmo que todos os profetas, evangelistas e apóstolos fossem entusiastas iludidos; mesmo que o grande Reformador moral fosse ele próprio vítima de muitos erros; ainda assim tudo permanece igual—a Verdade permanece inabalável e inalterada.

Suponhamos que se provasse que os Evangelistas se enganaram em mil coisas, ou que toda a Bíblia teve origem em seres humanos; deixariam então de ser Verdades a existência de Deus, a imortalidade da alma, a Lei do Amor universal, as nossas obrigações para com o homem e para com a Divindade?

Não, não. Aquele que formou este vasto universo escreveu toda a Verdade que há no Cristianismo, ou em qualquer outro sistema, de forma imperecível na constituição das coisas. A Natureza é a única autoridade infalível. Pois a Bíblia é feita de papel, cartão e tinta. Depende de dez mil contingências. Uma ligeira variação do tempo verbal pode tornar passados em futuros, e futuros em passados, um erro tipográfico pode alterar todo o sistema do Cristianismo—e nunca poderemos ter certeza absoluta de que temos, em qualquer caso específico, as palavras exatas de Jesus; pois o Cristianismo histórico—isto é, o relato do que Jesus fez e disse—não foi escrito segundo ordens expressas dele, mas tudo foi escrito “segundo Mateus, Marcos, Lucas e João.”

Agora, não se pode disfarçar o facto de que os Apóstolos se enganaram em vários pontos—que houve longas discussões sobre quais livros deveriam constituir o Cânone Sagrado—isto parece obra de Deus? Todos os escritos de Paulo foram rejeitados na primeira compilação do Novo Testamento; na segunda revisão, foram aceites e considerados inspirados.

Mas o arauto da (assim chamada) Igreja da Nova Jerusalém—Emanuel Swedenborg—rejeita, por sua vez, todos os escritos de Paulo, e declara-os

totalmente não inspirados. Os Presbiterianos, e outras seitas, consideram que Swedenborg não tinha autoridade para decidir que livros deveriam constituir o Cânone Sagrado; mas eu penso que Swedenborg tinha tanto direito quanto o Imperador Constantino e os seus bispos favoritos.

Voltemos então a perguntar: O que é a Verdade? Esta é a pergunta das perguntas—o princípio, meio e fim de toda investigação! Surge com os elementos da vida; percorre com eles todos os labirintos da existência; e lança os seus brilhantes jatos infinitamente mais alto do que a mais ambiciosa imaginação pode alcançar. Esta pergunta transcende todo o pensamento, e estende-se para além de toda conceção possível; pois é o cinto dourado que cinge o infinito, a coroa cravejada de joias do universo espiritual.

Mas como pode uma pergunta de tamanha magnitude receber uma resposta adequada? Pode uma questão que o grande Reformador moral, ele próprio, não pôde ou não quis responder, ser respondida por nós? De facto, pareceria que nem a mente de um anjo seria capaz de responder a um interrogativo tão sublimemente elevado e abrangente; no entanto, parece-me que está marcada pelo Divino com uma definição muito simples e imperecível. Mas examinemos primeiro as respostas que poderiam emanar de diferentes partes da Terra, a esta questão de tão vital e universal interesse.

Imaginem-se a viajar na bela terra da Pérsia. Do seu céu límpido, o sol emite uma luz dourada suave, os pássaros cantam, as águas murmuram, e a Natureza, por toda a parte, exhibe beleza e alegria. A vossa mente rende-se à meditação. Contemplais o mundo dos objetos à vossa volta, o sentimento religioso desperta; pensam na vossa própria crença, aquela que vos foi ensinada, e inconscientemente perguntam em voz alta—“O que é a Verdade?”

Sois ouvidos por um adorador do fogo que se encontra próximo, e ele responde-vos— “O Zenda Vesta!” Este livro é a sua Sagrada Bíblia. Contém toda a Verdade. É a Verdade. Diz-lhe para adorar o objeto mais brilhante da Natureza, e por isso ele ajoelha-se e adora o sol resplandecente. O Sol é o seu Deus, ou melhor, é o lugar onde imagina que o seu Deus reside em luz; e este fiel discípulo da sua crença, da doutrina que lhe foi ensinada, exorta-vos a adorar a Verdade. Mas vós duvidais da sua religião; considerais a sua Bíblia uma invenção de algum impostor; e deixais o persa à sua idolatria.

Prossegui viagem, e por toda a parte a Natureza continua a sugerir a mesma questão— “O que é a Verdade?” O brâmane, o chinês, o turco, todos vos remetem para as suas Bíblias, para os seus objetos de adoração, para os fundadores das suas doutrinas e instituições religiosas.

Mas vós duvidais de todos. E finalmente chegais à Cristandade; talvez a Hartford. Aqui, nesta terra civilizada, sentis confiança de que a vossa pergunta poderá ser respondida satisfatoriamente.

Encontram alguém na rua e perguntam— “Pode dizer-me o que é a Verdade em matéria de religião?” “Sim,” responde ele, “com todo o gosto; encontrará isso

explicado nos Comentários de João Calvino sobre as Sagradas Escrituras.” Mas um vizinho batista, ouvindo a conversa, comenta— “Sim, pode encontrar muita Verdade nos escritos teológicos de João Calvino; mas, meu amigo, permita-me recordar-lhe uma certa passagem da Escritura que diz ‘Aquele que crê e for batizado será salvo, mas aquele que não crê será condenado’, etc.; ora, esta passagem Calvino interpreta mal; o batismo não é uma simples aspersão, consiste em imersão total.”

Mas um membro de uma seita muito liberal, escutando o debate, observa— “Parece-me que tendes uma visão demasiado sectária. Um chama-se ‘Baptista’, outro ‘Calvinista’; mas, como encontro alguma verdade e muitos erros em todas as seitas, tomo apenas a Bíblia como o meu padrão. Considero-a o plenum da Verdade; embora veja nela muitas coisas que o meu entendimento limitado não me permite analisar e compreender por completo. Não obstante, recomendo que procure a Verdade apenas nessas páginas inspiradas; ore por iluminação e leia com sinceridade.”

É assim o mundo. A pergunta— “O que é a Verdade?” —é respondida em todo o lado segundo as convicções educacionais do indivíduo. O adorador do fogo é tão honesto como o turco; e este, tanto como o cristão. Portanto, para obtermos algo semelhante a uma resposta razoável a esta pergunta, devemos despir as nossas mentes de todas as opiniões preconcebidas, e interrogar as mais profundas intuições da nossa natureza.

Lembrem-se, amigos, podemos consultar o testemunho para chegar a factos históricos; a percepção para coisas externas; a reflexão para assuntos lógicos; mas se quisermos iluminação sobre temas religiosos ou morais, interroguemos—a Intuição!

Mas alguns pensam que esta fonte é demasiado frágil e incerta. Desconfiam de si próprios—perdem a confiança na sua própria capacidade de alcançar a Verdade. Não ousam confiar na natureza que o Divino lhes deu. Pois a doutrina da depravação inata espalhou-se pelo mundo—as vozes da alma são tidas como faíscas ascendentes de malícia—e os filhos da Terra não ousam obedecer ao convite: “Vinde, e raciocinemos juntos.”

E, contudo, sinto-me impelido a afirmar que a fonte mais profunda da Verdade é a Intuição. Por fonte mais profunda, entendo o poder mais elevado na posse do homem. Mas o que é intuição? Respondo: é o poder inato de sentir uma Verdade—é a flor da Sabedoria—o resultado de toda a Razão—o génio da alma. Atrevo-me a dizer que todos vós, se abrídes as vossas mentes à plena penetração do pensamento, podeis sentir o que é a Verdade. Esquecei os vossos pensamentos sectários, e vereis com clareza o que é a Verdade. Experimentai.

Para começar: não vos parece que a Verdade é sempre simples? E não vos parece que o erro é sempre complicado? Se estas coisas não vos parecerem, à partida, verdadeiras, pensai em todas as invenções no mundo da ciência e da arte. A melhor invenção é sempre a mais simples—tanto assim que mentes comuns se admiram por não a terem concebido antes. A Verdade é fácil e simples como o crescimento das flores; enquanto o erro é sempre obscuro, complicado e misterioso.

A minha impressão é que a Verdade não é suscetível de qualquer limitação possível. Não é algo de ocasional. Não é Verdade ontem, provável hoje e possível amanhã. Pois tem de ser, em todo o lado e em todos os tempos, o mesmo Princípio imutável e progressivo. Não se pode confiná-la entre as capas de um volume escrito—não depende da palavra de nenhum homem para merecer atenção ou crédito. Pois a Verdade é feita por Deus. Se um homem diz a verdade, ele pronuncia a Verdade de Deus—ele apenas vocaliza o mais celestial cântico da vida conhecido pela Divindade.

Agora, se esta definição de Verdade for correta, então as pessoas, em geral, têm errado grandemente no uso da linguagem apropriada. Por exemplo, dizemos que é uma Verdade que ontem esteve frio; mas isto pode ser verdade apenas em certos locais. Noutros pontos do horizonte, pode ter estado calor—não revelando assim qualquer princípio universal. Portanto, seria muito mais adequado chamar FACTOS a todas as ocorrências ocasionais ou locais; e reservar o termo VERDADES para aquelas coisas que têm uma aplicação ampla, imutável e universal. Por outras palavras, atribuamos à Verdade uma posição muito acima das mentes individuais e das circunstâncias locais—superior a tudo, exceto a Deus.

Se esta definição for aceite, então as nossas aspirações pela Verdade transcenderão todos os homens, todos os livros, todos os credos, todas as instituições. Se adotarmos esta visão, então erguer-nos-emos nobremente acima de todas as formas de sectarismo e seguiremos o caminho dourado que conduz o peregrino eternamente em direção à Cidade do Deus Vivo.

Disse que a pergunta “O que é a Verdade?” admite uma definição muito simples. Permitam-me apresentar a proposição, e vejamos se ela se adequa às vossas Intuições:

A Verdade é a relação universal das coisas tal como são; o erro, é a interpretação das coisas como elas não são.

Deus manifestou as coisas tal como são; portanto, Ele é o autor da relação entre as coisas; portanto, Ele é a Verdade. Agora, pouco importa o quanto sei ou não sei acerca desta relação universal das coisas; pois, se compreendo apenas a primeira partícula da relação de algo, até esse ponto possuo Verdade infalível. Se compreendo o primeiro princípio que mantém unida uma peça de minério de ferro, então conheço algo da Verdade—e nenhuma autoridade humana pode tornar isso mais verdadeiro, embora um homem mais sábio me possa conduzir a mais Verdade, no mesmo ou noutros domínios superiores da Criação.

Surge então a pergunta—como saberemos quando temos a Verdade? Respondo—livrai as vossas mentes de todos os preconceitos locais a favor desta ou daquela seita, desta ou daquela autoridade—e escutai, como uma criança, os sussurros suaves da alma que Deus vos deu. Nada é mais verdadeiro do que isto: nenhum homem pode entrar no reino da Verdade e da felicidade, a menos que se torne simples como uma criança. Por simplicidade não entendo fraqueza ou imbecilidade.

Longe disso. Refiro-me a um estado honesto, sem artifícios, não calculista, amante da verdade—um estado que, nas condições passadas e presentes da sociedade humana, se manifesta com tanta frequência quanto nasce um Cristo. Não admira que as massas do mundo considerem um indivíduo naturalmente desenvolvido e harmonioso como uma curiosidade divina—como um mensageiro enviado por Deus; pois uma alma boa e amante da Verdade não é mais provável de nascer de pais ignorantes, ou de pais educados segundo os métodos vigentes da sociedade, do que um bom tecido é provável de ser fabricado por maquinaria defeituosa, ou que música flua de instrumentos imperfeitos.

Se quiserdes verdadeiramente ver e sentir a Verdade, independentemente de qualquer credo, homem, livro ou sistema, então tereis a certeza de a alcançar; ou, pelo menos, alcançareis tudo quanto possais empregar com vantagem. Se procurais algo maravilhoso ou misterioso, então não estais a procurar a Verdade; pois a Verdade é tão extraordinariamente simples que a maioria das pessoas passa por ela sem a notar. Há miríades de mistérios, mas isso não se deve à Verdade, e sim à nossa ignorância da sua natureza e das suas relações.

O grande padrão, parece-me, é simplesmente este—os Factos são coisas; as Verdades são Princípios. As coisas existem; quando estão corretamente relacionadas entre si, a relação assenta, e é, a Verdade. Dessa relação brota continuamente a música da harmonia. Da relação errada brota o erro, o desacordo. Amigos, observem bem esta doutrina em todos os domínios da vossa existência—e agora é o momento de pensar, sentir e agir corretamente! Pois, ao adiar este estado para amanhã, privais-vos da felicidade imediata e causais um dano semelhante ao vosso próximo.

Não faz parte do meu plano, amigos, enfraquecer a vossa fé na Verdade; desejo apenas despertar em vós uma apreciação mais elevada da mesma. Não pensem, como o “pobre pagão entenebrecido”, que a Verdade depende sempre dos vossos Ídolos para existir; que, quando os vossos Ídolos são demolidos, a vossa fé morre com eles. Mas deixai que o vosso entendimento se expanda, e assim obtenham razões para a esperança interior. Rejeitai o milagre como fundamento da vossa fé, e aceitai o princípio. Pois os prodígios confundem e embotam o intelecto; mas os Princípios são certos de dignificar e expandir toda a natureza do homem.

Chego agora à aplicação. Este discurso é sobre “a Autoridade da Filosofia Harmónica”, mas pareceu sensato fazer esta introdução para trazer o assunto à vossa compreensão de forma abrangente.

Dou graças a Deus por me ser permitido erguer a voz contra a deificação de indivíduos—contra toda espécie de idolatria e superstição. Pois apresento-me perante o mundo numa posição peculiar; principalmente numa posição mal interpretada; e estou grato, muito grato, por poder fazer a minha parte no sentido de corrigir isso. Não penso estar em perigo de ser deificado; pois tenho demasiada fé na racionalidade desta época; mas sou visto, por algumas mentes, como o fundador da Filosofia Harmónica; e é essa ideia que desejo agora corrigir.

A autoridade da Filosofia Harmónica é a Verdade; não assenta nas Revelações de “Davis”, mas nas Revelações da Natureza. Toda a Verdade pode ser encontrada na Natureza, e na natureza do homem, porque Deus vive na Natureza; portanto, ao estudarmos a Natureza, estudamos Deus; e, na mesma proporção em que compreendemos a Natureza, compreendemos também Deus. Os termos Revelação e Desenvolvimento são sinónimos. Assim, ao examinarmos os Desenvolvimentos da Natureza, examinamos as Revelações da Natureza; e quando, com o bom Paulo, contemplamos os céus estrelados e reconhecemos que todas as estrelas são gloriosas, apenas diferindo em glória, umas com mais glória (ou divindade) do que outras, então contemplamos as “Revelações Divinas da Natureza”.

Há quem tenha tentado ridicularizar o termo— “Revelações Divinas da Natureza”; mas tal ridículo só poderia vir de um idólatra de espírito mesquinho, ou de um ateu; pois, se se crê que Deus é a fonte de toda a vida e sensação—o causador de toda a criação e desenvolvimento—então a árvore, o pássaro, a flor e a estrela distante não são menos manifestações de um Princípio Divino! E quando estudamos estes capítulos da Natureza, estamos a estudar as “Revelações Divinas da Natureza” (ou de Deus).

Moisés, Paulo, Fourier, Swedenborg e outros indivíduos podem ter sido suficientemente iluminados para ler e interpretar muitas das Verdades de Deus (ou da Natureza); mas é a veracidade do que revelam—e não os reveladores em si mesmos—que constitui a autoridade pela qual essas Revelações devem ser avaliadas e respeitadas.

Um homem pode ser Poeta; outro Filósofo; outro Governante; outro Moralista—isto é, um pode ser um Cristo, outro um Shakespeare, outro um Newton, e outro um Platão—mas não é o indivíduo, é a veracidade bem comprovada do que escrevem que constitui o verdadeiro objeto de afeto e reverência.

Todos os livros e todos os homens poderiam ser varridos da face da Terra de uma só vez, sem que fosse minimamente afetado aquilo que é eternamente verdadeiro; sim, o Templo do Universo poderia ser reduzido a pó impalpável, e ainda assim a Verdade permaneceria inabalada e inalterada!

PALESTRA XXVII

ACERCA DOS USOS E DOS ABUSOS DO SÁBADO NESTE PAÍS

Nesta ocasião, a origem da instituição do chamado Sábado não será considerada. Pois, na melhor das hipóteses, tal consideração seria apenas de interesse histórico para o etnólogo e o antiquário, não sendo de todo essencial para uma avaliação adequada do DIA como período de liberdade e repouso universal.

Mas permitam-me apenas observar que o Sábado, como provavelmente todos sabem, é suposto pelos teólogos ter tido origem na própria Divindade. É afirmado — e com toda a seriedade — que, após as fadigas decorrentes do esforço de criar os céus e a terra, e tudo quanto neles existe, o Senhor descansou no “sétimo dia” e o santificou. Daí que nos é dito, advertido e ordenado que consideremos este Dia, acima de todos os outros, em honra ao maior, mais completo e mais elevado evento que jamais ocorreu na história da Criação.

Em consequência desta fé mitológica, o mundo encontra-se repleto de muitas e variadas superstições acerca do Sábado. Todos os verdadeiros filósofos da mente sabem que as superstições produzem sempre dois efeitos sobre a mente humana — ambos discordantes e prejudiciais: ou impelam a mente a praticar este ou aquele ato religioso por medo, ou desenvolvem o extremo oposto, e o indivíduo torna-se cético, desconsiderando muitas coisas que poderiam ser extremamente felizes e moralmente benéficas.

Um dos males que decorre legitimamente da visão atual do Sábado é o de forçar muitas pessoas a observarem o Dia, não como um dia de liberdade e para fins de cultivo moral, mas unicamente por medo de ofender a Jeová. E este medo fere invariavelmente a dignidade moral da mente.

Deus é representado como mantendo as Leis do universo invariáveis durante toda a semana; mas no Domingo, diz-se que realiza alguns dos mais maravilhosos milagres para punir devidamente o transgressor da Lei Mosaica. Diz-se que vira barcos nas águas, atinge celeiros com raios, e subverte diversas Leis naturais, para punir o profanador do Sábado. Se esta doutrina for plenamente acreditada pelo povo, não compreendo por que razão as Assembleias Legislativas interferem nos métodos mais certos do governo de Deus!

O Domingo popular é geralmente considerado demasiado sagrado para a discussão de assuntos sociais, científicos ou seculares. As ciências da fisiologia, o tema da Temperança, a questão da Escravatura — estes tópicos são tidos como demasiado mundanos para serem debatidos no Dia do Senhor, especialmente pelos senhores de batina. Daí que a maioria das pessoas se mantenha fiel a princípios exclusivamente devocionais.

Mas há pessoas que transgridem as regras restritivas do Sábado e, infelizmente, dedicam o dia à devassidão e a divertimentos pouco saudáveis. Isto está errado; mas a culpa é, em grande parte, das superstições geralmente associadas ao dia; pois, devido a estas noções erradas, ou o dia é observado de forma excessivamente

hipocrisia por medo, ou é completamente desconsiderado — e ambos os extremos são viciosos e prejudiciais.

Pessoas com certas constituições e ocupações conseguem (porque lhes é fácil) submeter-se às restrições impostas no Sábado; enquanto outras, com constituições e ocupações diferentes, rejeitam essas restrições (por serem severas e desadequadas às suas necessidades) e mergulham de cabeça na indulgência descuidada dos seus desejos sensuais. Isto deve-se, repito, principalmente à forma como o Sábado é encarado.

Que o Sábado é a instituição mais sagrada que o homem alguma vez desenvolveu, exceto a “Regra de Ouro”, é claro como uma demonstração; e, por outro lado, que os métodos passados e populares de regular e observar são muito imperfeitos, e contrários à saúde física e felicidade social do homem, são factos não menos evidentes e certos.

Se há alguma Verdade neste vasto universo, essa Verdade pode ser encontrada na Natureza. Se há algo que o homem não pode subverter—que não pode alterar ou modificar conforme as suas loucuras e caprichos—esse algo é a Natureza! E se há algo de que possamos estar perfeitamente certos, é que a Natureza é a manifestação daquele Princípio a que chamamos DEUS. Mas ninguém pode ter a mesma certeza de que qualquer livro seja uma produção da Divindade. Se os homens interpretaram mal o verdadeiro significado da Natureza e sofreram devido à sua ignorância das suas Leis, a culpa é deles próprios, não da Natureza nem de Deus.

Mas a experiência educa a mente. E além disso, como explicação para esta ignorância entre os homens, devemos recordar que é uma tendência eterna da Natureza que tudo cresça da imperfeição para a perfeição — do inferior para o superior; e a humanidade obedece, involuntariamente, às inexoráveis operações desta Lei progressiva.

Estamos perfeitamente certos de que o Princípio Divino controla as operações da Natureza. E somos advertidos a ser “perfeitos, como o nosso Pai celestial é perfeito.”

Mas como haveremos de descobrir em que consiste essa perfeição? Devemos aceitar as opiniões e especulações dogmáticas dos chefes religiosos; ou, devemos ver e compreender por nós próprios? Devemos consultar Moisés e Paulo; ou devemos aprender a ler os inúmeros capítulos do grande e imutável volume — a criação ilimitada — cujas folhas imperecíveis estão espalhadas em todas as direções diante de nós?

É uma proposição evidente, creio eu, que o Homem é a parte mais perfeita e importante da criação. A sua personalidade é construída sobre certos princípios fisiológicos e anatómicos; os quais são, evidentemente, mais dignos de consideração e reverência do que qualquer instituição humana conhecida — como o Sábado. Isto parece-me um raciocínio sólido. Agora, pergunto — poderá algum dia ser verdadeiramente justo, se tiver de ser observado ao risco de violar as Leis comuns

do ser humano? É um facto notório que as leis populares relativas à regulamentação do Sábado não são mais adequadas à saúde física e à felicidade social do homem do que o governo da Rússia.

Seis dias de cada semana são dedicados aos vários tipos de trabalho manual e ao mamom. Os senhores obrigam os seus servos a uma labuta excessiva. Os capitalistas especulam com os frutos do trabalho do operário. E todos se sentem justificados em praticar, durante a semana, muitas coisas que, ao Domingo, são pregadas como crimes e ofensas.

Devido também às superstições populares relativas ao Domingo, todo o trabalhador é forçado a trabalhar mais durante os dias úteis do que seria compatível com as leis da saúde; e depois, quando chega o Sábado, a reação é tão intensa no sentido oposto, que a maioria das pessoas fica totalmente incapacitada para usufruir das instruções morais que lhes são oferecidas a partir do púlpito e de outras fontes.

Tal como a sociedade está hoje regulada, a parte trabalhadora da comunidade executa trabalho manual em excesso durante seis dias, e depois é impelida a ouvir e aprender demais ao Domingo. Consequentemente, a maioria das pessoas nas comunidades sente, em certo sentido, verdadeiro receio pela chegada do dia; e apenas uns poucos estão organizados e posicionados de forma a tornar o dia bem-vindo e proveitoso.

A santimónia e cerimonialismo de muitos bons, mas tacanhos conservadores no Sábado—a rigidez quase prisional dos seus métodos e exigências—constituem uma poderosa razão pela qual muitas pessoas (especialmente jovens) desrespeitam largamente a observância do dia e enveredam, em sentido contrário, por vários tipos e graus de vício.

Agora, segundo as impressões que recebo sobre a constituição da Natureza e do homem, dever-se-ia fazer um uso mais interessante e proveitoso do Sábado. A mente racional vê claramente que todos os dias são igualmente sagrados e dignos da mais elevada dedicação. Esta era, evidentemente, a opinião de São Paulo.

A doutrina que permite ao povo ser ímpio durante seis dias da semana, e depois dedicar o sétimo ao descanso e arrependimento, é uma superstição baixa e doentia.

Se for correto, segundo a natureza do homem, passear pelos campos, cantar uma canção nacional, ler obras seculares, ou dançar ao sábado; então, se houver alguma consistência no carácter e governo moral de Deus, os mesmos exercícios são igualmente corretos ao domingo, ou em qualquer outro dia do calendário.

A palavra “Sábado” significa DESCANSO, mas as “Leis Azuis” do Connecticut fizeram do Descanso um trabalho. Foram elaboradas segundo o Credo Mosaico. Obrigavam a pessoa a permanecer sentada, da alvorada ao pôr-do-sol, ao Domingo, o que é, em si, um duro labor. Estas leis determinam: “Ninguém deverá correr ao Domingo, nem caminhar no seu jardim, nem em parte alguma, salvo com reverência

para e do culto.” Estas leis não se baseiam na doutrina de que Deus não habita em templos feitos por mãos humanas, e de que a Terra está cheia da sua glória.

A vasta extensão dos céus, a Terra coberta de verdura, a floresta imponente, os campos ondulantes, o magnífico curso dos rios poderosos, a melodia murmurante dos ribeiros alegres—são cenas que inspiram a mente com religião, gratidão e alegria.

Somos mandados, repito, a “ser perfeitos, como o nosso Pai Celestial é perfeito.” Mas pergunto: como poderemos ser semelhantes a Deus, se não examinarmos e imitarmos as suas obras e os seus caminhos, tal como se manifestam na Natureza e no Homem?

Quando contemplamos as obras de Deus—quando vemos flores crescerem, planetas girarem, e marés fluírem com igual rigor ao Domingo como em qualquer outro dia—então vemos como a mais alta autoridade encara os diferentes dias da semana, incluindo o Domingo.

As leis da anatomia e da fisiologia não são suspensas—o corpo e a mente humanos nunca deixam de ter necessidades físicas e mentais ao Domingo—daí que o homem seja advertido por estas leis imutáveis, que Deus gravou com letras de fogo na sua constituição, a observá-las e obedecer-lhes ao Sábado tanto quanto em qualquer outro dia.

As obras da Natureza são obras de Deus. E sinto-me movido a venerar as Suas Leis, não as de Moisés; a imitar os Seus caminhos, e não os de qualquer chefe religioso. Sinto-me impelido a fazer ao Domingo precisamente o que faria à segunda-feira, se necessário for; ou seja, tudo o que for suficientemente bom para ser feito à segunda-feira, é igualmente bom para o Sábado. Portanto, gostaria que as pessoas vivessem em cada dia da semana com tanta retidão quanto deveriam viver ao Domingo; e no Sábado como em qualquer outro dia; convertendo assim esta existência inteira num perpétuo Sábado—ou feriado.

A profissão hipócrita do clero é que o Domingo é um dia separado para instruções morais e santidade especial. Mas digo-vos uma Verdade inegável: é o dia da colheita do sacerdócio!

O Sábado é o dia em que vendem a sua mercadoria e, geralmente falando, “ao melhor licitador.” Uma crítica razoavelmente boa ao “Pai-Nosso” ou uma explicação do “Sermão da Montanha” é vendida à congregação, ao Domingo, por um preço que varia entre cinco e cinquenta dólares! De facto, digo apenas a verdade ao afirmar que o Domingo é o dia em que muitos bons pastores tosquiaram as suas ovelhas! É, na verdade, a grande época de tosquia em toda a cristandade; e o povo gosta que assim seja, por certo, porque “rende bem” nos negócios durante a semana.

Durante os seis dias: “farás todo o teu trabalho.” O povo labuta incessantemente durante a semana. Diáconos, membros da igreja e outros pecadores estão todos ocupados, com esmero e elegância, a colher a sua seara de dólares; mas, ao

Domingo, chega a vez do Sacerdócio! O vosso dever é recolher lã durante a semana da melhor forma possível; mas ao Domingo é também o vosso dever deixar que parte dela vos seja tosquiada, com habilidade e até com algum agrado! Ora, isto é tanto mais pecaminoso por ser feito sob o manto da Piedade.

A religião existe para exaltar a natureza humana; foi concebida para libertar o entendimento e a consciência; para inspirar a mente com uma esperança generosa; logo, não pode legislar restrições, nem impor obrigações servis a nenhuma mente verdadeira, pois é um espírito sublime de liberdade e amor—que respira tolerância universal e princípios livres. Estes são os ensinamentos do Protestantismo.

À luz da verdadeira religião, um homem é livre para fazer o que é correto; não para fazer o que é errado. Deve vigiar e obedecer à Lei da Harmonia; esse é o seu direito herdado e absoluto; essa é a liberdade de Consciência. A legislação sabática, portanto, com o intuito de politicamente regular e governar a consciência individual, é tão incompatível com a verdadeira religião quanto a usurpação o é com os princípios republicanos.

Pensem bem no absurdo disto—três sermões num só dia, entregues ao povo para que este os digira ao longo da semana seguinte. A verdade é que nada pode ser mais indigesto do que nove décimos dos sermões pregados! Mas suponhamos, “por amor ao argumento,” que todos os sermões fossem digeríveis; então, segundo a natureza da mente humana, um terço do número bastaria perfeitamente para cumprir todos os fins da educação e da santidade moral.

Meus amigos, há uma enorme diferença entre ir à igreja para ver, ou para ser visto; ou porque é moda; porque vos torna respeitáveis; porque vos favorece nos negócios; porque necessitais de exercício físico ou de distração mental—digo, há uma enorme diferença entre ir à igreja por estes motivos, e ir expressamente com fins instrutivos.

Se forem exclusivamente para fins educativos—então, se há alguma verdade nas Leis que Deus escreveu na constituição do homem, é positivamente certo que um bom, verdadeiro e bem-escrito discurso de sessenta minutos é tudo o que podeis realmente assimilar para o desenvolvimento da vossa natureza!

Não sinto o impulso de vos dizer, nesta ocasião, que reforma deve ser feita quanto à observância deste dia.

“Tenho ainda muitas coisas a dizer-vos, mas não as podeis suportar agora.”

Um entusiasta religioso faria do Sábado uma verdadeira estufa de superstições; enquanto um reformador fanático destruiria por completo a instituição!

Não é essa a minha intenção—nem uma coisa, nem outra. Pelo contrário, é a minha convicção, interiormente adquirida, que o Sábado deve ser, como qualquer outro dia, dedicado a fins verdadeiramente bons. Deve ser um Dia de Descanso para o Homem e para os animais—verdadeiramente um dia de repouso!

Para o Homem, deve ser um dia de cultura científica e religiosa—um Dia de Liberdade—de liberdade plena; não de escravidão universal a superstições servis.

ARTIGOS DIVERSOS

O QUE DEVE CONSTITUIR O PADRÃO DE JULGAMENTO EM MATÉRIAS RELIGIOSAS?

É desnecessário afirmar que esta pergunta é de grande magnitude e vital importância. Diz respeito a toda mente pensante e razoável. Não se dirige apenas ao entendimento, mas também aos afetos. Não começa nem termina no presente; teve origem com o homem e estende-se, ramificando-se amplamente por entre os inúmeros domínios do futuro eterno.

Tudo deve ser medido—é necessário descobrir e determinar a sua altura e profundidade, o seu comprimento e largura. Mas, antes de qualquer coisa poder ser medida, temos primeiro de obter um verdadeiro padrão de medida—um princípio de julgamento eterno e imutável—uma regra ou uma lei pela qual a veracidade de qualquer tema possa ser verificada e a sua magnitude exata determinada.

A medida do pé, composta por doze polegadas, determinou a extensão dos territórios, as dimensões da Terra, a magnitude dos planetas distantes, e a grandeza de muitas constelações! E o peso em libras, composto por onças, é capaz de indicar a densidade de um astro; mas antes que algo pudesse ser medido e pesado, foi necessário, primeiro, determinar um padrão fixo de julgamento. Esta proposição é um facto simples e autoevidente. Ora, há um princípio importante encerrado nesta proposição, que exige atenção. É o seguinte: a mente humana descobre primeiro os continentes e só depois determina as suas dimensões—a Terra é primeiro habitada pelo homem, e só depois ele a pesa e mede segundo os padrões de julgamento que construiu.

Tudo está, assim, aberto à investigação do homem; e toda a verdade, embora divina como a própria Divindade e antiga como o Universo, está deixada ao homem para ser descoberta, desvendada, compreendida e aplicada às necessidades e exigências do seu ser.

Toda a verdade é imutável; mas a sua descoberta e aplicação são fins que o homem deve alcançar por si mesmo. A Astronomia era uma ciência magnífica antes de o homem existir; mas teria permanecido como nada se o homem não tivesse contemplado as estrelas e, com a sua Razão, investigado e descoberto as suas magnitudes estupendas e fenómenos sublimes. O mesmo se aplica a todas as ciências, filosofias e teologias. O homem descobre primeiro e só depois decide a magnitude da sua veracidade e a utilidade da sua aplicação.

Que padrões o homem construiu em matéria religiosa? Pois, se existem padrões de julgamento nestes assuntos, é positivamente certo que o homem os originou nas diferentes fases do seu desenvolvimento, desde o estado selvagem até à civilização.

Quanto mais avançamos na civilização e no esclarecimento, mais verdadeira se torna a teologia e a religião do homem. Por outro lado, quanto mais recuamos na história humana, mais mitológica se revela a teologia e mais arbitrária e cerimonial se torna a religião. Examinemos agora brevemente a Autoridade do homem em matéria religiosa nas várias etapas do desenvolvimento humano.

Na Era Selvagem, quando os homens, tal como as colinas distantes, eram brutos e incultos, não existia autoridade mais imperativa e absoluta do que o Desejo e o Medo. O impulso, a inclinação, o desejo de fazer fosse o que fosse, constituíam a regra de ação. O canibal deseja perseguir, matar e comer um ser humano. E fá-lo; pois, para ele, é como se os poderes invisíveis tivessem ordenado o ato. Um instinto e impulso cego, não desenvolvido e não refinado, move a mente selvagem, tal como a fome impele a fera a destruir as suas presas.

O Medo é um ingrediente poderoso da Autoridade na Era Selvagem! Bastava que os trovões falassem, e a mente do selvagem era tomada por um terror indizível. Os relâmpagos indicavam a presença de uma Divindade irada—as tempestades uivantes eram os murmúrios de um monarca invisível, ameaçando vingança. Anarquia, confusão, desespero, caminhavam como gigantes-fantasma através da mente do selvagem, e o Medo tornava-se seu mestre. Mas deixai que o sol brilhe em todo o seu esplendor, banhando a paisagem distante com a sua luz dourada, e o selvagem esquecerá as suas oferendas cerimoniais a deuses desconhecidos e atirar-se-á, indiferente às consequências, à prática dos crimes mais atrozes. Desejo e Medo são as únicas autoridades religiosas do selvagem.

Mas avancemos um passo no desenvolvimento humano e perceberemos um padrão de julgamento religioso bastante diferente.

Na Era Bárbara, descubro uma modificação distinta do Desejo e do Medo—as autoridades tornam-se a Força e o Mistério. Agora são escolhidos chefes; e a força física é adorada. O homem mais poderoso e colossal é o maior objeto de veneração. O bárbaro está plenamente convencido de que os poderes invisíveis escolhem os grandes e destemidos chefes como agentes terrenos. Um Sansão é uma Divindade. O Ídolo de Jugernauta é a personificação do deus bárbaro. E a Vontade do Chefe é a Lei! Não há monarca tão poderoso nem tão venerado como o Herói das tribos do deserto. Ao seu comando, o selvagem estremece, o bárbaro obedece, e a mãe lança o seu filho no Ganges.

Mas o Mistério desempenha um papel ativo no governo arbitrário do bárbaro supersticioso. A tempestade, os trovões, os relâmpagos, a melodia fúnebre dos ventos da floresta, os pulsos sublimes do mar profundo—tudo isso são mistérios terríveis para mentes incultas. Daí que tenham um deus da tempestade—um deus do mar—um deus do relâmpago. As estrelas são portais abertos sobre alguma “Buena Vista.” O sol é o carro de algum chefe glorificado. E o bárbaro é, naturalmente, influenciado por adivinhações, feitiçaria, encantamento, grandes mistérios—por tudo o que envolva os sentimentos numa névoa estranha e estimule a imaginação à conceção de maravilhas grotescas e fantásticas. Os “mistérios da Piedade” enchem a mente inculta de espanto e adoração.

O elefante é adorado pela sua força; e a sua inteligência é divinizada pelo seu mistério. As primeiras tribos da Arábia acreditavam que o elefante era ou a personificação de algum nobre aventureiro dos céus; ou então a forma que algum mago invisível, ou génio, em fúria, obrigou um chefe a assumir, por vingança e castigo.

Mas avancemos mais um passo no progresso humano. Sucedendo às eras selvagem e bárbara da autoridade, surge a Era Patriarcal.

Na Era Patriarcal, o padrão de julgamento religioso é constituído pela Posição e Título. A força e o mistério convertem-se agora em forma e ordem. A força assume a dignidade da posição; o mistério transforma-se em título. O chefe bárbaro torna-se Sacerdote, e passa a ocupar a posição entre o povo e os seus deuses desconhecidos. Se o “judeu errante” deseja que as suas necessidades, orações e gratidão sejam elevadas ao alto, tem de encontrar um procurador—um intercessor e um intérprete—deve recorrer a Moisés ou a Aarão.

TODOS OS PACTOS SAGRADOS estão confinados ao chefe ou ao patriarca. Se o peregrino deseja falar com Deus, deve procurar um Sacerdote—alguém que possa entrar nos interiores subterrâneos das pirâmides ou um Moisés que possa conversar com o Senhor sobre o monte longínquo; pois a Posição é a mais alta autoridade em matéria religiosa conhecida pelo habitante da era patriarcal.

E o Título, também, exerce poderosa influência sobre a mente não desenvolvida. Chama-se a um homem "Monarca", ou "Rei", ou "Governante", ou "Profeta", ou "Papa", ou "Sacerdote", ou "Bispo"—e com isso investe-se esse homem de um poder, de uma influência imaginária que a mente não instruída nem compreende nem resiste.

Assim, o povo consente em ser ensinado, controlado e governado por algum homem ambicioso, e talvez piedoso, que rapidamente será divinizado e adorado. O vosso patriotismo deve estar confinado ao domínio do "Monarca". As vossas aspirações pela liberdade política não devem expandir-se para além do território do "Rei". A vossa legislação não deve contrariar as leis do "Governante". Os vossos anseios pelos acontecimentos do futuro devem manter-se dentro do alcance da visão do "Profeta". E os vossos pensamentos e concepções sobre religião—sobre a imortalidade—sobre Deus, não devem ultrapassar os limites da teologia dogmática do "Sacerdote", do "Papa" ou do "Bispo". Esta é uma característica evidente da era patriarcal. O Catolicismo indica este estágio do progresso religioso.

Não tenho agora tempo para delinear e ampliar as particularidades e restrições teológicas da fase patriarcal do progresso humano; passo, portanto, à breve contemplação da era da Civilidade, que é a presente.

A Autoridade, nesta era, é composta por Doutrina e Riqueza. A Ordem continua a emergir do caos; as trevas das eras anteriores dissipam-se rapidamente; e os cumes da verdade começam a despontar na mente humana com uma grandeza impressionante! A posição resolve-se em doutrina—o título perde-se na riqueza. Os

homens são menos venerados; mas a Doutrina torna-se o padrão de autoridade religiosa. Já não importa quem prega, mas o que é pregado. O povo contrata um clérigo e diz-lhe que forma de doutrina deve divulgar. Sacerdotes, papas e bispos estão agora mais ao dispor da multidão.

As pessoas já não acreditam que toda a verdade e instrução religiosa estejam exclusivamente nas mãos dos mestres teológicos. A mente esclarecida já não crê que toda a inspiração esteja confinada ao profeta, nem ao papa, nem à igreja, nem ao clero; mas a crença agora é que a “palavra de Deus”—toda a inspiração—toda a verdade sagrada e religiosa, se encontra apenas entre o primeiro capítulo do Génesis e a última frase do Apocalipse. Com efeito, todos os desejos e medos do selvagem—toda a força e mistérios do bárbaro—todas as posições e títulos do patriarcalismo—culminaram na Doutrina e na Riqueza desta nossa Era!

Mas há um padrão de julgamento ainda mais elevado—uma Autoridade à qual todos podemos aspirar ser, e que estará sempre à nossa frente!

Peço a vossa atenção para a Era que já despontou nas almas de alguns de nós, mas que está destinada a ser a coroa boreal de todas as nações. Esta era é o Republicanismo!

Nesta Era, não há outra Autoridade senão a NATUREZA E A RAZÃO! A Natureza é o grande expoente de Deus; e a Razão, o grande expoente da Natureza—estas são a autoridade suprema sobre tudo o que diz respeito ao homem e ao seu Criador. Isto é, sem dúvida, autoevidente. Mesmo agora, a razão é usada para ler a Bíblia, interpretar as suas frases, ampliar versículos em sermões, proferir esses discursos—para gerir tudo, de facto, tanto na Igreja como no Estado; pois uma pessoa que não seja dotada de inteligência não é encarregada de nenhum cargo importante em nenhuma dessas instituições.

A Natureza é o Universo; estende-se amplamente como a única manifestação segura e imutável de Deus. É uma Revelação do seu carácter, dos seus desígnios, das suas leis, da sua sabedoria e do seu amor. E não me refiro à “natureza” no sentido que os cristãos costumam dar, quando dizem que “a Natureza harmoniza com a Revelação.” Eles referem-se a pedras, árvores, flores, e, de vez em quando, ousam elevar os seus pensamentos até às estrelas; essa é uma visão baixa e materialista da Natureza!

Na “Era Republicana” que está por vir, a compreensão da Natureza não é nada menos do que o universo infinito, com todas as suas posses materiais e espirituais!

E a Razão será sempre tida como superior à Natureza, porque é o poder da alma pelo qual o homem lê as vastas revelações da Natureza e comunica com a Mente Viva.

Esta, então, é a minha resposta à questão colocada:

Natureza e Razão constituem o único verdadeiro padrão em matéria religiosa. Com esse padrão diante de nós, podemos avançar eternamente, e nunca alcançar além do que ele se estende; pois a Grande Mente do Universo é o autor de toda a verdade, e

toda a verdade será sempre subordinada ao padrão imensurável pelo qual será eternamente determinada!

A CONSTITUIÇÃO DA IRMANDADE HARMÓNICA

Desde o Interior—desde o mundo dos espíritos—sinto-me impelido a apresentar à vossa consideração alguns pensamentos e resoluções quanto à nossa organização presente e futura.

É necessário estabelecer, antes de tudo, um fundamento natural e firme—algo que se aproxime da estrutura harmoniosa do Reino dos Céus—para que possamos prosseguir com uma declaração dos nossos sentimentos e com a aplicação prática dos nossos gloriosos princípios à nossa educação mútua e à reconstrução da sociedade moderna.

Professamos ser fiéis seguidores da Natureza e do Deus da Natureza! Portanto, para sermos coerentes e verídicos, devemos libertar-nos, e libertar a nossa organização e constituição, de todo o erro e forma artificial que desfigure o mundo moral e social que nos rodeia.

Em primeiro lugar, sejamos fiéis à Natureza e, por conseguinte, ao Deus da Natureza.

Até agora, organizastes a vossa sociedade segundo os métodos superficiais do mundo não desenvolvido. Tenho a impressão de que restringistes os vossos movimentos e o vosso desenvolvimento pessoal com uma constituição falsa e antinatural. Todos vós desejais, ou pelo menos professais, ser movidos pelos princípios espontâneos e imutáveis da Natureza; e, no entanto, realizais eleições arbitrárias de dirigentes.

Permiti-me chamar a vossa atenção, por alguns momentos, para as revelações e processos da Natureza. Ela conduz as suas operações majestosas segundo grupos, séries e graus. Cada classe de minerais tem um único sistema de desenvolvimento. Possui um tipo e uma cabeça de formação. As flores organizam-se segundo graduações específicas de refinamento. O mesmo se passa com os animais, e com o homem. Assim também é nos sistemas planetários.

Não encontrareis Presidente, Secretário, nem Tesoureiro no nosso Sistema Solar. O sol não regista as suas ações, exceto pela impressão legítima que exerce diariamente sobre os orbes que gravitam sob o seu poder! As marés sobem e descem segundo princípio! A violeta exala a sua fragrância nativa sem um secretário que registre a quantidade das suas deliciosas emanações. E o regato canta a sua melodia suave sem qualquer organização artificial.

E olhem para o Homem, tal como existe na ordem da Natureza.

A sua organização não possui Presidente, Secretário ou Tesoureiro. Ele tem apenas uma cabeça, um coração, uma consciência! Agora, sinto-me impressionado pelo mundo espiritual a considerar o homem como o tipo mais elevado e perfeito de

organização existente—é o melhor modelo para sociedades ou nações, porque é a própria ordem do universo. O homem tem apenas um Cérebro—um sensorio; mas este é sabiamente dotado de sentidos e outros meios de manter comércio fraterno com o mundo exterior. Esta é a verdadeira forma de organização.

Não tenho, neste momento, tempo para traçar a beleza intrínseca e a harmonia do organismo físico e espiritual do homem; mas prossigo, já de seguida, para aplicar os princípios da sua constituição à formação de uma Irmandade Harmónica Universal. Como já referi, o nosso objetivo é, ou deveria ser, o desenvolvimento do reino dos Céus na Terra! Mas deixem-me assegurar-vos, irmãos, que um Presidente, um Secretário e um Tesoureiro nunca pertencerão a um objetivo tão elevado e tão divino.

Em estado não desenvolvido, teremos de ter oficiais correspondentes a essas funções; mas aprendamos depressa a gravitar naturalmente para as nossas posições, sem toda a forma e cerimónia da votação.

Avancemos, então, para a nossa nova organização educativa. Que o corpo humano—a organização na qual Deus expressou a sua imagem—seja o nosso modelo interior e exterior.

Em primeiro lugar, o corpo humano tem uma cabeça, ou um cérebro. Este cérebro fornece ao sistema dependente os princípios energéticos do movimento, da vida, da sensação e da inteligência.

Em segundo lugar, este cérebro, e todo o sistema por ele comandado, estão providos de sentidos adequados, que servem para ligar todo o organismo interno ao mundo externo; e o organismo como um todo está também provido de agentes ou instrumentalidades apropriadas para a locomoção e o progresso.

Em terceiro lugar, os nomes convencionais dos sentidos superiores, como todos sabem, são: o Olho, o Ouvido, a Língua; as instrumentalidades físicas do progresso são as Mãos e os Pés.

Agora consideremo-nos UM ÚNICO CORPO HUMANO—uma Igreja Natural. Dele disse um fiel discípulo da Verdade:

"O corpo não é um só membro, mas muitos. Se o pé disser: 'Porque não sou mão, não sou do corpo', será por isso menos parte do corpo?" (...)

"Se todo o corpo fosse olho, onde estaria o ouvido? Se todo fosse ouvido, onde estaria o olfato?" (...)

"E se todos fossem um só membro, onde estaria o corpo?"

Mas agora há muitos membros, contudo, um só corpo.

E o olho não pode dizer à mão: 'Não tenho necessidade de ti'; nem ainda a cabeça aos pés: 'Não tenho necessidade de vós.'" (...)

"Não deve haver divisão no corpo, mas os membros devem ter o mesmo cuidado uns pelos outros. E, se um membro sofre, todos os membros sofrem com ele; ou se um é honrado, todos se alegram com ele."

Tudo isto é a mais clara filosofia da verdade.

Apliquemo-la, pois, a nós próprios. Lembremo-nos de que, como organização, estamos apenas a nascer—acabados de ser emancipados dos confinamentos da superstição e do erro.

Apaguemos o passado com uma esponja; abolamos a nossa organização anterior; datemos a nossa existência a partir desta hora; chamemo-nos:

A IRMANDADE HARMÓNICA

Para sermos naturais, e portanto verdadeiros, tenhamos um “Cérebro” para nos fornecer os princípios fisiológicos ou funcionais do Amor, da Sabedoria, da Harmonia e da Progressão.

Mais ainda: para sermos perfeitamente naturais, tenhamos um “Olho”, um “Ouvido” e uma “Língua”; que estes sentidos se chamem Mentores, porque naturalmente ocupam o lugar de conselheiros, orientadores e pacificadores.

Novamente: sejamos naturais e tenhamos “duas mãos” e “dois pés”.

Que as duas mãos se chamem Executores, porque naturalmente realizam as tarefas que lhes são atribuídas pelo cérebro e pelos sentidos.

E que os dois pés se chamem Promotores, pois servem aos elevados e nobres fins do progresso e do desenvolvimento.

CONSTITUIÇÃO DA IRMANDADE HARMÓNICA

ORGANIZADA A 4 DE MAIO DE 1851, EM HARTFORD, CONNECTICUT

Lema: “Liberdade, Fraternidade e Unidade Universais”

Esta Irmandade terá um Cérebro, três Sentidos, duas Mãos e dois Pés.

Deliberação 1:

Que o “Cérebro” se chame Sensório, cuja legítima função será fornecer os princípios de movimento, vida, sensação e inteligência ao organismo dependente—ou seja, inculcar, pela palavra e pelo exemplo, os princípios da verdade, da harmonia e da reforma, e providenciar à Irmandade os meios adequados de educação.

Deliberação 2:

Que o “Olho” se chame Primeiro Mentor, cuja legítima função será chamar a atenção e as ações da Irmandade à ordem, abrir os encontros e assegurar que a

ordem e a harmonia sejam preservadas sempre e em todo o lado, em todo o organismo dependente.

Deliberação 3:

Que o “Ouvido” se chame Segundo Mentor, cuja legítima função será ouvir todas as questões, sugestões ou propostas, e apresentá-las à Irmandade através do Sensório. Será também seu dever ouvir, investigar as causas de, e remover todas as insatisfações, dissensões, perturbações e mal-entendidos que possam ocorrer dentro desta jovem e ainda indisciplinada organização.

O seu dever é ser um pacificador—encorajar cada pessoa a ser uma lei para si mesma.

Deliberação 4:

Que a “Língua” se chame Terceiro Mentor, cuja legítima função será receber todas as doações em dinheiro ou bens, manter os registos e apresentar, na abertura da primeira reunião semanal de cada mês, um breve relatório sobre a natureza e o montante das despesas gerais e correntes da Irmandade; e sobre as diversas doações recebidas, bem como sobre a forma como foram aplicadas para a aquisição ou pagamento de artigos necessários.

Deliberação 5:

Que as “Mãos” se chamem Executores, cuja legítima função será executar as decisões da Irmandade relativamente a qualquer ação externa ou física que, em qualquer período futuro, se considere de sabedoria—especialmente no que diz respeito a oferecer simpatia e assistência aos membros doentes, aflitos ou em sofrimento; e estender esse auxílio a toda a sociedade humana, sem distinção de seita, cor ou nacionalidade.

Deliberação 6:

Que os “Pés” se chamem Promotores, cuja legítima função será promover as decisões da Irmandade no que toca a festivais públicos, banquetes, diversões, palestras, reformas, e à aplicação ou manifestação prática dos seus princípios—sobretudo colaborando na concretização das decisões da Irmandade quanto à organização final do trabalho, do capital e do talento segundo os princípios recíprocos de justiça distributiva universal, conforme declarado na sua Declaração de Independência.

Mais se delibera, que o Segundo Mentor, cuja função se refere especialmente aos assuntos pecuniários, nunca deverá pedir abertamente à Irmandade, durante qualquer uma das suas sessões, auxílio para cobrir despesas contingentes ou de outro tipo. Toda a ajuda pecuniária deve ser oferecida de forma espontânea e sem solicitação, durante as sessões ou em qualquer outro momento, ou então não ser oferecida de todo.

É dever de cada membro interessar-se, de modo privado e sem ostentação, por este assunto, tal como por todos os demais que digam respeito à nossa associação; mas, antes imporemos a nós próprios reunir em bosques longínquos—tomaremos assentos sob os ramos frondosos de um velho e imponente carvalho, do que associar

qualquer embaraço financeiro ou mancha à Irmandade Harmónica.
Delibera-se, por conseguinte, que é dever do Segundo Mentor manter a ordem entre os membros relativamente a estas considerações pecuniárias.

Delibera-se, que doravante—exceto em caso de emergência ou desarmonia, como definido na cláusula abaixo—não haverá qualquer período fixo para a eleição arbitrária de cargos, seja por voto ou por escrutínio; pois quando a pequena partícula de matéria no caule ou corpo de uma planta se refina o suficiente para ascender à posição exaltada do fruto, essa partícula avança naturalmente e espontaneamente para a sua esfera própria.

Esta é uma lei da Natureza, e decidimos que será também a nossa lei.
Portanto:

Delibera-se, que sempre que qualquer membro desta Irmandade atingir um grau de liberdade mundana e harmonia moral que o qualifique para ocupar a posição de Sensório, Primeiro Mentor, Segundo Mentor, Terceiro Mentor, Executor ou Promotor, o atual ocupante desse cargo sensorial, mentorial ou subalterno deverá opcionalmente abandonar a sua posição, a qual será então preenchida por esse membro moralmente qualificado.

Contudo, fica estabelecido que, caso se julgue errada essa gravitação espontânea de membros para funções de liderança—cuja prova será apenas uma sucessão clara e desnecessária de falhas por parte do(s) responsável(eis) no cumprimento dos seus deveres—então o Segundo Mentor deverá apresentar a proposta de substituição ao Sensório, que a deverá submeter à Irmandade, a qual, neste caso de emergência (que nunca deveria ocorrer), decidirá por eleição por voto.

Além disso, estabelece-se que, até que os membros deste Corpo Harmónico aprendam a avaliar com justiça e naturalidade as suas respectivas capacidades físicas, circunstâncias externas e qualificações morais para ocupar adequadamente os cargos a que aspiram, o voto será o método para determinar os desejos e preferências da Irmandade relativamente à escolha dos seus oficiais eficientes e pacificadores.

Delibera-se, que a Irmandade Harmónica incluirá ambos os sexos, masculino e feminino; sendo ambos considerados igualmente capazes de votar e elegíveis para cargos.

Delibera-se, que os membros efetivos da Irmandade Harmónica serão aqueles indivíduos que tenham assinado a Declaração de Independência, e que os cargos serão preenchidos dentre eles.

No entanto, delibera-se também que, sempre nos deixando guiar pelos princípios da verdade harmónica, consideraremos e estimaremos fraternalmente todos os homens e mulheres que procurem conhecer a Verdade, e que se associem a nós nesse nobre propósito (quer estejam perfeitamente alinhados ou não com a nossa Declaração e Constituição), como irmãos e irmãs, e como igualmente capazes de votar nas eleições de oficiais.

E finalmente, delibera-se, que todos aspiraremos a ser Sensórios, Mentores, Executores e Promotores na nossa “caminhada e conversa diária”; e que nos esforcemos por ser bondosos, tolerantes e generosos com todos os homens.

E que consideraremos aquele que faz o seu melhor—por pouco que seja—como distinguido de forma notável daquele que nada faz, na grande tarefa de estabelecer entre os homens a Irmandade Harmónica, que entendemos como sendo o reino dos Céus na Terra.

O ENCONTRO CONVERSACIONAL

É com prazer que anuncio que, nas últimas quatro semanas, a minha mente tem sido profundamente influenciada por uma impressão interior que nos convoca a adotar medidas para cultivar e melhorar a geração vindoura.

Para definir melhor o nosso movimento, apresentei-vos uma Declaração de Independência—um instrumento que declara a nossa independência de tudo aquilo, na Teologia Moderna, na Educação Moderna e na Sociedade Moderna, que, de qualquer modo, tende a travar ou desorganizar a progressão e a felicidade da Humanidade.

É quase desnecessário repetir que os nossos objetivos são: a harmonização dos indivíduos, e a harmonização da sociedade.

Para alcançar tais fins, devemos declarar-nos independentes, e manter essa independência, de tudo aquilo que se apresenta como obstáculo visível entre nós e esses fins. Isto constitui o grande desígnio da nossa declaração.

No entanto, os meus pensamentos presentes dizem respeito ao nosso dever para com as gerações futuras.

É inegável que as nossas crianças são ensinadas, nas escolas dominicais, a acreditar nas doutrinas mais revoltantes para a alma. São educadas a considerar-se “totalmente depravadas” e a viver “sob a maldição” de um Deus vivo. Ensinam-lhes que são pecadoras por natureza, incapazes de serem boas ou dignas do Céu, a não ser pela Bíblia e pela Igreja. Ensinam-lhes a acreditar num Deus de Amor, que ao mesmo tempo incentiva o Ódio; num Deus do Céu, que ao mesmo tempo permite a duração eterna do Inferno.

As nossas crianças são também ensinadas, como nós fomos, a suspeitar de todos os impulsos ou inclinações naturais, e a rejeitar todo o raciocínio em matéria religiosa como caprichos ou sugestões de algum demónio imaginário. Assim, a nossa juventude é contaminada pelos métodos existentes de educação religiosa; e quando crescem, tornando-se homens e mulheres, ou se tornam fanáticos e sectários, ou então céticos e misantropos.

Uma tristeza e uma sombra descem, assim, sobre as nossas mentes; e privamo-nos a nós e aos nossos filhos de dois terços da alegria e da felicidade progressiva que são direitos inalienáveis da humanidade.

Por isso proponho estabelecer um “Conversacional”—isto é, um encontro da nossa juventude nesta sala (digamos, todos os domingos de manhã, entre as 10h e as 12h) para fins de Conferência e Instrução Mútuas.

Este encontro será totalmente isento de todos os horrores melancólicos que pertencem às escolas dominicais das nossas igrejas, e que a maioria de nós recorda como verdadeiros incubos da infância.

Não, de modo nenhum! Pelo contrário, ensinaremos os nossos jovens a reverenciar as leis imperiais da consciência; ensiná-los-emos que existe um único Deus verdadeiro, cujos atributos são Amor, Vontade e Sabedoria; ensiná-los-emos os grandes princípios de causa e efeito; mostrar-lhes-emos que o Céu consiste num estado, ou numa série de estados; que a Razão é a primeira-ministra da alma; que toda a guerra, escravidão, tirania, despotismo, discórdia, erro e transgressão são errados e causadores de infelicidade.

Ensiná-los-emos a repudiar tudo (em qualquer lugar) que dificulte o exercício livre das nossas responsabilidades individuais; que qualquer profissão, ofício, lei, teologia, igreja ou clero que nos impeça de obedecer às nossas mais elevadas intuições é errado e indigno do nosso apoio.

Ensiná-los-emos a acreditar e a praticar o amor universal, a justiça, o perdão, e todas as formas concebíveis de retidão. Em suma—ensiná-los-emos a moralidade da Natureza; formaremos bons homens e mulheres, e verdadeiros harmonizadores da sociedade.

As minhas impressões são de que o “Conversacional” deve ser conduzido segundo os princípios da afinidade, ou associação simpática. Ou seja, o encontro deverá irradiar uma emanção alegre de amor fraterno e boa vontade para com toda a humanidade, que cada criança sentirá e ajudará a propagar.

As instruções poderão ser transmitidas por meio de perguntas e respostas. As crianças poderão colocar as questões que desejarem; e os professores deverão fornecer as respostas que julgarem apropriadas. Os professores poderão ser catequizados pelos alunos, e vice-versa, conforme a sabedoria ditar.

Sinto-me inspirado a começar com os princípios fundamentais da verdade harmônica, e a progredir, em ordem regular, até às mais sublimes revelações da Natureza.

É nosso dever envolver os jovens da nossa cidade na grande esfera destes princípios. Tragamo-los para o nosso “conversacional”. Façamos deles tanto alunos como professores. Tiremo-los dos seus esconderijos—afastemo-los das bebidas

intoxicantes; das mesas de jogo; dos hábitos viciantes—e convertamo-los em reformadores morais! Sim, em filósofos e campeões de uma reforma universal.

E, amigos, que fique lembrado: o nosso “conversacional” deve ser frequentado por crianças de todas as seitas e cores, cujas idades possam variar de dois anos até um século! Porque, a não ser que os homens se tornem “como crianças”, não podem entrar no reino da Harmonia. Ou, por outras palavras: todos devemos tornar-nos alunos e professores, dispostos a aprender e capazes de ensinar.

Também teremos canto. Faremos com que as nossas crianças entoem o hino do Amor, da Sabedoria, da Utilidade, da Justiça, do Poder, da Beleza, da Aspiração e da Harmonia. Sim, poremos um “novo cântico” nas suas bocas. Ecoaremos a música das esferas!

Ensinares os nossos jovens a seguir em frente, a progredir, a aspirar constantemente, e assim a “orar sem cessar.” E mais—faremos pelos nossos jovens aquilo que a igreja nem tem disposição, nem poder, para fazer—ou seja: FAREMOS COM QUE SEJAM FELIZES.

Irmãos, expus-vos agora as minhas impressões interiores sobre o dever de começar pela base dos erros e instituições existentes, com o desígnio claro de destronar a superstição, o despotismo e a ignorância, e de erigir uma Nova Superestrutura de paz e harmonia.

Estas impressões não as recomendo como infalíveis; apenas como dignas da vossa reflexão e decisão. Acredito que estareis a fazer o certo se fizerdes desta questão um assunto de ação imediata.